



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA**

HELENIRA FONSÊCA DE ALENCAR

PARTICIPAÇÃO SOCIAL E ESTIMA DE LUGAR: CAMINHOS TRAÇADOS POR
JOVENS ESTUDANTES MORADORES DE BAIROS DA REGIONAL III DA CIDADE
DE FORTALEZA PELOS MAPAS AFETIVOS

FORTALEZA

2010

HELENIRA FONSÊCA DE ALENCAR

**PARTICIPAÇÃO SOCIAL E ESTIMA DE LUGAR: CAMINHOS TRAÇADOS POR
JOVENS ESTUDANTES MORADORES DE BAIROS DA REGIONAL III DA CIDADE
DE FORTALEZA PELOS MAPAS AFETIVOS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Processos de mediação: trabalho, atividade e interação social.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Zulmira Áurea C. Bomfim.

FORTALEZA

2010

Ficha Catalográfica elaborado por
Ericson Bezerra Viana - Bibliotecário - CRB -3/818
ericson@ufc.br
Biblioteca de Ciências Humanas

A353p

Alencar, Helenira Fonsêca de.

Participação social e estima de lugar: caminhos traçados por jovens estudantes moradores de bairros da Regional III da cidade de Fortaleza pelos mapas efetivos / Helenira Fonsêca de Alencar . – 2010.

227. : il.; 31 cm.

Cópia de computador (printout(s)).

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Fortaleza(CE), 23/04/2010.

Orientação: Profª. Drª. Zulmira Àurea C. Bomfim.
Inclui bibliografia.

1- PSICOLOGIA COMUNITÁRIA - FORTALEZA(CE). 2- INTERAÇÃO SOCIAL-FORTALEZA(CE). 3- JOVENS - PSICOLOGIA. I- Bomfim, Àurea C. , orientador. II - Universidade Federal do Ceará. III- Título.

CDD (22ª ed.) 302.14098131

HELENIRA FONSÊCA DE ALENCAR

**PARTICIPAÇÃO SOCIAL E ESTIMA DE LUGAR: CAMINHOS TRAÇADOS POR
JOVENS ESTUDANTES MORADORES DE BAIROS DA REGIONAL III DA CIDADE
DE FORTALEZA PELOS MAPAS AFETIVOS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovada em: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Zulmira Áurea Cruz Bomfim (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof. Dr. Cezar Wagner de Lima Góis
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof. Dr. Israel Rocha Brandão
Universidade Estadual do Vale do Acaraú

AGRADECIMENTOS

Essa pesquisa foi realizada com a ajuda de muitas mãos amigas. Por isso agradeço primeiramente aos que me acompanharam nessa jornada:

Em especial à professora Zulmira Bomfim, parceira em outras trilhas investigativas, pelas orientações, pela ótima relação de convivência e por sua preciosa amizade.

Aos professores Cezar Wagner de Lima Góis e Bader Burihan Sawaia pelas valiosas contribuições na banca de qualificação do projeto desta pesquisa.

Aos professores Cezar Wagner de Lima Góis e Israel Rocha Brandão por formarem uma banca criteriosa e crítica na avaliação desse trabalho, mas principalmente pela abordagem cuidadosa e humana durante a minha defesa do mesmo.

Aos membros do LOCUS (laboratório de pesquisa em psicologia ambiental – UFC) Camila, Dianna, Tauana, Marina, Lara e Joel, pela participação efetiva no intenso trabalho de campo junto aos adolescentes investigados em seus bairros de moradia.

À minha sobrinha Maiara de 16 anos por auxiliar-me na compreensão do mundo adolescente, fundamental para a análise dos dados, mas principalmente pela ajuda nos exaustivos trabalhos de transcrição, formatação e digitação no banco de dados.

Ao meu querido amigo de todas as horas Fábio Paz que, com total prontidão, me auxiliou nas construções do banco de dados, tabelas e gráficos.

Ao Luiz Lacerda pela contribuição com a análise estatística.

Ao meu amigo Rômulo Justa que com dedicação me acompanhou na reta final desse trabalho, revisando-o com carinho e afinho.

Agradeço muito especialmente aos alunos e funcionários das escolas investigadas, sem os quais essa pesquisa não seria possível, pela colaboração, pelas trocas de conhecimento, pelo afeto e pelos preciosos momentos vividos juntos.

Sou grata também à FUNCAP (Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pela concessão da bolsa de pesquisa.

Agradeço também àqueles que indiretamente me ajudaram nesse trabalho pelo simples fato de existirem em minha vida:

Em especial à minha mãe, minha maior figura de referência, e ao meu pai (em memória) com quem compreendi o valor do afago e do elogio.

Agradeço também muito especialmente ao meu marido Leandro, porto seguro em minha vida, por seu amor, amparo e incentivo nos momentos de adversidade e de glória.

Sou grata aos meus irmãos Manoel Carlos, Rocilda e Geová e às sobrinhas Maiara e Heloísa, pelo apoio emocional e pelas alegrias vividas em família.

À Tânia, melhor amiga e companheira de muitas aventuras, por me incentivar em minhas escolhas e motivar-me no cumprimento das mesmas;

À amiga do coração Elizângela, com quem aprendi o valor da doçura.

Agradeço aos queridos amigos que fiz durante a graduação em psicologia, pela torcida, mas principalmente pelas ótimas vivências de encontro; e aos amigos do mestrado que me acompanharam nessa jornada.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar a relação existente entre a estima de lugar de 59 adolescentes de ambos os sexos moradores dos bairros Bonsucesso, Henrique Jorge e João XXIII e suas participações sociais nessas localidades. Buscamos esse público em duas escolas públicas municipais instaladas em dois desses bairros. Para melhor alcançar as variáveis envolvidas nessa relação pessoa-ambiente utilizamos um multimétodo composto pelo instrumento gerador dos mapas afetivos, grupo focal, trilhas urbanas e um questionário complementar sobre a participação social dos adolescentes em seus bairros. O levantamento da estima de lugar foi feito através do instrumento gerador dos mapas afetivos (BOMFIM, 2003), cuja metodologia permitiu o levantamento das estimas de lugar a partir da apreensão das seguintes imagens afetivas: Destruição, Insegurança, Contraste, consideradas imagens negativas; e Agradabilidade e Pertença, consideradas positivas. Quanto à participação social dos adolescentes no bairro verificamos uma quase ausência de engajamento desses em movimentos sociais, estando ela majoritariamente ligada a atividades comunitárias esportivas, culturais e religiosas. Ainda assim, verificamos que apenas 35,7% dos adolescentes encontravam-se engajados nelas. Desses 35,7%, participavam de atividades de ação cidadã, culturais, esportivas e religiosas respectivamente 5%, 20%, 30% e 45%. Encontramos também, respaldados pelo teste estatístico do qui-quadrado, uma correlação entre a estima de lugar e a participação social desses adolescentes, de modo que estes tendiam a participar ou não em função de apresentarem uma estima potencializadora ou despotencializadora respectivamente. Uma análise complementar nos mostrou que o tipo de atividade comunitária a qual o adolescente se ligava repercutia na construção de suas estimas de lugar com relação a seus bairros de moradia. Pudemos ainda verificar nesse estudo que os tipos de imagens afetivas que os adolescentes apresentaram com relação a seus bairros de moradia repercutiam diferentemente na participação social deles. Assim, verificamos que as predisposições afetivas que mais influenciaram na despotencialização da estima e não participação social dos adolescentes foram àquelas ligadas à violência urbana, presentes nas imagens afetivas da Insegurança e do Contraste. Isto nos levou, finalmente, a concluir que a paisagem do medo pintada pelo alto índice de violência, criminalidade e drogadição dessa região repercutiu mais intensamente na despotencialização de seus moradores para as ações de encontro com o bairro.

Palavras-chave: Participação social, estima de lugar, atividade comunitária, adolescentes, mapas afetivos.

ABSTRACT

This research aims to investigate the relationship between the esteem of place of 59 adolescents of both sexes residents on the districts of Bonsucesso, Henrique Jorge and João XXIII and its social act in these locations. We picked the public of this research at two public schools located in two of these districts. To better achieve the variables involved in person-environment relationship we used a multi-method composed of the instrument that generates the affective maps, focus group, urban trails and an additional questionnaire on social participation of adolescents in their neighborhoods. The survey of the esteem of place was built through the instrument that generates the affective maps (BOMFIM, 2003), whose methodology has allowed the survey of the esteem of place through the utilization of the following affective images: Destruction, Insecurity, Contrast, considered negative images, and Pleasantness and Belonging, considered positive. As for social participation of adolescents in the neighborhood we found a near absence of such engagement in social movements, while this sort of engagement is related in community activities like sports, cultural and religious events. Still, we found that only 35.7% of adolescents were engaged in them. Of these, 35.7%, participated in civic action activities, cultural, sporting and religious respectively 5%, 20%, 30% and 45%. We also found, backed by statistical test of chi-square, a correlation between the esteem of place and social participation of adolescents, so they tended to participate or not as long as they showed, respectively, a potentiated or unpotentiated esteem. Further analysis has shown that the type of community activity in which the teen was tied affected its esteem of place in relation to their districts of residence. We could still result in this study that the types of affective images that teenagers had about their neighborhoods housing echoed differently in their social participation. Thus, we find that the affective dispositions that most influenced the disempowerment of esteem and social participation of the adolescents were those linked to urban violence in the images of emotional insecurity and Contrast. This led us finally to conclude that the landscape of fear painted by the high rate of violence, crime and drug addiction of this region resonates more intensely in the disempowerment of its residents and its actions of meeting with their district and neighborhood.

Keywords: Social participation, esteem of place, communitarian activity, adolescents, affective maps

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: caracterização geral dos sujeitos da pesquisa.....	99
Tabela 2: caracterização dos sujeitos da pesquisa quanto ao lugar	100
Tabela 3: associação entre a estima de lugar e bairros de moradia.....	119
Tabela 4: associação entre imagens afetivas e bairros de moradia	120
Tabela 5: frequência da participação em atividades comunitárias no bairro de moradia.....	124
Tabela 6: associação entre o tipo de atividade comunitária da qual participa e o bairro em que mora.....	125
Tabela 7: resultado para o teste do qui-quadrado entre as variáveis estima de lugar e participação em atividades comunitárias.....	128
Tabela 8: associação entre a Estima de lugar obtida por análise qualitativa e a Participação em atividades comunitárias no bairro em que o adolescente mora	129

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: síntese do processo de categorização voltado para a elaboração do mapa afetivo da cidade. (modelo original de Bomfim, 2003).....	97
Quadro 2: Síntese do processo de categorização para a elaboração do mapa afetivo do bairro	98
Quadros 3-16: análise dos mapas afetivos	105-118
Quadro 17: análise categorial dos dados dos grupos focais.....	134

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: distribuição percentual das imagens afetivas reveladas nos mapas Afetivos	102
Gráfico 2: distribuição percentual das estimas de lugar dos alunos com relação aos seus bairros de moradia	103
Gráfico 3: distribuição percentual das imagens afetivas a partir da análise da escala Likert	121
Gráfico 4: distribuição percentual das estimas a partir da análise da análise da escala Likert	121

Gráfico 5: frequência da participação social a partir de seus significados para os adolescentes	122
Gráfico 6: frequência dos principais problemas enfrentados pela juventude dos bairros segundo os alunos investigados.....	123
Gráfico 7: relação entre a estima de lugar com relação aos bairros de moradia e os tipos de atividades comunitárias nos mesmos por seus jovens moradores	130
Gráfico 8: relação entre as imagens afetivas que os adolescentes têm do bairro em que moram e suas participações em atividade comunitária no mesmo	131
Gráfico 9: relação entre as imagens afetivas que os adolescentes têm do bairro em que moram e o tipo de atividade comunitária que nele participam.....	132

LISTA DE FIGURAS

Figura1: fotografia de satélite de um rio do Bonsucesso	70
Figura 2: mapa Bairros de Fortaleza	71
Figura 3: divisão administrativa de Fortaleza e Regionais	71
Figura 4: mapa dos bairros da Regional III.....	71
Figura 5: fotografia de satélite com traçados relativos ao trajeto da trilha urbana no Bairro Bonsucesso	86
Figuras 6-12: fotografias do bairro Bonsucesso tiradas durante sua trilha urbana	86-87
Figura 13: fotografia de satélite com traçados relativos ao trajeto da trilha urbana no Bairro Henrique Jorge.....	88
Figuras 14-20: fotografias do bairro Henrique Jorge tiradas durante sua trilha Urbana	89

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I: A AÇÃO PARTICIPATIVA	6
1.1 O <i>Politikon Zoon</i>	6
1.2 A participação social: Uma acepção necessária.....	9
1.3 A participação juvenil: da tutela à conquista	14
1.3.1 Juventude(s) adolescentes	14
1.3.2 A Participação juvenil e a questão da temporalidade.....	18
1.3.3 Protagonismo juvenil: uma experiência pedagógica de cidadania	21
CAPÍTULO II: A CAMINHO DOS MAPAS AFETIVOS: PARTICIPAÇÃO E AFETO NA CONSTRUÇÃO DA ESTIMA DE LUGAR	27
2.1 A relação entre o sentir e o agir nas perspectivas sócio-ambiental e comunitária da psicologia	30
2.1.1 Um parêntese imprescindível: a trajetória laneana na construção da psicologia social latino-americana	31
2.1.2 Potência de ação: a afetividade sob a perspectiva da ética espinosana	32
2.1.3 Participação subjetiva e a atividade comunitária: as duas faces de uma mesma moeda	37
2.1.4 A participação social na perspectiva afetiva da psicologia sócio-ambiental a partir do sintagma apropriação do espaço - identidade social urbana - estima de lugar	41
CAPÍTULO III: A CIDADE E O BAIRRO.....	49
3.1 A cidade	49
3.1.1. Violência urbana: medo, ansiedade, insegurança na cidade.....	57
3.2 O bairro	61
CAPÍTULO IV: NOSSAS TRILHAS METODOLÓGICAS	69
4.1 Caracterização do lugar de estudo.....	69
4.1.1 Caracterização dos bairros estudados	72
4.1.2 Caracterização das escolas dos alunos estudados.....	74
4.2 Procedimentos metodológicos.....	76
4.2.1 A imersão no campo: planejamentos, procedimentos e conquistas.....	77

4.2.2 O instrumento gerador dos Mapas Afetivos	92
4.2.3 A análise dos dados dos Mapas Afetivos	96
CAPÍTULO V: ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	99
5.1 Caracterização dos sujeitos da pesquisa.....	99
5.2 Elaboração e Construção de Imagens e Mapas afetivos pelos jovens dos bairros de Bonsucesso, Henrique Jorge e João XXIII	101
5.2.1 Mapas afetivos do bairro Bonsucesso por seus jovens moradores.....	105
5.2.2 Mapas afetivos do bairro Henrique Jorge por seus jovens moradores	109
5.2.3 Mapas afetivos do bairro João XXIII por seus jovens moradores.....	114
5.2.4 Síntese conclusiva da análise qualitativa dos mapas afetivos	119
5.2.5 Análise Estatística Complementar dos mapas afetivos	121
5.3 A participação social dos jovens investigados.....	122
5.3.1 Participação e tomada de consciência dos problemas dos bairros pelos jovens investigados.....	123
5.3.2 Participação em atividades comunitárias no bairro de moradia	124
5.4. A relação entre a estima de lugar e a participação em atividades comunitárias.....	127
5.4.1 Relações entre estima, participação e tipo de atividade comunitária	130
5.5 Os grupos focais: Análise dos dados obtidos.....	133
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	139
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	143
ANEXOS	151

INTRODUÇÃO

Desde criança, observando a trajetória da luta política de meus pais lá numa longínqua cidade do interior do Estado do Mato Grosso, local de refúgio político de nossa família em tempos de chumbo da ditadura militar, eu me perguntava por que eles eram diferentes de muitos outros. Estavam sempre à frente das reuniões de bairro e das campanhas eleitorais, ora presidindo a associação de moradores ora disputando eleição para um espaço na câmara de vereadores ou deputados. Em outras ocasiões, lideravam as organizações de festas populares dos centros comunitários ou promoviam formas de protestos contra ações políticas que consideravam incorretas e opressoras, além de tantas outras atividades comunitárias que promoviam e participavam. Em nossa casa, diferente da dinâmica íntima privativa comum ao cotidiano das outras famílias vizinhas, havia sempre muitas reuniões de pessoas que falavam sobre como promover processos de conscientização do povo, a partir de coisas de seus interesses. O foco parecia estar nos interesses coletivos da comunidade; nós da família nos ajustávamos a ele. Tudo era feito por intermédio de estratégias lúdicas, dialógicas e afetivas, onde se enaltecia o poder da união¹. A propósito, o nome da chapa para pleitear a presidência da associação de moradores do bairro era: União e Luta.

Lembro-me das peças de teatro feitas para comemorar o 1º de maio ou o dia de Tiradentes, onde eclodiam em meio a aplausos entusiasmados as falas sobre libertação, sobre força da união dos trabalhadores e onde as pessoas gritavam: “O povo unido jamais será vencido!”. Em outras peças, em meio a risos, as sátiras criticavam a vida cotidiana que oprimiam homens, mulheres e crianças dentro de suas casas. Festas juninas eram organizadas com a participação efetiva das camadas mais populares, que traziam suas carroças enfeitadas de palha de coqueiro puxadas à mão ou a jumento.

¹ No Ceará também, a partir de inícios dos 80 a psicologia comunitária crescia, sob liderança do professor Cezar Wagner de Lima Góis, o qual cria, no ano de 1992, no curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará o NUCOM (Núcleo de Psicologia Comunitária). Esse núcleo passa a realizar atividades de extensão em diversas comunidades pobres de Fortaleza e de outros municípios do Ceará, se utilizando também de métodos dialógicos, vivenciais e lúdicos, onde se valorizava a mediação emocional nos processos político-participativos de conscientização e no de fortalecimento da identidade. Essa psicologia, com bases epistemológicas, segundo Brandão (1999), na educação popular, na psicologia social crítica, no materialismo histórico dialético e na biodança, buscava a formação de um sujeito liberto não apenas de suas alienações políticas, mas, também da alienação de suas funções vitais primitivas, fundamentais ao desenvolvimento humano, tais quais: a sexualidade, a afetividade, transcendência, vitalidade e criatividade. Dentre os trabalhos realizados no NUCOM, destaca-se, segundo Bomfim (1999) o do Pirambu (bairro de Fortaleza), com líderes comunitários; o de Beberibe (município), com grupo de mulheres em um projeto da Secretaria de Saúde do Estado e o das Comunidades Eclesiais de Base, CEB's de Fortaleza, com religiosos da teologia da libertação.

Uma coisa era certa: algo naquele trabalho conquistou o interesse das pessoas em participar das lutas políticas para melhoria da vida comunitária, diferentemente daquele velho discurso opressivo e padecedor da obrigação que diz: vocês têm que fazer isso ou aquilo para se libertarem das forças opressoras. Ao contrário, parece que se mostrava na prática uma forma prazerosa e interessante que fortalecia e encorajava a participação das pessoas nas lutas políticas por mais subversivas que fossem.

Mais tarde, em contato com outras organizações políticas, já no estado do Ceará, pude perceber que naquele movimento do Mato Grosso havia um modelo de fazer política que se diferenciava do modelo predominante na esquerda política vigente. Nessa parecia predominar uma cultura na qual se valorizava a eficácia de uma ação combativa para a promoção de um futuro idealizado em detrimento do usufruto do presente vivido pelos grupos militantes. Parecia honroso o sacrifício das necessidades pessoais do tempo presente e dos planos pessoais de futuro em nome da “causa socialista”. Fui percebendo ao longo de minha caminhada que muitas dessas mesmas pessoas sacrificadas mais tarde afastar-se-iam dos movimentos libertários justificando-se com uma frase clássica: “Já dei minha contribuição”, algo como quem queira dizer: já sacrifiquei bastante minha vida, agora vou vivê-la. Essa percepção me impelia a distanciar-me de tais grupos.

Não pude deixar também de observar que pessoas que outrora tinham entusiasmo político-participativo mais tarde passaram a perder a força de suas convicções e ações políticas, muitas vezes se eximindo por completo destas. Essa observação me levou a crer que o entusiasmo político-participativo não é traço de personalidade, mas sim um tipo de afetividade socialmente construída e circunstancialmente gerada. Todas essas questões que permaneceram latentes em mim são o que me impulsionam ao estudo da relação entre afetividade e participação social, objeto de estudos desta pesquisa.

Essa pequena retrospectiva de parte de minha vida aqui estar para apresentar, então, de onde nasce parte de meu interesse de pesquisa: afetividade e participação. De outra parte de minha vida, ligada à dinâmica acadêmica de pesquisa, ensino e extensão do curso de psicologia da UFC, tendo já contato com a psicologia comunitária e conhecimento dos trabalhos realizados do NUCOM (Núcleo de Psicologia Comunitária), nasce meu interesse em estudar a participação baseada na afetividade com relação aos lugares, linha mestra de pesquisa do Laboratório de Pesquisa em Psicologia Ambiental (LOCUS- UFC), do qual sou membro. A consideração da afetividade no bojo da ética política, mediando a construção de uma racionalidade ético-afetiva (SAWAIA, 1999) que conduz as ações humanas, cimentou minhas relações com essa linha de pesquisa. A par dessa compreensão, participei, durante a

graduação, da Pesquisa intitulada 'A Cidade e a Escola' (Bomfim & Alencar 2006), na condição de bolsista auxiliar de pesquisa (PIBIC-CNPq).

Com a pesquisa 'A Cidade e a Escola' investigamos nos bairros ligados a SER III (Secretaria Executiva Regional III) da prefeitura de Fortaleza a afetividade de jovens moradores estudantes da nona série de escolas municipais públicas daquela região com relação aos bairros onde moravam e estudavam. A pesquisa pretendeu subsidiar a prefeitura de Fortaleza no seu plano de desenvolvimento local, de modo que os gestores pudessem pensar em mudanças que fossem compatíveis com os desejos dos habitantes dessa regional. Com o instrumento gerador dos mapas afetivos (BOMFIM, 2003), investigamos a afetividade de 417 alunos com relação aos bairros de suas escolas, compreendendo suas formas de ver, representar e sentir esse ambiente.

O contato com o referencial teórico dos mapas afetivos e com os resultados da tese que os deram origem (BOMFIM, 2003) mostrou-me que na relação pessoa-ambiente há fatores afetivos mediadores da participação social. Pude compreender que a forma de sentir, avaliar, representar, julgar ou qualificar o local de moradia, bem como a forma como as pessoas apropriam-se ou utilizam-se do espaço guarda relação profunda com a participação das mesmas na vida comunitária desse local.

Uma grande revelação da análise complementar foi a relação entre a estima e a variável participação em associação. Em Barcelona e em São Paulo, os indicadores de estima positiva estão fortemente associados à participação do habitante em associação. De acordo com esse resultado, apontamos a estima como principal dimensão da afetividade no encontro do habitante com a cidade. Este encontro reflete uma forma de implicação da ação do cidadão e, por isto, aponta posicionamentos, formas de participação e de construção de uma ética no espaço urbano. (BOMFIM, 2003, p.205).

Com a participação na pesquisa 'A cidade e a escola' (2006) pude alargar meus horizontes para perceber que os processos afetivos que mediam a apropriação do espaço comum e geram imagens afetivas com relação ao mesmo ocorrem não apenas em adultos, mas também nos jovens. Entretanto, findada a pesquisa, surgiu-me a questão que se tornou meu objeto de pesquisa neste trabalho: Como se dá a relação entre a estima do bairro (BOMFIM, 2003) e a participação social nesses jovens no mesmo?

Para melhor compreender essa questão, lançaremos mãos, além da análise dos dados obtidos em campo, de um mergulho teórico nos escritos sobre participação social juvenil, mapas afetivos e urbanismo. Faremos isso dividindo este manuscrito em cinco capítulos.

O primeiro capítulo trará uma discussão sobre o conceito e concepções do termo participação social. Nele discutiremos a visão de homem como ser político e o lugar da juventude no que tange às questões da participação social e política. Para tanto discutiremos sobre o conceito de juventude e de protagonismo juvenil, este último como uma proposta educativa de participação política para os adolescentes, público-alvo desta investigação.

No segundo capítulo versaremos sobre a tese dos mapas afetivos de Bomfim (2003). A fim de apresentar a discussão teórica pela qual essa autora constrói sua tese mergulharemos nas discussões que relacionam o sentir e o agir na perspectiva da psicologia social crítica brasileira. Isso nos possibilitará um breve caminho sobre as trilhas teóricas deixadas por seus maiores construtores. Adentraremos assim, seguindo a trajetória de Silvia Lane (2006), nos meandros teóricos que apresentam as emoções como mediadoras do ser e do agir, isto é, do ato de transformar a natureza e de ser transformado por ela. Isso nos levará a versar sobre a Atividade Comunitária (GÓIS, 2005, 2008), a Participação Social Subjetiva (SAWAIA, 1997, 2002, 2004), a Teoria da Afetividade do filósofo Espinosa e por fim sobre a concepção da Estima de Lugar de Bomfim (2003). Para apresentar a estima de lugar, precisaremos também nos reportar aos conteúdos da psicologia sócio-ambiental, como apropriação do espaço (POL, 1996) e identidade social urbana (VALERA, 1994).

No terceiro capítulo, precisaremos trazer um pouco das teorias do urbanismo que nos dará suporte para análise da relação adolescente - bairro - comunidade. Assim apresentaremos um histórico sobre a teoria das cidades e dos bairros e suas funções na construção da vida coletiva humana. Para isso precisaremos trazer as discussões de Lynch (1997, 2007), Lefebvre (1978, 1999), Esteve (1980), entre outros autores do urbanismo. Apresentaremos também as discussões sobre a violência urbana, uma vez que foi o tema que mais ganhou relevo nos mapas afetivos dos adolescentes investigados. Para isso nos apoiaremos nos escritos de Tuam (2005), Bauman (2008), Giddens (1990), Chauí (1987), Barreira (2007), entre outros autores que escrevem sobre o tema.

No quarto capítulo apresentaremos nossos percursos metodológicos, relatando todas as fases dessa pesquisa, deste seu planejamento até sua conclusão. Nele também explanaremos os métodos por nós utilizados, bem como as caracterizações dos espaços da pesquisa e dos sujeitos investigados. Procuraremos dar a maior visibilidade possível às experiências vividas através de fotografias e imagens, entretanto não mostraremos as imagens dos momentos vividos especialmente com os adolescentes em função de preservar-lhes a identidade. Contudo, tentaremos apresentar a experiência de campo através de nossas lentes subjetivas,

uma vez que, diferentemente dos escritos dos capítulos anteriores, este versa sobre a atualização de nossos momentos vividos.

No quinto e último capítulo traremos a análise dos resultados. Nele encontram-se os dados trabalhados qualitativamente e quantitativamente. Compõe este capítulo a análise da participação social dos adolescentes, a análise de seus mapas afetivos e as relações entre suas estima de lugar e participação social, ambas relativas aos seus bairros de moradia.

CAPÍTULO I: A ação participativa.

1.1 O *Politikon Zoon*²

Alimenta-nos a crença de que a democracia, por maiores defeitos que possa ter e tem, é um valor em si, acima dos sistemas vigentes, devendo impregnar, em todas as suas dobras, qualquer esforço de política social. (Demo, 1996, p.3)

Antes de adentrar nos meandros teóricos das mais complexas formas sócio-participativas, precisamos compreender porque essa é uma questão relevante em nossa sociedade. Quando se estuda o fenômeno sócio-participativo o faz visando dois de seus maiores propósitos: o bom desenvolvimento da democracia e a promoção coletiva do bem comum. “Em sentido amplo e cada vez mais consagrado, a expressão ‘participação social’ abrange a atuação organizada e responsável dos múltiplos setores da sociedade, na solução de problemas coletivos e na promoção do bem comum.” (MONTORO, 1992, p.23).

Uma vez compreendido que o poder público deve ser assumido pelo povo, precisamos também compreender como o povo pode assumi-lo. O modelo da gestão democrática do poder público brasileiro ficou bem definido na constituição de 1988.

A nova constituição estabeleceu que a democracia brasileira é, não apenas “representativa”, mas também “participativa”. A participação do cidadão não se limita ao exercício do voto de 4 em 4 anos. O povo elege seus representantes, mas pode participar também diretamente do poder, das decisões e da atuação social em muitos casos, como o plebiscito, o referendo, a iniciativa popular em projetos de lei, o direito à informação e outras múltiplas formas de participação. (MONTORO, 1992, p.22)

Entretanto a participação social não se dá apenas na gestão do poder na esfera pública, mas também na gestão do cotidiano dos espaços públicos. Segundo Habermas “há uma diferença entre os conceitos de espaço público e esfera pública. Enquanto o primeiro aponta para instâncias de debate público não institucionalizadas, na esfera pública encontram-se os canais institucionalizados de deliberação e tomada de decisões.” (BURITY, 2005, p.88, *apud* GIL,2009, p.24-25)

² *Politikon zoon*, isto é, “homem político” é um termo grego usado por Aristóteles para se referir à dimensão política do homem.

Compreendemos que esses dois propósitos participativos não são dicotômicos e nem mesmo essas duas dimensões. A esfera e o espaço público interpenetram-se uma ao outro dentro das ações políticas.

A atuação na gestão do poder na esfera pública e a atuação na gestão do cotidiano dos espaços públicos é o que, em alguns discursos, distingue os conceitos participação social e participação política. Esta última é considerada como atuação na esfera pública, ou seja, naqueles espaços institucionalizados em que algumas pessoas exercem o poder de decidir sobre o que será instituído como regras sociais. Política nesse sentido relaciona-se com as práticas deliberativas. Segundo RIBEIRO (1988, p.12) “a política fica então vista como o estudo e a prática da canalização de interesses, com a finalidade de conseguir decisões”.

Já por participação social entende-se qualquer tipo de influência nas organizações da sociedade. A diferença é que influenciar algo é diferente de decidir sobre algo. Com relação à participação social da juventude, Gil (2009) aponta que:

Para as nações unidas, a participação da juventude é um processo em que os jovens influenciam, compartilham o controle e a responsabilidade das decisões, planos e recursos que os afetam. Existem duas formas de participação. A participação social está relacionada à influência nas organizações da sociedade, como escolas, clubes e ambientes de trabalho e suas atividades. Participação política envolve uma influência nas políticas locais, regionais, nacionais e internacionais. (p.39)

Então, pelo visto, a fronteira que separa a participação social da participação política é a mesma que separa um regime absolutista de um regime democrático, ou ainda, um regime puramente representativo de um regime baseado numa democracia direta³. Isso significa que o regime que dificulta o exercício da ação deliberativa do povo sobre as condições reguladoras do seu cotidiano, impede que este se desenvolva politicamente, como aponta Sousa Santos (2000)

Um dos processos que levaram a que o equilíbrio entre regulação e emancipação fosse quebrado a favor da regulação consistiu na redução da política a uma prática social sectorizada e especializada e na rígida regulação da participação dos cidadãos nessa prática. [...] O conhecimento-emancipação visa, ao contrário, uma repolitização global da vida colectiva, assente em duas idéias fundamentais. Em primeiro lugar, a idéias de que a hiperpoliticização do Estado, operada pela modernidade, é o outro lado da despolitização da chamada sociedade cível. Confinado a um setor específico da acção social – a esfera pública –, o ideal democrático da política moderna foi neutralizado ou drasticamente limitado no seu

³ “Rosseau fala de uma democracia direta, da qual todos participariam. Se que é difícil entender esse raciocínio, pois só conhecemos a democracia formal, em que somos representados no poder pelos deputados, presidentes etc. que elegemos. Pode existir, contudo, a administração da coisa pública de modo direto em formas fragmentárias: na gestão de uma escola, sindicato, hospital ou de uma organização qualquer.” (COVRE, 2008, p.27)

potencial emancipatório. Em segundo lugar, a liberdade não é um bem natural da humanidade que tenha que ser defendido da política, como a política liberal preconiza. Pelo contrário, quanto mais vasto for o domínio da política, maior será a liberdade. O fim da política significará sempre, duma forma ou doutra, o fim da liberdade. (p.113)

Assim, segundo Sousa Santos, a esfera pública não pode ser corporativista e manipulada pelas autoridades no poder; ela precisa alargar seus horizontes, tornando-se mais democrática. Precisamos, pois, compreender que políticos não são somente aqueles representantes eleitos pelo povo que atuam diretamente na gestão dos três poderes públicos: executivo, legislativo e judiciário. Todos somos seres políticos, uma vez que a ação política não se restringe às deliberações na esfera pública do governo conduzidas pelos representantes eleitos. Além disso, a questão participativa não se submete ao controle estatal, é a sociedade organizada que define o papel e o espaço do Estado, não o contrário, como nos lembra Demo (1996) e ainda que:

A questão participativa alarga sobremaneira o entendimento da política social, a começar pelo reconhecimento de que nem toda política social é pública. Há e deve haver políticas sociais oriundas da sociedade civil que não são estatais, porque, entre outras coisas, podem voltar-se contra o Estado, como é a política sindical, a política de defesa da cidadania popular, a política de fomento a formas organizadas de controle do Estado, e assim por diante. (p.7)

A própria noção de cidadania proposta por Covre (2006) aponta para participação dos cidadãos na esfera pública⁴. A prática da canalização de interesses com finalidade de conseguir decisões pertence tanto à esfera pública, quanto ao espaço público, porque política tem a ver com todo tipo de organização da vida coletiva em direção da boa convivência entre as pessoas.

A pessoa humana – isso já tem sido dito, afirmado e reafirmado – é um ente associativo, porque o ser humano não existe sozinho. Esse é um ponto de partida fundamental e que, no entanto tem sido esquecido, inclusive na fixação das grandes linhas políticas: o ser humano é associativo, o homem, para usar uma expressão muito antiga, utilizada por Aristóteles, é um animal social: o homem é um *politicon zoon*, é um animal político. E o que queria dizer Aristóteles falando do homem como animal político? Queria dizer que é um animal que só existe na *polis*. E o que é a *polis* afinal? Alguns traduzem como cidade, outros preferem traduzir como Estado, mas, na verdade, no conjunto do que diz Aristóteles, *polis* significa a convivência. Ou seja, o homem é um animal que não existe a não ser na convivência, é um animal que não só vive, mas convive necessariamente. (DALLARI, 2002, p.86)

⁴ Covre considera que cidadania “É uma reedificação da apropriação histórica, que tem sua gênese na pólis grega, ainda que restrita aos homens livres, mas que interessa como qualidade de os homens decidirem sobre suas próprias vidas, e que se universaliza, com a Revolução Francesa, enquanto proposta de governar com uma Constituição e de ênfase na atuação da esfera pública. (2006, p. 30)

Ocorre que, para que tenhamos uma verdadeira democracia é preciso multiplicar os tentáculos da esfera pública, abrindo novos canais de comunicação com o espaço público possibilitando, assim, uma maior participação política do povo. Mas isso é tarefa difícil, pois depende da instauração de uma cultura participativa numa sociedade acostumada com regimes autoritários como nos diz Demo:

Talvez não esteja em nossos hábitos participar. É mais prático receber as coisas dos outros, mesmo porque é um projeto milenar viver às custas dos outros. Em grande parte da história da humanidade é profundamente isto. Na verdade é uma situação provocada por uma sociedade autoritária e que convive com regimes autoritários. A tal ponto que a participação assusta. (1996, p. 25)

1.2 A Participação Social: uma aceção necessária.

Grande é o risco da escolha de trabalhar com o conceito de participação social. Esta, assim como cidadania⁵, é categoria de difícil definição. Ela encontra-se no rol dos conceitos que se concretiza somente através da práxis social. Por pertencer a este rol revela-se como concepção aberta a ressignificações, dada a dinamicidade das transformações culturais e ideológicas da sociedade a qual sua práxis se engendra.

Muitos estudiosos da juventude têm evitado trabalhar com o termo participação social, valendo-se de termos como ação coletiva, atuação social, protagonismo social, entre outros, por aquele termo estar carregado de significados que retratam muito um tipo de participação militante e engajada peculiar ao contexto político que têm sua expressão máxima nas décadas de 60 e 70. Esse tipo de participação não mais se encontra eminentemente expressa nos mais diferentes grupos sociais juvenis atuais. Em decorrência da mudança do contexto político brasileiro, foi-se diluindo na década de 80 e já se transformando na década de 90.

Se na década de 60 falar em juventude era referir-se aos jovens estudantes de classe média e ao movimento estudantil, nos anos 90 implica incorporar os jovens das camadas populares e a diversidade dos estilos culturais existentes, protagonizada pelos *punks*, *darks*, *roqueiros*, *clubers*, *rappers*, *funkeiros* etc. Muitos desses grupos culturais apresentam propostas de intervenção social, como os *rappers*,

⁵ “Construto de caráter processual, em constante criação e atualização, visto numa sociedade e num momento histórico dados; o usufruto de direitos civis, políticos e sociais; as responsabilidades e os deveres; o direito de ter direitos, e em conseqüência, a possibilidade e/ou o dever da reivindicação dos direitos; o reconhecimento ou não de instâncias concretas responsáveis pela garantia da cidadania e do seu exercício; a percepção pelo sujeito de seu lugar no mundo, de sua inserção social em relação a si próprio, à sua família, à comunidade imediata e aos outros de forma mais ampla.” (PINHEIRO, 2006, p.92)

desenvolvendo ações comunitárias em seus bairros de origem. (Dayrell & Carrano, 2003, p.19)

Principalmente no que toca a interpretação das novas formas de participação social e política da juventude, foco desta pesquisa, grande é o desacordo entre as idéias dos intelectuais contemporâneos. Enquanto há uma corrente que fala da apatia dos movimentos estudantis e da alienação política dos jovens, há outra que tenta compreender como está se dando as novas formas de atuação juvenil.

As formas de mobilização e organização são as mais diversas, acontecendo desde campanhas pontuais como aquelas que recolhem alimentos contra a fome ou mobilizações em torno da qualidade de vida e do meio ambiente até mesmo o surgimento de organizações não governamentais (ONGs) criadas e geridas por jovens, com ações mais contínuas em diferentes direções. Chama a atenção o caráter local dessas ações, articulando-se a partir dos espaços de moradia e de questões relacionadas com a urbanidade, elevando a cidade como espaço e tema preferencial da participação juvenil (DAYRELL & CARRANO, 2003 p.18-19)

Entendamos então, dissecando os significados, o que se entende por participação. Seguindo os “primeiros passos” indicados por Bordenave (1994) em seu escrito “O que é participação” adentramos a seguir na tentativa de compreender a concepção de participação social.

O verbo participar pode assumir três perspectivas significativas: fazer parte de, ter parte de e tomar parte de. É possível “fazer parte de” e “ter parte de” sem “tomar parte de”. Segundo Bordenave (1994), apenas a última perspectiva revela intrinsecamente em seu significado o caráter ativo do sujeito que participa, pois implica em colocá-lo na posição da tomada de decisão em participar. “Eis a diferença entre a participação passiva e a participação ativa, a distância entre o cidadão inerte e o cidadão engajado” (BORDENAVE, 1994 p.22).

A participação ativa é, pois, um tomar parte em assuntos de alguma organização que tem como propósito o bem coletivo, incluindo neste o próprio bem. Seu propósito incide em processos nos quais as mais diversas camadas sociais possam tomar parte na produção, gestão e usufruto dos bens de uma sociedade historicamente determinada. (BORDENAVE, 1994, p.25).

Para dar prosseguimento a essa linha de raciocínio precisamos apresentar a diferença conceitual apresentada por este autor entre participação em associações (microparticipações) e a participação social (macroparticipação), bem como a importância da integração dessas.

Compreende-se por microparticipação a participação nas mais diversas associações - sociedades, clubes, irmandades - nas quais o propósito participativo incide sobre a pretensão

de suprimento imediato de determinadas necessidades ou da garantia de determinados direitos. Assim os processos microparticipativos dirigem-se para a produção ou reivindicação de melhorias corporativas e locais e se esgotam nelas. Assim se daria, então, o caráter associativista da participação, o qual, se subsumido a isso não se caracteriza como participação social. Segundo o autor:

Convém distinguir entre *participação em associações* e *participação social*. Às vezes pensa-se, erroneamente, que participação social é apenas a soma das associações de que se é membro ativo. Se as pessoas estão afiliadas a várias sociedades, clubes, irmandades, etc., há quem diga “elas têm muita participação social”. Participação social, todavia, ou participação em nível macro, implica em ter uma visão mais larga e ter algo a dizer na sociedade como o todo. A sociedade global não é um conjunto de associações. O cidadão, além de participar em nível micro na família e nas associações, também participa em nível macro quando intervém nas lutas sociais, econômicas e políticas de seu tempo. A macroparticipação, isto é, a participação macrossocial, compreende a intervenção das pessoas nos processos dinâmicos que constituem ou modificam a sociedade, quer dizer, na história da sociedade. (BORDENAVE, 1994, p.24)

Fica compreendido, então, que para que as microparticipações também se tornem participação social, é preciso que sua práxis social seja orientada não apenas para o alcance do objeto de suas reivindicações imediatas de corporação ou segmento social, mas para a transformação das condições históricas geradoras de tais demandas, isto é, de nossos modelos de economia e cultura, que desde o início da era moderna vem gerando um tipo específico de sociedade, baseada na competição, concentração de renda, segregação sócio-espacial baseada na desigualdade social, alienação das massa trabalhadoras, consumismo, individualismos, exclusão social, exploração destrutiva da natureza, etc.

Como fazer isso é um desafio. Implica em agir localmente, pensando globalmente, implica em saber fazer análise de conjuntura, implica, enfim, no desenvolvimento de uma consciência crítica da realidade vivida. Apenas esse tipo de consciência permite enxergar que algumas situações de opressão não são naturais e muito menos irreversíveis, pois tão historicamente foram instaladas como tão historicamente podem ser revertidas ou transformadas. Esta é a consciência que liberta o indivíduo da alienação e do imediatismo ativista tão comum nos associativismos.

Como podemos ver, Bordernave considera que a prática do associativismo em si não aponta para os horizontes de uma sociedade participativa. Para ele uma sociedade participativa é “aquela em que todos os cidadãos têm parte na produção, gerência e usufruto dos bens da sociedade de maneira equitativa” e na qual “toda a estrutura social e todas as instituições estariam organizadas para tornar isso possível”. (BORDENAVE, 1994, p. 25).

Essas proposições nos tencionam a pensar quais os processos participativos presentes nas organizações sociais do nosso cotidiano são condizentes com os de uma sociedade participativa. Ainda mais: se essa sociedade é alcançável. Com relação a isso este autor considera, primeiramente, que a participação político-eleitoral de nossa democracia liberal é a que menos se assemelha a uma participação social, já que se trata de um processo unicamente deliberativo no qual se elegem representantes para administrar, no lugar da sociedade organizada, os meios de produção material e cultural que forjam as condições e situações da vida social.

Na democracia liberal os cidadãos tomam parte nos rituais eleitorais e escolhem seus representantes, mas por não possuírem nem administrarem os meios de produção material e cultural, sua participação macrossocial é fictícia e não real. (BORDENAVE, 1994, p. 26)

Observamos, assim, que o processo eleitoral da democracia liberal não é sócioparticipativo na concepção de Bordenave, mas continua a dúvida: como se dariam, então, nas organizações sociais, os processos considerados sócioparticipativos? Sawaia responde a essa questão com perspectivas semelhantes às deste autor:

A ação participativa pode e deve ser local, específica e motivada por interesses pessoais e grupais, mas o horizonte deve ser universal para não se tornar corporativista. Os participantes são singularizações do gênero humano e enquanto tais devem orientar suas práticas pela mediação da ética universal, para que ela se contextualize. Nessa perspectiva, participação política apresenta-se como liberdade de cada um para criar múltiplas e diferentes estratégias de enfrentamento das práticas hegemônicas de inclusão pela exclusão, formas coletivas de luta pela autonomia de cada um, o que equivale à emancipação de todos. (SAWAIA, 1997, p. 157).

Segundo Bordenave, como já foi explicitado, os processos sócioparticipativos dar-se-iam por uma abordagem macroparticipativa dentro das microparticipações. Segundo o autor:

A construção de uma sociedade participativa converte-se na utopia-força que dá sentido a todas as microparticipações. Neste sentido, a participação na família, na escola, no trabalho, no esporte, na comunidade, constituiria a aprendizagem e o caminho para a participação em nível macro numa sociedade onde não existam mais setores ou pessoas marginalizadas. Aos sistemas educativos, formais e não formais, caberia desenvolver *mentalidades participativas* pela prática constante e refletida da participação. (1994, p.26)

Estamos querendo mostrar que há uma diferença entre o que se compreende por participação política e por participação social. Isso é importante para justificar porque estamos nesse trabalho enfatizando o viés social da participação juvenil adolescente, uma vez que os estudantes pesquisados mostraram não participarem de instâncias da esfera pública, nem mesmo das instituições escolares. Por isso trataremos da participação social, e no campo da educação política, mais especificamente do protagonismo juvenil, onde iremos ver que da mesma forma que os processos deliberativos caracterizam uma participação política, a consciência crítica da realidade caracteriza o que se compreende por participação social. Um pouco dessa condição de participação cidadã do adolescente é apresentada por Pinheiro (2006):

A participação da criança e do adolescente é igualmente um dos caminhos essenciais defendidos pela comissão Nacional MNMMR (1992), para a garantia do direito de cidadania. A participação é concebida, por essa instituição, como a presença da criança e do adolescente na “gestão, avaliação dos processos pedagógicos dos programas de atendimento e, porque não, das políticas públicas em seu nível de compreensão” (p. 101)

Percebemos que, com relação às questões políticas, é concedido ao adolescente seu aspecto compreensivo, educativo. Entretanto é preciso que essa atitude político-participativa seja adquirida pelo jovem no seu processo educativo. As políticas públicas para a juventude precisam investir numa prática educativa com ênfase na experimentação da cidadania. Só assim o jovem pode dar o salto de uma participação tutelada para uma participação conquistada. Concordamos com Demo que participação é conquista:

Dizemos que *participação é conquista* para significar que é um *processo*, no sentido legítimo do termo: infindável, em constante vir-a-ser, sempre se fazendo. Não existe participação suficiente, nem mesmo acabada. Participação que se imagina completa, nisto mesmo começa a regredir. A partir dessa noção, coloca-se a outra, de que *participação não pode ser entendida como dívida*, porque não seria produto de conquista, nem realizaria o fenômeno fundamental da autopromoção; seria de todos os modos uma participação tutelada e vigente na medida das boas graças do doador, que delimita o espaço permitido. *Não pode ser entendida como concessão*, porque não é fenômeno residual ou secundário da política social, mas um de seus eixos fundamentais; seria apenas um expediente para obnubilar o caráter de conquista, ou de esconder, no lado dos dominantes, a necessidade de ceder. *Não pode ser entendida como algo preexistente* porque o espaço de participação não cai do céu por descuido, nem é o passo primeiro. (1996, p. 18).

No item a seguir trataremos mais dessa questão da educação para a cidadania que visa o exercício da participação social e a preparação para a participação política dentro do que estamos compreendendo por protagonismo juvenil.

1.3 Participação juvenil: da tutela à conquista.

Uma das dialéticas mais duras da realidade social: ninguém se emancipa sem a ajuda dos outros, mas o processo de emancipação implica dispensar essa ajuda.
(DEMO, 2002, p.165)

1.3.1 Juventude(s) adolescentes.

Compreendemos que o melhor termo a ser usado é juventude(s), no plural, considerando a diversidade social e cultural dos grupos juvenis da contemporaneidade. Não é possível igualar numa mesma categoria pessoas apenas por compartilharem de um mesmo intervalo de idade. Jovens pobres, marginalizados socialmente são subjetivamente/objetivamente diferentes de jovens crescidos em condições sociais mais favorecidas. Mesmo dentro de um mesmo universo sócioeconômico há marcantes diferenças entre grupos de jovens, o que se observa nos mais variados estilos e modos de ser das chamadas “tribos urbanas”: punks, clubbers, grunges, góticos, emos, darks, rappers, hippies, rastafaris, metaleiros, etc.⁶, os quais, através da excentricidade de comportamentos, vestimentas e indumentárias, revelam novas complexidades subjetivas da juventudes contemporânea.

Além do mais é preciso compreender que qualquer jovem supera as representações sociais que se instalam sobre si. Tratando sobre as representações sociais construídas sobre a criança e o adolescente na história do Brasil, Pinheiro (2006) aponta para quatro delas: 1) A criança e o adolescente como objetos de proteção social, 2) como objetos de controle e disciplinamento social, 3) como objetos de repressão social e, por último, 4) como sujeitos de direitos.

Como nos aponta Pinheiro, nas três primeiras representações sociais citadas, a criança e o adolescente são encarados na condição de objeto, ou seja, aquele que sofre a ação do adulto. Apenas a última representação social os considera na condição de sujeito de direitos. Baseando-nos no escrito de Pinheiro (2006), apresentamos abaixo uma síntese do que consistem essas representações sociais.

A primeira representação social, a mais remota na história do Brasil, assenta-se na concepção de criança e adolescente como seres frágeis que necessitam do amparo do adulto

⁶ Acessível em http://www.mundojovem.com.br/subsidios-grupo_jovens-03.php. Acesso em: 20/02/2010

para sobreviver. Como efeito dessa representação social, tinha-se que o amparo, não garantido por direitos, era assegurado somente pela boa ação de um adulto protetor sensibilizado por valores cristãos de solidariedade, compaixão e fraternidade. Além da família, as instituições religiosas foram as que encarnaram, quando podiam, essa função em suas casas de amparo às crianças e adolescente abandonados e vulneráveis.

Se na primeira representação social os cuidados com a criança e o adolescente eram de responsabilidade dos pais ou pessoas caridosas próximas, na segunda, esses “cuidados” começam a serem assuntos do Estado. Em consonância com o movimento higienista no Brasil de fins do século XIX e início do século XX, há a preocupação de limpar das ruas os delinquentes, mendigos e esfarrapados. A profilaxia para esse mal se voltou para a sua prevenção junto à juventude, encarada, então, como futuro da nação. Coube ao Estado a função de controle e disciplinamento social da juventude, através de uma política profissionalizante para essa. Como efeito dessa política, a juventude pobre que estava vulnerável à delinquência, passa a formar-se em profissões, considerada por Pinheiro, como sendo subalternas, a modelo do que têm ocorrido em instituições como o SESC e o SENAI.

A terceira representação social constrói-se, a partir do século XX junto à ineficácia da política profissionalizante com fins de erradicação da delinquência e com o crescimento urbano. As cidades crescem sem uma política eficaz de distribuição de renda e de justiça social, formando bolsões de pobreza com pessoas socialmente excluídas das benéficas urbanas. A violência por parte dos excluídos cresce proporcionalmente a seus fatores de exclusão. Ao contrário da iniciativa anterior do Estado, que pretendia uma medida profilática para a delinquência, esse passa agora a adotar medidas repressivas e carcerárias para o jovem delincente com a criação das casas de reparo da sociabilidade, as quais se tornaram aparelhos enfaticamente punitivos.

A representação da criança e do adolescente como sujeitos de direitos parece forjar-se junto a novos valores contrarrepresivos presentes em alguns movimentos sociais da década de 70, os quais repudiavam as formas de repressão política da ditadura militar no Brasil e se afiliavam aos ideais dos direitos humanitários que efervescia mundialmente. Compreendeu-se que, como qualquer outra pessoa, a criança e o adolescente precisavam de condições legais que assegurem seus direitos ao bom desenvolvimento e à liberdade. A partir dessa concepção, onde o jovem passa a ter direitos e deveres legais relativos à sua condição juvenil, ele passa também a ser encarado como sujeito de ação e cidadania. Essa nova representação social surtiu efeitos em novas práticas pedagógicas.

Há uma característica das práticas decorrentes da representação da criança e do adolescente como sujeitos de direitos, destacada por Gohg (1977: 117): o desenvolvimento de atividades das quais as crianças e os adolescentes são sujeitos do processo pedagógico, ou seja, têm eles um papel atuante, que inclui a tomada de decisão sobre os programas nos quais estão engajados. (PINHEIRO, 2006, p.83)

Ainda, segundo Pinheiro, dois princípios fundam essa última representação: a igualdade perante a lei e o respeito à diferença. Esses dois princípios coadunam-se, junto à Doutrina da Proteção Integral⁷ na construção da representação social da criança e adolescente como sujeitos de direitos.

Essas representações sociais apresentadas incidem como podemos perceber, sobre o jovem carente, excluído e abandonado, ou seja, o jovem socialmente vulnerável. Outras são também as imagens da juventude significadas a partir do que falta para a formação do adulto ideal, mas também a partir do que lhe transpõe transgressivamente.

A representação do jovem, baseado na concepção de ser transitório, baseia-se, segundo Kramer (PINHEIRO, 2006, p.36), a partir de três faltas: de idade, de maturidade e de adequada integração; e segundo Abramo (2008, p.40), a partir do que lhe falta para o exercício das três funções da vida adulta: “produção (sustentar a si próprio e a outros), reprodução (gerar e cuidar dos filhos), e participação (nas decisões, deveres e direitos que regulam a sociedade)”.

Dessas representações e imagens, segundo Abramo (2008), duas tomaram maior visibilidade nos discursos contemporâneos sobre juventude: A juventude político-participativa ativista, idealista e transgressora dos anos 60-70 e a juventude em situação de vulnerabilidade e risco. Esta última ligada às representações de criança e adolescente, mais aclamada a partir do último quartel do século passado, “engendrando ações da sociedade civil e do Estado e resultando no ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) que se tornou instrumento fundamental para implantar a idéia desse segmento como sujeitos de direitos” (ABRAMO, 2008, p.38).

Por outro lado, outra imagem juvenil formou-se a partir dos anos 90 com bases em comparações antagônicas com o estilo da juventude de 68, a qual desenvolvia um estilo de ação política compatíveis com seu momento histórico revolucionário (engajamento político, militância, protestos públicos, etc.). Esta representação funda-se a partir da não identificação dessa postura política na juventude dos anos 90. A partir de resultados de uma pesquisa

⁷ “Entende-se por proteção integral um conjunto de cuidados voltados para a proteção e a assistência à criança, de forma que possa ela assumir plenamente suas responsabilidades na comunidade” (PINHEIRO, 2006, p. 87)

realizada em 2002, pelo instituto Akatu⁸, Manfredine considera que o perfil da juventude brasileira:

é o retrato devastador de uma juventude individualista, consumista, pregada à TV, que odeia livros e política, não se sente responsável pelas transformações sociais e pensa em obter um diploma só para ter uma profissão (MANFREDINE *apud* DAYRELL & CARRANO, 2003)

É preciso uma escuta não preconceituosa das novas formas participativas da juventude atual, pois esta tem sua função que é peculiar ao seu momento histórico vivido. Acreditamos que a formação deste tipo de estereótipo depreciativo da juventude atual, baseia-se numa leitura preconceituosa e reprovativa e numa crítica destrutiva, que acabam por apresentar como único efeito massacrar a autoestima do jovem e, portanto, despotencializar suas ações. As novas formas participativas da juventude caracterizam-se por serem culturais, esportivas e locais enfaticamente, nas quais o protesto ocorre de forma implícita ou explicitamente. Veremos nos resultados dessa pesquisa, que as ações esportivas e culturais dos quais os jovens investigados participam são compatíveis com a construção de uma estima de lugar potencializadora de suas ações no bairro, ainda que a expressão dessa ação não apresente cunho político.

Compreendemos, por enquanto, que é preciso escutar do jovem quem ele é e quais são suas necessidades no presente, tempo de sua juventude, para além de sua idade e das representações sociais formadas a seu respeito, isto é, que:

[...] a juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação. Se há um caráter universal dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária, na qual completa o seu desenvolvimento físico e enfrenta mudanças psicológicas, é muito variada a forma como cada sociedade, em um tempo histórico determinado e, no seu interior, cada grupo social vai lidar e representar esse momento. Essa diversidade se concretiza nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores), de gênero e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos. (DAYRELL & CARRANO, 2003, p.3)

Portanto, é preciso esclarecer em toda fala de qual juventude estar-se a tratar. Como já mencionado, não podemos reduzir a concepção de juventude apenas à faixa etária, mas é importante esclarecer que há mais de um tipo de classificação dessa fase do desenvolvimento

⁸ Pesquisa realizada pelo Instituto Akatu e publicada no Folhateen, Jornal Folha de São Paulo, p.3,29/04/2002. “Juventude: cultura e cidadania”, constatou a baixa participação em atividades políticas e afins. Quando perguntados pelos assuntos que mais interessam aos jovens, a política aparece em 7o lugar, citado por 11%, abaixo de temas ligados a emprego (37%), educação (30%), cultura e lazer (27%), família (25%), relacionamentos/amizades (22%) e esportes (20%). (DAYREEL & CARRANO 2003, p.18)

humano nela baseados. A UNESCO considera como jovem pessoas de 14 a 30 anos. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera como jovem pessoas de 12 a 24 anos e, mais especificamente, como adolescente, as de 12 a 18 anos.

Nesta pesquisa escolhemos trabalhar com o termo juventude para tratar dos alunos de nona série, que se situam numa faixa etária entre 12 e 18 anos. Por isso usaremos, por vezes, o termo jovem adolescente mesmo sabendo que “ser jovem” para o jovem pouco tem relação com a idade. Entretanto como este trabalho não enfoca a opinião do jovem sobre a definição de juventude, nos remeteremos às suas idades não para enquadrar os sujeitos da pesquisa, mas porque suas faixas etárias indicam o lugar escolar que ocupam (nona série em sua maioria) e que incide sobre uma forma peculiar de ser e de participar na sociedade: uma participação social tutelada.

Esse estudo trata como já foi mencionado, de jovens do ensino fundamental pertencentes à rede pública municipal de ensino da cidade de Fortaleza. São jovens, de sexo masculino e feminino, moradores de dois bairros da periferia sócioespacial desta cidade.

Tendo esclarecido a faixa etária e o lugar de moradia dos jovens pesquisados, precisamos compreender: que tipo de participação social pode-se deles esperar? Consideramos como participação social juvenil tão somente suas participações em atividades comunitárias de manutenção ou precisamos considerar suas participações em atividades comunitárias de transformação? Que tipos de atividades realmente podem promover-lhes a formação de uma consciência crítica e de ações cidadãs sem, entretanto, os aprisionarem o espírito ou usurpar-lhes o direito à alegria e à diversão? Enfim, qual o sentido da participação social para o jovem? Para responder a essas perguntas precisamos lançar um olhar pela perspectiva temporal da participação.

1.3.2 A Participação juvenil e a questão da temporalidade.

O processo sócioparticipativo só tem sentido social e pessoal, quando seus objetivos, propósitos e motivos consideram as funções psicossociais dos três tempos: passado, presente e futuro, ou seja, a memória, a vivência e o projeto respectivamente. Essa questão é especialmente importante nesse estudo, pois como estamos trabalhando com a participação juvenil, precisamos compreender, considerando o contexto histórico-cultural da atualidade, que a participação social da juventude, como também de outros movimentos sociais contemporâneos, caracteriza-se por ações que privilegiam o tempo presente.

Com relação ao tempo passado, ele é o líquido que preenche o cálice da cultura humana, nele bebemos a história da humanidade. A cultura, experiência acumulada e reciclada da humanidade transforma o homem biológico em ser humano, possibilitando que este crie o presente a partir do passado e projete o futuro. Então, só somos homens e mulheres que projetam o futuro, porque, diferente dos animais, somos seres culturais.

Com relação ao futuro, precisamos partilhar do compromisso da construção de uma sociedade sustentável, justa e democrática e para isso torna-se imprescindível a instalação de uma cultura sócio-participativa. A perspectiva do tempo futuro é especialmente importante porque é de sua idealização que se alimentam os sonhos e se constroem as utopias, lugares onde o ser humano é feliz. Essa perspectiva foi a que caracterizou a juventude da década de 60. Essa questão de uma “utopia-força”(Bordenave, 1994, p. 25) que nasce e se fortalece, a nosso ver, do desejo e da esperança de alcançarmos uma sociedade onde não existam mais setores ou pessoas marginalizadas é uma questão chave, ou melhor, é a chave de uma questão. Qual seja? A de compreender a dimensão temporal da participação. O tipo de participação que é atravessada por uma utopia-força, é próprio da condição humana, somente essa espécie animal constrói sua realidade a partir de elementos do passado, presente e futuro, através da cultura.

A propósito, Utopia é o nome do lugar que o inglês Thomas More em 1516, em sua obra *Utopia*, deu para uma ilha imaginária, na qual residia uma sociedade por ele considerada perfeita. A palavra utopia foi criada por ele a partir da junção do advérbio *ou* (não) ao substantivo *topos* (lugar) para indicar “um lugar que não existe” na realidade, mas sim nos seus sonhos. Nesse lugar, segundo More (2005), não havia a propriedade privada nem o dinheiro, mas um estado forte que, tão somente preocupando-se com a felicidade da população, mantinha a igualdade entre as pessoas, através de suas instituições eficazes. Segundo ele, em Utopia havia abundância de recursos e eles eram amplamente distribuídos para o povo. Mas, na Utopia de More havia ainda a escravidão e a subserviência da mulher pelo homem⁹, tais coisas, este pensador, limitado ao seu tempo histórico, não via como injustiças.

Por isso compreendemos que a idealização do tempo futuro precisa ser um sonho que motiva, um projeto de promove, mas nunca uma preconização, baseada em idéias imaginativas que negue por completo o presente vivido, pois, precisamos lembrar, que na casa

⁹ Em Utopia “as mulheres servem a seus maridos; as crianças a seus pais e mães; os jovens aos mais velhos” [...] os escravos são encarregados dos trabalhos de cozinha mais sujos e penosos. “As mulheres cozinham os alimentos, temperam os guisados e servem e tiram a mesa” (MORE, 2005, p. 78-81)

da imaginação ainda mora a dúvida. Aliás, como sugere Espinosa (*apud* GLEIZER, 2005), filósofo por quem nos orientamos nesse trabalho, as idéias imaginativas surtem efeitos em todas as temporalidades e por serem incertas podem converter-se em sentimentos de medo ou esperança. Gleizer nos elucida essa questão explanando como se dá a gênese do medo-espereança, confiança - desespero em obras de Espinosa:

Assim por exemplo “a alegria instável nascida da idéia de uma coisa futura ou passada de cujo desenlace duvidamos em certa medida” origina a esperança. Por sua vez “a tristeza instável nascida também da idéia de uma coisa futura ou passada de cujo desenlace duvidamos em certa medida” origina medo. Vê-se claramente que a dúvida acerca do objeto imaginativo faz com que não haja esperança sem medo e vice-versa. Se se retira a dúvida, da esperança nasce a confiança, e do medo, o desespero. [...] A instabilidade afetiva contida no par esperança-medo exercerá uma função crucial na explicação da gênese da superstição e nas análises acerca das instituições políticas e religiosas desenvolvidas por Espinosa no *Tratado teológico-político* e no *Tratado político*. (2005, p. 46)

Com o supracitado podemos compreender porque Chauí (*apud* BRANDÃO, 2008) considera que a filosofia espinosana é um convite para perdermos o medo de vivermos em ato. O presente é o tempo da vivência, dos encontros, da criatividade e da afetividade. Isso nos leva a compreender que a participação tem importância na vida presente dos indivíduos porque ela é subjetiva, como nos alerta Sawaia (2002). O presente é a condição da existência.

Segundo Sawaia (2002), Dayrelll & Carrano (2003), Abramo (2008), a temporalidade do modelo participativo das décadas de 60 e 70 comprometia o presente com uma atividade racional dirigida para as metas do futuro, já a partir da década de 80 a participação toma novo aspecto, dentro do qual a subjetividade dos participantes passa a ser mais considerada.

Nos anos 80, participação adquire um sentido mais subjetivo e menos estrutural, e a objetividade e o coletivo cedem lugar à preocupação com a individualidade e a afetividade. Autonomia, emancipação e diversidade tornam-se os valores éticos mais aplaudidos em substituição à liberdade e à igualdade. O espaço da participação social perde as fronteiras rígidas e a sua temporalidade deixa de ser delimitada pelas ações políticas pontuais, tornando-se o tempo do cotidiano. (SAWAIA, 2002, p.117)

Outro aspecto interessante, bem observado por Abramo (2008), é que a juventude da década de 60, tomada como modelo de juventude, eram pessoas da elite intelectual, filhos de classe média, que dedicavam sua luta socialista em favor dos menos favorecidos. Estes últimos se beneficiariam com a distribuição das riquezas. Idealismo e solidariedade eram valores que motivavam a luta, mas também o valor de renúncia do presente vivido em favor do outro, quer seja do povo oprimido, quer seja dos habitantes do mundo futuro.

A partir da década de 90, cremos que, como resultado do trabalho social feito anteriormente pela juventude progressista das décadas anteriores, os jovens por quem se lutava começa a mostrar sua cara, exercitando outro modelo participativo, mais ligado a ações coletivas locais e ações culturais das quais se beneficiam no tempo presente.

Um outro aspecto diz respeito à dimensão da temporalidade que envolve as ações coletivas juvenis . Diferente da década de 60 que foi dominada por uma concepção de futuro – uma nova sociedade a ser construída – a juventude contemporânea parece resgatar o presente como o momento de articular projetos e utopias de novas relações. Esta mudança reflete as transformações mais amplas introduzidas no contexto das sociedades complexas como a velocidade das transformações tecnológicas que ampliam as incertezas características desse nosso tempo. Diante das incertezas, a busca de sentido é transferida para o presente, num eixo temporal curto que torna possível o seu controle. (DAYRELL & CARRANO, 2003 p.25)

Como podemos ver Dayrell & Carrano interpreta essa valorização de ações no tempo presente como conseqüência das incertezas de futuro. A velocidade de transformações tecnológicas e políticas da contemporaneidade dificultam a compreensão da complexidade do presente e, por conseqüência, a projeção do futuro a partir daquela compreensão. Com base na filosofia de Espinosa, parece que, se foi a esperança que acompanhou a juventude de 68, o medo é grande parceiro dessa juventude atual.

Portanto, fechando esse tópico, enxergamos a questão participativa do jovem pela lente que valoriza todas as temporalidades. Compreendemos que o jovem tem o direito de usufruir do presente vivido, mas tem o direito de formar uma consciência discernida que o capacite para ler criticamente sua realidade e sua histórica e para projetar o futuro, promovendo as melhorias no presente.

1.3.3 Protagonismo juvenil como experiência pedagógica de cidadania.

A maior inteligência da participação está em mostrar-se tão necessária, quanto viável. (DEMO, 1996, p.2)

A palavra protagonismo, segundo Silva & Moraes (2007, p.35) “é formada por duas raízes gregas: **proto**, que significa o primeiro, o principal e **agonistes** que significa o lutador. Protagonista, portanto, era o termo que designava o lutador principal de um torneio”. Mais recentemente essa terminologia foi adotada pelos estudos sociais para designar aquele sujeito que se coloca como agente principal no movimento de construção de sua história. A esse

modo de ser orientado para a construção social da história foi designado o termo Protagonismo Social.

O termo protagonismo juvenil vem a delimitar um modo de ser protagonista social cabível a ação de jovens adolescentes, isto é “designa a participação de adolescentes atuando como parte da solução, e não do problema, no enfrentamento de situações reais na escola, na comunidade e na vida social mais ampla”. (COSTA, 2001, p. 18). Como percebemos a expressão remete-se ao público adolescente, isto é, segundo o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), de 12 a 18 anos de idade.

Por ter tido a experiência nessa pesquisa de aprofundar com um público estritamente adolescente (tratando-se da idade) questões sobre suas formas de participações sociais, motivos e opiniões relativos às mesmas, consideramos pertinente trabalhar a noção de protagonismo juvenil. Isso porque percebemos que a participação social toma diferentes formas em função da maioridade de seu agente, isto é, de sua condição de ser independente e responsabilizado por suas escolhas ou de sua condição de viver de forma tutelada.

Precisamos, entretanto, aprofundar essa concepção de protagonismo juvenil, pois, em torno dele, fervorosos debates são erguidos tendo com pauta principal o papel político do jovem na sociedade. Com relação a esse debate há uma profunda cisão de opiniões.

Do um lado há aqueles que defendem que a participação social da juventude precisa ter eminentemente um caráter político contestatório do sistema político-produtivo opressor e também um caráter combativo de suas estratégias de opressão. Essa corrente considera que a adaptação das pessoas a uma realidade por eles considerada opressora, constitui-se como uma forma de conformismo e resignação padecedores da força de transformação daquela realidade. Há por parte desta corrente uma preocupação com o aparente descaso que a juventude atual apresenta com relação à transformação global da sociedade, isto é, com o desinteresse frente à revolução de sua estrutura político-produtiva-cultural basal. Partindo dessa preocupação, severas críticas são direcionadas à juventude atual, considerada politicamente alienada, bem como às instituições consideradas suas alienadoras. A crítica à concepção de protagonismo juvenil insere-se nesse contexto como vemos na longa citação abaixo:

O protagonismo juvenil, portanto, é um discurso de adultos, produzido e compartilhado pelos organismos internacionais, órgãos governamentais, ONGs, empresários e educadores, ou seja, pelos adultos que se dedicam a integração da juventude, considerada como objeto de intervenção. *O jovem protagonista* é objeto e não sujeito de políticas e medidas governamentais e não-governamentais. Seu poder para agir limita-se aos aspectos técnicos e à execução dos projetos e políticas públicas. Os critérios técnicos (supostos reflexos diretos da realidade) esvaziam o poder de intervenção dos agentes, reduzindo-os a instrumentos de uma racionalidade

apresentada como objetiva, e a execução de projetos e medidas equivale ao *fazer*, atividade que acrescenta coisas ao mundo, mas não interfere no seu curso. Embora evoque as idéias da distinção e do destaque, e funcione, certas vezes, como espécie de símbolo de “avanço” pedagógico, político ou social, o *protagonismo juvenil* é um simulacro, visto que o jovem do discurso não é sujeito. (SOUZA, 2008, p.17)

Como vemos essa autora considera que o jovem a quem se dirige o discurso do protagonismo juvenil não é o sujeito das ações protagônicas. Por outro lado erguem-se as opiniões e ações daqueles que são os proponentes e defensores de políticas voltadas para a promoção do protagonismo juvenil. Essas pessoas são os autores do discurso a qual Souza refere-se na citação acima e promotores de ações políticas para a juventude, junto à esfera pública do governo. Por isso a obra supracitada é uma crítica severa aos escritos dos autores defensores deste tema, isto é, entre os escritos de Antonio Carlos Gomes da Costa, Marília Sposito, Juarez Dayrell, Paulo César R. Carrano, Helena Wendel Abramo, etc.

Esses autores tratam das questões juvenis a partir de uma abordagem mais protetora e compreensiva da condição de desenvolvimento humano do jovem, da qual a participação política é efeito. Assim ela orienta uma práxis centrada na preocupação de assegurar à juventude um ambiente propício para um bom desenvolvimento biopsicossocial, isto é, integração social; vivências culturais, esportivas e lúdicas; e a promoção do protagonismo juvenil como experiência pedagógica para a formação da cidadania. Pretende-se isso, segundo Costa (2001) superando políticas de cunho paternalistas e assistencialistas ou manipuladoras e colocando, através de uma pedagogia participativa cidadã, o jovem como agente principal de sua história. Assim o descreve Stamasato:

Protagonismo juvenil, enquanto experiência pedagógica de resgate do jovem como sujeito de uma efetiva ação política [...] para que o jovem se torne realmente um protagonista é preciso abrir, por meio de interações sociais significativas, a possibilidade de internalizar conceitos e experiências necessárias ao desempenho de seu papel de protagonista. Isso implica em uma metodologia pedagógica que seja efetivamente mediadora do processo de internalização de significados sociais e construção de sentidos subjetivos, de forma a desencadear o desenvolvimento do jovem enquanto ativo participante da sociedade em que vive. (2008 p. 90)

Além do mais, evidencia-se no discurso dos defensores do protagonismo juvenil uma preferência de seus agentes pela tentativa de compreender os motivos por traz do distanciamento do jovem com relação às questões da esfera pública, ao invés de cerrar-lhes críticas à sua condição alienada.

As motivações juvenis para a ação coletiva na esfera pública encontram-se orientadas majoritariamente para objetivos de ordem prática em torno de valores que ganham coerência no curso da vida cotidiana. Cabe perguntar como despertar interesse para temas, espaços e problemas nacionais ou globais, que podem parecer mundos distantes para jovens cujos sentidos de participação estão orientados para o que está próximo e cotidiano. A preocupação que os (as) jovens demonstraram com a violência nas cidades é pista que merece a devida atenção das políticas públicas. (CARRANO, 2006, p. 3)

A nosso ver, antes de qualquer coisa, precisamos nos perguntar quem é o ser da participação social. Que estado subjetivo é capaz de conectar uma pessoa de forma motivada, interessada e comprometida com os assuntos concernentes a uma participação social. Mais ainda, qual a função e o sentido da participação social na vida das pessoas de uma comunidade. Caso ignoremos esse fator subjetivo, caímos nas “armadilhas escravizadoras da participação” como nos alerta Sawaia, (1997, p.153). Por outro lado, em se tratando da realidade de opressão social dos países subdesenvolvidos é preciso que os processos participativos alcancem também um caráter ativo-transformador dessa realidade opressora, eximindo-se de se tornarem meros instrumentos utilitários de dominação.

Ora, a enumeração das contribuições da participação poderia levar a um conceito puramente instrumental, com o perigo de que se veja nela algo para ser dirigido, manipulado ou explorado quanto a seus resultados utilitários. No entanto, se procurarmos a motivação dos participantes de uma atividade comunitária qualquer, notaremos neles uma satisfação pessoal e íntima que com frequência vai muito além dos resultados úteis da participação. Ocorre que a participação não é somente um instrumento para a solução de problemas, mas, sobretudo, uma *necessidade fundamental do ser humano*, como o são a comida, o sono e a saúde. (BORDENAVE, 1994, p.16)

Assim sendo, Bordenave (1994, p. 16) compreende que a participação tem uma base afetiva e outra instrumental, que, por se complementarem, deveriam também equilibrar-se. A base afetiva refere-se ao fato de que a participação em grupos é uma necessidade humana de estarmos unidos fazendo coisas que nos dão prazer, já a base instrumental refere-se ao fato de que o grupo é um instrumento mais poderoso para executar determinadas tarefas as quais não realizamos sozinhos. A base afetiva tem fim em si mesma para o indivíduo, enquanto a base instrumental dirige-se para o cumprimento de uma meta.

Tendo esclarecido nossa concordância de que para a construção de uma sociedade democrática e justa é preciso uma maior participação política dos cidadãos desde o

planejamento das ações sociais até a conquista de suas metas, discorreremos então sobre a base afetiva fundamental da participação social, pois concordamos com Demo que é preciso a consideração das condições objetivas e subjetivas para mudanças sociais.

Para mudanças sociais são fundamentais condições objetivas e subjetivas favoráveis, podendo predominar uma ou outra, de acordo com o momento histórico. A política social participativa busca resgatar a problemática das condições subjetivas, no sentido da importância da organização política, dentro de estruturas dadas, que dizer, sem secundarizar a questão da base objetiva material. (DEMO, 1996, p. 6)

Compreendemos também com Demo que a verdadeira participação ocorre como conquista e não como dádiva.

O *eixo político* da política social centra-se no fenômeno da participação. É através dela que promoção se torna autopromoção, projeto próprio, forma de co-gestão e autogestão, e possibilidade de auto-sustentação. Trata-se de um processo histórico infundável, que faz parte da participação um processo de conquista de si mesma. Não existe como dádiva ou como espaço preexistente. Existe somente na medida de sua própria conquista. (Demo, 1996, p. 12-13)

Entretanto, para além do que sugere Demo, compreendemos que a consideração das condições subjetivas é importante não apenas porque favorece a eficácia de uma organização política, mas porque também favorece a felicidade do sujeito que participa. Quando a subjetividade (pensamentos, sentimentos e emoções) presente no sujeito em processos de participação social é desconsiderada, em favor pura eficácia de uma ação social preconizada, esta participação perde seu motivo para aquele sujeito. Veremos no próximo capítulo, com bases no pensamento do filósofo Espinosa e no de Vigotsky, que participação sem *motivo* subjetivo é *servidão* e que o sujeito que age por servidão e não por *alegria*, caminha na direção do esgotamento de seu *conatus*, sua energia vital de perseverar na existência. A ação servil, por ser *paixão triste*, escraviza e despotencializa o sujeito, levando-o à apatia, que é ruim para o coletivo, que a sente como arrefecimento da ação social transformadora, mas pior ainda é para o sujeito que a sente como sofrimento.

Por consideramos pertinente buscar a ação participativa dos jovens dentro de temáticas que lhes causam interesse, escolhemos as questões urbanas locais como foco, já que Carrano em suas pesquisas sobre a ação coletiva da juventude atual, conclui: “chama a atenção o caráter local dessas ações, articulando-se a partir dos espaços de moradia e de questões relacionadas com a urbanidade, elevando a cidade como espaço e tema preferencial da

participação juvenil” (2006, p.18-19). Baseados nessa informação, trabalhamos nesse estudo investigando esse tipo de participação juvenil dirigida a três bairros de Fortaleza. Atentamos não apenas aos tipos de participação instrumental da juventude, mas também aos afetivos, por isso pesquisamos sobre as atividades comunitárias dos jovens nos bairros, tendo como eixo principal o conhecimento de seus afetos com relação aos mesmos.

CAPÍTULO II: A caminho dos Mapas Afetivos: participação e afeto na construção da Estima de lugar.

A construção de mapas é, talvez, nosso primeiro impulso de aprendizagem da vida. Os mapas são criados para marcar os caminhos, trilhas por onde caminhar no espaço abstrato do mundo. Servem para nos levar do lugar onde estamos para o lugar que desejamos ir. (Rubem Alves)

Como estamos a falar que o pensamento e a ação guiam-se por motivos¹⁰, mais uma vez relatamos que o que nos move nessa investigação é o desejo de compreender, ainda que apenas um pouco, como se dá a relação entre a ação e a emoção nos processos subjetivos da participação social. São diversos e complexos os caminhos dessa resposta, por isso não pretendemos aqui encerrá-la, mas tão somente trilhar com minúcia e rigor investigativo o capilar por onde Bomfim (2003) encontrou uma relação entre a Estima de lugar (categoria de sua autoria) e a participação social. O que nos chama a atenção nessa relação é o fato de que os motivos da participação não se encontram nem internamente ao sujeito, tampouco externamente a si, mas na intrínseca relação pessoa-ambiente. Como a própria denominação já revela, a estima de lugar é constituída dos elementos estima (sentimento/valor) e lugar (espaço apropriado), sendo neste impossível separar pessoa e ambiente.

A estima de lugar refere-se a uma avaliação afetiva que uma pessoa faz de um determinado ambiente, o qual, em função dessa avaliação, passa a adquirir um valor afetivo para aquela pessoa. Ela é expressa por sentimentos e emoções gerados a partir de imagens, representações e visões de mundo que se dirigem a um bairro ou a uma cidade, por exemplo.

A perspectiva humano-ambiental, objeto de estudo da psicologia ambiental, na sua vertente transacionalista¹¹, nos obriga a superar a dicotomia homem e ambiente e, portanto, sujeito e objeto, já que nos conduz ao estudo da relação dialética entre esses.

A metodologia de investigação da estima de lugar (instrumento gerador do mapa afetivos¹²) foi construída por Bomfim (2003), com bases na teoria das representações sociais

¹⁰ Segundo Vygotsky (1991) a formação do pensamento tem como base afetiva o motivo. Isto quer dizer que toda a idéia é também sentimento, de modo que não há uma dicotomia entre razão e emoção na compreensão intelectual. Esta ocorre pela significação do mundo. O significado é um saber sentindo e é por ele que lemos o mundo.

¹¹ A psicologia ambiental, área de conhecimento que estuda a relação pessoa-ambiente, é um saber interdisciplinar sendo estudada e trabalhada por disciplinas distintas da psicologia, tal como a arquitetura e a geografia. A perspectiva transacionalista é aquela que estuda a relação pessoa-ambiente pelas lentes subjetivas das pessoas que constituem essa relação.

¹² Esse instrumento é um questionário sobre as representações e avaliações afetivas que uma pessoa constrói sobre um ambiente, acrescentado de duas questões que a dirigem a elaborar imagens afetivas com relação

de Serge Moscovici, na teoria histórico-cultural da mente de Lev Vygotsky e nos aportes teóricos da psicologia ambiental transacionalista, a fim de gerar no sujeito investigado o seu mapa afetivo relativo a um de seus espaços de apropriação.

A Psicologia Social, por intermédio da teoria das representações sociais, investiga a construção simbólica do cotidiano dos habitantes de uma cidade, aproximando-se de um conhecimento do senso comum, que permite a elaboração e compreensão das condutas individuais e coletivas e a comunicação entre os indivíduos (MOSCOVICI, 1978). O conhecimento ou a representação que o indivíduo tem de sua cidade, por exemplo, é um fato subjetivo e coletivo, pois não é somente o que existe concretamente (estrutura) que adquire proeminência na mente das pessoas, mas aquilo que tem um significado reforçado pela coletividade. (BOMFIM, 2003, p. 59)

Mas afinal o que são os mapas afetivos? O mapa afetivo é a expressão gráfica, artística e metafórica das imagens e representações que as pessoas têm de um determinado lugar. Essas imagens são geradas a partir de um instrumento que possibilita o acesso a um nível de consciência da relação pessoa-ambiente, através do qual se articulam, na pessoa que o responde, a elaboração de sentimentos, avaliações e identificações com relação a um determinado lugar. Segundo Bomfim (2003, p. 212): “Os mapas afetivos são representações do espaço e relacionam-se com qualquer ambiente como território emocional. Os mapas afetivos são instrumentos reveladores da afetividade e indicadores da estima da cidade”.

A fim de encontrar um método que possibilitasse aos sujeitos pesquisados comunicar suas afetividades com relação aos lugares, Bomfim (2003), parte para a elaboração do instrumento gerador dos mapas afetivos, apoiando-se nos aportes teóricos dos psicólogos da escola russa, principalmente Lúria e Vygotsky, os quais já haviam sistematizado um saber sobre as bases afetivo-volitivas da comunicação humana. Assim, o instrumento gerador do Mapa Afetivo é um método que busca revelar de forma objetiva as conexões dos pares Texto-Subtexto (Lúria), Sentido- Significado (Vygotsky). O Texto e o Subtexto são os esquemas lingüísticos imbricados com a formação dos Sentidos e Significados¹³.

Como parte da busca de um método para objetivar formas específicas do comportamento complexo, Lúria (1987) explica a base afetivo-volitiva na compreensão do sentido da comunicação complexa: texto e subtexto

mesmo. Esse questionário, adaptado para essa pesquisa do original de Bomfim (2003), encontra-se na relação de anexos.

¹³ Segundo Oliveira (1992) “Vygotsky distingue dois componentes básicos do significado da palavra: o significado propriamente dito e o ‘sentido’. O significado propriamente dito refere-se ao sistema de relações objetivas que se formou no processo de desenvolvimento da palavra, consistindo num núcleo relativamente estável de compreensão da palavra, compartilhado por todas as pessoas que a utilizam. O sentido, por sua vez, refere-se ao significado da palavra para cada indivíduo, composto por relações que dizem respeito ao contexto de uso da palavra e às vivências afetivas do indivíduo (p.81)”.

articulam-se no desvelar desta comunicação. Enquanto o texto pressupõe um sentido externo, o subtexto revela o sentido interno. É justamente neste último que encontramos o sentido e, em última instância, o motivo que está por trás deste texto. (BOMFIM, 2003, p.54)

Assim todas as teorias que embasam a tese dos mapas afetivos têm em comum a base afetiva que media tanto a construção das representações sociais, como a construção dos sentidos / significados com relação aos espaços apropriados pelo sujeito. Portanto no instrumento gerador dos mapas afetivos os seus itens constitutivos¹⁴ estimulam a geração de representações, significados e sentidos com relação a lugares, produzindo, assim, os conhecimentos sobre os processos de apropriação do espaço e de construção da identidade de lugar, categorias essas estudadas pela psicologia ambiental, a partir dos afetos de seu respondente.

A afetividade na cidade pode ser traduzida pela implicação do habitante com ela: “Sentir significa estar implicado em algo” (HELLER, 1979, p. 17). Podemos conhecer a cidade tomando o afeto como categoria de mediação da intersubjetividade. Não só interagimos na cidade, mas formamos uma totalidade com ela, em que eu e mundo, espaço construído e subjetividade formam uma unidade pulsante. (BOMFIM, 2003, p. 45)

Com a metodologia dos mapas afetivos, Bomfim (2003) pôde conhecer as cidades de São Paulo e Barcelona, a partir da afetividade de seus habitantes, os quais, a partir de seus desenhos e metáforas, revelaram no instrumento suas formas de ver, representar e sentir essas cidades. Dando prosseguimento a esse método, outras investigações têm sido e vêm sendo realizadas com o objetivo de conhecer lugares citadinos pelas lentes de seus habitantes, ou melhor, pela afetividade de seus habitantes.

Assim, foi investigada a afetividade de jovens nativos de Tauá (Ferreira, 2006), município da zona rural do Ceará, com relação ao seu desejo de ficar ou partir desse lugar, em função da tensão entre apego ao lugar (ficar em Tauá) por um lado e a oportunidade de emprego numa capital (Fortaleza, São Paulo, entre outras). Nesse estudo foi possível entender a afetividade mediando a decisão nesse fenômeno do êxodo rural. Ainda nessa perspectiva Furlani (2007) comparou os projetos de vida de jovens moradores de um ambiente rural (município Cruz) com moradores da capital de Fortaleza, a partir de seus mapas afetivos, buscando a influência desses ambientes no jovem. Ambientes institucionais da cidade de Fortaleza foram também investigados

¹⁴ Há itens no questionário, instrumento gerador dos mapas afetivos, que recorrem aos recursos imagéticos Desenho e Metáfora, como elementos básicos para a elaboração e compreensão de mapas afetivos.

pelos mapas afetivos de seus usuários, tal como o ambiente hospitalar (Pinheiro, 2009), o esportivo (Viana, 2009) e o ambiente de um abrigo (Ribeiro, 2008). Por fim, Bertini (2007) investigou a afetividade de idosos em sua relação de apropriação dos espaços do centro da cidade de Fortaleza, lugar de memória da cidade a partir de seus mapas afetivos.

Rumando por essas trilhas afetivo-ambientais, a presente pesquisa volta aos bairros, mas focando na investigação da estima desses bairros por seus jovens moradores na sua relação com a participação social dos mesmos. Antes, porém, de aprofundar teoricamente sobre a estima de lugar e posteriormente trazer os resultados desta pesquisa que expande seus horizontes, é preciso entender que essa categoria emerge a partir duas linhas epistemológicas: a psicologia comunitária latinoamericana e a psicologia sócioambiental transacionalista, as quais valorizam a mediação afetiva e o simbolismo do espaço respectivamente na construção da subjetividade.

2.1 A relação entre o sentir e o agir nas perspectivas sócioambiental e comunitária da psicologia.

*“Agir, viver, conservar o ser, essas três palavras significam a mesma coisa.”
(ESPINOSA apud MORIN, 2009, p.117)*

A ênfase na relação pessoa-ambiente e na participação social comunitária sinaliza o compromisso desse estudo com as perspectivas teórico-metodológicas da Psicologia Comunitária e da Psicologia Ambiental. Segundo Higuchi e Kuhnen (2004, p.128) “Entre os aspectos humanos inerentes à questão ambiental, um deles é a dificuldade de passar do entendimento ao compromisso com a sustentabilidade da vida”. Esta diz respeito às relações entre os homens e destes com o ambiente que os constituem. Essa questão tem acompanhado os estudos em que estive envolvida durante a graduação em psicologia na UFC. Pude encontrar as bases teórico-metodológicas para isso na Psicologia Ambiental e na Psicologia Social Comunitária.

O objeto de estudo da Psicologia Ambiental é a relação pessoa-ambiente. Esta disciplina se interessa pela compreensão da psicologia envolvida nessa relação, ou seja, pelos processos afetivos e cognitivos humanos presentes no ambiente sócio-físico. Por compreender que a forma de sentir e pensar o espaço define a implicação das pessoas com este, a Psicologia Ambiental enfatiza o estudo do simbolismo do espaço. Compreende, a partir desse estudo, que o espaço é definidor da identidade (VALERA 1994), que o lugar é o espaço significativo para o sujeito (YI-FU TUAM, 1983); que o espaço transforma-se em lugar a

partir de um processo de apropriação deste, onde o sujeito imprime sua marca e o assimila novamente com novos significados, passando a identificar-se mais com ele; que a estima para com um espaço é uma categoria socialmente construída, a partir da qual o sujeito responde de forma positiva ou negativa com relação a seu entorno, sendo por isso compreendida no seio da ética (BOMFIM, 2003); que na relação com espaços e lugares o homem se constrói como identidade-metamorfose através de uma atividade semiótica afetivo-política, a qual lhe delinea uma identidade de lugar. (Ponte, Bomfim & Pascual).

Com a Psicologia Social Comunitária, pude compreender que os fenômenos psicológicos são constituídos na coletividade, de modo que o homem se “hominiza” somente quando inserido numa dinâmica sócio-cultural. Isso quer dizer que ninguém se constitui como sujeito a partir de si mesmo, mas somente na assimilação de elementos socialmente compartilhados, tais como os significados, valores, crenças, representações sociais etc. Homem e ambiente sócioespacial se constroem mutuamente numa relação dialética. Portanto, partilhamos da abordagem de uma psicologia, cujas bases epistemológicas se norteiam, por partirmos, segundo Lane, (2006):

(...) de uma postura materialista- histórica e dialética, o que implica uma concepção de ser humano como produto e produtor da história, ou seja, o homem irá se constituir como tal a partir do momento em que ele romper a escala filogenética, dando início a uma processo ontogenético, decorrente de dois acontecimentos fundamentais: a descoberta da ferramenta e o desenvolvimento da linguagem. (Lane, 2006, p.55)

2.1.1 Um parêntese imprescindível: a trajetória laneana na construção da psicologia social latino-americana.

Silvia Lane foi quem, no Brasil, deu início, desde a década de 70, à construção de uma psicologia crítica voltada para realidade do povo brasileiro, marcada inicialmente pelo diálogo com a teoria das representações sociais. Aversa à vertente americana da psicologia que predominava no Brasil, de cunho positivista e que pouco contribuía para a transformação social brasileira, Lane empenhou-se na construção de uma psicologia da ação política. Baseou-se na abordagem histórico-cultural, calcada no método do materialismo dialético, através do pensamento desenvolvido pelos membros da escola Russa (Vygotsky, Luria e Leontiev).

Com base nessa abordagem iniciam-se no Brasil dos anos 80-90 estudos e intervenções sociais sobre a consciência e a atividade e mais tarde sobre identidade com estudos de Ciampa

e sobre afetividade com estudos de Sawaia. Esta última, por sua vez, também desenvolveu mais uma linha de pesquisa sobre a Afetividade, sob a inspiração direta dos estudos de Sílvia Lane a respeito das categorias atividade, consciência e afetividade dos marxistas Leontiev e Vygotski. Essas duas linhas de pesquisa, definidas pelas marcas da reflexão desses dois intelectuais e seus muitos orientandos, formam hoje o principal legado de Sílvia Lane à Psicologia Social brasileira.

Além da abordagem histórico-cultural na formação da psicologia comunitária brasileira dos anos 80, adota-se também a pedagogia da libertação de Paulo Freire, a exemplo da construção da Psicologia Comunitária Cearense, sob a liderança do professor Cezar Wagner de Lima Góis no NUCOM da UFC, para a compreensão e intervenção no processo de conscientização.

A linha teórica que privilegia a afetividade como categoria mediadora do pensamento, é caracterizada, segundo Sawaia (2007):

[...] pela reflexão sobre o papel da subjetividade/afetividade na conscientização social e na ação transformadora, superando o aprisionamento do sujeito à exterioridade e à pura repetição e o expurgo da singularidade, e pela reafirmação da pesquisa participante e da práxis comunitária. (SAWAIA, 2007, p. 81)

Portanto, o manuscrito que aqui se inscreve caminha pela trilha desbravada por Lane de uma psicologia social voltada para o entendimento e superação dos processos psicossociais que oprimem o povo latino-americano. Dando prosseguimento, junto a Sawaia e Bomfim (2003), a essa trajetória Laneana tentamos compreender como se dá a mediação afetiva na participação social, através do estudo da estima de lugar. A direção dessa perspectiva aponta para o desenvolvimento de uma *racionalidade ético-afetiva* no urbano, a qual Sawaia desvela a partir do pensamento do filósofo Espinosa.

2.1.2 Potência de ação: a afetividade sob a perspectiva da ética espinosana.

É preciso discutir qual a relevância da filosofia de Espinosa neste trabalho, já que é nele que se baseia todo nosso construto teórico e metodológico. Como já comentamos, esse trabalho se insere dentro de uma corrente da psicologia social que adota o método do materialismo dialético para a produção de conhecimento. Vygotsky, segundo Lane, (2006) através desse método propõe, com sua teoria histórico-cultural da mente, a superação da crise da psicologia, instalada pela concepção cartesiana de homem, enfatizando a importância da

mediação emocional. Propõe esse método para superar as dicotomias corpo/alma, objetivo/ subjetivo, natural/adquirido, razão/emoção. Vygotsky foi amplamente influenciado por Marx e esses dois por Espinosa¹⁵.

O que atrai Marx e posteriormente Vygotsky para a filosofia espinosana, dentre outras coisas, é uma ética política que considera que é somente nas condições imanentes ao homem, onde se encontra a fonte de superação das suas realidades opressoras. Espinosa delega ao homem a responsabilidade sobre seu destino, ao contrário do que preconizava doutrina judaico-cristã de sua época.

Um dos elementos cruciais de toda superstição religiosa, segundo Espinosa, é a existência de um plano sobrenatural, arquitetado por Deus em favor do homem. Essa concepção judaico-cristã do plano de Deus é fortemente teleológica, isto é, finalística. Ora a idéia da finalidade final havia sido também bastante desenvolvida pelo pensamento grego é, sob a roupagem grega ou bíblica radicalmente negada por Espinosa. (BRANDÃO, 2008, p.69)

Espinosa apresenta uma filosofia monista, na qual considera que tudo o que existe, incluindo o homem em corpo e espírito, existe como modificação ou atributos de uma única substância. Não há dois universos paralelos (imane e transcendente/ matéria e espírito) para ele. Corpo e espírito são apenas atributos¹⁶ da substância que nos constitui. Ambos seguem às mesmas leis naturais a que estão submetidos todos os outros seres substanciais. Cabe ao homem através de sua razão compreender as causas e efeitos dessas leis em si. Como vemos não há uma distinção entre homem e natureza, nem entre natureza e Deus. Deus é a própria substância que constitui todos os seres. A substância é infinita e, sendo causa de si mesma, se autoproduz, através de seu *conatus*¹⁷. Não há um propósito ou intenção na substância, há apenas um esforço, como há em todos os seres que ela constitui, de perseverar em sua existência.

¹⁵ Em 1841, Marx estudou em profundidade o *Tratado Teológico-Político* de Espinosa e, nesse estudo produziu um manuscrito em um caderno no qual “Marx não copia ou simplesmente transcreve o TTP, mas o reescreve: muda a ordem dos capítulos, corta trechos, encadeiam outros com novos conectivos. Além do TTP, o caderno traz uma seleção de cartas de Espinosa relativas à religião, política e ao infinito” (CHAUÍ *apud* MARÇAL, 2005, p.66).

¹⁶ Atributo é segundo Espinosa tudo aquilo que “o intelecto percebe da substância como constituindo a essência dela.” (ESPINOSA *apud* BRANDÃO, 2009, p. 72).

¹⁷ O *conatus* humano é segundo Espinosa (2003) o princípio da auto-perseveração na existência, compreendida não apenas como força de sobrevivência, mas de auto-expansão e de realização humanas. Fazem parte do *conatus* a vontade, o apetite e o desejo. É com seu aumento que sentimos a alegria. O *conatus* é a própria vitalidade.

No pensamento político de Espinosa, a essência humana se define pelo *conatus*, que é a potência interna de agir ou esforço de autopersistência na existência. O *conatus* espinosano é o direito natural. Diferente, portanto, da tradição filosófica que definia direito natural como a forma espontânea pela qual os humanos, criados por Deus como seres racionais, possuíam o sentimento inato de justiça e o respeitavam, e daí se originaria o Estado com objetivo de organizar a sociedade para o bem comum, porém, como desígnio divino. Se a potência que mobiliza as ações humanas, dentre elas a política, encontra-se no próprio ser humano como um direito natural, então essa perspectiva espinosana se confronta e desarticula o poder divino e a teologia-política. (MARÇAL 2005, p. 78)

A consequência desse pensamento é a consideração de que o homem, através de sua razão pode conhecer as causas de todas suas afecções, ou seja, das modificações em sua substância, as quais são percebidas como emoções e sentimentos. Se o homem torna-se senhor de si e responsável, junto aos demais seres, pela construção do destino, não faz mais sentido as superstições, ou seja, a crença na existência de forças sobrenaturais que determinam os rumos da vida. A superstição é para Espinosa o que aniquila a autonomia humana e lhe sujeita a uma heteronomia mística responsável por toda sua servidão. Ocorre quando o homem se sentindo impotente e frágil para assumir as rédeas de sua própria vida - a qual lhe parece seguir desgovernada pelos caminhos incertos, nebulosos e perigosos do desconhecido - confia-as às mãos de um outro, o qual julga mais poderoso e ciente para fazê-lo. Esse outro pode tomar as vestes de um Deus transcendental, de um monarca absolutista, de um líder comunitário ditador das regras do cotidiano ou ainda as vestes de um tirano chefe de família. Em todos os casos o homem tem que pagar pela heteronomia concedida com sua servidão e subserviência.

Espinosa identifica passividade com heteronomia e servidão e, inversamente atividade com autonomia e liberdade (Chauí, 1999). Somos ativos e livres, quando nossa potência é aumentada e quando vivenciamos a alegria. Por outro lado, somos heterônomos sempre que padecemos, pois sendo nossa potência enfraquecida, tornamo-nos presas da servidão. (BRANDÃO, 2009, p. 83)

Essa é a questão que queremos chegar, qual seja a de elucidar, com base no pensamento de Espinosa, o que pode ser compreendido das concepções antagônicas de atividade e passividade, isto é de ação e paixão, ou ainda de afeto e paixão¹⁸. Antes de elucidar esses conceitos é preciso entender, que nessas antagonias torna-se imprescindível a presença do outro. Isso que dizer que os seres substanciais (incluindo o homem) que são em corpo e pensamento atributos da substância (essa que é causa de si mesma e se autoproduz

¹⁸ “Por afeto (*affectum*) entendo as afecções (*affectiones*) do corpo, pelas quais a potência de agir desse corpo é aumentada ou diminuída, favorecida ou travada, assim como as idéias dessas afecções. Quando por conseguinte, podemos ser a causa adequada de uma dessas afecções, por afeto entendo uma ação; nos outros casos, uma paixão.” (ESPINOSA *apud* GLEIZER, 2005, p. 33)

infinitamente), diferentemente dela é finito e sua afetividade (ação ou paixão) nem sempre resultam de *causas adequadas*. Isso implica que os corpos se impactam afetivamente uns aos outros, sendo que esse impacto afetivo pode causar aumento ou diminuição em suas potências de ação. Se o impacto externo aumentar a potência de ação do corpo, ele é sentido como alegria, se diminuir-lhe, é sentido como tristeza. Assim, toda a ação, como resulta de causas adequadas, aumenta a potência de ação e é sentida como alegria.

Por causa adequada ou completa Espinosa entende “aquela cujo efeito pode ser clara e distintamente conhecido por ela”, sendo a causa inadequada ou parcial “aquela cujo efeito não pode ser conhecido apenas por ela”, de modo que sua explicação remete a causas exteriores complementares. Um ente finito é ativo quando é causa adequada de um efeito que se produz nele ou dele se segue. Causa adequada ou inadequada, atividade ou passividade, remetem, portanto, à auto-suficiência ou não de um ente finito face aos outros entes finitos na produção e explicação dos seus efeitos. (GLEIZER, 2005, p.37)

Até aqui compreendemos que só é considerado afeto aquelas afecções e as idéias dessas afecções, que em nós faz variar, fortalecendo ou enfraquecendo, a nossa potência de ação, qual seja, nossa propriedade de afetar outro corpo e de ser afetado por ele. O tipo de afecção neutra, que não faz variar a potência de ação de um corpo, não tem dimensão afetiva. Através de uma genealogia dos afetos Espinosa nos mostra que o afeto pode ser ativo (ação) ou passivo (paixão). A ação (afeto ativo) é sempre acompanhada de alegria, já que lhe somos causa adequada. Já a paixão (afeto passivo) pode ser acompanhada de alegria ou tristeza, já que resulta de causas inadequadas: causas externas a nós as quais seus efeitos em nós são apenas parcialmente compreendidos por nosso intelecto.

As paixões alegres, tal qual ocorre com as ações, resultam sempre em efeitos positivos sobre nós, uma vez que aumentam a nossa potência. [...] Já as paixões tristes, como o próprio nome deixa transparecer são fonte de tristeza e sofrimento. Desta maneira, pode-se dizer que elas constroem o *conatus*. [...] Ao fazê-lo elas se convertem em instrumentos de servidão e controle. (BRANDÃO, 2009 p.89)

Tendo compreendido que ação é afeto ativo que aumenta nossa potência de agir, e, portanto nosso *conatus*, precisamos compreendê-lo dentro do que estávamos no capítulo anterior tratando por participação ativa e passiva e completar, dentro desse viés filosófico, seus sentidos.

Para tanto reafirmamos a importância de trabalhar com a concepção de participação para assegurar o caráter coletivo da ação, embora alguns autores entendam dicotomicamente ação e participação, preferindo trabalhar com a primeira¹⁹.

Preferimos continuar com o termo participação para abranger tanto o caráter ativo como o caráter passivo dos afetos, pois como já foi dito, em nossa afetividade depende da afetação por causas externas, que por vezes estão no corpo do outro que nos afeta.

Esse poder de ser afetado é destacado por Espinosa, tanto quanto o poder de afetar, como condição do ser e do existir. Aí reside a principal contribuição de Espinosa à Psicologia. A relação positiva entre o poder que tem um corpo de ser afetado, na forma de emoção e sentimentos e a sua potência de agir, de pensar e desejar. Quando a potência é aumentada, sentimos alegria e vice-versa, a alegria potencializa a ação.” (Comentário de Sawaia na qualificação do projeto desta pesquisa em 29/06/2009).

O outro corpo é o que media o caráter transitivo do afeto, já que esse é sentido como aumento ou diminuição de nosso poder de afetar ou ser afetado, aumentando ou diminuindo nossa energia vital. Segundo Gleizer (2005, p. 36) Espinosa enfatiza a natureza transitiva do afeto a partir das definições dos afetos primitivos alegria, tristeza e desejo.

A variação positiva da potência de agir – ou seja sua passagem a uma perfeição maior ou força de existir – constitui a alegria, enquanto sua variação negativa – isto é, sua passagem a uma menor perfeição ou força de existir – constitui a tristeza. Ao definir esses dois afetos, que junto ao desejo, constituem os afetos primitivos, Espinosa enfatiza sua natureza transitiva destacando explicitamente a diferença entre o ato de passar para uma perfeição maior e o estado alcançado após a transição.

Então é preciso considerar que somos participantes de um coletivo movido por ações e paixões, sentindo alegrias e tristezas. Se admitirmos que somos apenas ativos, precisamos admitir que nunca somos passivos, isto é, nunca poderemos ser afetados pelos outros corpos e, tal como a substância (Deus), somos sempre causa adequada de nossas afecções, nos autoproduzindo sempre a partir de nós mesmo e portanto somos infinitos e imortais, o que é um absurdo. Ocorre que como nos diz Gleizer (2005, p. 49) parafraseando Espinosa: “Somos passivos, portanto, na medida em que somos uma parte da natureza que não pode conceber-se a si mesma sem as outras”, o que ocorre por sermos modos finitos existentes na duração”.

Somos seres que agem e que sofrem a ação dos outros seres, podendo por paixão sentirmos alegria ou tristeza. Compreendemos, assim, que não há porque considerar nos

¹⁹ Essa compreensão considera que quem age toma iniciativa, promove, planeja e executa, ao contrário de quem participa que apenas observa, obedece assiste e segue. Assim essa abordagem prefere denominar por *ação coletiva* atividades grupais e seus desdobramentos.

processos participativos apenas o caráter ativo do afeto em detrimento do passivo. Se a tristeza e a servidão existem na passividade das relações sociais, elas precisam ser consideradas, compreendidas e continuamente superadas, a partir da investigação das condições que estão deprimindo o *conatus*. Esse, compreendemos, é o caminho da libertação. Então ao considerar que participamos, estamos considerando que somos, tomamos e fazemos parte da natureza, constituindo uma rede social e ambiental que mobiliza os seres, através de suas trocas afetivas e que, portanto, precisamos, como aponta Sawaia, afirmar a legitimidade subjetiva da participação.

Tendo esclarecido o que estamos compreendendo por afetividade em suas dimensões ativas e passivas, voltemos aos objetivos dessa pesquisa. Retomando: nesse trabalho vamos investigar a participação social de dois grupos de jovens, a partir do estudo de seus afetos com relação aos bairros em que moram, isto é, a partir do estudo de sua estima de lugar. Neste caso a potência de ação do indivíduo pode ser aumentada ou diminuída em função dele afetar ou ser afetado pelo lugar. Assim, tal como um outro corpo, um lugar pode aumentar ou diminuir a potência de ação do indivíduo, fazendo-o experimentar esse afeto. O outro ser que afeta e é pelo sujeito afetado é, nesse caso, o lugar, ou seja, o espaço por ele apropriado: essa complexidade ambiental onde se *inter-ligam* e *inter-agem* todos os seres que a constitui e são por ela constituídos.

Considerando que o lugar afeta o indivíduo, fazendo variar sua potência de ação, precisamos compreender quais as consequências sócioambientais dessa afetividade. Como já mencionamos, Bodernave (1994) compreende que a participação tem uma base afetiva e outra instrumental, não devendo uma sobressair-se à outra. A seguir faremos uma leitura dessa questão a partir do que compreendemos por atividade comunitária e participação subjetiva, essa duas faces de uma mesma moeda.

2.1.3 Participação subjetiva e a atividade comunitária: as duas faces de uma mesma moeda

Antes de qualquer coisa, estamos compreendendo que a participação subjetiva é intrínseca à atividade comunitária, pois esta última é mediada por uma afetividade em função da qual pode ser libertadora ou opressora para o sujeito. Por isso é preciso ter claro qual o sentido de se estudar o fenômeno da participação social dentro da psicologia social. Qual o seria se não o de buscar neste um caminho para a libertação dos espíritos oprimidos por suas condições de vida? Qual o seria senão o de buscar na participação um caminho para a felicidade? Se admitirmos que a felicidade de um indivíduo depende das condições de vida

que o submetem, passamos a admitir também que ele precisa do outro para ser feliz, uma vez essas mesmas condições são compartilhadas em sociedade.

As boas condições de vida de uma coletividade precisam, então, por ela serem buscadas. Para tanto uma coletividade precisa de coesão social para reivindicar direitos humanos essenciais, tais quais: condições adequadas de moradia, educação e salubridade, mas também para promovê-los. Não se pode desresponsabilizar uma pessoa-coletividade da busca de sua felicidade com a oferta excessiva de assistência governamental. A necessidade de ser feliz precisa ser considerada condição potencializadora da ação promotora dos “bons encontros” em uma comunidade por seus moradores. A promoção de bons encontros é uma questão ética para Espinosa. Segundo Deleuze, a obra “Ética” daquele filósofo:

Vai nos falar de afetos ativos nos quais já não há paixões, nos quais a potência de agir é conquistada em vez de passar por todas as variações contínuas. Este é um ponto muito estrito. Há uma diferença fundamental entre ética e moral. Spinoza não faz moral, por uma razão muito simples: ele nunca se pergunta o que nós devemos, ele se pergunta todo o tempo do que nós somos capazes, o que está em nossa potência; a ética é um problema de potência, e jamais um problema de dever. Nesse sentido, Spinoza é profundamente imoral. O problema moral, o bem e o mal; Spinoza tem uma certeza alegre porque não compreende o que isso quer dizer. O que ele compreende, são os bons encontros, os maus encontros, os aumentos e diminuições de potência. Ele faz uma ética e de maneira nenhuma uma moral. (Deleuze, 2009, p. 43)

Os bons encontros são para Espinosa aqueles que aumentam a potência de agir dos seres por basearem-se em afetos ativos, isto é, ações das quais somos causas adequadas. Essa é uma afetividade emancipadora, pois é geradora de uma autonomia libertadora das amarras servis que submetem um homem a outro.

O indivíduo livre (razoável, forte) é aquele que tem potência para agir e escolher os encontros que lhe convêm — os bons encontros. O indivíduo fraco (servil) é o que busca a escravidão, que não tem suficiente força de existir para escolher os bons encontros e por isso os vivencia de maneira aleatória. Nesse caso, ao contrário do indivíduo livre, ele terá mais maus encontros do que bons e, em consequência, tenderá a ser queixoso e a atribuir a culpa de seus infortúnios a fatores externos. Com isso, sua potência para agir diminuirá até chegar ao virtual desaparecimento. (Mariotti, 2010, p.13)

Estamos então chegando ao entendimento que pelo menos duas capacidades humanas precisam ser desenvolvidas nas pessoas de uma comunidade para os processos de gestão coletiva de seus interesses: consciência crítica e comunicação dialógica. Essas duas capacidades são elementos de uma racionalidade ético-afetiva que é mediada pela afetividade intrínseca ao ser humano. Entretanto, o caminho que leva ao desenvolvimento dessas

capacidades não deve sucumbir à necessidade afetiva básica de ser feliz. Para que a busca da consciência crítica e da comunicação dialógica sejam libertadoras, elas precisam ser sentidas como tal, não podendo ser sentidas como constrangimento, cobrança ou obrigação para com a realização da vontade de um outro que proclama um caminho a ser seguido. Essa busca precisa ser impulsionada não pelo motivo de outrem, mas sim, subjetivamente pela vontade de realização de desejos e suprimento de necessidades. Essa busca precisa ser a própria atualização da felicidade, por isso ela tem que ser sentida como bons encontros, aqueles nos quais as pessoas se sintam numa atmosfera de amizade, alegria, identificação, esperança, confiança e entusiasmo. Isso é imprescindível para o processo participativo, seja ele visto sob uma perspectiva autotélica²⁰ ou teleológica.

A compreensão e a consideração da base afetiva da participação é a nosso ver o caminho mais fecundo da libertação. A base instrumental da participação pode tornar-se opressora, se aquela for desconsiderada em favor de uma “eficácia da ação” como nos alerta Sawaia.

A participação subjetiva vai além da eficácia da ação. Ela é potência de ação. Participação e subjetividade são indissociáveis, mas não se reduzem umas às outras. Se a preocupação da participação como eficiência de ação em detrimento da subjetividade gera normatização, ditadura das necessidades e os ganhos de participação e cidadania se convertem em perda de subjetividade, o seu contrário também é verdadeiro. (SAWAIA, 1997, p. 157)

Estamos compreendendo, então, que uma participação social libertadora, com ganhos de cidadania tem que considerar também os ganhos subjetivos, sendo importante a busca do equilíbrio entre suas bases afetivas e instrumentais. Para clarificar o que estamos tratando nesse trabalho por base instrumental da participação, nos remeteremos ao que Góis (2005) denomina por atividade comunitária, mais uma vez enfatizando que esta guarda toda a dimensão subjetiva já supracitada:

Entendemos a atividade comunitária como um sistema complexo de interações instrumentais e comunicativas [...]. A dimensão instrumental da atividade comunitária é caracterizada pelo uso de ferramentas necessárias à transformação objetiva e funcionamento da comunidade [...]. Quanto à dimensão comunicativa, esta compreende o diálogo, a expressão de sentimentos e a cooperação entre os moradores, no intuito de alcançar os objetivos da atividade comunitária e favorecer o desenvolvimento das relações sociais da comunidade. (p.87-88)

²⁰ A experiência autotélica, segundo Silva “descreve um tipo particular de experiência que é tão absorvente e prazerosa que ela se torna autotélica, isto é, valorosa por fazer algo para o seu próprio bem, mesmo que não tenha qualquer consequência externa. Atividades criativas, música, esportes, jogos e rituais religiosos são alguns exemplos típicos deste tipo de experiência” (SILVA, 2007, p. 58).

Lapidando essa categoria, Góis nos permite enxergar a indissolubilidade entre participação e subjetividade. A expressão da afetividade na atividade se dá por via da comunicação dialógica, sensível e cooperativa entre os participantes de uma coletividade. Entretanto, o que é interessante, é que em pesquisa recente, este autor observou que o tipo de atividade comunitária desenvolvida pelo morador de uma comunidade não está diretamente relacionado com a formação de sua consciência crítica:

O que vimos em nosso estudo (Góis, 2005), foi diferente do que pensávamos, ou seja, o tipo de atividade comunitária (lazer/ajuda funcional, cooperação/produção e política) não exerce influência sobre a consciência. Isso também indica que qualquer atividade pode levar ao desenvolvimento da consciência dos moradores, bastando para isso que sejam realizadas levando-se em conta certos aspectos intrínsecos a elas, como temos observado anteriormente. Não é propriamente a atividade comunitária como um todo (variáveis de participação) o que influi na consciência pessoal dos moradores. Somente o papel que o morador exerce na atividade e seu modo de participar são significativos como caminho de conscientização. (GÓIS, 2008, p.94)

Nesse estudo vemos a importância da dimensão subjetiva da participação. O que numa atividade comunitária possibilita a formação de uma consciência crítica, “ganhos de cidadania e participação”, são os “ganhos subjetivos” que esta permite ao indivíduo. Aqui precisamos compreender que, num processo sócio participativo de uma sociedade justa e democrática, um ganho subjetivo não implica num ganho exclusivamente individual. Subjetividade e sociedade são dimensões dialéticas de uma mesma unidade, como bem delinea Sawaia:

O ser da participação é exterior a si mesmo, é imanente à sociedade, reside na dialética que a constitui e nas idéias reguladoras de justiça, de igualdade e de felicidade. Portanto, a ambigüidade de sentidos que ele manifesta, empiricamente, não é da ordem da imprecisão conceitual, própria a um conceito “guarda-chuva”, mas reveladora das contradições que constituem a sociedade capitalista neoliberal. (2002, p. 120)

Góis (2005) ao tratar da noção de atividade humana oferece-nos uma rica apresentação conceitual desta categoria tal como é tratada por vários autores da psicologia social, os quais a revelam em suas dimensões, interativas, objetivas e subjetivas. A atividade comunitária se caracteriza por um tipo de ação prática e coletiva que é orientada pela finalidade de se atingir a autonomia do morador e da comunidade na direção do fortalecimento da identidade social dos mesmos. A atividade comunitária dirige-se igualmente para prover as demandas oriundas dos motivos pessoais dos moradores:

A atividade comunitária dirige-se não somente para o desenvolvimento da autonomia da gestão coletiva e competência na resolução de problemas, mas igualmente, para a realização dos motivos pessoais e comunitários, por ser uma atividade pessoal e coletiva socialmente significativa e que dá respostas às demandas da comunidade e dos indivíduos. Conduz, até mesmo, à contínua superação das contradições entre o individual e o social na comunidade, como também à construção de uma ética comunitária. (GÓIS, 2008, p.92)

Abordamos essa concepção de atividade comunitária, pois compreendemos que com essa categoria podemos investigar a relação entre a estima de lugar e a participação social nos sujeitos investigados, não nos restringindo somente àquelas atividades consideradas escopo de uma ação política ideológica. Assim, ao investigarmos a participação social dos alunos pesquisados em seus bairros, estamos considerando todas e quaisquer atividades comunitárias que, tendo uma base afetiva, se dirige para a realização de seus motivos pessoais e comunitários. Uma vez que os motivos participativos da atividade comunitária se revelam de forma comunicativa nos encontros, buscaremos promover encontros do jovem morador pesquisado com o ambiente de seu bairro, para então, poder investigar sua estima de lugar com relação a este. Como veremos seguir a construção social da estima de um lugar depende do nível de apropriação dos seus espaços por seus habitantes. Considerando que a participação social num lugar é uma forma de apropriação do espaço, a estima de lugar é a sua medida afetiva.

2.1.4 A participação social na perspectiva afetiva da psicologia sócio-ambiental a partir do sintagma²¹ apropriação do espaço - identidade social urbana - estima de lugar.

Como o título deste item sugere trataremos aqui de mostrar como os elementos do sintagma proposto se articulam de tal modo a complementarem os significados uns dos outros. Estamos propondo o sintagma apropriação do espaço – identidade social urbana – estima de lugar, admitindo que ele envereda-se pelo mesmo escopo teórico-prático do sintagma identidade-metamorfose-emancipação, objeto conceitual investigado pelo NEPIM (Núcleo de estudos e Pesquisas sobre Identidade-Metamorfose) sob coordenação de Antônio

²¹ “Sintagma é um segmento linguístico que expressa uma relação de dependência. Nessa relação de dependência, diz-se que existe um elemento determinado e outro determinante (ou subordinado), estabelecendo um elo de subordinação entre ambos. Cada um desses elementos constitui um sintagma. Na concepção original de sintagma, essa noção era utilizada para se referir a qualquer segmento linguístico: a palavra, a sentença e o período. Mais recentemente, o termo sintagma é comumente empregado para se referir às partes da sentença. O sintagma identidade-metamorfose-emancipação proposto aqui na psicologia social e trabalhado nos diferentes campos de atividade humana revelam exatamente essa interdependência, onde um não pode ser discutido sem o outro.” (OLIVEIRA CAMPOS, disponível em: <<http://dosintagmaeoutrasconsideracoes.blogspot.com/2009/11/da-identidade.html>>. Acesso em: 20 mar. 2010.

da Costa Ciampa na PUC/ SP. A diferença é damos uma especial importância para o papel do espaço físico na construção da identidade. Seguimos o método do materialismo histórico, pelo qual Vygotsky propõe a noção da dialética marxista pra superar as dicotomias recorrentes nas ciências psicológicas: corpo-mente, indivíduo-sociedade, natureza-sociedade, sujeito-objeto na formação social da mente. Dentro dessa abordagem considera-se que o homem se constitui ininterruptamente como identidade numa metamorfose mediada por sua atividade no mundo. Nessa metamorfose ele também transforma a sua realidade e prossegue seu desenvolvimento nesse movimento contínuo. O referido sintagma aborda quais e como são as metamorfoses que se dirigem para emancipação humana:

O que se pretende hoje, esquematicamente, é uma sistematização teórica em que se expresse, através do referido sintagma, a concepção de identidade como formação social, que se dá como metamorfose, constituindo o humano concreto no movimento, em busca de emancipação, seja de coletividades, seja de individualidades, o que permite articular natureza e sociedade como história. (OLIVEIRA CAMPOS, 2010)

Exatamente por articular natureza e sociedade como história é que precisamos considerar a importância dos espaços construídos na constituição de nossa identidade. O entorno é a uma expansão de nossa identidade, pois em tudo o que construímos fica um pouco de nós e, pelo seu reverso, somos muito do lugar onde vivemos e levamos muito dos lugares por onde passamos. Nessa interação intercambiamos arquitetura, linguagem, costumes, artes, crenças, valores, enfim todo o substrato cultural da ontologia homem-natureza. O homem em sua ontologia se apropria do mundo transformando-o em um mundo hominizado com “objetos” que atendam às suas necessidades. Entretanto seus artefatos não são objetos diferentes de si. Segundo Valera (1994) o interacionismo simbólico nos ensina que os objetos criam natureza ontológica na medida em que os homens lhes conferem significados, tornando-se construções sociais.

La identidad social también puede derivarse del sentimiento de pertenencia o afiliación a un entorno concreto significativo, resultando entonces una categoría social más (Aragón, Corraliza, Cortés y Américo, 1992). Por otro lado, desde la perspectiva del interaccionismo simbólico, todos los objetos -y en el sentido que da Blumer (1969) al término "objeto" pueden incluirse tanto los espacios como también las categorías sociales- adquieren su naturaleza ontológica a partir de los significados conferidos por individuos y grupos o, en terminología de Berger y Luckman (1966), pueden ser considerados construcciones sociales. (VALERA & POL, 1994)

Considerando, pois, o lugar como construção social, podemos entender sua participação na construção da identidade. Nesse sentido é que Valera & Pol (1994) reclamam o papel do entorno nos estudos da identidade social dentro da psicologia social. Segundo estes, se a psicologia social considera que a pertença a grupos ou comunidades condiciona a formação de uma identidade social no sujeito, a pertença a um lugar também condiciona nesse a formação de uma identidade social urbana. Ocorre que o sujeito para identificar-se com o espaço, criando vínculos e conferindo-lhe significado, precisa interagir com este de forma palpável, isto é deixando nele suas marcas. Assim, através da apropriação dos espaços o sujeito os transforma em lugares, conferindo-lhes valor simbólico e a partir daí se identifica com o mesmo, internalizando-o como parte de si. Portanto apropriar-se do espaço significa um duplo processo de ação-transformação e identificação simbólica pelo qual homem e natureza transformam-se um ao outro num movimento dialético. O espaço sem apropriação é espaço alienado, palco ou cenário, mas não é considerado lugar. Assim se considerarmos por uma analogia que o espaço é o cenário, o lugar passa a ser a cena. Assim como os personagens se revelam na cena as identidades se revelam nos lugares. Como vemos há uma intrínseca relação entre espaço apropriado, identidade pessoal e identidade social, tal com nos esclarece Valera e Pol na seguinte citação:

[...] si consideramos que una de las categorizaciones que configura la identidad social de un individuo o de un grupo es la que se deriva del sentido de pertenencia a un entorno, parece correcto pensar que los mecanismos de apropiación del espacio (Korosec, 1976) aparecen como fundamentales para este proceso de identificación. Sea a través de la accióntransformación o bien de la identificación simbólica (Pol, en prensa) el espacio se convierte em lugar, es decir, se vuelve significativo (Jørgensen, 1992). El mecanismo de apropiación facilita el diálogo entre los individuos y su entorno en una relación dinámica de interacción, ya que se fundamenta en un doble proceso: el individuo se apropia del espacio transformándolo física o simbólicamente y, al mismo tiempo, incorpora a su *self* determinadas cogniciones, afectos, sentimientos o actitudes relacionadas con el espacio que resultan parte fundamental de su propia definición como individuo, de su identidad del *self* (Proshansky, 1976). (VALERA & POL, 1994)

É importante frisar, ainda, que por estar aportada na psicologia ambiental, saber interdisciplinar, a estima de lugar é uma categoria que se constrói também de forma interdisciplinar, valendo-se dos saberes da arquitetura, geografia, sociologia etc., bem como passar a ser um saber transversal a essas áreas afins. Entretanto não se perde da psicologia por manter o foco na dimensão subjetiva do ambiente. Assim também a estima de lugar é

categoria socialmente construída sob uma base dialética²² onde se articulam a representação social do lugar (composta também da reputação e a imagem do lugar), o nível de apropriação do espaço e, portanto, de identificação que o sujeito tem com este, o estabelecimento de vínculos afetivos (enraizamento, pertença e apego ao lugar), dentre outros. A construção da estima de lugar apóia-se, na avaliação da qualidade de habitação e uso do ambiente, isto é, segurança, limpeza, organização, sofisticação, estética, preservação ambiental, legibilidade, sinalização, acessibilidade etc., na qualidade dos vínculos sociais de amizade e boa convivência, na imagem social do lugar perante a sociedade e, principalmente, no nível de apropriação do espaço do indivíduo que o estima. A estima de lugar refere-se, pois, ao apreço, a valoração, o apego com relação ao lugar. Ocorre que, como o morador constitui seu lugar de moradia, se este é valorizado, aquele também o é, aumentando sua autoestima. Uma estima positiva do lugar aumenta a autoestima do seu morador, quando este tem identificação com aquele. Como vemos, a estima de lugar é formada a partir da avaliação afetiva de um ambiente. Como o ambiente é uma rede complexa por muitos elementos, estima de lugar dá-se a partir de uma síntese valorativa. Para entender como se dá essa síntese Bomfim (2003) tenta desmembrá-la e analisá-la através de mapas afetivos.

O estudo dos mapas afetivos orienta-se pela busca de uma síntese dos afetos, na qual se articulam os elementos afetivos presentes nas formas de ver, representar e sentir o lugar; pela investigação das imagens cognitivas e metafóricas do lugar²³ e pelos processos de apropriação do espaço e de identidade social urbana. A esse complexo de sentimentos, sentidos, significados, imagens e representações que permeiam a relação pessoa-ambiente Bomfim (2003) denominou de mapas afetivos, que segundo a autora, propicia nas pessoas construção de imagens afetivas com relação aos seus lugares. Essas imagens, por serem acompanhadas de sentimentos podem indicar, segundo Bomfim, uma estima positiva ou negativa com relação ao lugar.

A positividade (ou negatividade) da estima é intrínseca aos sentimentos que a acompanham e baseia-se na teorização de Agnes Heller sobre os sentimentos orientativos.

²² A noção de dialética a qual utilizamos é aquela que Lefebvre define como sendo “um movimento que traz ao mesmo tempo o conflitual e o contraditório e liga teoria e prática. Por exemplo, homogêneo e fragmentado, efêmero e durável. A intenção não é negar nem um nem outro termo, nem transcendê-los, mas revelar o contínuo movimento entre eles.” (KOFMA, LEBAS *apud* RAMOS, 2001, p. 9)

²³ Imagens cognitivas dizem respeito às representações dos lugares em suas formas físicas concretas (prédios, avenidas, monumentos, veículos, pessoas etc.). Conforme é definido por Kelvin Lynch (1997), imagens metafóricas dizem respeito às representações dos lugares em formas abstratas. Estas são usadas para fazer comparação analógica do que significa um determinado lugar para a pessoa (assim um lugar pode ganhar a forma de um coração, um risco, um lixão, uma pessoa amedrontada, etc.)

“Eles são orientativos porque a sua função primária é a orientação, sua fonte também é a experiência, o sistema de objetivação, os conhecimentos” (BOMFIM, 2003, p.48). Segundo essa autora há sentimentos que orientam a ação do indivíduo na cidade, fazendo-o implicar-se mais ou menos com esta.

Nesse estudo consideraremos esses sentimentos, não com positivos ou negativos, mas como potencializadores ou não da ação do indivíduo. Assim trataremos a estima por estima potencializadora ou despotencializadora.

A essa síntese simbólica construída pela mediação da afetividade para com os lugares, Bomfim (2003) denominou Estima de Lugar. Como a estima é fenômeno subjetivo, sua investigação depende de um método para sua objetivação. O método para a investigação da estima é composto de duas fases: a aplicação do instrumento gerador dos mapas afetivos e a análise do mesmo, através de uma categorização de seus conteúdos (representações, sentimentos, imagens e qualidades que o indivíduo tem de um lugar).

A partir da análise dos resultados da pesquisa ‘a Cidade e a Escola’, constatamos que 86% dos alunos apresentavam com relação aos seus bairros imagens de Destruição, Insegurança e Contraste, que segundo Bomfim (2003) indicavam uma Estima de Lugar negativa de seus bairros. O restante apresentava imagens de Agradabilidade e Pertença, indicadoras, em contraponto, de uma Estima de Lugar positiva dos mesmos.

Como vemos os indicadores da Estima de Lugar são imagens geradas a partir dos mapas afetivos. Esses pressupostos assentam-se na seguinte consideração de Bomfim (2003) em sua tese de doutorado:

Na principal análise desta tese, observamos que as imagens de contrastes e de destruição são as que levam a predisposições negativas dos habitantes com a cidade, ou seja, tendencialmente formam-se a partir de sentimentos de medo, tristeza, insegurança, solidão, desesperança, desconforto, ambigüidade de emoções e sentimentos, descaso, etc. São sentimentos e emoções que diminuem a potência de ação do habitante no seu encontro com a cidade, gerando potência de padecimento, na compreensão de Espinosa, levando a uma implicação negativa no que Heller denominou de *sentimentos orientativos* (Bomfim, 2003, p.204).

Portanto, consideramos pertinente dar continuidade ao estudo, focando agora a dimensão para a participação social desses jovens. Considerando um sentido amplo da ação comunitária participativa, o estudo dos processos psicológicos que a envolve se torna cada vez mais necessário. Por um lado, a participação do cidadão no planejamento urbano e na elaboração das políticas públicas locais viabiliza uma melhoria de sua qualidade de vida, uma vez que é, a partir da apresentação de suas demandas, que se traçam as diretrizes político-

governamentais do desenvolvimento sócioambiental de uma localidade. Por outro lado, a forma de participação dos cidadãos na vivência das atividades coletivas de sua comunidade é a própria expressão de sua qualidade de vida.

O processo de investigação dos mapas afetivos coloca o indivíduo na condição de expressar um tipo de afetividade pouco considerada, mas que tem uma grande importância política, que é a afetividade com os lugares de sua vida. O instrumento gerador dos mapas afetivos (BOMFIM, 2003), de fato se propõe a gerar significados em relação aos ambientes como território emocional. Portanto, a intenção aqui é a de investigar, a partir dos mapas afetivos, a estima de lugar desses alunos e sua relação com a participação social dos mesmos em seus bairros de moradia.

A participação só é ética se for baseada nos bons encontros. Como diz Sawaia (1997) a participação em movimentos sociais só tem sentido e é ético-afetiva se trazer uma emancipação que é sentida no cotidiano das pessoas, caso contrário, se cai nas “armadilhas escravizadoras da participação (p 153).” Portanto compreendemos que toda ação comunitária participativa, seja finalista ou autotélica, para ser ético-afetiva, precisa ser libertadora e, para tanto, baseada na experiência dialógica.

Compreendemos que fazer as pessoas participarem de movimentos político-idealistas com finalidades abstratas e totalizadoras, só as distanciam de suas necessidades afetivas básicas e, portanto, de si mesmas, o que por sua vez, enfraquece-as e padece-as em suas volições para a ação. O que é melhor para o mundo tem que passar pelo o que é perceptivelmente melhor para a vida cotidiana do indivíduo também e vice-versa. Essa é a dialética que implica, potencializa e emancipa. Essa concepção de participação política é contrária àquela em que se valoriza o sacrifício do bem-estar pessoal em prol do bem coletivo, tratando-os dicotomicamente.

O sentido de participação subjetiva, implícito na estima de lugar positiva, impulsiona o indivíduo na direção da realização de suas necessidades. Essa necessidade é também a de um coletivo que não sucumbe ao *connatus* individual e vive-versa. Sawaia (2002), com base no pensamento de Espinosa, nos fala de uma ética participativa ontológica que se baseia num paradigma da subjetividade como positiva, já que este filósofo trata do ético e do político como imanente às paixões que potencializam a ação, ou seja, aos afetos.

Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as idéias dessas afecções. Assim, quando podemos ser a causa adequada de alguma dessas

afecções, por afeto, compreendo, então, uma ação; em caso contrário, uma paixão. (ESPINOZA, 2008, p.163)

Há, portanto, nessa perspectiva, ao contrário de outras que tentam negar ou controlar as emoções, uma afirmação dessa afetividade, pois se considera ser ela o motor da ação. Uma ética participativa ontológica seria então aquela que apontaria para um horizonte onde a participação é também desejo, alegria, entusiasmo. Essa participação pode estar presente tanto nas ações comunitárias quanto na potência dessa ação. Nas palavras de Sawaia (2002):

Essa concepção livra a participação da obrigação (um dever do cidadão), da moralidade (participar por tratar-se de atitude virtuosa) e da renúncia. Ela não é motivada por virtude política, por consciência social ou por altruísmo, mas por necessidade, pelo desejo de ser feliz e livre. Participar para não ser governado, para viver em alegria, de ser comandado e para evitar que o desejo de não ser governado de uns transforme-se em desejo de governar e o poder se personalize. (Sawaia, 2002, p.125).

Para compreender os processos que fazem o homem se implicar na construção das realidades coletivas é preciso entender não o que ocorre internamente no sujeito, nem tão pouco o que lhe ocorre externamente, mas o que ocorre na relação do homem com seu ambiente sócio-físico e com o outro. A afetividade que permeia essa relação do indivíduo com seu entorno é o que possibilita neste a geração de seu Mapa Afetivo, o qual, por sua vez, indica sua Estima de Lugar com relação ao mesmo (BOMFIM, 2003). O estudo desta estima dá subsídios para o estudo da potência de ação²⁴ que impulsiona a ação participativa. Este estudo busca a compreensão dos pensamentos / sentimento responsáveis pela implicação do indivíduo com as questões de ordem ético-políticas, ou seja, daquelas que tratam das decisões que dirigem o fazer coletivo em sua idealização, planejamento e execução, pois, segundo Góis (2008):

O processo de planejar origina-se na consciência e a desenvolve; por isso, além de ser um ato intelectual e técnico, é um ato social, comunicativo, dialógico. Nesse sentido, aprofundando a comunicação entre os pensares diversos, entre os diferentes, o ato de planejar tende a ser solidário, político, portanto, socialmente ético. (p. 74)

²⁴ Segundo Sawaia (1999) o conceito de potência de ação em Espinosa diz do direito que todo indivíduo tem de se expandir e se afirmar, movimento que o dirige para a liberdade. O seu contrário, a potência de padecer, gera servidão, se caracterizando como a atitude de colocar sob responsabilidade de outrem as afecções do próprio corpo.

Incorrer sobre a implicação do sujeito numa relação com o lugar, inevitavelmente nos remete a questão de como ele se afeta se percebendo nele ou de como ele se compromete nessa relação. No estudo desse comprometimento e envolvimento há de se compreender como ocorrem os processos emocionais e cognitivos que os embasam, sabendo que estes também coexistem dialeticamente, e como eles repercutem nas ações humanas. Como diz Bomfim (1999, p. 99) “partimos do entendimento que dissociar o afeto da consciência e da atividade é estimular a alienação e a relação de dominação existente na sociedade”. Tratar, portanto, da *ação* do sujeito no seu mundo relacional, qualquer que seja a idéia de movimento que a subjaza: *interação*, *implicação*, *reflexão*, *motivação*, *avaliação* etc., remete ao estudo de uma ‘racionalidade ético-afetiva’. Com essa expressão, Sawaia (1999) elucida que a razão não se separa da emoção e essas da ética que respaldam.

Torna-se, pois, relevante a consideração da afetividade no estudo dos processos sócio participativos, uma vez que esta categoria de estudo integra o agir e o sentir, verbos tão valiosos para àqueles. Estudar a afetividade significa, então, buscar uma compreensão sobre a gênese dos sentimentos que conduzem a ética que os homens estabelecem para melhor se relacionar com o ambiente compartilhado. A propriedade de um ser humano de afetar ou ser afetado está intrinsecamente relacionado com sua propriedade de agir no mundo.

CAPÍTULO III: A cidade e o bairro

*Cada caco é belo porque nele se encontra o mosaico.
(Saint-Exupéry, em O pequeno príncipe)*

A frase acima nos é cara para que possamos melhor expressar como estamos considerando a relação entre o bairro e cidade nesse trabalho. Trataremos do bairro sempre em sua íntima relação com a cidade. Com aporte em Lefebvre, grande teórico do urbano, compreendemos que é necessário desconstruir aquela ideologia de bairro que o retrata como essência e matriz da cidade, para, então, percebê-lo como um fragmento que carrega em si os traços urbanos daquela. Precisamos compreender a dialética entre bairro e cidade, uma vez que o bairro constitui a cidade e é constituído por ela, entretanto nenhum se reduz ao outro. Assim o bairro reflete sempre as transformações urbanas e embora não seja a cidade, nele ela se encontra. Diríamos então, que cada bairro é belo porque nele se encontra a cidade. É importante ver um bairro com uma célula que contem uma totalidade. A visão molar vê o bairro como um todo e não que a cidade é a soma dos bairros.

Para compreendermos melhor a idéia de bairro precisamos compreendê-lo como fenômeno urbano, por isso dividiremos esse capítulo em dois subitens para tratarmos primeiro das cidades e depois do bairro e de sua eleição em nosso estudo.

3.1 A cidade

As primeiras cidades²⁵ surgiram apenas depois de uma revolução agrícola, pela qual o homem trocou o extrativismo nômade pela fixação em território de cultivo de seus alimentos e pastoreio, através da dominação de técnicas agrícolas e da domesticação de animais, “assim a sobrevivência humana foi se libertando das mãos meramente coletoras, passando a depender mais das mãos produtoras” (COTRIN, 1996, p.19). Essas circunstâncias inscrevem-se no período neolítico da pré-história (10 mil a.C. a 4mil a.C.), portanto, antes do aparecimento da escrita e formação do Estado, sendo denominada também por Revolução Neolítica. Estes eventos são os que irão caracterizar o surgimento das cidades da idade antiga. Algumas dessas cidades pré-históricas, com população não superior a 2 mil habitantes, desenvolveram, segundo Cotrin (1996 p.18), “atividades tipicamente urbanas, baseadas no artesanato e no

²⁵ “Entre as cidades mais antigas do mundo destacam-se Jericó (VIII milênio a.C.) e Beidha (VII milênio a.C.). Ambas estão localizadas na região da palestina. Também merece destaque Catal, Hüyük (VII milenio a.C.) situada na antiga turquia.” (COTRIN, 1996, p.21)

comércio, criando um modo de vida distinto do rural”. Como vemos o urbano diferencia-se do rural por configura-se como território de produção de artefatos e de sua comercialização. O termo *urbes* não generaliza a cidade, apenas delimita as cidades que sofrerão o processo de urbanização.

Veremos que o processo da urbanização triunfa na história daquelas sociedades que passaram pelos estágios mais avançados da civilização, as quais se delineiam, numa sequência de causas e efeitos respectivamente pela produção de excedentes, divisão social do trabalho, estratificação da sociedade em classes sociais e formação do Estado, sendo que para este último foi imprescindível o surgimento da escrita.

Segundo Lynch (2007), tal como já mencionamos, as cidades precedem os primeiros registros escritos, entretanto a mitologia e os estudos arqueológicos apontam-nos suas existências e indicam-nos suas características. Esses conhecimentos permitem-nos saber que:

A evolução independente e relativamente súbita para um estado de civilização ocorreu aproximadamente seis ou sete vezes na história da humanidade²⁶. Esta evolução foi sempre acompanhada pelo surgimento de cidades, isto é, por aglomerados populacionais, grandes e relativamente densos, de povos heterogêneos, que organizaram um vasto território rural em torno de si próprios. Com as cidades e com a civilização surgem as sociedades estratificadas, a propriedade desigual, os especialistas a tempo inteiro e, normalmente, a escrita, a ciência, a guerra, a arte realista, as artes do luxo, o comércio a longa distância e os centros cerimoniais ocidentais. (p. 10)

É importante compreender o desencadeamento histórico das *urbes*, porque estas vêm ameaçar a cidade política, alvo deste nosso trabalho. Entre o período neolítico da revolução agrícola e a instituição dos primeiros Estados na Civilização Mesopotâmica²⁷, ocorreu um período denominado de Barbárie, o qual criou as condições de possibilidades de emergência dos Estados, isto é, instituições político-administrativas compostas de um governo soberano, um território e uma população. Isto se deu porque o cultivo numa mesma terra nem sempre era permanente, uma vez que não era possível manter a terra produtiva por muito tempo. Tendo, por consequência da vida sedentária, um aumento na população das hordas, estas saíam em grande número em busca de territórios férteis para fixação agro-pastoril. Segundo

²⁶ “ Na Suméria e, talvez de forma independente no Egito; no Vale do rio Indo; na China da dinastia Shang; na Meso-América e, possivelmente também de forma independente, no Peru; e muito provavelmente em certas áreas, ainda não estudadas em pormenor, do sudeste da África.” (LYNCH, 2007, p.10).

²⁷ “Mesopotâmia é a região do Oriente Médio por onde correm os rios Tigre e Eufrates, até desagurem no golfo pérsico. Em grego significa “terra entre rios”. Essa região tem singular importância histórica, pois, conforme renomados arqueólogos, foi o berço das primeiras civilizações. Ali, o homem realizou façanhas notáveis: construiu as primeiras cidades, estruturou o Estado, criou um dos primeiros sistemas práticos de escrita, e desenvolveu uma economia produtora de excedentes para o comércio.” (COTRIN, 1996, p.28)

Pedro e Cáceres (1982, p.7), “a guerra foi se tornando, pouco a pouco, uma ocupação normal que permitia a sobrevivência e a expansão dos grupos sociais mais complexos: as tribos, que se apropriavam coletivamente das terras”.

Do surgimento de lugarejos e tribos²⁸ à organização da vida política, ocorrem grandes transformações, principalmente no que se refere à submissão de pequenos núcleos sociais a normas políticas de instituições estatais, tal como relata Esteve (1980, p.81) “La lucha por la existencia obligó a las familias que formaban las primeras agrupaciones urbanas a una cierta organización, y esta organización há sido el precedente del Estado com institución”. Na formação do Estado, essa instituição política com poder militar, organiza-se um governo para administrar a sociedade e controlá-la. Ele surge no contexto da sociedade de classes para assegurar os interesses da classe dominante, garantindo-lhes suas propriedades privadas. Por essa linha de pensamento o Estado só aparece quando aparece a propriedade privada em fins da pré-história e início da idade antiga. Antes, no paleolítico, os homens coletores, caçadores e pescadores viviam em estado de cooperação, onde o tempo de trabalho limitava-se àquele para obtenção de alimentos suficientes para suprir o grupo e segundo Cotrin (p. 19) “não se trabalhava além desse limite, e o resto do tempo era ocupado com atividades de lazer e de prazer: festas, danças, cerimônias rituais, refeições, banhos, brincadeiras, etc.”.

Tendo apresentado a teoria histórica mais difundida para entender a formação da cidade política e do Estado a partir da revolução agrícola, é importante tomar conhecimento de outra possível versão dos fatos com Lefebvre (2007), o qual considera que a questão da relação entre a cidade e campo está longe de ser resolvida:

A representação segundo a qual o campo cultivado, a aldeia e a civilização camponesa, teriam lentamente secretado a realidade urbana, corresponde a uma ideologia. Ela generaliza o que se passou na Europa por ocasião da decomposição da romanidade (do Império Romano) e da reconstituição das cidades na idade média. Pode-se muito bem sustentar o contrário. A agricultura somente superou a coleta e se constituiu como tal sob o impulso (autoritário) de centros urbanos, geralmente ocupados por conquistadores hábeis, que se tornaram protetores, exploradores e opressores, isto é, administradores, fundadores de um Estado ou de um esboço de Estado. A *cidade política* acompanha, ou segue de perto, o estabelecimento de uma vida social organizada da agricultura e da aldeia. (p.21)

Entretanto o que consideramos importante compreender neste estudo a partir do que foi exposto são as tensões entre o político e o econômico que acompanham o

²⁸ O conceito antropológico de tribo é: “Grupo social com relativa coesão territorial, lingüística e cultural, sem autoridade central nem organização política fortes, e que pode incluir famílias ou subgrupos em estreita relação.” (FERREIRA, 2005, p.791).

desenvolvimento das cidades desde o estabelecimento das sociedades de classes. É sabido que a classe burguesa (antigos feirantes e mercadores) só começa a exercer seus domínios sobre o Estado em fins da Idade Média da Europa ocidental. Antes disso os comerciantes historicamente foram repudiados nas cidades políticas, tal como diz Lefebvre:

A cidade política resiste com toda a sua força, com toda a sua coesão; ela sente-se, sabe-se ameaçada pelo comércio, pela mercadoria, pelos comerciantes, por sua forma de propriedade (a propriedade mobiliária, movente por definição: o dinheiro). Inumeráveis fatos testemunham a existência, ao lado da Atenas política, tanto da cidade comercial, o Pireu, quanto às interdições em vão repetidas à disposição de mercadorias na ágora, espaço livre, espaço do encontro político. Quando Cristo expulsa os mercadores do templo, trata-se da mesma interdição, com o mesmo sentido. (1999, p.22)

O que precisamos também compreender é que o que possibilita o crescimento urbano não é simplesmente a proliferação das atividades comerciais nas cidades, mas o domínio das atividades produtivas por um poder soberano, isto é, a centralização do poder de governar as cidades nas mãos de um soberano e um Estado forte que o proteja. Isso se torna evidente, segundo Sposito(2005) quando sabemos que o crescimento urbano acelerou-se significativamente sob égide dos impérios da história da civilização e arrefeceu-se quando de suas dissoluções. Assim as cidades-Estado gregas autônomas e, portanto, livres de um poder central mantiveram suas características de *cidades políticas* até que foram submetidas ao Império Romano e então aniquiladas. Este império é o responsável pelo crescimento urbano explosivo na Idade Antiga. Com a queda do império romano a Idade Média desponta no cenário europeu com sua política feudal descentralizadora e com massiva ausência de vida urbana. Seguindo ainda a mesma linha histórica, depois de quase mil anos de “adormecimento”, a Europa acorda à luz do Renascimento Urbano em fins da Idade Média com a falência do modo de produção feudal e o surgimento do modo de produção capitalista que vem a se instalar na cidade sob a égide dos Estados modernos, estes mesmos que asseguraram o poder à burguesia, classe social, então, emergente.

Há, entretanto, segundo Sposito, uma grande diferença entre as cidades urbanas antigas e as cidades mercantis:

A cidade assumiu, com o capitalismo, uma capacidade de produção, que a diferenciava totalmente do processo da urbanização ocorrido na Antiguidade. A cidade romana, para nos referirmos à organização política que permitiu maior urbanização no período antigo, era o *locus* da gestão político-administrativa, de exercício do poder, de moradia das elites dominantes. [...] A cidade mercantil era também os espaço de dominação e gestão do modo de produção, de exercício de

poder, e fornecedora de serviços tanto quanto as cidades antigas. No entanto, diferenciava-se delas por seu *caráter produtivo*, ou seja, por passar a ser, de forma mais marcante, o lugar da produção de mercadorias (p.40).

Outra característica das cidades mercantis é que, embora não sejam cidades políticas, elas tornam-se centro de vida política e social na Europa, uma vez que a economia deixa de sustentar-se na propriedade fundiária de produção agrícola e passar a desenvolver-se com a manufatura e o comércio. Ocorre que, tendo, em fins da idade média, a moeda se transformado em Capital, um novo modo de produção irá dominar a humanidade, de modo que a gestão política de suas cidades tenderá apenas a entrar na roda viva de acumulação e reprodução daquele. Assim, ao contrário do que ocorria nas cidades políticas da antiguidade, as quais tinham seus modos de produção governados por um soberano, nas cidades modernas e, mais desastrosamente nas cidades contemporâneas o sistema produtivo capitalista passa a governar os Estados soberanos, pela necessidade, como logo mencionado, de eterna acumulação e reprodução do capital. Uma expressão hoje muito adequada é a que diz que o Estado é governado pela “mão invisível do mercado”. Esse fenômeno se intensifica com o advento da industrialização, estipulando um tipo de urbanização que responde pelas metrópoles da atualidade.

De que forma é possível ainda pensar num fortalecimento político e democrático dentro do contexto da “revolução urbana²⁹”, onde o que era temido pelos povos citadinos da idade antiga, com relação ao domínio do político pelo econômico, triunfa em nossa sociedade desde as cidades mercantis da era pré-capitalista. Como ainda pensar numa cidade política e democrática depois do fenômeno da urbanização? Vamos antecipar uma possível resposta: concebendo o bairro como lócus de resistência de vida social na cidade. Essa questão será posta no próximo item. Por enquanto vamos compreender como alguns filósofos pensaram essa possibilidade.

Começemos por perguntar o que mesmo define mesmo a cidade tal como a conhecemos da contemporaneidade, depois de todas as transformações ocorridas? Para responder essa pergunta Lynch (2007) volta-se a uma retrospectiva no tempo com Platão e Aristóteles. Para esses dois filósofos o que caracterizava uma cidade era a quantidade máxima de pessoas que ela suportaria para sua gestão política democrática. Para Platão o número ideal de pessoas nas cidades era de 5040 proprietários de terra ou cidadãos, sendo que esse número

²⁹ Por revolução urbana Lefebvre (2007, p.19) designa “o conjunto das transformações que a cidade contemporânea atravessa para passar do período em que predominam as questões do crescimento e da industrialização (modelo, planificação, programação) ao período no qual a problemática urbana prevalecerá decisivamente, em que a busca das soluções e das modalidades próprias à *sociedade urbana* passará ao primeiro plano.”

deveria manter-se por emigrações e regras de sucessões. Quanto a razão desse número, Lynch (2007) acredita estar relacionada a alguma questão mística ou a uma razão fundada numa lógica de números fatoriais, pois que 5040 é o fatorial de 7 ($7 \times 6 \times 5 \times 4 \times 3 \times 2 \times 1$).

Já Aristóteles, ainda apoiado numa escala populacional, dizia que assim como dez pessoas não constituíam uma cidade, com cem mil esta deixa de existir. Para ele uma cidade tem que ser suficientemente grande de modo a proporcionar uma boa vida como comunidade política, mas pequena de modo a permitir o contato entre as pessoas e o conhecimento das mesmas, já que “para decidir sobre questões de justiça e distribuir os cargos, de acordo com o mérito, é necessário que os cidadãos conheçam o caráter de cada um” (ARISTÓTELES, *apud* LYNCH, 2007, p. 227). Na época que Aristóteles pensava sobre isso, sua cidade, Atenas, já tinha atingido o marco de 250.000 pessoas, mas apenas 40.000 dessas eram de cidadãos.

No século XVI d.C, Thomas More na idealização de sua cidade perfeita, a Utopia, a qual era constituída de famílias unidas por laços de parentesco, também estabelece uma quantidade ideal desses habitantes, bem como estratégias de manutenção desta densidade populacional.

Cada cidade deve ser constituída de seis mil famílias. Cada família não pode conter senão de dez a dezesseis jovens na idade da puberdade. O número de crianças é ilimitado. Quando uma família cresce além da medida, o excedente é colocado entre as famílias menos numerosas. Quando há numa cidade mais gente do que deve conter, o excedente vai preencher as cidades menos povoadas. Finalmente, se a ilha inteira se visse sobrecarregada de habitantes, seria decretada a emigração geral. Os emigrantes iriam fundar uma colônia no continente mais próximo, onde os indígenas dispõem de mais terrenos do que cultivam. (MORE, 2005, p.77).

Embora nos pareça burlesca a estratégia de controle populacional de More, as grandes nações atuais deve muito a essas emigrações forçadas de cidades Européias.

O que diriam esses pensadores, com base em seus requisitos de ordem política, das grandes cidades urbanas da atualidade, nas quais já se contam em unidades ou dezenas de milhões seus habitantes? Fortaleza já conta seus 2.504.000 de habitantes.

Os filósofos e cientistas atuais falam do perigo da implosão das cidades nas formações de metrópoles. Estas últimas são o produto final da urbanização, destino devastador de toda possibilidade política das cidades, mas é para onde todas elas, submetidas à lógica capitalista moderna, se dirigem. A metrópole, etimologicamente “cidade mãe” é uma concepção quantitativista do espaço citadino e surge como resultado do crescimento urbano centralizador impellido pelas forças capitalistas. Como nos fala Seabra (2000, p.17) “A urbanização foi configurando a metrópole: uma superfície de urbanização contínua, domínio do quantitativo, porque regido pelo princípio: ‘tempo é dinheiro’”.

Assim, na formação das metrópoles, o crescimento acompanhou a trilha da mercadoria. As habitações passaram a emergir não mais ao redor de instituições políticas ou religiosas, mas à margem das indústrias e do comércio, concretizando-se numa arquitetura urbana alienante e impessoal, na qual a força do simbólico, definidora de comunidades identitárias, é subsumida às forças massificadoras do mercado. Segundo Esteve, na metropolização as cidades perdem sua alma:

Las grandes metrópolis de nuestros tiempo, com sus millones de habitantes, no pueden tener una alma urbana, porque ésta es, por lo menos, consecuencia de una organización social armónica, y hasta de una cierta unidad de pensamient, lo cual es em ellas muy difícil. (p. 76)

Uma cidade com alma, parte da noção da comunidade social como organismo vivo, concepção defendida pela sociologia organicista. Por essa teoria os indivíduos e as classes deveriam estar em pacífica colaboração, de modo que o bem-estar de um, só seria possível com o bem-estar do outro. Segundo Esteve, muitas e válidas são as críticas a essa teoria, principalmente as de cunho marxista, que analisa mais profundamente as questões das lutas de classe. Este autor considera que a analogia seja inadequada para a compreensão da sociedade com todo, mas que ela é adequada para a compreensão da cidade. Como a cidade é obra humana, a analogia recai sobre o homem. Assim uma cidade orgânica possui suas estruturas físicas imbricadas a sua psicologia e vice-versa de tal modo que se passa a falar que a cidade tem personalidade própria. Esta personalidade é o que Esteve se referencia como a alma da cidade e o que nós consideramos como sendo sua identidade. Uma cidade guarda intrínseca relação psicológica com seus habitantes, de modo, que poderemos falar, com base nos aportes mais atuais da psicologia ambiental, que o espaço dela é simbólico por ter sido construído a partir da arte humana de apropriação dos espaços, qual seja, mais uma vez repetindo, a de ação transformação do espaço e identificação do homem com o mesmo.

Torna-se mais uma vez necessário compreender a diferença entre dominação e apropriação dos espaços. A primeira ocorre por forças opressoras, onde o dominador submete o dominado, explorando seu potencial energético. Assim ocorre o crescimento das metrópoles: a elite dominante submete a cidade a um crescimento capitalista aniquilando seu caráter orgânico, a favor do lucro. Já com a apropriação dos espaços ocorre o contrário: por ela a cidade cresce como expressão da identidade de seus habitantes. Ocorre pela necessidade ontológica da ação transformação do homem com ser sócio-histórico, que transforma a

realidade e é transformado por ela. O que Lefebvre (1978) considera é que os dois processos deveriam andar juntos:

El concepto de apropiación es uno de los más importantes que nos hayan podido legar siglos de reflexión filosófica. La acción de los grupos humanos sobre el medio material y natural tiene dos modalidades, dos atributos: La dominación e la apropiación. Deberían ir juntas, pero a menudo se separan. La dominación sobre la Naturaleza material, resultado de operaciones técnicas, arrasa esta Naturaleza permitiendo a las sociedades sustituirla por sus productos. La apropiación no arrasa, sino que transforma la Naturaleza – el cuerpo y la vida biológica, el tiempo y el espacio dados – en bienes humanos. Sin la apropiación, la dominación técnica sobre la Naturaleza tiende a lo absurdo, a medida que crece. Sin la apropiación, puede haber crecimiento económico y técnico, pero el desarrollo social propiamente dicho se mantiene nulo. (p. 164)

Assim uma cidade apropriada, ao contrário do que ocorre com as metrópoles globalizadas, tem uma identidade social urbana consistente, propiciando aos seus habitantes um fortalecimento de sua identidade de lugar³⁰.

Enfim, as cidades correspondem, segundo Esteve (1980, p.223), a um “triple concepto de *polis* (Estado), *Civitas* (comunidad; complejo orgánico de una serie de grupo sociales) e *Urbs* (conjunto de estructuras artificiales e um espacio delimitado.”. Considerando essa complexidade, estamos certos que a vida em sociedade só obtém êxito quando se fundamenta numa cidade cívica e politicamente democrática. Entretanto, a solução não está em buscar o retorno a um passado idealizado, pois todas as cidades historicamente apresentaram problemas de injustiças sociais, opressão, guerras etc. É sabido que as próprias cidades políticas gregas, conhecidas por serem exemplos de democracia, eram, na verdade elitistas, patriarcais e escravistas, onde somente 10% de sua população, os *eupátridas*, delas se beneficiavam em detrimento dos 90% restantes compostos pelos escravos, mulheres, crianças e estrangeiros. Mesmo assim, a forte estrutura aristocrata da Grécia Antiga, pouco tempo cedeu para a democracia ampla dos cidadãos atenienses.

Tendo trazido um pouco da teoria urbana, é preciso tratar aqui de conteúdos próprios da cidade de Fortaleza para que consigamos melhor embasar a análise dos dados dessa pesquisa

³⁰ Segundo Valera & Pol (1994, p.9) “La identidad de lugar es considerada como una subestructura de la identidad de *self* y consiste en un conjunto de cogniciones referentes a lugares o espacios donde la persona desarrolla su vida cotidiana y en función de los cuales el individuo puede establecer vínculos emocionales y de pertenencia a determinados entornos. Estos vínculos son, como mínimo, tan importantes como los que se establecen con los diferentes grupos sociales con los cuales el individuo se relaciona. En la base de esta estructura se encuentra el "pasado ambiental" del individuo así como los significados socialmente elaborados referidos a estos espacios que la persona ha ido integrando en sus relaciones espaciales.”

realizada em uma das regionais (Distritos) mais pobres desta cidade. Em acordo com o principal problema levantado pela juventude moradora dos três bairros dessa regional por nós investigados, trataremos da questão da violência urbana: medo, ansiedade e insegurança na cidade.

3.1.1. Violência urbana: medo, ansiedade, insegurança na cidade.

Não podemos pensar em emancipação urbana, desconsiderando o fator que a limita: O medo na cidade, esse sentimento que afugenta as pessoas, paralisa as ações, entrincheira as relações. Segundo Chauí (1987), o medo responde por toda servidão e alienação humanas e segundo Bauman (2008), seu impacto mais assustador é o sentimento de impotência. O medo na cidade se configura, através de diversas paisagens que representam um ambiente caótico. As paisagens do medo são segundo Tuan (2005):

as quase infinitas manifestações das forças do caos, naturais e humanas[...] Cada moradia é uma fortaleza construída para defender seus ocupantes humanos dos elementos; é uma lembrança constante da vulnerabilidade humana” (p.12).

Dentre estas paisagens está a desordem urbana caótica e insalubre, os ruídos, o trânsito veicular, catástrofes urbanas, tais como incêndios, desabamentos, enchentes etc. e o medo do outro homem, ou seja, a paisagem da criminalidade. Ainda segundo este autor, o medo se distingue entre sinal de alarme e ansiedade. O primeiro se remete a algo que é instintivamente acionado quando o perigo se revela diante de nós em sua forma explícita. Já a ansiedade é por ele definida como um pressentimento de perigo, quando nada existe nas proximidades que justifique o medo. Portanto compreendemos que as paisagens acima descritas, quando não ocasionam sinal de alarme, criam uma ansiedade advinda da presunção ou ainda previsão do perigo eminente. O medo permeia essas duas imagens, mas a insegurança é o que Lagrange (1996 *apud* BAUMAN, 2008) denomina de “medo derivado”, pois amedronta pela possibilidade de ameaça de um acontecimento e não apenas pelo acontecimento em si.

Segundo Bauman (2008), o medo é um fenômeno comum a toda criatura viva e as respostas desta a ele oscilam entre alternativas de agressão e a fuga, entretanto:

Os humanos, porém, conhecem algo mais além disso: uma espécie de medo de “segundo grau”, um medo, por assim dizer, social e culturalmente “reciclado” [...] que orienta seu comportamento (tendo primeiramente reformado sua percepção do mundo e as experiências que guiam suas escolhas comportamentais), quer haja ou não uma ameaça imediatamente presente. [...] O “medo derivado” é uma estrutura

mental estável, que pode ser bem descrita como um sentimento de ser *suscetível* ao perigo; uma sensação de insegurança [...] e vulnerabilidade [...] Uma pessoa que tenha interiorizado uma visão de mundo que inclua a insegurança e a vulnerabilidade recorrerá rotineiramente, mesmo na ausência da ameaça genuína, às reações adequadas a um encontro imediato com o perigo; o “medo derivado” adquire a capacidade de autopropulsão. (p. 9)

Como bem escreveu esse autor, o medo experimentado pelo homem não é o medo primário, comum a todas as outras espécies. Por ele sofrer derivações concernentes ao contexto sócio-cultural em que é elaborado é que para compreendê-lo é preciso investigar o espaço-tempo de sua gênese.

Segundo Tuan (2005) e Bauman (2008) a experiência de viver na Europa do XV, período de emergência da modernidade, era aterrorizante. Havia sensação de medo sempre em toda parte, pois ali reinava a escuridão e, portanto a incerteza. “A escuridão não constitui a causa do perigo, mas é o habitat natural da incerteza – e, portanto, do medo” (BAUMAN, 2008, p. 8). Falamos da escuridão das idéias, própria da idade média, mas também da escuridão dos meandros e perigos dos primeiros conglomerados urbanos que surgiam; e a escuridão do que ainda é invisível e impalpável, ou seja, aquela própria do *devir*.

Para superar essas sensações de insegurança e vulnerabilidade, ou ainda, para superar o pavor do desconhecido, do obscuro, do aparentemente inevitável, do caótico etc. é que a modernidade apresenta suas propostas iluministas, dentre elas, a construção das cidades, a criação do Estado, Os Renascimentos artístico, econômicos (capitalismo primitivo) e filosóficos (ciência iluminista). Entretanto, a atualidade revela que essas estratégias não foram tão suficientes.

A modernidade seria o grande salto à frente: para longe desse medo, na direção de um mundo livre do destino cego e impenetrável [...] Cinco séculos depois, para nós que estamos na outra extremidade do imenso cemitério de esperanças frustradas [...] Vivemos de novo numa era dos temores. (BAUMAN, 2008, p.9)

Compreendemos ainda nesse sentido, a partir de uma leitura de Giddens (1990), que há um sistema de confiança e risco, desencadeado com o próprio processo da modernidade, o qual traz um sentimento de ansiedade nas pessoas, no sentido de que estas se percebem amparadas por um saber de peritos da segurança que jamais compreenderão a fundo seus mecanismos, restando-lhe a confiança e talvez a desconfiança conformada. Assim confiamos na segurança dos aviões, dos elevadores, das pontes etc. sem entender o que neles garante nossa segurança.

O medo retrai a atitude cidadã e, portanto, a democracia. Os sistemas baseados no medo justificam o reacionarismo e o autoritarismo como forma de obtenção da ordem e da segurança. Segundo Barreira (2007)

O medo pode produzir uma ameaça contra as ações de cidadania, na medida em que ele atenta contra as condições básicas de sobrevivência na cidade [...]. O plano da ação e do discurso supõe que as pessoas realizam sua capacidade de falar e agir, tornando-se assim cidadãos de direito. Ora, se o medo produz o silêncio, ele contribui para que a indignação perca sua força propulsora de mudança. (, p. 44)

Uma comunidade retraída em suas casas e alheias aos mecanismos coletivos de segurança estimula a criação de medidas cada vez mais autoritárias por parte do estado. Entretanto, isso causa, como nos ensina Chauí (1995) em seu estudo sobre a ética de Spinoza, uma alienação do direito-poder das pessoas dessa comunidade. Dessa forma as pessoas não mais resolvem seus conflitos de forma dialógica, negociando seus interesses individuais e coletivos, mas passam a delegar para as autoridades policiais e jurídicas a solução de suas diferenças. Isso causa mais alienação, ou seja, distanciamento e desconhecimento dos afetos do outro e, portanto, aumenta o medo deste:

Temos medo da fala mansa do inimigo, mas muito mais, quão mais, do inesperado punhal a saltar na mão há pouco amiga para trespassar nosso aberto peito ou pelas costas nos aniquilar. É então, quem sabe, nesse medo “que esteriliza os abraços” que descobrimos não termos medo disso ou daquilo, de algo ou de alguém, já nem mesmo medo de nossa própria sombra, somente medo do medonho. Susto, espanto, pavor. Angústia, medo metafísico sem objeto, tudo e nada lhe servindo para consumir-se até alçar-se ao ápice: medo do medo. Juntamente com o ódio, o medo, escreveu Spinoza, é a mais triste das paixões tristes, caminho de toda servidão. Quem o sentiu sabe! (CHAUÍ, 1987, p.39)

É preciso conhecer a gênese dos afetos, e aqui, em particular do medo urbano, para desvendarmos formas para sua superação e buscarmos a emancipação de suas forças que nos aprisionam e nos tornam servos.

Desvendando a gênese natural e necessária das imagens passionais da liberdade, servidão, necessidade e dominação, a ética espinosana dos afetos é, simultaneamente, crítica dos fundamentos das autoridades teológica, política e moral. A questão ética volta-se para a gênese dos afetos, suas diferenças intrínsecas e seus efeitos diferenciados. (CHAUÍ, 1987)

Empenhamos-nos, portanto, nesse trabalho não apenas em afirmar a possibilidade de se traçar alguns caminhos para vencer alguns medos urbanos através de ações coletivas e conscientes, orientadas por uma ética mais humana, mas de entendê-lo como afeto que despotencializa o indivíduo para a ação, causando inércia, apatia, desânimo e principalmente

desesperança na construção de uma vida melhor. A partir de nosso referencial em Espinosa, compreendemos que não há formas puramente intelectivas que reverta, cesse ou destrua uma paixão. Esta pode ser substituída por outra com efeitos antagônicos aos seus. Segundo Chauí (1987), Spinoza considera que a paixão antagônica ao medo, é a esperança, pois em última instância o medo surge de uma desesperança. Podemos pensar que o medo original, que é o medo da morte surge da desesperança de que algo exista após ela e assim também ocorre com os medos derivados. O medo do outro surge da desesperança de seu perdão, de sua redenção, de seu amparo, de sua compreensão etc.; assim também, os medos da miséria, das catástrofes e da insalubridade dos lugares surgem da desesperança na possibilidade de se reverter tais quadros. Portanto, compreendemos que o medo que paralisa as ações seja vencido, não pela fuga de suas ameaças, mas pelo enfrentamento coletivo de suas causas originais, de modo que concretamente por vias comunitárias, políticas, econômicas e científicas, possam-se vislumbrar soluções que tragam para as pessoas esperança de uma vida melhor. Lembremos, pois que “O estudo do medo, por conseguinte, não está limitado ao estudo do retraimento e entrincheiramento; pelo menos implicitamente, ele também procura compreender o crescimento, a coragem e a aventura (TUAN 1995, p.18)”.

O que é importante enaltecer no estudo das metrópoles, não é, pois, uma análise fatalista de nossa atual situação urbana, mas nosso poder de mudá-la. Todos nós temos capacidade de criarmos soluções para a busca não apenas de nossa sobrevivência, mas também de nossa felicidade. Precisamos assegurar relações fortes de convivência e diálogo para construção de cidades politicamente democráticas. É nesse processo criativo que se desenvolve o homem participativo que abre caminhos para processos de mobilização social em busca da felicidade coletiva.

A escolha pelo estudo da participação social parte, então, do interesse de estudar essa relação de algo que se desenvolve na consciência individual e repercute no fazer coletivo, o qual por sua vez repercute naquela. Compreendemos, na contramão do que foi gerado nas cidades modernas, ou seja, os grandes centros urbanos geridos pelo poder econômico, que o caminho da felicidade e da emancipação social é a trilha da participação social na construção de cidades orgânicas. Por isso esse estudo pretende estudar não a cidade, mas o bairro, núcleo menor, de maior legibilidade espacial e de maior possibilidade de identificação e de apropriação do espaço e, portanto, de maior potencial de fortalecimento da identidade de lugar e de geração de estima.

3.2 O bairro

Dois motivos nos levaram a escolher trabalhar com o bairro neste estudo. Primeiramente, para que seja possível a geração do mapa afetivo é preciso que se apresente à pessoa pesquisada um lugar, isto é, um espaço significativo, com relação ao qual ela responderá sobre seus afetos. Como já dito os mapas afetivos têm sido gerados com relação a espaços institucionais (hospitais, abrigos, academias esportivas, etc.) e urbanos (cidade e bairro).

O segundo motivo, que mais nos mobiliza nessa pesquisa, é o de que o bairro tem sido considerado por estudiosos urbanistas o elemento urbano que guarda um grande potencial de mobilização e coesão social. Isso tem sido mostrado por Tuan (1980) e Souza (1989), ao trazerem em seus escritos exemplos de mobilizações de moradores de bairros, que se dirigiam à manutenção ou à conquista de direitos ou benefícios locais. A mobilização tende a ocorrer quando os moradores se percebem ameaçados em sua identidade de bairro e em seus direitos habitacionais pelos interesses do mercado, que chega devastando por uma urbanização desumanizadora o clima comunitário e a autonomia dos moradores. Segundo Souza (p. 149), “o bairro possui uma identidade intersubjetivamente aceita pelos seus moradores e pelos moradores dos outros bairros da cidade, ainda que com variações”. Por isso segundo este autor é necessário abordar de modo especial a dialética subjetivo/objetivo ao tratar do bairro. Assim, quando, no Brasil, essa dialética foi ameaçada e o desenvolvimento urbano crescia de modo a priorizar nas mudanças do bairro apenas a objetividade de suas edificações ocorreram os ativismos de bairro, iniciados na década de 70, levando ao movimento de associações de moradores em todo o país. Assim, os urbanistas compreenderam que qualquer alteração na estrutura física do bairro incide sobre a dinâmica social e subjetiva de seus moradores e vice-versa. A afetividade e identidade do morador são elementos constitutivos do bairro como nos ensina Souza na citação a seguir:

É imprescindível que uma realidade, para ser um bairro, desperte **empatia** no cidadão, pois é essa empatia, a sensação de entrar no bairro, por exemplo, como alude Kelvin Lynch que é a base da identidade do bairro. Quando há uma apatia radical e generalizada, então o fragmento urbano em questão não é um bairro. A empatia, enfim, pode traduzir-se como simples reconhecimento de uma identidade (reconhecimento amparado por forte diferenças objetivas ou mesmo apenas pela tradição), com juízos de valor fraco e nebulosamente manifestados; ou pode traduzir-se claramente por **simpatia** ou **antipatia**. À simpatia, que se realiza com afeição pelo bairro, apego pelo bairro, sugiro chamar de **bairrofilia**, recordando a idéia geral de Tuan (**topofilia**).

Os bairros são zonas territoriais das cidades que não possuem delimitação precisa. Isto porque seu delineamento é feito a partir de duas dimensões: uma subjetiva e outra objetiva. Objetivamente se tem os registros oficiais dos limítrofes de cada bairro, mas subjetivamente, seus alcances são percebidos por seus moradores como arrabaldes de determinados estabelecimentos oficialmente reconhecido como sendo de um determinado bairro. Assim, nessa pesquisa percebemos que esses estabelecimentos centrais em torno dos quais a população percebia os alcances de cada bairro eram: igrejas, praças, postos de saúde, escolas. Assim, por exemplo, na percepção dos moradores das regiões por nós estudadas, pertenciam ao bairro Henrique Jorge todos os arredores da Igreja Matriz do Henrique Jorge, da praça principal do Henrique Jorge, da maternidade do Henrique Jorge. Aqueles lugares equidistantes a dois estabelecimentos de bairros diferentes eram percebidos como sendo pertencentes ao bairro ao qual mais se identificava. Considerando esse fenômeno Lynch define os bairros da seguinte maneira:

Os bairros são as regiões médias ou grandes de uma cidade, concebidos como dotados de extensão bidimensional. O observador neles “penetra” mentalmente, e eles são reconhecíveis por possuírem características comuns que os identificam. Sempre identificáveis a partir do lado interno, são usados também para referências externas quando visíveis de fora. Até certo ponto, muitos estruturam sua cidade dessa maneira, com diferenças individuais em suas respostas a quais são os elementos dominantes, as vias ou os bairros. Isso não parece depender apenas do indivíduo, mas também da cidade. (1997, p.52)

Precisamos aqui justificar porque escolhemos trabalhar com a categoria urbana denominada bairro, haja vista que os grandes estudiosos do urbanismo a que estamos nos reportando (Lefebvre, Esteve, Lynch, Seabra) consideram os bairros modernos como resquício do que eram as verdadeiras comunidades vicinais ou arrabaldes medievais antes de serem desintegrados com a urbanização das metrópoles atuais. No crescimento urbano pós-industrial, movido pela máxima “tempo é dinheiro”, as edificações, as construções artificiais, as grandes vias para fluxo de mercadorias tomam o lugar dos bairros, comunidades vicinais potente para o desenvolvimento dos grupos primários³¹ da sociedade. A concepção de bairro,

³¹ A sociologia define dois tipos de grupos sociais: os primários e os secundários. Os primários são aqueles constituídos de indivíduos em intensa interação, que compartilham um mesmo sistema de valores e mantêm-se unidos por amizade, identificação e solidariedade. São primários segundo Esteve, (1980, p.99) principalmente porque são os responsáveis pela formação de nossa personalidade social e nossos ideais, sendo, portanto, os que constituem a verdadeira unidade social, primeira fase da sociedade. São exemplos a família, jovens da escola primária, grupos religiosos e vizinhança. Os secundários seriam aqueles que se agrupam em torno de interesses ou finalidades determinadas, geralmente de caráter prático, que são as que os mantêm unidos. São exemplos

nesse sentido, delinea um tipo específico de comunidade, na qual seus membros compartilham de uma forte identidade de lugar num espaço, por eles apropriado, de território mais ou menos delimitado. Segundo Esteve, em muitas cidades ainda existem grupos primários, os quais se poderiam chamar de bairro, ainda que existam mal definidos e apenas com vestígios de uma coesão social. Estes ocorrem ao redor de uma paróquia ou de outro ponto focal. Assim o bairro na cidade ainda são lugares de desenvolvimento de comunidade, as quais tentam sobreviver ao crescimento urbano, tal como nos lembra Góis:

Podemos dizer que as comunidades geraram as cidades (depois Cidades-Estados) e estas geraram nações (unificação das Cidades-Estados) que, por sua vez, absorveram as comunidades. Muitas comunidades continuaram rurais, outras desapareceram com o nascimento das cidades e outras se transformaram em arranjos mais complexos e próprios das cidades (bairros e comunidades urbanas). Mesmo assim, continuam facilitando a vida de seus moradores, favorecendo a adaptação das pessoas a uma vida mais complexa, a resistência e defesa dos moradores frente ao anonimato das grandes cidades e, também a participação concreta dos moradores em favor de sua coletividade e da sociedade em geral. (2005, p.57)

Compreendendo os bairros como construções imbricadas aos processos de urbanização das grandes cidades, precisamos considerar três pontos fundamentais no estudo deles: 1) existe uma ideologia comunitária de bairro que o concebe como essência da cidade 2) O bairro é uma estrutura social em decadência nas metrópoles, mas com focos sociais de resistência; 3) Os bairros são os núcleos orgânicos das cidades.

Sobre essa primeira questão Lefebvre (1978) chama a atenção para uma ideologia³² comunitária de bairro que leva os sociólogos a identificá-lo com o modelo paroquial. Uma paróquia “é uma divisão territorial de uma diocese sobre a qual tem jurisdição um pároco (HOLANDA FERREIRA, 2005, p. 611).” As paróquias sempre regularam a vida comunitária em seus arrabaldes. Lefebvre nos lembra que a paróquia ocidental foi um fato histórico bem localizado, num momento em que assumia as funções não apenas religiosas, mas também políticas e civis. Antes da Instituição do Estado Civil, as paróquias eram as autarquias eclesiásticas responsáveis pelo controle e registros referentes aos nascimentos, óbitos e casamentos, além disso, “las agrupaciones e as asociaciones de seglares se organizaban ao redor del aparato eclesiástico; las confradías estaban relacionadas com las corporaciones y

empregados de uma mesma empresa, um colégio de profissionais, um partido político, corporações e associações que seguem essa tendência.

³² Segundo Lefebvre (1978, p.199, tradução nossa) “uma ideologia procede por extrapolação. Parte de qualquer coisa, aumentando sua importância, transforma o relativo em absoluto, o acidental em essencial, o secundário em primordial, o fato em norma e valor.”

con os gremios y oficios, y por tanto, com la actividad econômica.” (LEFEBVRE, 2005, p.197).

Segundo este autor com o Estado Civil, as instituições são separadas da igreja. Este fato somado ao crescimento da cidade faz com que a paróquia perca sua unidade e seu caráter de comunidade local e a igreja, simultaneamente, suas funções e capacidades estruturantes. Nessa realidade a conexão bairro-paróquia perde o sentido. A vida social em toda a cidade passa as ser regulada por uma instituição global e as comunidades locais se integram a essa lógica. Os bairros não podem ser concebidos como essência da cidade, porque segundo Lefebvre, eles não intervêm na proclamação de valores dominantes. São subordinados politicamente à cidade, embora possa usufruir de certa municipalidade, sendo mais conjunturais do que estruturais.

As comunidades locais apenas são naturalmente fortalecidas em casos de ausência de estado centralizador. Um exemplo histórico disto são as Comunas³³ da Idade Média. Entretanto, quando as comunidades passam submeter-se a um poder político central, estas precisam barganhar, junto a ele, seus estatutos comunitários. Esse é o movimento de resistência tão comum nas associações de moradores dos bairros urbanos, movimentos que tentam fortalecer a comunidade como identidade, na fusão de suas consciências e atividade, num território reconhecidamente apropriado. Essa resistência aos efeitos maléficos do crescimento urbano, isto é, aquele causador dos individualismos e anonimatos, é a responsável por barrar a dissolução dos bairros. Esses, por sua vez, são o que garante, por seu caráter orgânico, a sobrevivência da cidade, como nos lembra Lefebvre (1997, p.2001):

El barrio es una unidad sociológica relativa, subordinada, que no define a realidad social, pero que es necesaria. Sin barrios, igual que sin calles, puede haber aglomeración, tejido urbano, megalópolis, pero no hay ciudad. El espacio y tiempo social dejam de ser orgánicos y organizados.

Então pensamos que é preciso uma postura crítica que nos permita superar a ideologia do bairro, esta que é muito alimentada por um romantismo saudoso de tempos provincianos, para compreendê-lo como núcleo de resistência social orgânica das grandes cidades. Somente assim é possível compreender que, em condições urbanas capitalistas, sua existência é necessária, mas não espontânea, por isso é preciso esforço social. Essa tensão social causada pela possibilidade de destruição dos bairros e desintegração social nas cidades gera uma série de ideologias e pensamento místicos. Concordamos com Seabra quando diz que:

³³ A comuna era uma “Povoação que na Idade Média, se emancipava da tutela do senhor feudal, ficando autônoma” (FERRARI, 2004, p.88).

Parece existir uma mística em relação ao bairro que o reintroduz na prática social como objeto de discurso. O bairro se torna cada vez mais portador de ideologia, com a qual, supostamente, seria possível produzir uma opinião visando determinadas práticas. Isto aparece, seja nos argumentos preservacionistas, visando qualificar um patrimônio, seja nos argumentos de segurança, visando o estabelecimento de territórios. Torna-se, portanto, necessário compreender qual é o estatuto do bairro na história urbana e porque tanto se evoca o bairro. Afinal, é preciso não deixar margem às ontologias e nem às nostalgias. Impõem-se compreender a historicidade do bairro. (2000, p. 11)

Com relação à desintegração dos bairros nas grandes cidades muitos escritos têm-no denunciado. Referenciando-nos no periódico “Travessia: revista do Migrante”, chama-nos a atenção estudos que revelam a dissolução de bairros de comunidades estrangeiras fortes em identidade, como as dos bairros italianos Brás, Moca e Belenzinho em São Paulo (ANDRADE, 2000 pgs. 5-10), bem como a dissolução daquelas que principiam no contexto urbano com a força das organizações populares, a exemplo da Comunidade Esperança em Florianópolis, a qual surge com apoio da CEPROM - (Centro de Apoio e Promoção do Migrante), instituição da Igreja Católica seguidora da teologia da libertação - como conquista de território do movimento dos sem tetos (CANELLA, 2000, pgs.18-22). Em ambos os exemplos os autores indicam possíveis causas de dissolução dessas comunidades vicinais, as quais têm em comum um eminente fator: a ascensão econômica de alguns de seus membros os faz trocar de comunidade, isto é, abandonar essa comunidade para ligar-se a outra de melhor prestígio social. Esse fenômeno acaba por diminuir a reputação social do lugar como também sua integração social. Ocorre que quando a sociedade passa a ser complexa e estratificada surgem várias comunidades, de modo que o indivíduo pode ligar-se a várias delas.

Heller (2008) nos aponta esse caráter transitório de indivíduos em comunidades de sociedade complexa, ao falar da estreita relação das categorias indivíduo – comunidade - sociedade. Segundo esta autora (p.89-90)

A vinculação do indivíduo com a sociedade coincide com a vinculação do indivíduo com a comunidade quando a mais alta integração social assume ela mesma um caráter comunitário. As últimas integrações desse tipo foram a família clânica e as tribos. Quanto mais diferenciada e estruturada é uma sociedade concreta, tanto menos poder-se-á constituir ela própria em comunidade do homem [...] Quando pensamos no futuro da humanidade, é quase impossível imaginar que a integração total possa chegar a converter-se em comunidade; mais plausível aparece a imagem de uma estrutura social articuladas em sociedades orgânicas.

Essa autora ainda se reporta ao fato de que nessas sociedades complexas, a afiliação do indivíduo a grupos diversos pode ser casual e sendo não necessariamente se constitui como formadora do vínculo indivíduo – comunidade. Assim, pode ser casual o bairro em que moro, a escola em que estudo ou grupo profissional a que pertenço, mas “na medida em que esses fatores deixam de ser casuais, na medida em que minha individualidade ‘constrói’ o grupo que pertenço, ‘meus grupos’ convertem-se paulatinamente em comunidades.” (2008, p.91). Dessa forma essa autora conclui que “nem todo grupo, portanto, pode ser considerado como uma comunidade, embora qualquer grupo possa *chegar a* se uma comunidade”.

Reportamo-nos ao pensamento de Heller, para compreender que o que converte um aglomerado social urbano em comunidade vicinal, isto é, o que institui o bairro como comunidade para seus habitantes não é o mero fato casual de aquele ser para estes lugar de moradia, trabalho ou educação. O bairro passa a ser comunidade para o indivíduo somente se sua individualidade constrói o grupo primário vicinal a que pertence num movimento de construção de uma identidade coletiva. Isso quer dizer que esse o movimento de construção da identidade (individual e social) pauta-se no fenômeno de coesão entre a consciência e a atividade dos indivíduos na formação das comunidades. A formação dessas comunidades é de fundamental importância para a regulação da vida orgânica local. Entretanto trata-se de um erro, segundo Lefebvre (1978) pensá-las como foco de propagação de um modelo global³⁴.

Essa discussão que Lefebvre traz de que a transformação de um modelo global, a exemplo das cidades alicerçadas no sistema capitalista de produção, não se dá apenas pela propagação de um modelo comunitário eficiente, mas somente com a transformação global das relações sociais de produção as quais todo modelo comunitário capitalista submete-se, é antiga. Segundo a corrente marxista que este autor segue, a transformação só se daria por uma verdadeira revolução socialista.

A esse respeito Góis (2005, p.56) nos lembra que “no século XX assistimos à consolidação do capitalismo e à Revolução Russa, dois acontecimentos antagônicos do ponto de vista do materialismo histórico”. Após o estabelecimento dos dois modelos de produção, socialista e capitalista, que dividiram o mundo em dois pólos econômicos, seus líderes observaram que a simples implantação de um modelo econômico não respondia por si só pelo desenvolvimento da sociedade ideal do futuro. Segundo Góis (2005, p. 57) “cada um, a seu

³⁴ Lefebvre (1978, p.197) faz uma crítica ao pensamento do sociólogo G. Bardet, o qual considera a comunidade como categoria de fusão de atividades e consciências, comentando que “El análisis estático de G. Bardet, tiende a completarse por médio de uno dinámico. La estructura realizará la fusión de las consciências por médio de la organización de las actividades; su constituición e sus influências funcionales darán lugar a totalidades orgánicas jerrarquizadas: del individuo al Império!”

modo, enfatizou a importância do comunitário como lugar de pertença e de solidariedade, necessários ao desenvolvimento da sociedade.”. Isso porque mesmo o capitalismo, em sua contradição, precisa de comunidades orgânicas para sua sobrevivência, uma vez que ele se alimenta do subjetivo, lugar do fetiche da mercadoria. Isso é contraditório porque a essência do capitalismo choca com a essência do comunitário por sua estratificação social baseada na propriedade privada dos meios de produção, exploração do trabalho humano por outro humano e foco no lucro.

O aprofundamento dessa discussão que divide de um lado, pensadores reformistas e de outro, revolucionários, bem como os modelos reformistas e revolucionários propostos foge ao escopo deste trabalho. Entretanto é consenso, pelo menos para as linhas democráticas, que a saída para uma crise social tem que ser eleita pelo povo organizado e não imposta a esse. É nesse sentido que procuramos compreender o desenvolvimento comunitário nos bairros urbanos, dentro do seu potencial organizativo, como forma de emancipação humana na direção da felicidade. Assim, concordamos com Góis que na contemporaneidade:

A comunidade vem ocupando lugar cada vez mais importante no desenvolvimento da sociedade e do indivíduo, principalmente pelo fato de ser o lugar de moradia e de convivência mais direta entre indivíduos de uma sociedade maior, além de ser espaço mais imediato e concreto da relação entre Estado e Sociedade. (2005, p 57)

Além disso, como viemos afirmando desde o princípio deste manuscrito, qualquer que seja a forma organizativa de uma comunidade, consideramos que ela nunca deve prosseguir sem a inteira consideração da participação social subjetiva de seus indivíduos, pois a nosso ver, somente assim pode-se falar de uma verdadeira democracia, caso contrário, qualquer modelo sucumbe a formas totalitárias de regulação social.

Por isso nos interessamos nesta pesquisa por investigar a base afetiva da participação social de adolescentes em seus lugares de moradia, perseguindo o seguinte objetivo geral: investigar a relação entre a estima de lugar e a participação social em jovens moradores dos bairros Henrique Jorge, Bonsucesso e João XXIII da cidade de Fortaleza. Para o alcance desse objetivo geral, traçamos os seguintes objetivos específicos:

- Investigar a estima de lugar dos jovens com relação aos seus bairros de moradia a partir da aplicação do instrumento gerador dos mapas afetivos.
- Averiguar a participação desses jovens em atividades comunitárias em seus bairros

- Relacionar as imagens afetivas dos bairros, reveladas nos mapas afetivos dos jovens estudados, com a participação desses em atividades comunitárias daqueles.
- Comparar os resultados de análise dos bairros no tocante à estima de lugar e participação social de seus jovens moradores.

CAPÍTULO IV: Nossas trilhas metodológicas

4.1 Caracterização do lugar de estudo.

Antes de relatar nossas experiências metodológicas nos bairros investigados, precisamos apresentar um pouco de suas características socioespaciais. Esses bairros pertencem a Regional III da cidade de Fortaleza. Essa cidade é administrativamente dividida em seis Distritos, denominados de Regionais. Cada Regional é administrada por uma Secretaria Executiva subordinada à administração central da Prefeitura de Fortaleza. Assim os bairros pertencentes à Regional III são geridos pela SER III.

Essa divisão política é uma alternativa de gestão das grandes Metrôpoles, que crescem descontroladamente impulsionadas pelas forças capitalistas, ao passo que a administração central tenta acompanhar esse ritmo remanejando funções e distribuindo responsabilidades, a partir de uma pseudo-descentralização política. Fortaleza, quinta capital do Brasil, imersa no Bioma de Caatinga do Ceará, conta com uma área de 313, 14 Km² e uma estimativa populacional atual de 2.504.552 habitantes³⁵, sendo reconhecida nacionalmente principalmente por seu potencial turístico. Entretanto, para além de seu belo litoral, se urbaniza, como toda grande metrópole, com base num crescimento industrial (primário, secundário e terciário) alheio à problemática de sua gestão política.

Possui uma das maiores concentrações de renda do país. A desigualdade social se delimita de forma expressiva numa ocupação territorial marcada por uma profunda segregação sócio-espacial. Ainda que existam bolsões de pobreza nas áreas ricas da cidade, a pobreza se concentra nos bairros periféricos pouco desenvolvidos. A maior incidência dessa periferia sócio-econômica se encontra a sudoeste da cidade de Fortaleza, lugar dos bairros por nós investigados.

Como podemos ver no mapa da figura 2, as comunidades dos bairros do lado Oeste, principalmente das Regionais 3 e 5, são atravessadas pelos afluentes do Rio Ceará, que se transforma no Rio Maranguapinho. Para dar uma idéia dessa imagem, recortamos uma foto de satélite de um lugar por nós visitado durante a pesquisa e apresentamos logo a seguir.

³⁵ Dados do IBGE disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> Acesso em: 02/03/2010



Figura1: Fotografia de satélite de um rio do Bonsucesso

Essa fotografia é apenas um recorte, entretanto, toda essa região urbana é despreparada para lidar com esse curso hídrico, de modo que ele acaba por trazer grandes transtornos para suas comunidades ribeirinhas, tais como, alagamentos, enchentes, canais poluídos e epidemias. Essa população carente de uma boa educação ambiental, mas principalmente de uma coleta pública eficiente de lixo, acaba por poluir os rios, potencializando o aparecimento daqueles transtornos ambientais. Dados do IBGE (2000) revelam que grande parte dessas comunidades ribeirinhas utiliza esse rio como um dos principais locais de descarregamento de seus lixos. Isso ocorre principalmente nos bairros Autran Nunes e Genibaú os quais tangenciam o alargamento do curso do rio como se pode observar no mapa da figura 1.

Adentramos nessa questão hídrica porque na análise dos dados dessa pesquisa, ela é apontada pelos participantes, juntamente com a criminalidade, como uma das maiores problemáticas desses bairros em que moram.

Para facilitar a compreensão do espaço físico e político que estamos trabalhando, apresentamos na figuras seguintes mapas que mostram a divisão oficial de bairros e regionais administrativas da cidade de Fortaleza.



Figura 2: Mapa Bairros de Fortaleza³⁶. (As marcações dos três bairros investigados, do rio Ceará e do seu afluente Rio Maranguapinho são nossas.)

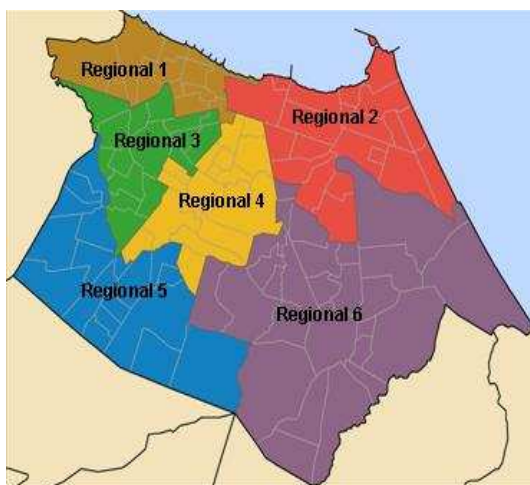


Figura 3: Divisão administrativa de Fortaleza em Regionais³⁸.

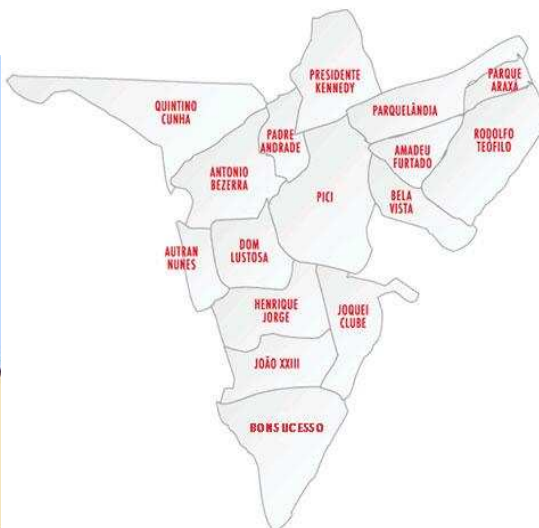


Figura 4: Mapa dos bairros da Regional III³⁷

³⁶ Mapa disponível em: <http://www.ceara.com.br/fortaleza/mapadefortaleza.htm> Acesso em: 03/03/2010

³⁷ Mapa disponível em: http://www.fortaleza.ce.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=35&Itemid=51 Acesso em: 03/03/2010

³⁸ Mapa disponível em: <http://webcarta.net/carta/geo.php?sr=2531&lg=pt> Acesso em: 03/03/2010

4.1.1 Caracterização dos bairros estudados (com base no senso do IBGE, 2000 e no Mapeamento das Entidades Sociais da SERIII).

Os três bairros em estudo, embora sejam vizinhos e pertencentes a mesma Regional, têm características distintas. Essas diferenças estão evidenciadas nos relatos dos alunos pesquisados e nos dados do IBGE. Através destes últimos caracterizamos a seguir cada bairro com relação a seu senso demográfico, renda média e nível de alfabetização de sua população, bem como a forma de tratamento do lixo por essa. Em comum, esses bairros compartilham de uma comunidade incomodada pelos transtornos causados pela poluição dos riachos e periculosidade do trânsito, como também atormentada pelo aumento da criminalidade do local. O que os torna diferentes é uma desigualdade com relação ao desenvolvimento urbano e aos investimentos sociais a eles dirigidos.

BAIRRO HENRIQUE JORGE

População: 25.633 residentes

População jovem (10 a 19 anos): 5.241

Rendimento mensal médio dos responsáveis pelos domicílios: R\$ 571,58

Nível de alfabetização para pessoas a cima de 5 anos de idade: 20.861

Total de domicílios particulares permanentes: 6.247

No de domicílios que depositam seus lixos no rio: 142

O bairro Henrique Jorge é o menos periférico, estando mais próximo do centro da cidade. Seus quarteirões são bem definidos e circunscritos por grandes vias asfaltadas, mas com o trânsito controlado por semáforos, faixas de pedestres, placas etc., possui postos de gasolina de grande porte, postos bancários etc. Apresenta um comércio acentuado e a presença de muitas confecções, entre outras pequenas empresas. Conta com escolas públicas municipais e estaduais e também grandes escolas particulares, postos de saúde e uma maternidade. Possui ainda praças movimentadas e festivas, sendo uma delas adjacente ao espaço da igreja católica matriz daquela região. Sua comunidade conta também com o apoio de entidades organizadas, tais quais casas beneficentes e associações, as quais somam um total de oito instituições, até então mapeadas pela SERIII da Prefeitura. Esse mapeamento nos foi gentilmente fornecido por funcionária da SERIII e encontra-se disponível numa tabela na relação de anexos.

BAIRRO BONSUCESSO

População total: 37.316 residentes

População jovem (10 a 19 anos): 7.614

Nível de alfabetização para pessoas a cima de 5 anos de idade: 27.887

Rendimento mensal médio dos responsáveis pelos domicílios: R\$ 421,47
Total de domicílios particulares permanentes: 9.238
No de domicílios que depositam seus lixos no rio: 272

O bairro Bonsucesso, estando entre os mais periféricos da Regional III, apresenta uma paisagem diferente. Ao contrário do Henrique Jorge, é predominantemente residencial. Suas ruas são sinuosas, e seus espaços apresentam pouca legibilidade, o que sugere ter tido esses bairro crescimento espontâneo, isto, é sem planejamento urbano. Suas praças são depredadas, possuindo poucas ruas asfaltadas, o trânsito é mal sinalizado, carece de escolas de 2º grau. Apresenta um movimento comercial incipiente. Sua comunidade conta com um posto de saúde, mas carece de entidades organizadas que tragam benefícios, como podemos conferir no mapeamento das entidades da prefeitura na relação de anexos. Isso faz com que seus moradores se desloquem para os bairros vizinhos em busca de assistência social. No caso dos alunos moradores do Bonsucesso, estes se deslocam ao bairro João XXIII em busca de seus atrativos: boas praças, boas quadras poli esportivas e outros projetos sociais.

BAIRRO JOÃO XXIII

População total: 17.696 residentes
População jovem (10 a 19 anos): 3.699
Nível de alfabetização para pessoas a cima de 5 anos de idade: 13.652
Rendimento mensal médio dos responsáveis pelos domicílios: R\$ 441,65
Total de domicílios particulares permanentes: 4.260
No de domicílios que depositam seus lixos no rio: 141

Quanto ao bairro João XXIII, não tivemos nele a experiência da trilha, uma vez que não fazia parte de nosso projeto inicial, o qual ocorreu num tempo limite planejado. Por ser bairro de moradia de muitos alunos resolvemos colocá-lo no bojo das análises. Entretanto, como esse é um bairro que intermedeia os dois outros, durante as trilhas naqueles chegamos a percorrer suas adjacências. Este bairro possui um desenvolvimento urbano intermediário entre os dois outros bairros. Destaca-se por ter entidades organizadas mais fortalecidas, as quais barganham junto ao governo e outras organizações mais benefícios sociais para sua comunidade juvenil. Ao contrário dos dois bairros anteriores, nos quais a oferta de atividades esportivas, educativas e culturais para a juventude ocorre de forma intermitente dentro de projetos informais dentro das escolas, no João XXIII o bairro oferece outros espaços para essa atividade: Projeto ABC, praças e quadras bem conservadas. Além disso, como podemos ver na tabela de mapeamento das entidades do anexo, há uma organização social expressiva de seus moradores.

4.1.2 Caracterização das escolas dos alunos estudados.

A caracterização das escolas dos alunos investigados apresentada a seguir baseia-se em longas horas de conversas com os núcleos gestores dessas, os quais também prontamente nos forneceram documentos escolares, por nós analisados, tais como seus Projetos Políticos Pedagógicos e Projeto Aluno Monitor. Além disso, a imersão em campo permitiu-nos conversar com alunos e professores a respeito tanto do modelo educativo adotado nestas escolas, quanto das problemáticas sociais nelas presentes.

A EMEIF Professor Luis Recamonde Capelo é uma escola pública municipal que se localiza no bairro Bonsucesso. Funciona nos três turnos, ofertando durante o dia o ensino da 1ª a 9ª série do ensino fundamental e durante a noite o EJA (Educação de Jovens e Adultos). Nossas primeiras impressões, em acordo com as do corpo gestor, foram de qualificar aquela escola como espaço físico inadequado para o ambiente educativo: instalações precárias dentro de uma arquitetura labiríntica com corredores e salas de pouca iluminação solar, contendo um refeitório precário e um terreno abandonado adjacente. A arquitetura do lugar com extensos corredores e grades sugere uma educação baseada na contenção e no controle das pessoas, assim como o são as arquiteturas das penitenciárias e hospícios, como bem nos lembra Foucault (2005) em sua obra “Vigiar e punir”. Esse modelo arquitetônico nas escolas é conveniente ao tipo de educação vigente nos grandes centros urbanos. Apoiados nesse modelo educacional os educadores procuram preservar suas integridades físicas, se protegendo da violência e da criminalidade que invadem os muros escolares e que são trazidas por seus próprios alunos ou por outros. Esse modelo costuma ser mais acentuado nas escolas de lugares mais perigosos.

Paradoxalmente, essa escola conta com um núcleo gestor muito humanizado e implicado com suas problemáticas, mas mesmo assim, reféns da realidade escolar que os limita. Entretanto, a escola adota também um modelo tradicional de educação, na qual o ensino segue um modelo diretivo, expositivo e hierárquico, prefigurando uma educação bancária, segundo concepção freiriana.

A EMEIF Santa Maria, localizada no bairro Henrique Jorge, funciona também nos três turnos e apresenta o mesmo modelo pedagógico que a anterior, baseado numa educação bancária. Diferencia-se da outra escola por contar com uma melhor infraestrutura: clara, com salas espacialmente acessíveis, dispostas em corredores largos, possui espaços agradáveis de biblioteca, pátio e um amplo ginásio. Entretanto mantém a mesma estrutura carcerária sobredita nos corredores das salas letivas, estando estas bem separadas das salas dos professores e núcleo gestor.

Essa configuração educacional orientada pelo controle dos corpos e para a deposição de conhecimentos úteis à profissionalização podaria a autonomia e interdita os vínculos afetivos, sendo inadequada para formação do jovem protagonista. Ao contrário: os projetos sociais “participativos” de educação que são adotados nessas escolas fundam-se na participação dos alunos em trabalhos burocráticos e alienantes. Ambas contam com os líderes de sala, que têm a função de fazer a agenda do dia, controlar e delatar os colegas transgressores. Outras funções, como de monitores, auxiliares de biblioteca e de outros projetos escolares, seguem a mesma linha da ordenação a favor da manutenção do modelo vigente. As estratégias são explicitamente de subordinação, o que dificulta a formação da autonomia política dos jovens. Isso retrata bem a situação pela qual Pedro Demo (1996) considera que participação é conquista, tal como vimos no primeiro capítulo.

Precisamos enfatizar que compreendemos que esse modelo educacional se impõe aos núcleos gestores, de modo que esses têm suas ações limitadas pela complexidade social que perpassa cotidiano escolar. Por isso é preciso por em relevo o fato de que os núcleos gestores das duas escolas mostram-se abertos e implicados com nosso trabalho, tornando-se parceiros nessa pesquisa-intervenção, de modo a abrir as portas da escola, debruçando-se sobre o calendário letivo em busca dos melhores horários de liberação dos alunos para nossas atividades. Além disso, fizeram-se presentes, interrogando, sugerindo ou oferecendo espaços para a execução das nossas atividades propostas.

Por fim, mesmo com as limitações educacionais, observamos que a escola é ainda lugar de atração para os alunos, os quais nela se apóiam mesmo fora de seus horários letivos. Por isso consideramos que a escola precisa ser lugar de formação do jovem protagonista. O acúmulo de conhecimento, o esporte e a cultura são imprescindíveis para o desenvolvimento humanos, mas não podem alienar-se da experiência política, esta que resgata o homem da “massa” alienada e o coloca como agente transformador de sua história.

4.2 Procedimentos metodológicos

Compreender a dinâmica da apropriação dos espaços e a construção das imagens de bairro pelos jovens implica em conhecer a afetividade destes para com aquele. Essa afetividade é mediadora da participação social de um sujeito com relação ao ambiente e da construção da estima do lugar (BOMFIM, 2003). Investigar a relação homem-ambiente significa abordar este eixo emotivo/cognitivo que media nossas representações ambientais. Por isso os métodos de pesquisa em Psicologia Ambiental pressupõem o acesso a esses eixos em seus níveis de análise (HIGUCHI & KUNHEN, 2004, p.128).

Outra consideração metodológica para quem faz estudo da relação pessoa-ambiente é a recomendação do uso de pesquisas multimétodos (GÜNTER, GLEICE & PINHEIRO, 2008), tendo em vista a complexidade inerente aos estudos do ambiente. A pluralidade de métodos na investigação ambiental é importante como tentativa de alcançar mais elementos formadores do ambiente. Assim através do método pode-se investigar a relação pessoa-ambiente pelas lentes de seus habitantes (com observação, entrevistas, questionários, registros narrativos etc.), mas também a partir da análise dos vestígios ambientais, isto é, das marcas que as pessoas em sua interação ambiental deixam no entorno.

Nessa pesquisa investigamos a relação pessoa-ambiente nos três bairros Bonsucesso, João XXIII e Henrique Jorge, que estão inseridos administrativamente na regional III, pelas lentes de seus jovens moradores estudantes de escolas públicas. Para a consecução deste objetivo buscamos superar um desafio: investigar, através da percepção dos jovens, seus afetos com relação a seus bairros de moradia. Baseados em experiências anteriores, achamos pertinente a utilização de instrumentais metodológicos que promovesse situações geradoras de vivências mobilizadoras de afetos em relação ao bairro, isto é, que favorecesse a experiência de “bons encontros” com os lugares, bem como a construção de significados em relação a estes. Por isso nas metodologias nos valem de recursos imagéticos (desenhos, metáforas, fotografias), vivenciais (trilhas urbanas) e dialógicos (mapa coletivo, grupo focal, conversas na trilha).

Antes de adentrar no relato de nosso percurso metodológico precisamos remontar as origens dessa pesquisa. Como essa investigação pretendeu dar continuidade à pesquisa A Cidade e a Escola (BOMFIM & ALENCAR 2006), os locais escolhido foram os bairros das duas escolas da SER III: EMEF Professor Luis Recamonde Capelo, situada no bairro Bom Sucesso e a EMEF Santa Maria, situada no bairro Henrique Jorge. Esses dois bairros são

vizinhos, separados apenas pelo bairro João XXIII como podemos ver no Mapa 1. Assim, todo o planejamento das ações intentava investigar a afetividade naqueles dois bairros, entretanto, com o desenvolvimento da pesquisa achamos pertinente apresentar dados do bairro João XXIII, ainda que este bairro não tenha sido foco da investigação. Isto porque havia nas turmas investigadas um número expressivo de jovens moradores desse bairro³⁹, gerando dados sobre suas relações afetivas para com o mesmo e também porque descobrimos que grande parte dos jovens moradores dos outros dois bairros se deslocava para o João XXIII em busca de atividades esportivas.

4.2.1 A imersão no campo: planejamentos, procedimentos e conquistas.

Torna-se preciso elucidar que a presente pesquisa está imbricada numa complexa rede de produção de conhecimentos do LOCUS (Laboratório de Pesquisa em Psicologia Ambiental da UFC). Isto porque nossos objetivos atuais deram prosseguimento à elucidação de questões abertas na pesquisa anterior ‘A Cidade e a Escola’ (BOMFIM & ALENCAR, 2006) deste laboratório, bem como nossa metodologia ocorreu como a intervenção de um de seus projetos de extensão⁴⁰, o qual foi por nós elaborado para atender às demandas observadas naquela pesquisa. Como já foi dito, esse consórcio é resultado de meu vínculo de cinco anos com as produções acadêmicas do LOCUS e que se estabeleceu durante minha graduação no curso de Psicologia da UFC.

O esclarecimento dessas questões é muito importante para dar visibilidade à participação nesta pesquisa dos alunos integrantes do LOCUS e reconhecer que ela só foi possível - em seus moldes qualitativo, participativo e coletivo - porque se apoiou em um tipo de trabalho de equipe intrínseco ao complexo sistema de recursos humanos desse laboratório, isto é, de seu espaço físico e de seu modelo de gestão. Assim as etapas metodológicas desta pesquisa foram elaboradas em reuniões coletivas com a equipe da Extensão do LOCUS, visando assegurar-lhes concomitantemente caráter de investigação e intervenção. Posso assegurar que o grande conhecimento que adquiri na universidade foi o de ter aprendido, com as atividades deste laboratório, a produzir coletivamente o conhecimento, isto é, planejar,

³⁹ Na pesquisa “a Cidade e a Escola” pesquisamos os mapas afetivos dos alunos com relação aos bairros das escolas onde estudavam. Por isso os mapas afetivos de uma escola eram todos relativos a um mesmo bairro. Nessa atual pesquisa investigamos numa mesma turma colegial os mapas afetivos dos alunos com relação a seus bairros de moradia. Como numa mesma turma havia moradores dos três bairros próximos: Bonsucesso, Henrique Jorge e João XXIII, apareceram mapas afetivos desses três bairros nas duas turmas das escolas investigadas.

⁴⁰ Este projeto de extensão denominou-se “Diagnóstico-ação psicossocial e ambiental dos bairros componentes da regional III (SER III) pela identificação dos mapas afetivos” e como aluna do mestrado assumi o lugar de coordenadora do projeto.

executar e avaliar na dialogicidade dos encontros. Essa é uma experiência cara para o pesquisador das ciências humanas, tendo em vista que há saberes que a abstração solitária e o modelo autodidata não alcançam. Baseando-nos nesse modelo coletivista de produção de conhecimento, demos prosseguimento ao planejamento das ações a serem desenvolvidas com os alunos da nona série de duas escolas municipais dos bairros Bonsucesso e Henrique Jorge.

Concordamos que precisávamos, com as metodologias, conjugar dois objetivos junto ao público participante. Primeiramente, o de proporcionar ações que colocassem os alunos no lugar de protagonista juvenis em seus bairros. Para isto planejamos ações eminentemente participativas no bairro, quais sejam: de apropriação de seus espaços, integração socioespacial, conscientização sobre seus problemas e educação ambiental não diretiva. Todas essas ações tinham uma preocupação central: a participação dos alunos deveria ser potencializadora para eles, isto é, deveria ser sentida como necessidade, alegria e entusiasmo. Por isso, a partir da teoria da afetividade de Espinosa, entendemos que a potência de ação humana aumenta com o estabelecimento dos verdadeiros encontros e com a emergência dos afetos ativos. Este argumento nos levou a adotar uma abordagem lúdica e sociointegradora em nosso caminho metodológico.

Em segundo lugar, para atender aos objetivos dessa pesquisa, precisávamos, com os métodos utilizados, colher informações sobre as possíveis formas de participação social dos alunos em seus bairros de moradia, bem como informações a respeito de suas relações afetivas para com os mesmos. Precisávamos compreender se a estima de lugar dos alunos com relação aos bairros em estudo impactava na participação social deles no bairro e de que maneira.

A abordagem participativa das metodologias foi especialmente importante para a pesquisa, pois ao incentivar a participação dos alunos, encontramos uma melhor expressão de seus pensamentos, sentimentos e representações com relação a seus bairros. Assim, na medida em que a participação dos alunos aumentava, a metodologia tornava-se menos diretiva, e por consequência, observamos uma maior implicação às questões apresentadas.

Planejamos várias atividades nas duas escolas escolhidas para consecução dos objetivos postos. Assim, essa pesquisa caminhou com o projeto de extensão “Diagnóstico-ação psicossocial [...] pela identificação dos mapas afetivos”, o qual já mencionamos, até a sétima atividade, através das seguintes etapas:

Etapa 1: contato com os núcleos gestores das escolas.

De início não tínhamos mais nenhum contato com os núcleos gestores das escolas. Precisamos, então, contatá-los por telefone. Por meio dessa ligação explicamos brevemente nossos objetivos de pesquisa e marcamos uma reunião com os núcleos gestores. Na EMEIF Luis Recamonde Capelo, contatamos com o diretor e na EMEIF Santa Maria com a Vice-diretora.

Etapa 2: reunião com o núcleo gestor

Reunimos-nos com os núcleos gestores para apresentação dos resultados da pesquisa ‘A Cidade e a Escola’ e explanação do projeto desta atual pesquisa, a fim de conseguir a autorização para a execução de nossas atividades.

Na primeira reunião da EMEIF Luis Recamonde Capelo eu e integrantes do LOCUS apresentamos a pesquisa anterior para o diretor e conversamos sobre nossos projetos novos de pesquisa e extensão. Este se mostrou bastante interessado e nos solicitou que fizéssemos o mesmo durante uma reunião geral já marcada com todo Núcleo Gestor, Conselho Pedagógico e professores. Aceitamos e assim procedemos. Os dois momentos foram muito ricos em trocas de informações. Com relação a nós, pudemos, através das informações cedidas pelos educadores a entender um pouco mais sobre as problemáticas da escola.

Ainda nessa escola tivemos outras reuniões com a coordenadora e supervisora a fim de barganharmos liberações dos alunos de algumas aulas para o desenvolvimento das atividades. Esse processo foi difícil, pois não podíamos atrapalhar o aprendizado dos mesmos. Nessa escola acabamos por encontrar uma boa solução: nossas atividades fariam parte de uma disciplina obre Estudos Regionais, que trabalhava com objetivos e metodologias semelhantes aos que estávamos propondo. Respeitando o calendário de provas e de outras atividades culturais já definidas, montamos nosso cronograma de atividades.

Na EMEIF Santa Maria, não tivemos a mesma sorte. Nosso contato se restringiu apenas à vice-diretora. Juntamente com a equipe do LOCUS, realizamos o mesmo procedimento de apresentações anterior. Esta muito se empenhou em organizar um cronograma para nossas atividades, mas, limitada por um complexo sistema de cronograma interno de aulas, no qual os professores mudavam de turmas e de datas trimestralmente, teve dificuldade nesse trabalho. Combinamos que as atividades seriam nos horários das aulas de geografia e de história, de modo que pudessem servir com atividades da mesma.

Nessa escola durante todo o tempo tivemos grandes dificuldades de realização das atividades, tanto por confusão e descumprimento de horário, por parte da escola, como por falta de uma maior conexão com o núcleo gestor e, por consequência com os próprios alunos. Mesmo assim, com muito esforço, as atividades foram realizadas, ainda que não contanto com a mesma integração e parceria conseguidas na escola anterior. Assim, embora tenhamos conseguido levantar dados para pesquisa, os objetivos de integração e experiências participativas ficaram um pouco prejudicados.

Etapa 3: primeiro encontro com os alunos

Os objetivos deste primeiro encontro eram: 1) apresentação das duas equipes (de alunos e de pesquisadores), 2) início da formação de vínculos entre elas, a partir de uma dinâmica de apresentação⁴¹ e 3) Entrega dos TCLE para serem assinados pelos pais.

Nas duas escolas esse primeiro encontro foi muito difícil, uma vez que nossos métodos dialógicos e participativos eram estranhos aos alunos. Percebemos que estes não tinham em suas bagagens de vida experiências de agrupamentos dialógicos com fim coletivo, e ainda menos como atividade educativa. Assim, colocá-los em círculo, promover o encontro afetivo e respeitoso de olhares, incitar o discurso sobre as questões em pauta, favorecendo a implicação destes alunos numa atividade dialógica e coletiva, foi um grande desafio.

Na EMEIF Luis Recamode Capelo, logo no primeiro encontro, nós enfrentamos um grande problema: A escola havia liberado todos os seus alunos, em função de uma atividade cultural que havia se esgotado logo no primeiro turno da manhã, mas o núcleo gestor havia contido numa mesma sala duas turmas de nona série para participarem da pesquisa. Assim, ao contrário de uma só turma por nós solicitada, encontramos num auditório fechado e sem refrigeração, duas turmas concorrente, inquietas e pouco dispostas a participar. Ainda assim, realizamos as atividades propostas, entregamos os TCLE e avisamos de um retorno para a aplicação dos mapas afetivos.

⁴¹ Nessa metodologia pedíamos que os alunos ficassem em círculo. Dávamos um tempo para as duplas conversarem sobre as informações do tipo: nome, idade, lugar em que mora, coisa que mais gosta e menos gosta de fazer, coisa que mais gosta no bairro onde mora, coisa que menos gosta no bairro onde mora. A seguir pedíamos que uma das pessoas apresentasse sua dupla para o grupo, baseada nas informações trocadas durante o tempo de conversa. Nessa dinâmica o grupo de pesquisadores também participava. Nas experiências das duas escolas, integramos os alunos, solicitando que caminhassem silenciosamente, ao som de uma música calma, pela sala, atentando-se apenas para sua primeira percepção com relação às outras pessoas e ao ambiente da sala. Apenas após esse momento, conseguíamos uma atenção coletiva para agirmos entregando os termos e combinando os próximos passos.

Na EMEIF Santa Maria nós encontramos os alunos da turma oferecida pela vice-diretora já em sala de aula. O desenvolvimento das atividades foi menos caótico do que na primeira escola, entretanto, enfrentamos, ainda que com menos intensidade, alunos dispersos, desinteressados e impacientes com as atividades. Nessa escola contamos sempre com a presença das professoras na sala. Essas, nos primeiros momentos, nos ajudaram com suas presenças de autoridade. Nessa escola também conseguimos, com dificuldade, finalizar essa etapa.

Etapa 4: aplicação do questionário gerador dos Mapas Afetivos

A aplicação do instrumento gerador dos mapas afetivos foi tranquila nas duas escolas, uma vez que esta era uma atividade individual que prescindia da interação grupal e focalizada. Nas duas escolas dispomos inicialmente os alunos em fila, lhes entregamos um kit contendo lápis, caneta, giz de cera e borracha e, então distribuímos os questionários, esclarecendo sobre suas questões. Nas duas escolas os alunos mostraram-se compenetrados no preenchimento do questionário. Acreditamos que, como o questionário não tinha nenhum valor que acrescentasse notas ao rendimento escolar dos alunos, isto é, ao boletim escolar, a compenetração deles deveu-se ao caráter lúdico e expressivo do instrumento. A apresentação do instrumento gerador dos mapas afetivos encontra-se ao final desse capítulo

Caminhos metodológicos investigativos qualitativos baseados na participação coletiva e no aprofundamento dialógico.

O instrumento gerador dos mapas afetivos apresenta-se como metodologia de pesquisa qualitativa, por conter itens abertos a complexos processos de significação tanto por parte do pesquisando como por parte do pesquisador. Entretanto apresenta a limitação peculiar a toda metodologia com questionários: a de não proporcionar o *feedback* para o pesquisador dos motivos que atravessam as respostas dadas pelo pesquisando. Por isso, na investigação dos mapas afetivos recorreremos a metodologias qualitativas vivenciais e dialógicas, proporcionando aos pesquisandos oportunidade para falarem mais profundamente sobre suas respostas dadas ao questionário. Fizemos isso através de três caminhos metodológicos: A construção de um Mapa Coletivo, a Trilha Urbana pelos lugares significativos do bairro para os pesquisandos e um grupo focal.

Assim, antes de conduzir o processo do grupo focal, desenvolvemos as duas outras metodologias. Essas atividades nos são caras porque a percepção dos afetos com relação aos lugares não é algo de acesso fácil na consciência, como o são as questões afetivas com relação às outras pessoas. É preciso incitar a ativação dessa afetividade a partir de vivências lúdicas, coletivas e fenomenológicas no ambiente pesquisado. Por termos já tido contato com a vivência da biodança em outros momentos, procuramos desenvolver atividades que pudessem promovê-la, junto aos adolescentes. Segundo Góis, 1995, p.33:

O ponto de partida da teoria da biodança é a vivência. Daí emergem os significados do vivido e os problemas a serem formulados pela consciência. Na tentativa de elaborar a vivência temos a experiência, um passo importante no caminho da construção teórica que não rompe como o mundo vivido; a teoria rompe com o conhecimento comum aparente e se integra (retorna) ao real através da atividade humana no mundo.

Como podemos observar a vivência é condição de formação da consciência problematizadora, já que é por ela que são gerados os significados do vivido. Por isso para alcançarmos a afetividade dos adolescentes com reação a seus bairros de moradia, procuramos promover o encontro vivencial com os mesmos, para então pesquisarmos elementos de uma consciência implicada afetivamente com o lugar. Para o alcance desses objetivos, procuramos desenvolver essas atividades baseando-nos no método vivencial apontado na biodança. Por isso as metodologias pretendiam, além da coleta de dados, promoverem um encontro amoroso e integrador entre os participantes do grupo, de modo a fortalecer a expressão de seus potenciais humanos e de suas identidades. Segundo Góis (2002, p. 24), a biodança pode ser definida como um “Sistema de desenvolvimento humano, orientado para o estudo e fortalecimento da expressão dos potenciais humanos, através da música, exercícios de comunicação em grupos e vivências integradoras.”

Procuramos assim desenvolver as atividades, com músicas, roda de diálogo, expressões artísticas e corporais e uma caminhada vivencial pelos bairros investigados, prezando primordialmente pela manutenção de uma postura acolhedora e amorosa para com os participantes. Essa postura visa fortalecer os vínculos afetivos entre todos os participantes da pesquisa (sujeitos e pesquisadores), de modo a favorecer a apreensão da afetividade com relação ao bairro e de promover o encontro entre essas pessoas. Vale aqui, entretanto, esclarecer que com o método da biodança trabalhamos a afetividade como vínculo afetivo, enquanto em nossa pesquisa priorizamos o conceito de afetividade como ética em Espinosa. Como já referido anteriormente a afetividade é abordada por Espinosa como a potência de

agir dos seres, não sendo por ele avaliada como boa ou má, mas apenas como capacidade dos corpos de perseverar em suas existências.

Tendo discernido as formas de abordar a afetividade em Espinosa e no sistema da biodança, prosseguimos relatando que nos apoiamos neste último para desenvolvermos nossas atividades metodológicas nas seguintes etapas dessa pesquisa:

Etapa 5: Construção do Mapa Coletivo.

Essa etapa foi feita nas salas de aula das duas escolas. A construção do Mapa Coletivo consistiu em uma metodologia de planejamento participativo a respeito do trajeto a ser cumprido na trilha urbana pelos lugares significativos do bairro da escola. Essa atividade teve o objetivo de construir um percurso significativo para os alunos.

Procedemos da seguinte maneira: na EMEIF Luis Recamonde Capelo, por consideramos que a turma estava interessada e integrada, procedemos a atividade a partir de um círculo feito com a participação de todos os alunos da sala. Solicitamos, primeiramente, que os jovens desenhassem e pintassem individualmente em um papel de ofício os espaços significativos daquele bairro para elas. Num segundo momento, já estando os desenhos prontos, estendemos um painel formado por duas folhas de papel madeira. Traçamos apenas a via principal que delimitava o bairro no painel localizamos, como referencial, a escola na qual estávamos. Solicitamos, então, que os jovens dialogassem e resolvesse como colariam os desenhos dos lugares que fizeram no painel na posição semelhante a suas reais localizações no bairro.

Nessa escola, durante essa atividade já começamos a observar o protagonismo de alguns alunos no desenvolvimento da atividade, e por consequência, o interesse dos demais. Assim a implicação coletiva dos alunos na atividade aumentava à proporção que alguns deles tomavam a frente da atividade, elegendo lugares a serem visitados e propondo itinerário a ser trilhado no dia seguinte. Assim facilitamos a construção coletiva e participativa do Mapa do Bairro e da decisão sobre o itinerário da trilha pelo bairro Bonsucesso.

Na EMEIF Santa Maria, consideramos pertinente proceder de outra forma com essa metodologia, por dois motivos: primeiro porque percebemos essa turma mais desintegrada, formada por focos de grupos que além de não interagirem ainda competiam entre eles. Segundo, porque, por problemas da escola no cumprimento do cronograma de nossas atividades, ficamos distantes da turma por mais tempo, o que consideramos ter prejudicado o vínculo formado entre nós durante as atividades anteriores. Por isso resolvemos desenvolver a

atividade com a divisão de grupos de oito pessoas na sala. Cada grupo construiu um Mapa Coletivo. Depois abrimos o círculo com todos e com base no que tinham criado, decidimos, com a ajuda de alunos representantes de cada grupo o itinerário a ser percorrido pelo bairro Henrique Jorge. Ainda assim, percebemos nessa turma, ao contrário da anterior, uma maior resistência na participação.

Etapa 6: Trilha Urbana pelos Bairros.

Os mapas que existem na minha cabeça são uma organização abstrata do espaço. Eles nada me dizem sobre os caminhos a serem tomados. Mas quando o desejo surge, ele marca, nos mapas, abstratos, as trilhas e os caminhos da vida. Uma trilha é coisa viva, parte do meu corpo. (Rubem Alves)

A trilha é uma metodologia comumente utilizada na geografia, empregada e adaptada também para outros cursos como a arquitetura. Consiste em visitas a alguns ambientes. Essas visitas são realizadas com a participação de um instrutor que fornece informações históricas, sociopolíticas e geográficas a respeito da região. São tratados durante as trilhas conteúdos de educação ambiental, tais como preservação do patrimônio histórico, preservação ecológica etc. Na psicologia ambiental as utilizamos também como uma forma de apropriação dos espaços a partir da proposta de uma vivência fenomenológica do ambiente, a qual atualiza sempre um novo olhar sobre o vivido, criando novas percepções ambientais. Através das trilhas pode-se experimentar o ambiente de maneira afetiva e sinestésica. Saindo da estática da sala de aula e buscando a dinâmica da vida pulsante no exterior desses ambientes fechados. Nas trilhas busca-se a interação sensorial entre pessoa e ambiente, rompendo inicialmente com barreiras físicas e proporcionando descobertas do espaço, através de inúmeras experiências vividas pelo observador ao longo do percurso. Neste processo evocamos conteúdos relativos ao bem-estar do homem no seu ambiente. Assim debatemos sobre qualidade de vida urbana, que comporta as dimensões do apego ao lugar, bons espaços de convivência e segurança.

O método a ser utilizado está sucintamente descrito abaixo:

Inicia com observações de como se dão as interações humanas entre si e com o ambiente físico onde vai ocorrer o estudo. Viabiliza visitas monitoradas a locais previamente escolhidos afins com o tema a ser desenvolvido. Prossegue-se com registros fotográficos, depoimentos e gravações das diversas situações que o grupo em questão está exposto, finalizando esta etapa com desenhos, mapas e maquetes dos locais. O produto é então trabalhado como objeto evocador em entrevistas/debates coletivos. Representam-se aspectos cognitivos e simbólicos sob forma de desenhos, pinturas, montagens, colagens e dramatizações... (HIGUCHI & KUHNEN, 2004;).

A contribuição dessa nova metodologia está na possibilidade de ampliar a percepção dos sujeitos pesquisadores e pesquisados com relação ao ambiente pesquisado, através da vivência fenomenológica propiciada pelas visitas monitoradas, além de promover nestes a formação de uma consciência crítica através da entrevista/debate ao final da visita que se finalizará nesse estudo com um grupo focal. A metodologia das trilhas atende aos objetivos pretendidos pelo psicólogo ambiental de promover o encontro concreto e fenomenológico com os espaços.

Etapa 6.1: Trilha pelo bairro Bonsucesso

Quando chegamos à escola EMEIF Luis Recamonde Capelo, encontramos a turma reunida e já com bastante expectativa para a atividade. Saímos logo no primeiro horário da manhã, acompanhados pela professora de Estudos Regionais, seguindo o seguinte itinerário definido na etapa anterior: Escola → Chafariz → Quadra → Praça → Canal → Igreja → Forró Fundo de Quintal → Posto de Saúde → Escola. A trilha que durou em torno de uma hora foi muito significativa na consecução dos objetivos propostos. A turma seguiu integrada, tomando a dianteira, conduzindo e apresentando os lugares do bairro para a equipe de quatro pesquisadores do LOCUS. Paramos e conversamos sobre os lugares por eles escolhidos, fotografamos aqueles as paisagens que eles apontavam como significativas. Durante o percurso, tivemos a oportunidade de passar pelas casas dos alunos, onde todos pediam para parar, beber água. Nesse momento de descontração entendemos que os alunos eram integrados não apenas como estudantes, mas como moradores de um lugar, isto é, tinham relações de vizinhança.

Abaixo, apoiados nos recursos do *Google Map* selecionamos o espaço percorrido na trilha e marcamos o sentido do itinerário.



Figura 10.



Figura 11.



Figura 12.

Etapa 6.2: trilha pelo bairro Henrique Jorge

Quando chegamos na EMEIF Santa Maria para a realização da trilha, encontramos apenas 9 nove alunos na sala. A escola havia liberado os mesmos para outra atividade fora do seu espaço. Os que haviam permanecido estavam desmotivados para a trilha, de modo que chegamos à beira da desistência de realizar a mesma. Mudamos de idéia quando a vice-diretora conversou com os alunos motivando-os a participar. Fomos então partir para cumprir o itinerário planejado na atividade anterior: Escola → Colégio João Pedro → Colégio Mariano Martins → Praça Afonso Pena → Igreja Matriz → Escola Estadual Paulo Freire → Ginásio Poli esportivo Paulo Freire → Praça Dom Bosco → Hospital e Maternidade Argelina. Castelo Branco.

Ficamos inicialmente resistentes, já que considerávamos que para a participação em atividades ser potencializadora para os alunos não podia partir de uma obrigação. Entretanto com o decorrer da trilha, os alunos foram se aproximando e se integrando. Estes alunos diziam ter vergonha uns dos outros, por isso se preservavam no sentido de expor opiniões e, a nosso ver, de expressar emoções, acabando por parecer mais sisudos que os alunos da escola

anterior, mas ainda que não demonstrassem conosco o mesmo carinho, afago e alegria daqueles durante a trilha, estes se aproximavam lentamente entre eles e entre nós, a cada parada nos locais pré-definidos para breves conversas.

Para nossa surpresa, ao final da trilha, os alunos pediam para repetirmos as atividades em outros locais e diziam que fariam inveja aos que não foram. Confusos com a posição destes, perguntávamos como tinham mudado tão rápido de opinião sobre a trilha e estes diziam que não sabiam que seria bom daquele jeito. Ficamos surpresos e compreendemos porque Espinosa dizia que a afetividade dos corpos ocorre em função do encontro destes com outros.

Um esboço da trilha encontra-se abaixo na foto de satélite e nas fotografias tiradas durante o percurso.

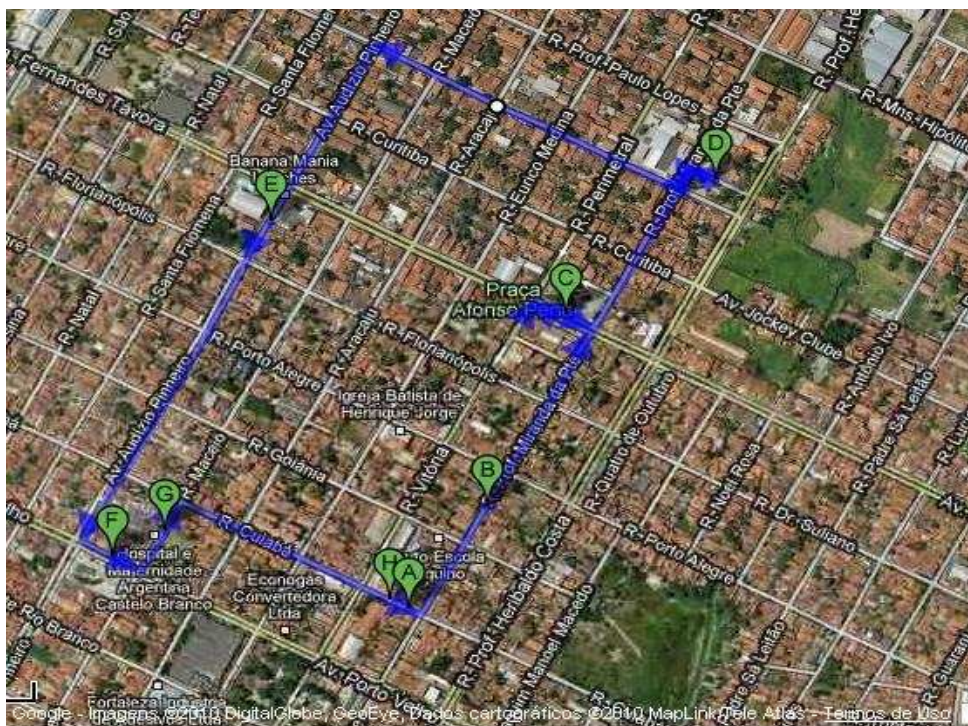


Figura 13: Fotografia de satélite com traçados relativos ao trajeto da trilha urbana no Bairro Henrique Jorge

Seguem a seguir as fotografias dos lugares visitados na trilha pelo Henrique Jorge.



Figura 14.



Figura 15.



Figura 16.



Figura 17.



Figura 18.



Figura 19.



Figura 20.

Etapa 7: Os grupos focais.

Segundo Marconi & Lakatos (2009), numa pesquisa podemos utilizar dois tipos de entrevistas: A padronizada ou estruturada e a despadronizada ou não estruturada. A primeira segue fielmente um roteiro pré-definido, não sendo livre ao pesquisador adaptar suas perguntas ao contexto que se abre na entrevista. A entrevista não estruturada “o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão” (MARCONI & LAKATOS, 2009, p.199). Ainda segundo esses autores um tipo de entrevista não estruturada é a entrevista focalizada, na qual “há um roteiro de tópicos relativos ao problema que se vai estudar e o entrevistador tem a liberdade de fazer as perguntas que quiser: sonda razões e motivos, dá esclarecimentos, a rigor, uma estrutura formal” (p.199).

O grupo focal consiste em uma entrevista não estruturada aplicada em um grupo. Segundo Cavazza (2005):

Trata-se de uma discussão de grupo sobre um tema preciso e definido *a priori* (*focus*) com base nos objetivos da pesquisa. Os participantes são convidados a intervir na discussão, exprimindo o próprio ponto de vista, coordenados e estimulados por um condutor não-diretivo, cujo papel consiste principalmente em assegurar-se de que todos tenham a possibilidade de exprimir-se de modo livre de críticas e avaliações e que todos os pontos de interesse sejam exaustivamente tratados. (, p.94)

Antes da realização dos grupos focais nas turmas investigadas, discuti com os outros membros da equipe (alunos membros do LOCUS) as questões acima, de modo a nos prepararmos para abordar o foco de nossos objetivos na facilitação da discussão sobre o mesmo. Apresentei um roteiro de entrevista⁴² que serviria para nos orientar sobre as questões a serem abordadas. Planejamos em cada escola formar nas turmas estudadas três grupos focais, cada qual formado apenas por alunos moradores de um mesmo bairro. Resolvemos dividir as equipes para isso. Como era de meu maior interesse inicial de pesquisa investigar os bairros Bonsucesso e Henrique Jorge, me propus a facilitar os grupos de moradores desses bairros.

Inicialmente planejamos com os gestores das escolas que os grupos focais seriam realizados logo após a trilha urbana, pois esta serviria como aquecimento para aqueles.

⁴² Esse roteiro e as transcrições possíveis dos grupos focais encontram-se na relação de anexos.

Na EMEIF Luis Recamonde Capelo, foi possível realizar os grupos após a experiência das trilhas. Dividimos o grupo em três salas, cada uma contendo dois facilitadores e alunos moradores de um mesmo bairro. Conseguimos a autorização dos grupos para a gravação em áudio da entrevista. Para assegurar a participação de todos, planejamos uma dinâmica, na qual entregávamos inicialmente uma bola de tênis para o primeiro que se pronunciava nas falas, então este passaria bola para quem ele quisesse que respondesse após ele e assim sucessivamente até que todos do grupo tivessem participado.

Na EMEIF Santa Maria, precisamos realizar o grupo focal e a aplicação do questionário complementar num período curto. Este momento realizou-se apenas uma semana após a trilha. Como pretendíamos abordar questões surgidas durante a trilha e precisávamos de pessoas mais implicadas para essa atividade, escolhemos, nesta escola, fazer apenas um grupo focal com os alunos que participaram da trilha. Destes apenas 6 seis alunos puderam participar, sendo três bairro Bonsucesso e três do bairro Henrique Jorge. Esse grupo focal, por limitação de tempo, configurou-se mais com uma entrevista de grupo estruturada como se pode ver em sua transcrição na relação de anexos. Isso porque, limitados por falta de tempo, precisamos realizar uma abordagem mais diretiva das questões.

De uma forma geral nas turmas duas escolas, tanto através das conversas formais, quanto das informais, pudemos aprofundar muitas questões inicialmente propostas, mas também nos deparamos com novas questões que, a nosso ver, mereciam serem mais bem investigadas para a consecução dos objetivos da pesquisa. Diziam respeito ao fato de termos notado que grande parte da vida social desses adolescentes desenvolvia-se a partir de suas inscrições em projetos sociais desenvolvidos dentro de alguns estabelecimentos. Parece ser esse o fenômeno ao qual Seabra se reporta ao dizer que a industrialização impõe uma urbanização destruidora dos espaços públicos de convivência.

Contudo, na metrópole não se pode suprimir espaços qualitativos porque sem eles não há vida. Mas, nestas condições, a qualidade se insere, sobretudo, nos circuitos do mercado; nos clubes fechados e no movimento da indústria do entretenimento. O nível de relações imediatas tende a ser restrito ao domínio da casa. (Seabra, 2000, p.17).

Isso nos levou a desenvolver um questionário complementar para uma maior compreensão da afetividade e participação dos adolescentes em seus bairros. O modelo desse questionário encontra-se na relação de anexos. Este questionário complementar atende também a seguinte demanda: durante o desenvolvimento da pesquisa novas questões surgiram

com respeito à participação social no bairro e as quais as metodologias anteriores não deram conta, por isso acrescentamos uma oitava atividade integrativa, dentro da qual seria aplicado um questionário complementar. As perguntas desse novo questionário dirigiam-se para a elucidação das reais funções psicossociais que os lugares do bairro (praça, escola, rua, clubes, igreja, associações, projetos sociais etc.) e suas instituições (família, escola, religião, comunidade) desempenhavam nas vidas daqueles jovens. Outras perguntas dirigiam-se para compreender, aos olhos dos jovens, as problemáticas próprias da juventude do bairro e de suas capacidades ou responsabilidade diante delas. Queríamos compreender o nível de protagonismo juvenil dessa população, isto é, se sua educação era promotora de incentivos e oportunidades de participação na elaboração e execução de estratégias políticas de enfrentamento de suas próprias dificuldades. Limitados pelo tempo, apresentaremos apenas uma análise estatística destes últimos dados.

4.2.2 O instrumento gerador dos Mapas Afetivos

O instrumento gerador dos mapas

O instrumento utilizado para gerar o mapa afetivo é um questionário composto por itens nos quais é solicitado ao respondente a elaboração de desenhos e metáforas, respostas a questões abertas e objetivas, de maneira que os itens buscam investigar a afetividade das pessoas com relação aos lugares. O desenho possibilita o acesso a níveis emocionais do respondente com relação ao espaço, os quais serão significados pelo investigando na elaboração da resposta escrita da questão subsequente que pergunta sobre o significado do que desenhou. A metáfora expressa o que, por ser complexo, só pode ser revelado de forma sintética por analogia com algo semelhantemente complexo, tais como são as imagens e representações que temos dos lugares. Em um dos itens do instrumento gerador do mapa afetivo é solicitado que o respondente compare o lugar com algo. Segundo Bomfim:

Os desenhos e metáforas são recursos imagéticos reveladores dos afetos que, juntamente com a linguagem escrita dos indivíduos pesquisados, nos dão um movimento de síntese do sentimento. O desenho é a criação de uma situação de aquecimento para a expressão de emoções e sentimentos e a escrita traduz a dimensão afetiva do desenho. As metáforas são recursos de síntese, aglutinadores da relação entre significados, qualidades e sentimentos atribuídos aos desenhos (2003, p.130).

O instrumento gerador dos mapas afetivos foi elaborado por BOMFIM (2003) na tentativa de conhecer os afetos dos habitantes de Barcelona e São Paulo com relação às suas cidades. Este se constituiu, dos seguintes itens: 1) Desenho; 2) Significado do desenho; 3) Sentimentos; 4) Palavra-Sínteses; 5) O que pensa da cidade; 6) Categorias da escala Likert: a) Pertença, b) Contraste, c) Agradabilidade, d) Insegurança; 7) Comparação da cidade; 8) Caminhos percorridos; 9) Participação em associação; 10) Participação eventual em movimentos sociais; 11) Características sócio-demográficas (BOMFIM, 2003, pgs. 135-140). Desses itens alguns foram retirados, outros modificados no instrumento utilizado na pesquisa ‘a Cidade e a Escola’ para melhor adequação à realidade então estudada. Este último instrumento está nos anexos desta dissertação.

Nesta atual pesquisa de mestrado irei utilizar o instrumento semelhante ao utilizado na pesquisa a Cidade e a Escola, adicionando duas questões relativas à ação comunitária participativa para posterior exploração de assertivas para investigação estatística das mesmas. Serão os seguintes itens componentes do instrumento gerador dos mapas afetivos dessa atual pesquisa:

1) Desenho

Aqui será solicitado que a pessoa desenhe sua forma de ver, representar e sentir o bairro Bom Sucesso. Essa primeira questão serve de aquecimento para melhor acesso das emoções envolvidas com o lugar.

2) Significado do desenho

Neste item é solicitado que a pessoa escreva o que o desenho significa para si. O significado dado pela pessoa é integralmente considerado pelo pesquisador, o qual não faz hipóteses interpretativas dos mesmos. O que neste item deve interessar ao pesquisador é o que se revela com sentido na consciência do respondendo.

3) Sentimentos Com intuito de obter uma síntese dos sentidos e significados deflagrados nos itens anteriores, neste item é pedido que o respondente escreva quais seus sentimentos com relação ao desenho.

4) Palavras – Sínteses

Aqui será pedido que o respondente escreva 6 palavras que representem seus sentimentos. Embora ele já tenha falado sobre os sentimentos no item anterior, neste item ele

precisa sintetizar o que foi dito em 6 palavras. Ainda que seja pedido nas palavras os sentimentos com relação ao bairro, o conteúdo dessas pode variar entre sentimentos, qualidades, substantivos ou outras expressões. Isso demonstra, segundo Bomfim (2003) que há uma interferência do respondente no processo de elaboração de sua resposta e superação do instrumento

5) O que pensa do bairro

Com este item pretende-se dar espaço para que a pessoa discorra sobre suas opiniões com relação a seu bairro e sobre o que ele representa para ela. Permite que ela elabore de forma escrita o conteúdo revelado no desenho.

6) Comparação do Bairro

Aqui será solicitado que o respondente escreva com o quê ele compararia o bairro Bom Sucesso. Este é o item que gera a metáfora, que como foi dito acima, permite a expressão sintética, por meio de analogias, de algo que é complexo.

7) A participação social juvenil

Esse item foi modificado do item similar ao de Bomfim (2003) como podemos comparar ao que já foi acima apresentado. Neste procuramos investigar a participação social do respondente com a seguinte pergunta: *Quais são as coisas que você faz para melhorar a comunidade do seu bairro?* Também investigamos a participação em atividades comunitárias com a pergunta: *Você participa de algum projeto social, associação, grupo ou outra atividade comunitária no seu bairro? Sim ou não. Se sim, diga de qual.*

8) Escala Likert⁴³: Um suporte na medição da Estima de Lugar

Essa questão faz parte do instrumento, mas é analisada de forma paralela através de uma análise estatística complementar.

⁴³ “Likert é autor de uma monografia publicada em 1932, na qual propõe uma modalidade decisivamente menos empenhadora que a de Thurstone para salientar as atitudes. Por essa razão sua proposta conheceu grande difusão.” (CAVAZZA, 2005, p.72)

Essa escala ajuda na medição da estima de lugar do respondente através de uma modalidade metodológica que o conduz a responder de forma favorável ou desfavorável frente a algumas assertivas apresentadas. Essas assertivas contêm implicitamente os elementos formadores da estima de lugar, isto é, pensamentos, representações e sentimentos com relação àquele lugar. Os elementos implícitos nessas assertivas são categorizados por análise de conteúdo, de tal modo que cada assertiva passa a corresponder a uma categoria. As categorias levantadas nesta investigação foram: Agradabilidade, Pertença, Insegurança, Destruição e Contraste. Essas categorias eleitas são os indicadores da estima de lugar de modo que as constituídas por sentimentos e qualidades positivas geram estima positiva, ao passo que as constituídas por sentimentos e qualidades negativas, geram estima negativas. Já a categoria que apresenta contraste de qualidade ou ambiguidade de sentimentos, denominada por Bomfim (2003) de Contraste, gera estima de lugar também negativa. Assim, segundo esta autora:

No instrumento, não é esclarecido ao respondente a que imagem pertencem tais afirmações. Estão descritas abaixo as categorias com suas respectivas variáveis: **Agradabilidade:** Aqui encontramos as palavras que mostram sentimentos de vinculação à cidade e suas qualidades positivas (...) **Pertinência:** nesta categoria encontramos sentimentos, emoções e palavras de identificação com o lugar (...) **Contrastes:** Na categoria contraste, temos sentimentos, emoções e palavras contraditórios em que há uma polarização positiva e negativa (...) **Insegurança:** Na categoria insegurança, estão todos aqueles sentimentos e palavras que envolvem algo inesperado, instável e, às vezes, negativo. (2003, p. 138):

Nessa escala, além das categorias mencionadas, acrescentamos a categoria “Destruição”, a qual surgiu eminentemente na pesquisa ‘a Cidade e a Escola’. Essa categoria assemelha-se a categoria Insegurança, por apresentar sentimentos e qualificações negativos do respondente com relação ao ambiente em estudo, mas distingue-se desta por apresentar tipos de sentimentos e qualidades específicos relativos à imagem de um ambiente destruído e degradado. Isto porque, diferentemente da imagem da Insegurança que existe mesmo em um ambiente preservado, a da Destruição se reporta especificamente às questões da sujeira e das estruturas quebradas, pichadas ou abandonadas, à escassez de recursos nos órgãos públicos (como nas escolas, nos postos de saúde e nos equipamentos de segurança), ao vandalismo etc. Estas qualificações geram também um tipo peculiar de sentimentos em seus usuários, como o desprezo, a vergonha, o nojo e o sentimento de revolta.

Para que o sujeito que responde à escala possa se colocar de forma favorável ou desfavorável às afirmações feitas com relação a seu lugar é preciso que ele identifique nelas

elementos congruentes com sua realidade. Por isso essas assertivas são levantadas, através de um pré-teste no ambiente da pesquisa, a partir de falas de pessoas que compartilham do mesmo contexto do sujeito a ser posteriormente investigado. As assertivas utilizadas nesta pesquisa foram frases tiradas dos mapas afetivos da pesquisa anterior, a qual foi realizada com outros alunos da nona série das mesmas escolas agora investigadas. Assim, nesta atual pesquisa apresentamos aos alunos uma escala pela qual eles podiam opinar sobre suas assertivas, dando-lhes uma nota de 1 a 5, caso . Estas notas significavam respectivamente as seguintes opiniões com relação às assertivas: concordo plenamente, concordo, nem concordo nem discordo, discordo, discordo plenamente. Essa escala está na relação dos anexos.

9) Seus caminhos percorridos no bairro Bom Sucesso

Aqui será pedido ao aluno que ele descreva quais caminhos costuma percorrer pelo bairro Bom Sucesso no seu cotidiano, citando ruas e lugares e coisas que lhe são significativas durante seus trajetos.

10) O que gosta e o que não gosta no bairro Bom Sucesso

Este item tem como objetivo avaliar o que o respondente gosta e o que não gosta no bairro.

11) Dados pessoais

Esse é o último item do questionário e refere-se aos dados pessoais: sexo, idade, renda familiar, tempo de residência no bairro.

4.2.3 A análise dos dados dos mapas afetivos

As informações concedidas, presentes no instrumento gerador dos mapas afetivos, são transferidas pelo pesquisador para uma tabela, em cujas colunas estão as categorias de análise de tais conteúdos. Essa tabela em sua totalidade é o que Bomfim (2003) denomina de mapa afetivo. Todas as categorias desse mapa foram criadas, junto à criação do instrumento, para organizar de forma sintética, mas fiel, os conteúdos fornecidos pelos respondentes. Na tabela proposta por Bomfim, apenas na última categoria da tabela, denominada *Sentido* contém um conteúdo que passa pela interpretação do pesquisador. Portanto o *Sentido* do mapa afetivo consiste numa interpretação do pesquisador, baseada numa síntese das informações contidas nas categorias anteriores. Entretanto, nesta nossa pesquisa alteramos essa configuração, de

modo a acrescentar a categoria participação na tabela e interpretar seu sentido num outro espaço. Esta conformação está bem explícita na análise dos mapas afetivos.

Tendo terminado esse processo de categorização nessa tabela, se tem os quadros 1 ou 2. A figura é a *representação gráfica* da construção de significados dados pelo respondente a respeito dos itens do instrumento, que aborda sua relação afetiva com o lugar em questão. Por isso essa tabela foi denominada por Bomfim (2003) de *mapas* afetivos, pois os mapas, em sua abordagem, são representações gráficas sintéticas da realidade local percebida.

A ênfase do tratamento dos dados neste método reside na abordagem qualitativa, a partir de uma análise de conteúdo categorial. Trata-se de uma investigação do sentido das palavras contidas no Mapa Afetivo, segundo as concepções de Vygotsky a esse respeito.

Dessa forma, as tabelas abaixo devem ser preenchidas considerando os sentidos dados pelo respondente a seu desenho, ao passo que os conteúdos de todos os itens juntos, oferecem subsídios para que o pesquisador, num processo de síntese destes, infira o sentido final do mapa.

A seguir apresentamos o modelo proposto por Bomfim (2003) para então apresentar o nosso com as modificações feitas e a seguir colocar os dois mapas, o original e o adaptado e você explica sua adaptação.

O modelo original é (BOMFIM, 2003, p. 144):

Quadro1: Síntese do processo de categorização voltado para a elaboração do mapa afetivo da cidade. (modelo original de Bomfim, 2003)

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Nº: Sexo: Idade: Escolaridade: Cidade: Tempo de residência (quando não originário).	*Mapa cognitivo de Lynch: desenho de monumentos, caminhos, limites, confluências e bairros. *Metafórico: desenho que expressa, por analogia, o sentimento ou o estado de ânimo do respondente	Explicação do respondente sobre o desenho.	Atributos do desenho e da cidade, apontados pelo respondente.	Expressão afetiva do respondente ao desenho e à cidade.	Comparação da cidade com algo pelo respondente, que tem como função a elaboração de metáforas.	Interpretação dada pelo investigador à articulação de sentidos entre as metáforas da cidade e as outras dimensões atribuídas pelo respondente (qualidade e sentimentos).

O modelo modificado usado nesta pesquisa é apresentado a seguir:

Quadro 2: Síntese do processo de categorização para a elaboração do mapa afetivo do bairro

Sujeito	Estrutura do des	Significado	Qualidade	Sentimento	metáfora	Participação
Nº Sexo: Idade: Trabalha? Renda familiar: Onde mora: Tempo de moradia:	Cognitiva: desenho de monumentos, caminhos, limites, confluências Metafórica: Desenho que expressa por analogia, os sentimento ou o estado de ânimo do sujeito	Explicação do sujeito sobre o desenho	Qualidade que o respondente dá ao desenho	Expressão afetiva do respondente ao desenho.	Analogia que o respondente faz do bairro com algo, findando na elaboração de metáforas.	O respondente diz o que faz para melhorar a comunidade de seu bairro e cita quais as são suas atividades comunitárias no mesmo.
Sentido						
Interpretação dada pelo investigador à articulação de sentidos entre as metáforas, a participação e as outras dimensões atribuídas pelo respondente ao seu bairro de moradia. Nessa pesquisa optamos por preservar, na construção do sentido final, algumas frases dos respondentes que sintetizavam o sentido de suas metáforas. Quando estas aparecem estão entre aspas.						

Como podemos observar em nosso modelo a categoria participação insere-se no mapa afetivo e o sentido dado pelo pesquisador da relação entre a estima de lugar e a participação social do adolescente é analisado em um espaço a parte do seu mapa afetivo

CAPÍTULO V: Análise dos resultados

5.1 Caracterização dos sujeitos da pesquisa

Ao todo investigamos 59 adolescentes estudantes das duas escolas municipais já descritas e moradores dos bairros Bonsucesso, Henrique Jorge e João XXIII. Deste total, 56 deles responderam ao questionário gerador dos mapas afetivos, embora os três outros restantes tenham participado de outras fases da pesquisa. A distribuição das frequências destes adolescentes por bairro, sexo e idade e ademais informações socioeconômicas encontram-se sintetizadas nos quadros a seguir. Apresentamos apenas o percentual válido nos quadros, isto é, aquele relativo apenas às questões que foram respondidas pelos sujeitos da pesquisa.

Tabela 1: Caracterização geral dos sujeitos da pesquisa. Fortaleza, 2010.

Variável	Características	Frequência	Percentual
Sexo	Masculino	33	55,9
	Feminino	26	44,1
Idade	13	2	3,6
	14	28	50,0
	15	14	25,0
	16	8	14,3
	17	3	5,4
	18	1	1,8
Trabalha	Sim	10	17,9
	Não	46	82,1
Renda familiar	Menos de 1 SM	16	29,6
	Entre 1 e 2 SM	28	51,9
	Entre 2 e 5 SM	9	16,7
	Mais do que 5 SM	1	1,9

Tabela 2: Caracterização dos sujeitos da pesquisa quanto ao lugar. Fortaleza, 2010.

Variável	Características	Frequência	Percentual
Cidade em que nasceu	Fortaleza	48	81,4
	Outra	7	11,9
Bairro em que mora	Bonsucesso	21	35,6
	Henrique Jorge	21	35,6
	João XXIII	17	28,8
Tempo de moradia no bairro	1 ---5 anos	6	11,5
	5 ---10 anos	9	17,3
	10 ---15 anos	22	42,3
	15 anos ---	15	28,8
Estuda no bairro em que mora	Sim	34	57,6
	Não	25	42,4

Os sujeitos pesquisados são alunos de nona série das escolas públicas anteriormente descritas, moradores dos bairros Bonsucesso, Henrique Jorge e João XXIII. São adolescentes pertencentes a famílias com baixo poder aquisitivo e por isso, como podemos observar no quadro, muitos, além das atividades escolares, precisam trabalhar para ajudar nas despesas familiares. Das pessoas as quais podemos visitar as casas durante as trilhas, observamos contarem com um padrão de vida simples, mas não miserável. Em contrapartida soubemos de outros alunos participantes que vivem grandes dificuldades financeiras e familiares, levando-os a conviver direta ou indiretamente com a criminalidade, a violência doméstica e as drogas.

Como veremos na análise dos dados dos mapas afetivos e mais profundamente nos grupos focais os participantes dessa pesquisa são adolescentes cujas participações sociais voltam-se mais para participação em atividades comunitárias esportivas, culturais e religiosas.

5.2 Elaboração e Construção de Imagens e Mapas afetivos pelos jovens dos bairros de Bonsucesso, Henrique Jorge e João XXIII

Neste item apresentaremos a análise dos mapas afetivos dos adolescentes investigados com relação a seus bairros de moradia. Esta análise apresenta os conteúdos respondidos nas questões do instrumento gerador dos mapas afetivos, além de um quadro com a nossa interpretação final. Chegamos a essa interpretação através da identificação das imagens afetivas que sintetizam os mapas afetivos, por consequência delas identificamos também o tipo de estima de lugar do respondente e por fim relacionamos essas duas com a participação do adolescente em atividades comunitárias em seus bairros. A relação da imagem afetiva com a estima ocorre porque, como já foi dito, a estima de lugar é uma categoria afetiva expressa por sentimentos e emoções, gerada a partir de imagens, representações, visões de mundo, relacionada ao bairro ou a cidade. As imagens revelam as predisposições negativas ou positivas com relação ao lugar. Nesta investigação as predisposições negativas dos jovens com o bairro formaram-se a partir de sentimentos de medo, tristeza, insegurança, solidão, desesperança, desconforto, ambigüidade de emoções e sentimentos, descaso etc. As predisposições positivas dos jovens com o bairro foram elaboradas a partir de sentimentos de amor, admiração, alegria, bem-estar, prazer, orgulho, desfrute, recordações agradáveis, pertencimento etc. Essas predisposições afetivas, juntamente com as representações do bairro de moradia coadunaram na formação das seguintes imagens afetivas pelos adolescentes: Agradabilidade, Pertença, Insegurança, Destruição e Contraste. As duas primeiras decorrem das predisposições positivas e por isso indicam uma estima de lugar potencializadora da ação dos adolescentes em seus bairros de moradia. Já as três últimas decorrem das predisposições negativas, indicando uma estima de lugar despotencializadora daquela ação⁴⁴.

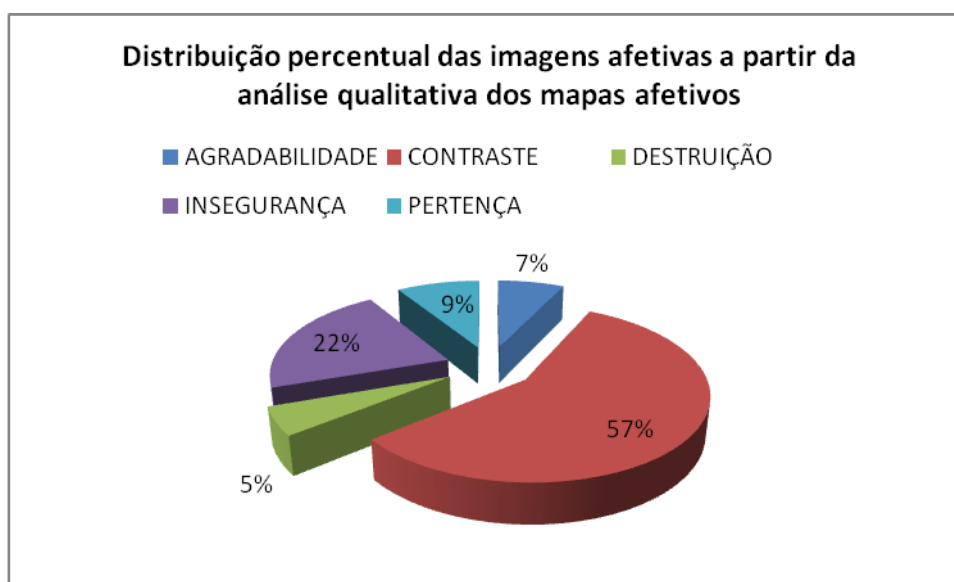
A imagem da Agradabilidade revela sentimentos e qualificações positivas dirigidas aos espaços dos bairros, os quais são sentidos como agradáveis por seus moradores. Já a pertença é uma imagem pela qual o morador sente e qualifica seu bairro, adotando por critério seus vínculos sociais de amizade ou parentesco, além de apresentar profunda identificação

⁴⁴ A imagem de Contraste tem sido considerada como despotencializadora da ação nas investigações dos mapas afetivos por ser atravessada por uma avaliação afetiva ambígua por parte do respondente com relação ao lugar em questão. A ambigüidade na avaliação afetiva do lugar denota insegura e indecisão por parte do avaliador, o que pode surtir-lhe efeito paralizante de sua ação. Nesse sentido continuamos esse estudo considerando o Contraste como imagem despotencializadora. Entretanto se consideramos o caráter ambivalente desta imagem, veremos que ela pode revelar não simplesmente uma avaliação dúbia do lugar, mas uma avaliação complexa e dialética, que traz aspectos positivos e negativos, os quais além de não se anularem podem apresentar causas complexas.

com o bairro, isto é, de sentir-se como elemento constitutivo desse. A máxima dessa imagem ocorre quando o respondente compara o bairro com a própria casa. A imagem da Destruição é o reverso da Agradabilidade. Por ela o morador se sente desconfortável com a presença de espaços destruídos, degradados e abandonados. A imagem da insegurança tem por base os sentimentos de medo e insegurança. Assim como a Pertença, a Insegurança reporta-se aos vínculos sociais, mas, ao contrário daquela, baseia-se no adoecimento das boas relações de convivência que repercute na violência urbana. O contraste é uma imagem que os sentimentos ambíguos e as qualidades contraditórias apresentadas no mapa afetivo do morador. Este se refere ao bairro como sendo, por exemplo, inseguro e tranquilo, feio e bonito, violento e pacífico etc. além de trazer sentimento como amor e ódio, alegria e angústia.

Antes de adentrar na análise dos mapas, mostramos a seguir um gráfico já com as porcentagens de imagens e estimas de lugar obtidas com a finalização daquelas análises. O gráfico mostra a distribuição percentual das imagens afetivas obtidas na análise qualitativa dos mapas afetivos, apresentadas nos itens a seguir. Como veremos nessa análise cada mapa afetivo gera apenas uma imagem. Com o gráfico abaixo observamos a predominância da imagem de contraste, seguida da imagem de insegurança, pertença, agradabilidade e destruição respectivamente.

Gráfico 1: distribuição percentual das imagens afetivas reveladas nos mapas afetivos



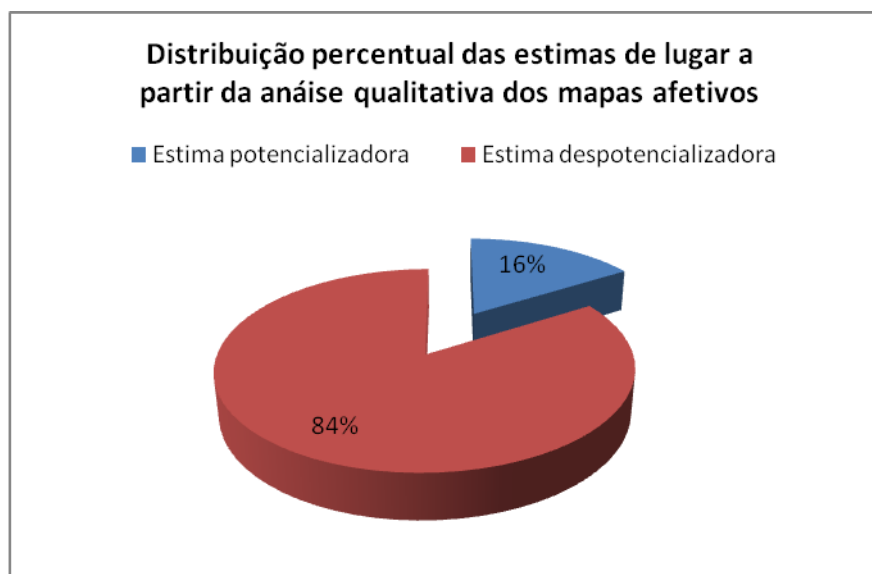
Consideramos que a predominância da imagem de contraste está intrinsecamente relacionada com o alto índice da imagem de insegurança seguida pela de pertença. Isto porque, como poderemos ver na análise dos mapas afetivos, o contraste basicamente ocorre

pela contradição entre um bairro bem estimado em decorrência dos vínculos sociais afetivos e da identificação com o lugar e um bairro extremamente inseguro, tomado por assaltos, assassinatos, tiroteios, drogadição etc. As predisposições afetivas negativas com relação aos espaços degradados do bairro, estas embutidas nas imagens de destruição, também influenciam na formação da imagem do contraste.

Supomos que o baixo índice das imagens de agradabilidade e destruição deve-se ao fato de os elementos afetivos constitutivos destas imagens terem sido canalizados para a formação das imagens de contraste. Entretanto, como veremos na análise estatística complementar baseada na escala Likert, as frequências dessas imagens aumentam em decorrência de serem estimuladas pelas assertivas presentes na escala.

A seguir apresentamos um gráfico que mostra a distribuição do tipo de estimas obtidas a partir da indicação das imagens afetivas. Como já mencionamos as imagens de agradabilidade e pertença indicam uma estima de lugar potencializadora da ação do adolescente no seu bairro de moradia, ao passo que as demais imagens negativas indicam nos adolescentes uma estima de lugar despotencializadora de suas ações no bairro. Desse modo o percentual da agradabilidade (7%), somado ao da pertença (9%) indicam no gráfico a seguir os 16% referentes às estimas de lugar potencializadoras. Os restantes das imagens negativas somam-se na formação dos 84% das estimas despotencializadoras da ação dos adolescentes em seus bairros de moradia.

Gráfico 2: Distribuição percentual das estimas de lugar dos alunos com relação aos seus bairros de moradia



O gráfico acima mostra a predominância massiva das estimas de lugar despoticizadoras da ação dos adolescentes em seus bairros de moradia. Esse resultado nós já esperávamos em função dos resultados levantados anteriormente na pesquisa “a cidade e a escola” (BOMFIM & ALENCAR, 2006) na qual verificamos que 86% dos moradores dos bairros da regional III revelaram uma estima de lugar negativa com relação a seus bairros em detrimento dos 14% que revelaram estima de lugar positiva.

Como podemos ver o resultado desta nossa investigação atual difere do resultado da pesquisa “a cidade e a escola” por um erro de apenas 2%.

Entretanto nessa nossa atual pesquisa, paralelamente ao levantamento das estimas de lugar dos adolescentes moradores dos três bairros escolhidos, realizamos também o levantamento da participação desses em atividades comunitárias naqueles bairros. Ao realizarmos o teste estatístico do qui-quadrado, apresentado mais a frente na tabela 7, observamos que essas duas variáveis são interdependentes, tal como já observado por Bomfim (2003) ao relacionar em seu estudo a estima de lugar das cidades de São Paulo e Barcelona com a participação de seus habitantes em associações.

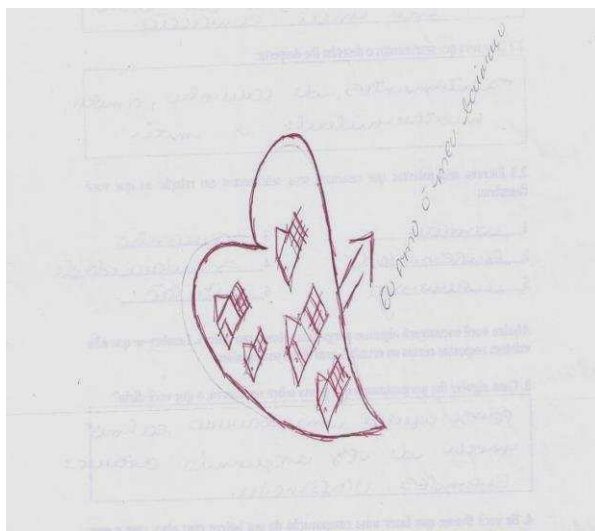
Com base nestes resultados realizamos as seguintes análises dos mapas afetivos dos adolescentes investigados, nas quais embutimos já na interpretação deles a relação entre as estimas de lugar com relação a seus bairros de moradia e suas participações em atividades comunitárias no mesmo.

No item a seguir apresentamos a análise dos mapas por bairros já que em um de nossos objetivos nos propusemos a comparar os bairros investigados com relação à estima de lugar e à participação social de seus jovens moradores.

Alguns mapas foram por nós escolhidos para a explanação de suas análises no item a seguir, entretanto, todas as demais análises encontram-se na relação dos anexos.

5.2.1 Mapas afetivos do bairro Bonsucesso por seus jovens moradores.

A imagem da Pertença no bairro Bonsucesso



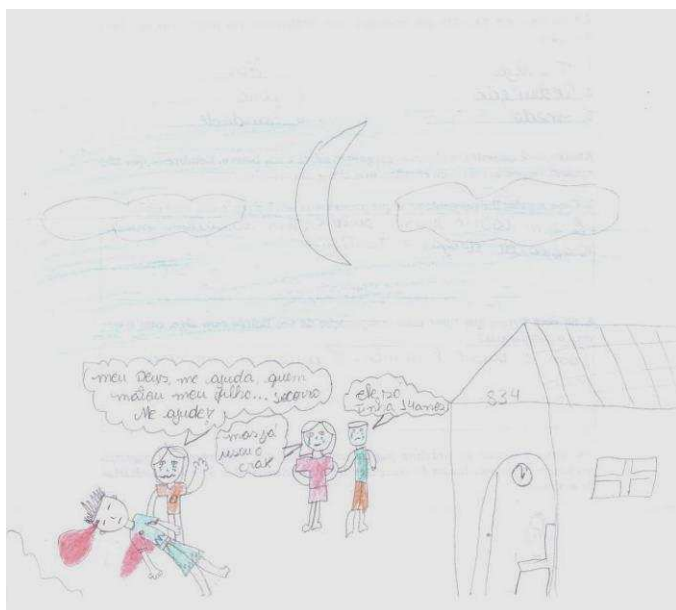
O bairro “Bevelly Hills” é um bairro grande e calmo, embora seja, por vezes, acometido por grandes violências. Sua imagem de **Pertença** gera nesta jovem moradora, sentimentos de paixão, carinho e solidariedade, indicando na mesma a existência de uma estima de lugar potencializadora de sua ação no bairro. A participação dessa jovem em atividade comunitária é, neste caso, compatível com o aumento de sua potência de ação com relação ao bairro.

Quadro 3: mapa afetivo do bairro Bonsucesso por aluna da Escola Municipal LRC.

Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 2A Sexo: F Idade: 14 Trabalha? : Não. Renda familiar: Entre um e dois salários mínimos</p> <p>Onde mora: Bonsucesso</p> <p>Tempo de moradia: 14 anos</p>	Metafórica	O desenho significa “que eu amo meu bairro e que ele está no meu coração”.	O bairro é considerado calmo, embora ocorram, de vez em quando, grandes violências.	Paixão, carinho, amor, Solidariedade, fraternidade, esperança.	Eu compararia meu bairro com Bevelly Hills, porque é grande.	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: tendo no bairro, eu participaria de associações de grafite, hippie hop, dança e mais.</p> <p>Participa de atividades comunitárias no seu bairro? Sim</p> <p>De quê? Grupo de dança.</p>

Na análise deste mapa podemos perceber, pelo desenho, pelo seu significado e pelos sentimentos, um forte vínculo afetivo da respondente com seu bairro. Embora mencione a existência da violência em seu bairro, ela não o desqualifica, ao contrário, afirma que ele é calmo. A boa qualificação e os sentimentos de apego ao bairro constroem uma imagem de Pertença com relação ao mesmo. Com base nesta imagem, a estima de lugar construída é potencializadora do encontro dessa jovem com o bairro, o que supõe sua participação em grupo de dança no mesmo

A imagem da Insegurança no Bonsucesso



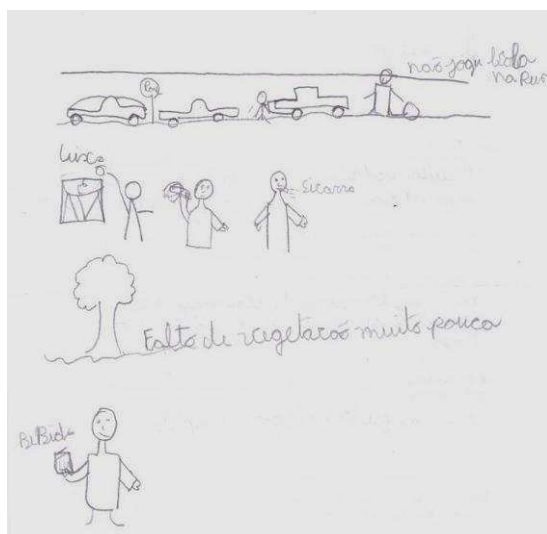
O bairro do Pirambu é aquele representado pela recorrência de assaltos, mortes, tiroteios e tráficos de drogas. Marcado pela imagem de Insegurança, gera nesta jovem moradora sentimentos de tristeza, destruição, medo, dor, pena e saudade. Essa imagem indica uma estíma de lugar despoticizadora da ação desta moradora em seu bairro no lugar, sendo, portanto discrepante de sua participação em atividades da Igreja

Quadro 4: mapa afetivo do bairro Bonsucesso Por aluna da escola municipal LRC.

Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 17A Sexo: F Idade: 14 Trabalha: Não. Renda familiar: Entre um e dois salários mínimo Onde mora: Bonsucesso Tempo de morada: 10 anos</p>	Metafórica	O desenho representa uma mãe sofrendo, pois o “crack” matou seu filho.	Um bairro muito ruim, porque tem assaltos, mortes, tráfico de drogas e tiroteios.	Tristeza, destruição, medo, dor, pena, saudade.	Eu compararia meu bairro com o bairro do Pirambu. É quase a mesma coisa.	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: Sinceramente nada.</p> <p>Participa de atividades comunitárias no seu bairro? Sim.</p> <p>De quê? Eu participo do grupo de jovens da igreja.</p>

Neste mapa percebemos que a respondente apresenta no desenho, em seu significado na qualificação do bairro e em seus sentimentos pelo mesmo, uma imagem de Insegurança. Os sentimentos de medo e insegurança são basais na definição desta imagem, pois refletem as condições ambientais reais que provocam no habitante um estado de alerta contra os perigos reais ali manifestos e uma ansiedade pelos que estão iminentes a se manifestar. Essa imagem constrói uma estíma de lugar despoticizadora do encontro do morador com seu bairro, o qual passa a evitá-lo para se proteger. Por isso ela é compatível com a não participação deste jovem em atividades comunitárias no bairro.

Imagem da Destruição no Bonsucesso



O bairro “Quebra-cabeça incompleto” é aquele marcado por faltas: de quadras esportivas, de vegetação, de coletores de lixo e de organização, precisando, portanto, de muitas coisas para completar-se. Em sua Destruição gera neste jovem morador sentimento designado por ele como sendo de tristeza, brigas, bêbados, sujeira, pouca vegetação e falta de quadras de esportes. Essa imagem indica uma estíma de lugar despoticizadora da ação do indivíduo no bairro, sendo incompatível com a atuação do mesmo em atividades comunitárias na igreja do bairro.

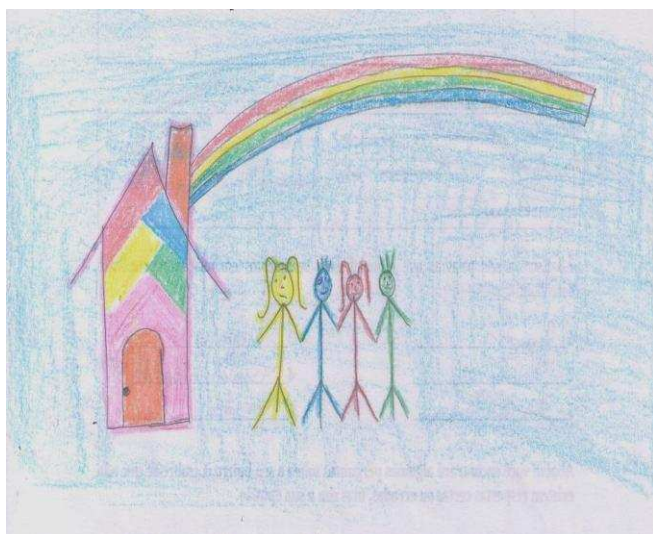
Quadro 5: mapa afetivo do bairro Bonsucesso por aluno da Escola Municipal LRC

Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 13A Sexo: M Idade: 16 Trabalha? : Não Renda familiar: Entre um e dois salários mínimos</p> <p>Onde mora: Bonsucesso</p> <p>Tempo de morada: 4 anos</p>	Metafórica	“O desenho significa que o bairro não é muito organizado, tem acidentes, falta lugar para botar o lixo.”	“Não é um bairro muito bom, apesar de ter vários piores.”	Tristeza, brigas, bêbados, sujeira, pouca vegetação, falta de quadras de esportes.	Eu compararia meu bairro com um quebra-cabeça incompleto.	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: Nada</p> <p>Participa de atividades comunitárias no seu bairro? Sim</p> <p>De quê? Igreja</p>

Na imagem da Destruição, reverso da Agradabilidade, prevalece qualidades e sentimentos que traduzem uma insatisfação com os espaços do bairro, por isso ela sintetiza o sentido desse mapa que representa o bairro como um lugar degradado, destruído e descuidado, gerador de tristezas em seu morador. Essa imagem constrói uma estíma de lugar despoticizadora da ação do indivíduo no bairro. Entretanto este respondente participa de atividades na igreja do bairro.⁴⁵

⁴⁵ O sentimento de tristeza revelado pelo respondente é segundo Espinosa (2008, p. 315) “um afeto pelo qual a potência de agir do corpo é diminuída ou refreada”. Segundo Brandão (2008), as paixões tristes ao constrangerem o *conatus*, se convertem em instrumentos de servidão e controle. Este respondente, juntamente com todos os outros que disseram participar de atividades na igreja, apresentaram uma estíma de bairro despoticizadora do encontro com o mesmo como pode ser visto no gráfico n? Na maioria desses mapas seus respondentes afirmaram ter bons sentimento e qualidades pela igreja e não pelo bairro, o que nos leva a pensar neste espaço como *locus* de refúgio da realidade do bairro.

A imagem do Contraste no Bonsucesso



O bairro “Jogo de futebol” é aquele que tem momentos bons e outros ruins. Ele é um bairro bom de morar, embora seja violento. Sua imagem de Contraste gera nesta jovem moradora sentimentos contraditórios de amor, medo, alegria, angústia união, amizade e fraternidade. Essa imagem indica uma estima de lugar despotencializadora da ação do morador no bairro, sendo compatível com a não participação em atividades comunitárias nele.

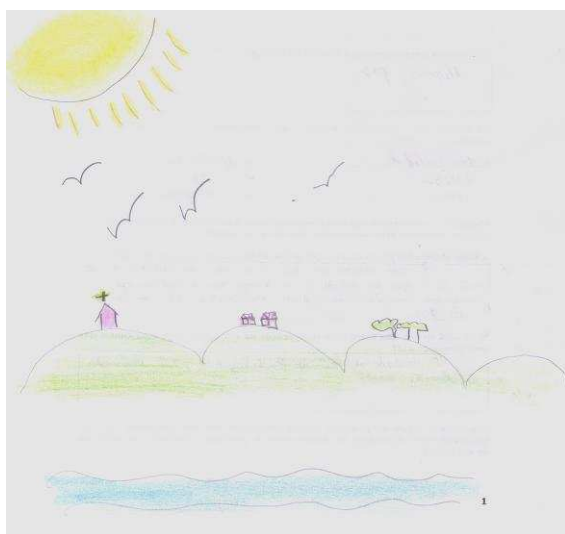
Quadro 6: mapa afetivo do bairro Bonsucesso por aluna da Escola Municipal LRC

Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 5A Sexo: F Idade: 14 Trabalha? : Não. Renda familiar Menos de um salário mínimo. Onde mora: Bonsucesso Tempo de moradia: 10 anos</p>	Metafórica	O desenho significa “todos unidos por um bairro melhor!”.	Um bairro bom para se morar, mas, às vezes, é violento.	<p>“Ele desperta amor e união, mas, ao mesmo tempo, ele desperta medo e angústia”.</p> <p>Sentimentos: amor, união, amizade, alegria, fraternidade e medos.</p>	Eu compararia meu bairro com um jogo de futebol, tem momentos bons e ruins.	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: Praticamente nada!</p> <p>Participa de atividades comunitárias no seu bairro? Não.</p> <p>De quê? -</p>

A imagem de Contraste é aquela que apresenta sentimentos e qualidades contraditórios. Por ela o morador tende por um lado a denegrir o lugar, expressando os seus sentimentos compatíveis a essa desqualificação; mas, por outro lado, a presença de laços afetivos interpessoais e de identificações com o bairro contrapesam em sua avaliação afetiva do mesmo. Isso explica porque um número significativo de pessoas que apresentam essa imagem, também participa de atividades comunitárias. Nesse mapa observamos que a respondente qualifica o bairro por um lado como “violento”, sendo compatível com seus sentimentos de medo e angústia; e por outro lado, como “bom de morar”, compatível com os sentimentos de amor, união, amizade, alegria e fraternidade que os laços lhe oferecem.

5.2.2 Mapas afetivos do bairro Henrique Jorge por seus jovens moradores.

A Imagem da Agradabilidade no Henrique Jorge.



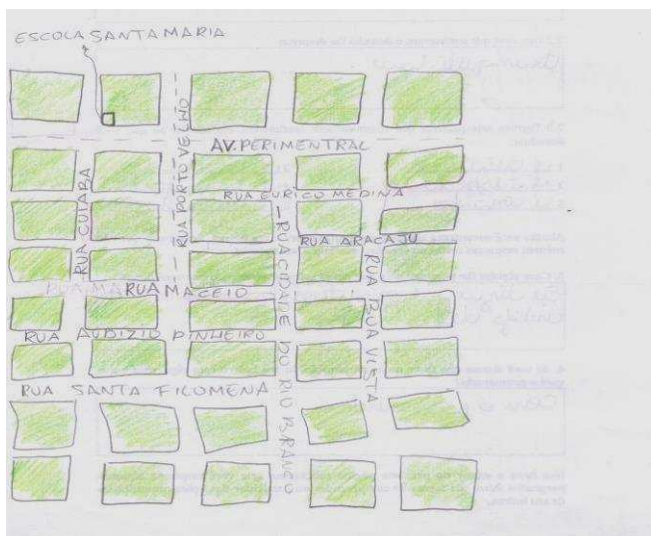
O bairro “comunidade pobre de Bevelly Hills”, “é um lugar lindo e tranqüilo para se viver”, pois mesmo sendo um bairro pobre e com criminalidade, é também aquele que, com trabalho, tem grandes chances de melhorar. O mapa traz a imagem do Agradabilidade. Essa imagem indica uma estima de lugar potencializadora da ação do indivíduo no bairro, o que é compatível com a participação deste jovem em ações comunitárias no mesmo.

Quadro 7: mapa afetivo do bairro Henrique Jorge por aluno da Escola Municipal LRC.

Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 4A Sexo: M Idade: 14 Trabalha?: não Renda familiar</p> <p>Onde mora: Henrique Jorge Tempo de moradia: 6 anos</p>	Metafórica	O desenho significa um lugar lindo e tranqüilo para se viver	E um bairro que não é as mil maravilhas, mas não é o pior da cidade. É um bairro que se trabalhasse mais em cima da sua criminalidade, melhoraria em cerca de 70%.	Tranqüilidade, beleza, amor, igualdade, paz, alegria.	Eu compararia meu bairro com comunidade pobre de Bevelly Hills, pois não destruída totalmente, mas..	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: “ações de respeito e amor a terra, que é um trabalho oferecido pelo projeto comvidas”.</p> <p>Participa de atividades comunitárias no seu bairro? Sim</p> <p>De quê? Projeto Comvidas</p>

Esse jovem morador do Henrique Jorge é, dentre os alunos investigados, o único morador desses bairros que estuda na escola do Bonsucesso. Vemos nesse mapa que o respondente, mesmo apresentando uma avaliação crítica da realidade de seu bairro, não o denigre. Ao contrário o compara com um bairro muito valorizado em filmes norte-americanos. Além de considerá-lo um bairro “lindo e maravilhoso para se viver”, ainda revela apenas sentimentos positivos com relação a este.

Outra Imagem da Agradabilidade no Henrique Jorge.



O bairro “Passarinho”, símbolo de leveza e liberdade, é considerado pelo respondente como um bairro que desperta inveja nos outros. Por essa imagem de Agradabilidade jovem morador sente que o bairro é cuidado, respeitado, amado, invejado, tranqüilo e guardado. Essa imagem indica uma estima de lugar potencializadora da ação do indivíduo no bairro, o que é compatível com sua participação em atividades comunitárias no mesmo.

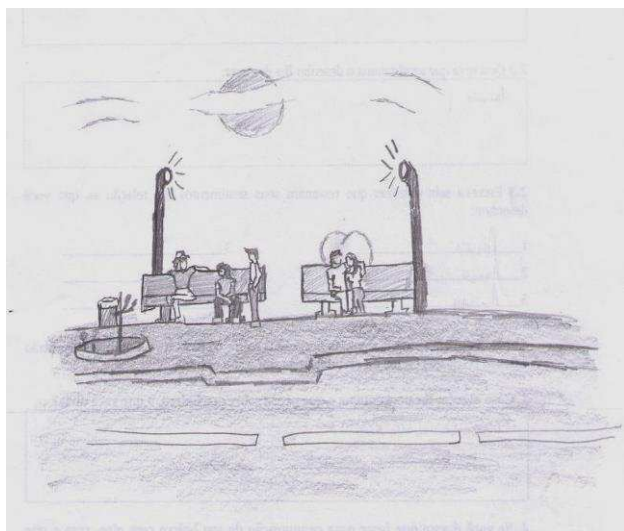
Quadro 8: mapa afetivo bairro Henrique Jorge por aluno da Escola Municipal Santa Maria.

Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
Nº 12B Sexo: M Idade: 16 Trabalha? Não. Renda familiar Entre um e dois salários mínimos. Onde mora: Henrique Jorge Tempo de moradia: -	Cognitiva	“Significa que desenhei o mapa do bairro para que o desenho sirva como referência para nossa trilha.”	“Um bairro que desperta inveja nos outros.”	Cuidado, respeitado, amado, invejado, tranqüilo, guardado.	Eu compararia meu bairro com um passarinho.	Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: Eu sou o próprio exemplo. Participa de atividades comunitárias no seu bairro? Sim. De quê? Eu faço triatlton (projeto segundo tempo no poli – esportivo Paulo Freire).

Este mapa é de um jovem morador do Henrique Jorge e que lá também estuda. É um dos poucos que apresentou a imagem da Agradabilidade, a qual sendo avessa a de Destruição, sintetiza boas qualidade e sentimentos com relação ao um lugar como um todo, por isso constrói uma estima de lugar potencializadora do encontro com o bairro.

Ao conversar com esse jovem morador, descobrimos que ele participava ativamente dos projetos esportivos do bairro, circulando por vários lugares onde eles eram oferecidos. Através do triatlton (ciclismo, natação e atletismo), percorria os espaços do bairro, apropriando-se de seus espaços e criando laços com seus outros moradores. Também se mostrou muito pró-ativo em nosso trabalho, esforçando-se por desenhar o mapa fiel das ruas do bairro, para melhor nos orientar na trilha urbana, que seria nossa próxima atividade.

A imagem da Pertença do Henrique Jorge



O bairro “Pracinha” é um bairro calmo e alegre, sendo um local de encontro para amigos e namorados. Em sua imagem de Pertença, gera neste jovem e poético morador sentimentos de alegria, agitação e amizade. Essa imagem indica uma estima de lugar potencializadora da ação do jovem morador no bairro, sendo compatível com sua participação em atividades comunitárias no mesmo.

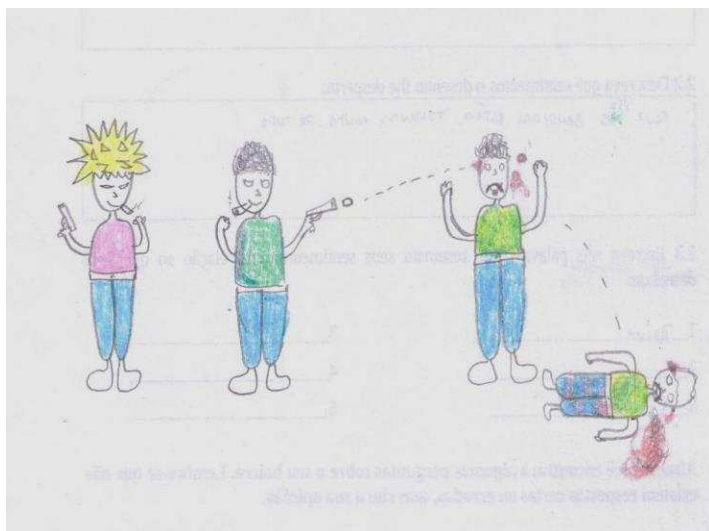
Quadro 9: mapa afetivo do bairro Henrique Jorge por aluno da Escola Municipal Santa Maria

Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 14B Sexo: M Idade: 14 Trabalha?: Não. Renda: Entre um e dois salários mínimos. Onde mora: Henrique Jorge Tempo de moradia: 2 anos</p>	Metafórico	O desenho significa bairro é um local de encontro para amigos namorados e etc.	Um bairro calmo, mas alegre.	Alegria, agitação, amizade.	Eu compararia meu bairro com uma pracinha.	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: Curso de teatro</p> <p>Participa de atividades comunitárias no seu bairro? Sim.</p> <p>De quê? Grupo de teatro</p>

Nesse mapa, observamos a valorização do bairro a partir dos vínculos de amizade e namoro do jovem. Isso dá relevo às boas qualidades de uma ambiente alegre, agitado e com muitas amizades, revelados pela Imagem de Pertença do bairro revelada pelo jovem.

Esse morador participante de um grupo de teatro está entre os poucos alunos que apresentaram uma estima de lugar potencializadora com relação a seu bairro de moradia, levando-nos a supor que essa é uma atividade potencializadora da ação para este jovem em seu bairro de moradia.

A imagem da Insegurança no Henrique Jorge



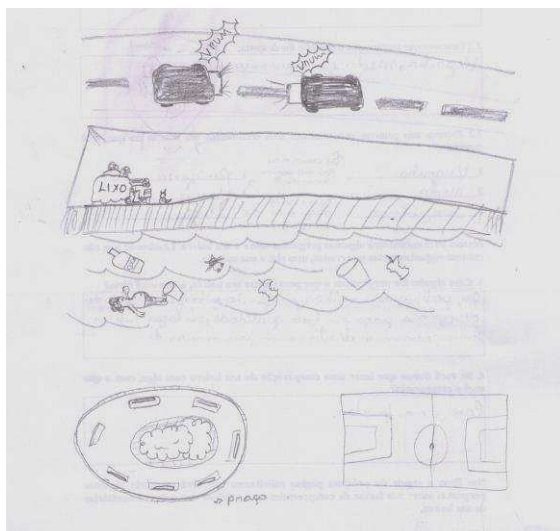
O bairro “Cemitério” é aquele onde encontramos muitas pessoas mortas, sendo considerado um bairro “violento e ruim”. Por sua imagem de Insegurança gera neste jovem morador sentimento de raiva. Essa imagem indica uma estíma despotencializadora da ação deste morador no bairro, sendo compatível com sua não participação em atividades no mesmo.

Quadro 10: mapa afetivo do bairro Henrique Jorge por aluno da Escola Municipal Santa Maria

Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 27B</p> <p>Sexo: M</p> <p>Idade: 14</p> <p>Trabalha?: Não.</p> <p>Renda familiar: Entre um e dois salários mínimos.</p> <p>Onde mora: Henrique Jorge</p> <p>Tempo de moradia: 14 anos</p>	Metafórica	O desenho significa a violência.	Um bairro que é ruim, existem bairros piores.	Raiva.	Eu comparo meu bairro com o cemitério.	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: Fico a maior parte do tempo em casa, assim, evitando se envolver com drogas.</p> <p>Participo de atividades comunitárias? Não.</p> <p>De quê? -</p>

Nesse mapa afetivo observamos no desenho a cena da violência muito presente nesses bairros investigados. A vivência da violência pode gerar o sentimento de medo, esse que segundo Chauí (1987) “esteriliza os abraços e entrincheira as relações”, como também o sentimento de raiva, revelado por esse jovem morador. Segundo Espinosa (2008, p.253) “a ira é o desejo que nos incita, por ódio, a fazer o mal a quem odiamos”. Portanto esse mapa afetivo revela uma estíma despotencializadora da ação que se dirige para os bons encontros no bairro, o que é compatível com a não participação deste jovem em atividades comunitárias no mesmo.

A imagem do Contraste no bairro Henrique Jorge.



O bairro “favela” é aquele o qual não há nada que se admire, sendo muito degradado, sujo e com trânsito violento de carros. Em seu contraste gera nesta jovem moradora sentimentos de vergonha, medo, insegurança, alegria e amor. Essa imagem indica uma estima de lugar despotencializadora da ação desse morador no bairro, sendo, portanto, discrepante com sua participação em atividades comunitárias no mesmo.

Quadro 11: mapa afetivo do bairro Henrique Jorge por aluna da Escola Municipal Santa Maria.

Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 3B Sexo: F Idade: 16 Trabalha? Não. Renda familiar menos de um salário mínimo Onde mora: Henrique Jorge Tempo de moradia: 16 anos</p>	Metafórica.	O desenho significa que o bairro tem muita violência no trânsito e que têm lixos em todos os cantos dele.	É um bairro que não há nada para se admirar: não tem praças boas e nem espaços para o divertimento dos jovens.	Vergonha, medo, insegurança, perigo, “amor, porque amo meu bairro assim mesmo” “alegria, porque me sinto alegre onde eu gosto”	Com uma favela.	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: Não jogo lixo na rua e não uso de violência para conseguir o que eu quero.</p> <p>Participa de atividades comunitárias no seu bairro? sim</p> <p>De quê? futsal na praça e na escola</p>

Nesse mapa a jovem classifica o bairro como violento e sujo, no qual não há nada para se admirar, provocando-lhe sentimentos de vergonha⁴⁶, medo e insegurança. Esses elementos indicam uma estima de lugar despotencializadora de sua ação no bairro, o que é compatível com sua não participação. Entretanto, esta mesma respondente afirma sentir por ele também amor e alegria, justificando com sua própria capacidade interna, independente do que o bairro lhe promova.

⁴⁶ A imagem de Contraste muitas vezes ocorre, porque há uma íntima relação entre estima de lugar e auto-estima de seu morador. Isso decorre do fato de que a reputação social de um lugar incide sobre a reputação social de seu morador, como nos lembra Bomfim (2003). O sentimento de vergonha pelo bairro afirma isso, pois com elucida Espinosa (2008, p.251) “a vergonha é uma tristeza acompanhada da idéia de alguma ação nossa que imaginamos ser desaprovada pelos outros”. Assim, para proteger sua auto-estima o morador precisa proteger a reputação do bairro, isto é, ainda que de forma forçosa, aumentar em si sua estima pelo lugar.

5.2.3 Mapas afetivos do bairro João XXIII por seus jovens moradores.

A imagem do Contraste no João XXIII



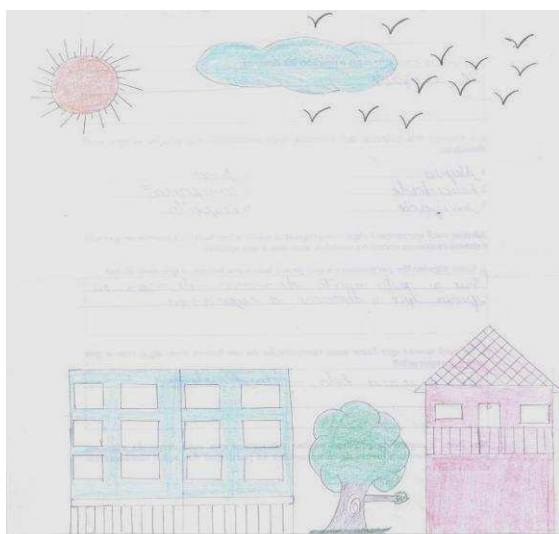
O bairro “Gangorra” é aquele no qual seu morador sente contrapesar a positividade das amizades e negatividade da violência, por isso não é considerado nem o melhor, nem o pior dos bairros. Marcado pela imagem de **Contraste** gera neste jovem morador sentimentos ambíguos por ele designado como sendo de medo, raiva, tristeza, felicidade, amor e brincadeiras. Essa imagem indica uma estima de lugar despontencializadora da ação desse jovem no bairro, a qual, portanto, discrepa de sua participação nas ações da igreja deste bairro.

Quadro 12: mapa afetivo do bairro João XXIII por aluno da Escola Municipal LRC

Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 23A Sexo: M Idade: 15 Trabalha: Sim, com costura. Renda: Entre dois e cinco salários mínimos Onde mora: João XXIII Tempo de moradia: 5 anos</p>	Metafórica	“O desenho significa que no meu bairro tem muita violência, mas a parte boa é que tenho muitos amigos. Por isso eu não me importo com isso”	O bairro não é o melhor, mas não é o pior.	Medo, raiva, tristeza, felicidade, brincadeiras, amor.	Eu compararia meu bairro com uma gangorra.	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: Na verdade, eu não faço nada.</p> <p>Participo de ações comunitárias? Sim.</p> <p>De quê? Toco em uma banda Gospel na Igreja Sou baterista</p>

Como podemos observar embora esse mapa afetivo denuncie a violência geradora do medo, raiva e tristeza no bairro, ele revela também o forte vínculo afetivo das amizades responsável pelas brincadeiras, amor e felicidade desse jovem morador. Aqui mais uma vez constatamos que a atividade da igreja não é compatível com o aumento da estima com relação bairro.

A imagem da Agradabilidade no João XXIII



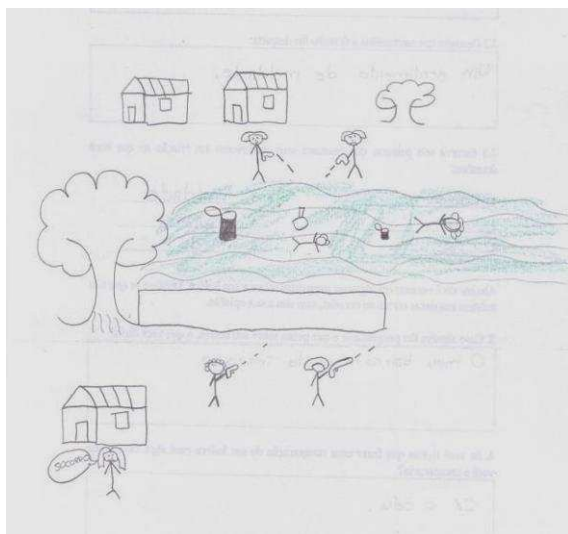
O bairro “bola” é aquele muito divertido e alegre. Marcado pela imagem da Agradabilidade gera nesta jovem moradora sentimentos de alegria, felicidade, amizade, amor, compaixão e respeito. Essa imagem indica uma estima de lugar potencializadora da ação dessa jovem moradora no seu bairro. Entretanto esta moradora por ter que trabalhar e estudar não pode participar de atividades comunitárias em seu bairro.

Quadro 13: mapa afetivo do bairro João XXIII por aluna da escola municipal LRC

Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 16A Sexo: F Idade: 14 Trabalha: Sim, cuidando do meu primo. Renda: Entre um e dois salários mínimos Onde mora: João XXIII Tempo de moradia: 14 anos</p>	Metafórica	O desenho significa alegria	É um bairro que eu gosto muito de morar, mas gostaria que melhorasse a segurança e diminuísse a violência.	Alegria, felicidade, amizade, amor, compaixão, respeito.	Eu compararia bairro com uma bola, porque é muito divertido.	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: Não jogo lixo nas ruas e não desmato as poucas árvores que tem.</p> <p>Participa de atividades comunitárias em seu bairro? Não De quê? -</p>

Nesse mapa vemos elementos revela sentimentos de amizade, amor e compaixão, os quais se dirigem às outras pessoas. Entretanto a imagem da Agradabilidade prevalece porque a jovem se reportar ao bairro como um todo para classificá-lo como alegre, divertido e bom de morar. Esse mapa é um exemplo de que há outros motivos, além da estima de lugar que interferem na possibilidade de participação em atividades comunitárias. Nesse caso pode ser o fato de esta jovem trabalhar.

A imagem da Insegurança no João XXIII



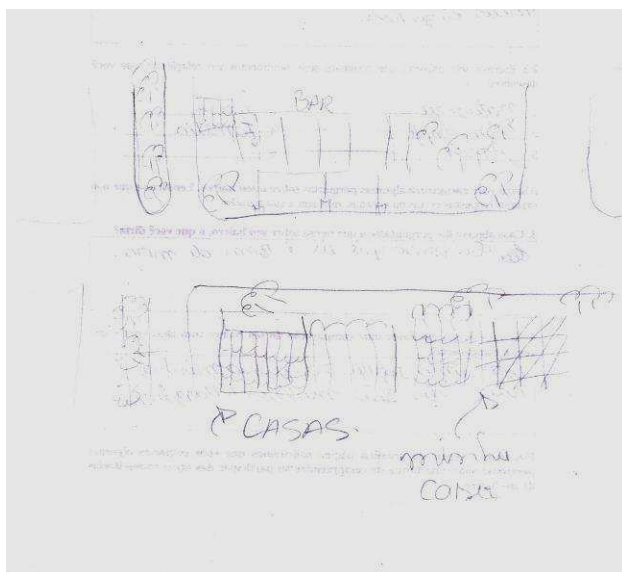
O bairro “Céu” é o espaço das mortes, por isso muito inseguro. Marcado pela imagem de Insegurança gera neste jovem morador sentimentos por ele designados como sendo de lixo, ruim, feio, maldade, insegurança, medo. Essa imagem indica uma estíma de lugar despotencializadora da ação desse indivíduo no bairro, sendo compatível com não participação do mesmo em atividades comunitárias.

Quadro 14: mapa afetivo do bairro João XXIII por aluna da Escola Municipal Santa Maria.

Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 23 B Sexo: M Idade: 14 Trabalha: não Renda: menos de um salários mínimos</p> <p>Onde mora: João XXIII Tempo de moradia: 15 anos</p>	Metafórica.	O desenho tem um significado muito ruim.	O bairro é muito inseguro.	Lixo, ruim, feio, maldade, insegurança, medo.	Eu compararia meu bairro com o céu.	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: nada</p> <p>Participa de atividades comunitárias em seu bairro? não</p> <p>De quê? Jogo às vezes futebol na rua</p>

Esse desenho traz novamente a paisagem do medo, tão presente nesses bairros investigados. Na imagem da insegurança, as amizades e seus sentimentos relacionados não ganham relevo como podemos observar nesse mapa afetivo. A metáfora do céu é muito pertinente com a imagem da insegurança, pois além de estar relacionada com o lugar dos mortos, diz daquele lugar onde paira a incerteza e o desconhecido, elementos causadores da ansiedade e insegurança.

A imagem da Pertença no João XXIII



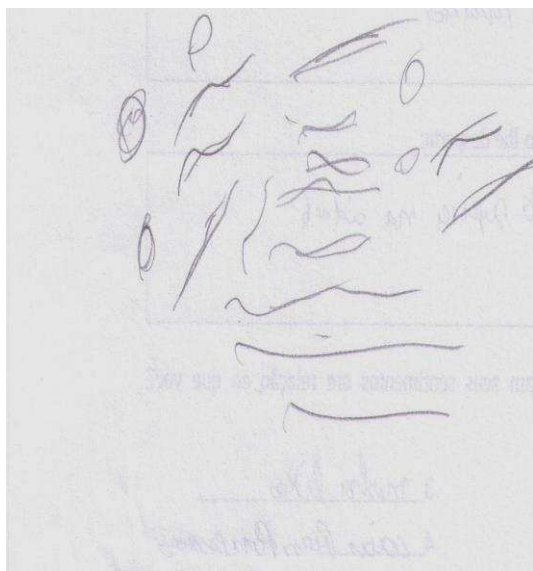
O bairro “Igreja” é um bairro bom de morar, porque por agregar os amigos e família. Em sua Pertença gera neste jovem morador sentimentos por ele designados como sendo de Natureza, amizade, amor, lar, família. Essa imagem indica uma estima de lugar potencializadora da ação do indivíduo no bairro, o que é discrepante com a não participação deste morador em atividades comunitárias.

Quadro 15: mapa afetivo do bairro João XXIII (por aluna da Escola Municipal Santa Maria)

Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 19B Sexo: M Idade: 15 Trabalha: não Renda: entre um e dois salários mínimos Onde mora: João XXIII Tempo de moradia: 15 anos</p>	Cognitivo.	“Significa que meu bairro é muito importante para mim, pois lá tenho minha família e meus amigos”.	“É um bairro bom de morar.”	Natureza, amizade, amor, lar, família.	Com uma igreja, pois quase todos na minha rua são evangélicos.	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: preservo o ambiente do bairro. Participa de atividades comunitárias em seu bairro? Não. De quê? -</p>

Podemos perceber neste mapa uma forte identificação do bairro com a rua do respondente, lugar de sua família e amigos, mostrando um forte apego a esse lugar. A imagem de pertença é potencializadora da ação no bairro, entretanto este jovem não participa de atividades comunitárias no mesmo. Como já dissemos muitas são as possíveis razões para isso, mas, com base em estudos de Giuliani (2004), precisamos considerar que o apego ao lugar é um laço afetivo e tal como ocorre nas relações interpessoais, pode aprisionar o sujeito ao seu objeto de apego, despotencializando-o para o encontro com o outro e o novo. Assim o apego a casa e à rua pode interferir na sua não participação em atividades comunitárias de seu bairro.

A Imagem da Destruição no João XXIII



O bairro “Papicu” é aquele que é calmo, mas muito sujo com pessoas que fazem muitas coisas ruins. Em sua Destruição gera nesta jovem moradora sentimentos por ela designados com sendo de muita sujeira, vergonha do bairro e coisas ruins vindas das pessoas do bairro. Essa imagem indica uma estima de lugar despotencializadora da ação do indivíduo no bairro. Entretanto esta respondente afirma participar de atividades comunitárias na igreja do mesmo.

Quadro 16: mapa afetivo do bairro João XXIII

Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 1B Sexo: F Idade: 17 Trabalha: não. Renda: Entre um e dois salários mínimos Onde mora: João XXIII Tempo de moradia: 14 anos</p>	Metafórica	O desenho significa que o bairro mostra uma sujeira, tipo, mostra uma lata de lixo, mostra também o mar poluído.	É um bairro que é muito calmo, mas que tem muita sujeira.	Muita sujeira, vergonha do bairro, mostra lixo, coisas ruins que as pessoas do bairro podem fazer, ruins.	Eu compararia meu bairro com o Papicu.	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: Nada.</p> <p>Participa de Atividades comunitárias? Sim;</p> <p>De quê? Igreja.</p>

Neste mapa vemos a predominância de predisposições afetivas negativas com relação ao espaço degradado do bairro. A respondente enfatiza o desconforto com a poluição do lugar e não se mostra afetada com a insegurança do mesmo, de modo que considera calmo o seu bairro. A vergonha do bairro por sua poluição constrói nessa jovem uma estima de lugar despotencializadora com relação ao mesmo. Entretanto esta afirma participar das atividades da igreja neste bairro, entrando no perfil dos demais respondentes que estimando negativamente o bairro, participa nele apenas de atividades na igreja.

5.2.4. Síntese conclusiva da análise qualitativa dos mapas afetivos.

Concluindo essa parte dos mapas afetivos, vimos que análise a estima de lugar por bairro estudado apresentou-se de uma forma geral negativa, isto é despotencializadora. Abaixo apresentamos um quadro que sintetiza a distribuição percentual dessas estimas por bairro.

Tabela 3: Associação entre a estima de lugar e bairros de moradia

			Estima a partir de análise qualitativa		Total
			Potencializadora	Despotencializadora	
Bairro em que mora	BONSUCESSO	Freqüência % da estima por Bairro.	1	94,4%	100,0%
	HENRIQUE JORGE	Freqüência % da estima por Bairro.	23,8%	76,2%	100,0%
	JOÃO XXIII	Freqüência % da estima por Bairro.	17,6%	82,4%	100,0%
Total		Freqüência % da estima por Bairro.	16,1%	83,9%	100,0%

Como podemos ver a estima foi mais negativa no bairro Bonsucesso, seguido do João XXIII e Henrique Jorge, respectivamente. O Bonsucesso é o mais pobre dos três bairros, sendo intensamente acometido pelo crime e pela poluição urbana. Ele é considerado em muitas das falas desses adolescentes como uma “favela”. O Henrique Jorge é um bairro mais urbano, mais sofisticado e mais socialmente amparado por postos de saúde, hospital, agremiações esportivas etc. O João XXIII se intercala entre esses dois bairros, sendo por um lado, tal como o Bonsucesso, marcado pela poluição do rio Maranguapinho e de suas vias públicas, e por outro lado, favorecido com boas praças e projetos sociais.

De uma forma geral, verificamos nesta investigação que as questões relacionadas à violência urbana são o problema que mais incide sobre a construção da estima

despotencializadora nos três bairros, tanto nas imagens afetivas da Insegurança, quanto nas de Contraste.

Podemos verificar isso com o quadro abaixo, no qual trazemos as distribuições de frequências dessas imagens por bairro.

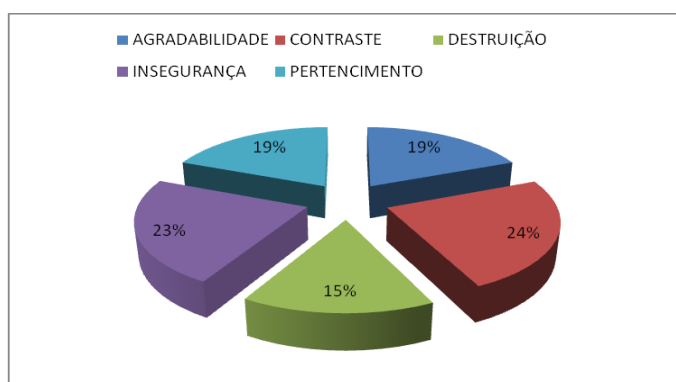
Tabela 4: Associação entre imagens afetivas e bairros de moradia

		Bairro em que mora			Total
		BONSUCESSO	HENRIQUE JORGE	JOÃO XXIII	
Imagem	AGRADABILIDADE	0	2	2	4
	PERTENÇA	1	3	1	5
	CONTRASTE	9	12	11	32
	INSEGURANÇA	7	4	1	12
	DESTRUIÇÃO	1	0	2	3
Total		18	21	17	56

5.2.5 Análise Estatística Complementar dos mapas afetivos.

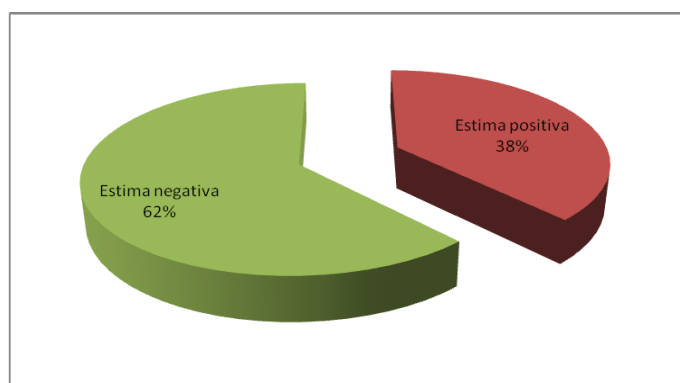
A análise estatística complementar, obtida através da escala Likert, confirmou a grande predominância da estima de lugar despotencializadora nos bairros investigados, embora apresente uma distribuição percentual distinta de imagens a qual repercute também no percentual da estima. Assim pela análise estatística da escala Likert obtivemos o gráfico abaixo relativo à distribuição das imagens afetivas.

Gráfico 3: Distribuição percentual das imagens afetivas a partir da análise da escala Likert



Podemos observar nesse resultado que, embora ele ainda apresente predominantemente as imagens de contraste e insegurança, as imagens estão mais uniformemente distribuídas. Isso decorre, segundo Bomfim (2003), porque na escala Likert há uma estimulação por todas as imagens, fazendo com que isso repercute nos resultados. Entretanto, segundo análise da escala Likert, as estimas se apresentam percentualmente distribuídas de forma semelhante as da análise qualitativa como podemos verificar no gráfico a seguir.

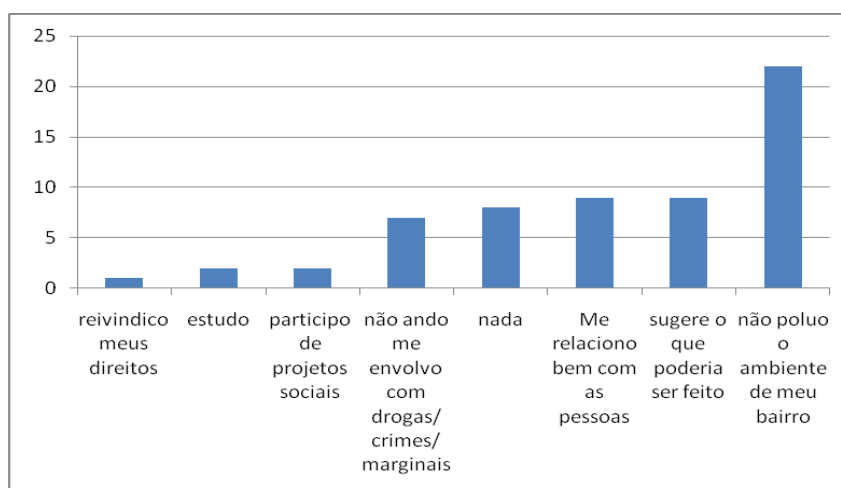
Gráfico 4: distribuição percentual das estimas a partir da análise da escala Likert



5.3 A participação social dos jovens investigados

Dentre as definições de participação consideraremos aquela é determinada por toda ação organizada para a promoção do bem comum, tendo como base a formação de uma consciência crítica da realidade. Entretanto, para alcançar as formas pelas quais os jovens se percebem agindo em prol do bem comum, aceitamos a sugestão da banca avaliadora do projeto dessa pesquisa de lançar no instrumento gerador do mapa afetivo a seguinte pergunta aberta: *quais são as coisas que você faz para melhorar a comunidade do seu bairro?* Todas as respostas dadas estão contidas nas afirmativas do gráfico abaixo.

Gráfico 5: frequência da participação social a partir de seus significados para os adolescentes



Analisando o gráfico, percebemos que esses jovens adolescentes não se reportam a qualquer tipo de engajamento em movimentos sociais ou qualquer outro grupo de militância política. Os dois únicos que respondem participar de projetos sociais se reportam respectivamente à participação em um grupo de teatro e em um projeto social de educação ambiental, denominado “Com Vida”⁴⁷. Suas respostas são de uma forma geral de cunho individual. Na afirmativa “sugere o que poderia ser feito” estão aqueles jovens que não afirmam participar de nada, mas sugerem o que poderia ser feito ou que eles fariam caso pudessem. Esse conteúdo está apresentado na análise dos mapas afetivos do próximo item

⁴⁷ “O **Coletivo Jovem de Meio Ambiente (CJ)** foi criado no ano de 2003, durante um processo de mobilização em prol da Educação Ambiental: Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente (CNIJMA), realizada pelo Ministério do Meio Ambiente - MMA e Ministério da Educação – MEC [...] Os CJs permanecem em atividade até hoje, atuando em projetos relacionados com a temática socioambiental. Atualmente participam do Programa Vamos Cuidar do Brasil com as Escolas - MEC (ComVida) [...] possuindo uma ação vasta em todo o território nacional.” http://pt.wikipedia.org/wiki/Coletivo_Jovem_de_Meio_Ambiente

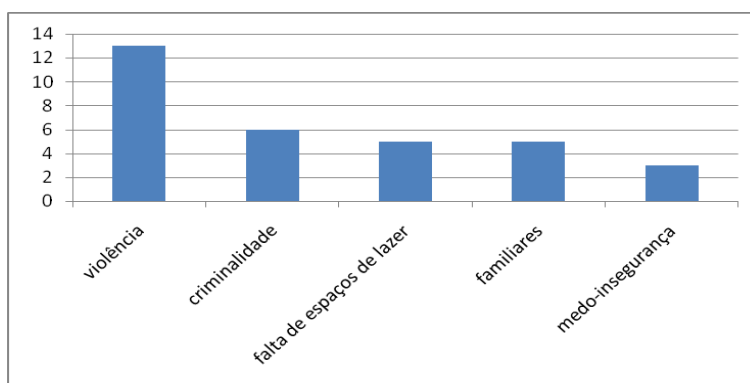
deste capítulo. Para a visualização da distribuição dessas frequências por bairro de moradia dos adolescentes, vide os gráficos nos anexos.

A questão que deu origem a esse gráfico apresentou inicialmente uma dificuldade de respostas por parte dos alunos das duas escolas. A grande maioria dos alunos dizia que não se percebia fazendo nada para melhorar a comunidade de seu bairro e nem participando de nenhuma atividade comunitária no mesmo. Foi preciso, então que interviéssemos pedindo para aqueles que responderam algo apresentasse suas respostas para os outros da sala. Nas duas escolas se manifestaram aqueles alunos que apontavam as mesmas coisas: não poluindo o ambiente e não se envolvendo com drogas e criminalidade. Essa intervenção pode ter interferido no predomínio de algumas respostas por terem sido estimuladas pelas sugestões fornecidas no momento do preenchimento do questionário. Entretanto, com base na análise dos demais métodos utilizados nesta pesquisa, podemos verificar que a poluição ambiental e a violência urbana são as problemáticas que mais incomodam a jovem população dos bairros investigados. Isto poderemos melhor observar no item a seguir

5.3.1 Participação e tomada de consciência dos problemas dos bairros pelos jovens investigados.

Entretanto, considerando que um elemento imprescindível do ato participativo é a tomada de consciência dos problemas coletivos, investigamos como se encontrava essa percepção nos adolescentes através do questionário complementar, perguntando-lhes quais eram os principais problemas enfrentados pela juventude de seus bairros de moradia. O resultado encontra-se no quadro a seguir:

Gráfico 6: frequência dos principais problemas enfrentados pela juventude dos bairros segundo os alunos investigados



5.3.2 Participação em atividades comunitárias no bairro de moradia.

Com a pretensão de melhor esmiuçar a participação social dos adolescentes em seus bairros de moradia para, então, relacioná-la com a estima que tinham dos mesmos, investigamos suas participações nas atividades comunitárias nesses bairros através também de da seguinte pergunta no instrumento gerador dos mapas afetivos: “*you participate in any social project, association, group or other community activity in your neighborhood? Yes or no. If yes, say of what.*”. No quadro abaixo, podemos constatar as frequências das participações em atividades comunitárias do bairro:

Tabela 5: Frequência da participação em atividades comunitárias no bairro

	Frequência	Percentual	Percentual válido	Percentual cumulativo
Válido sim	20	33,9	35,7	35,7
não	36	61,0	64,3	100,0
Total	56	94,9	100,0	
Não respondeu	3	5,1		
Total	59	100,0		

Antes de comentar o gráfico é preciso explicar que dos 59 alunos participantes dessa pesquisa, 3 não responderam o instrumento gerador dos mapas afetivo por terem faltado à aula no dia da aplicação deste nas escolas, mas participaram de outros momentos da pesquisa. Por isso estaremos sempre a trabalhar nos resultados com o percentual válido.

Então podemos observar que apenas 35,7% dos alunos afirmaram participar de atividades comunitárias *no seu bairro de moradia*. Alguns poucos, entretanto, como podemos constatar na análise dos mapas afetivo, afirmaram participar de atividades comunitárias em outros bairros.

Com relação ao tipo de atividade, os alunos se reportaram a apenas 4 tipos: projetos esportivos (grupos organizados de atividades esportivas variadas), projetos culturais (grupos organizados de atividades artísticas variadas), atividades da igreja (grupo de crisma, grupo de jovens e outros não especificados) e projeto Com Vidas, o qual classificamos como grupo de ação cidadã. Fazendo uma relação estatística pelo qui-quadrado encontra-se o quadro abaixo:

Tabela 6: associação entre o tipo de atividade comunitária da qual participa e o bairro em que mora.

			Tipo de atividade comunitária da qual participa no bairro em que mora				Total
			Projetos esportivos	Projetos culturais	Ações na igreja	Grupo de ação cidadã	
Bairro em que mora	BONSUCESSO	Frequência					
		% no Bairro em que mora	,0%	33,3%	66,7%	,0%	100,0%
	HENRIQUE JORGE	Frequência	5	1	0	1	7
		% no Bairro em que mora	71,4%	14,3%	,0%	14,3%	100,0%
	JOÃO XXIII	Frequência	1	1	5	0	7
		% no Bairro em que mora	14,3%	14,3%	71,4%	,0%	100,0%
Total		Frequência	6	4	9	1	20
		% no Bairro em que mora	30,0%	20,0%	45,0%	5,0%	100,0%

Observamos que dos 20 adolescentes que informaram participar de atividades comunitárias em seus bairros de moradia, 45% deles participam de atividades na igreja, sendo que estes em sua totalidade são moradores apenas dos bairros Bonsucesso e João XXIII, de modo que não verificamos participação em Igreja nos moradores do Henrique Jorge. Esses dados parecem relacionar-se com o fato de o bairro João XXIII ser o mais antigo dos três bairros, sendo habitado por famílias antigas muito ligadas ao ascetismo religioso da paróquia local e tradicionalmente ligadas aos esportes, por ter abrigado antigos jogadores de futebol de Fortaleza. O esporte parece ter nesse bairro grande função no estabelecimento das associações de moradores promotoras de seus projetos sociais, o que o torna atrativo para os jovens do Bonsucesso que em seu bairro nada têm, além da escola, da igreja e da família para vincular-se.

Talvez por isso, com relação às atividades esportivas, verificamos sua ausência no bairro Bonsucesso uma vez que, como já dissemos, os jovens moradores desse bairro dele se deslocam para o João XXIII a fim de participarem de seus projetos esportivos (Projeto ABC e outros grupos organizados nas quadras do João XXIII). A grande escassez de projetos sociais

no Bonsucesso, talvez repercuta no fato de seus moradores apresentarem-se ligados, além da igreja, aos projetos culturais oferecidos pela escola.

Já com relação aos adolescentes moradores do bairro Henrique Jorge, verificamos que eles apresentam-se fortemente ligados a projetos esportivos e culturais na escola (Projeto “Segundo Tempo”) e as atividades oferecidas pelo Ginásio Poli Esportivo Prata Freire, estabelecimento comunitário desse bairro.

5.4. A relação entre a estima de lugar e a participação em atividades comunitárias

Uma estima de lugar potencializadora indica uma potência de ação aumentada no indivíduo com relação a um lugar, isto é, indica que há um aumento em sua capacidade de afetar o lugar ou ser afetado por ele. Como já vimos a afetividade sentida no corpo ocorre pelo seu contato com outro corpo podendo aumentar ou diminuir a potência de ação do indivíduo. O aumento dessa potência é sentido como alegria e desejo de expansão do ser, movimento que o dirige para a liberdade, sendo por isso favorecedor do encontro com o outro corpo. Quando o encontro com o outro corpo aumenta a potência de ação do indivíduo, este é considerado um bom encontro, sendo emancipador para o sujeito, uma vez que lhe condiciona a liberdade.

A atividade comunitária pode se configurar para o adolescente como um bom encontro com o bairro, se, através dela, houver aumento de seu *connatus*. Por isso consideramos que aqueles que participam de atividades comunitárias potencializadoras, aumentam sua potência de ação no bairro, a qual, por conseguinte repercute na construção de uma estima de lugar potencializadora com relação ao mesmo.

Por outro lado a não participação do adolescente em atividades comunitárias no bairro pode indicar uma potência de ação com relação ao bairro diminuída ou ainda, pode indicar uma potência de padecimento deste adolescente com relação ao bairro, provocando nele uma diminuição de sua capacidade de afetar o bairro ou de ser afetado por ele. Essa condição é sentida como a apatia, isto é uma ausência de afeto e, portanto, uma ausência de ação. Por isso supomos que a não participação em atividades comunitárias potencializadoras da ação no bairro, repercute na construção de uma estima de lugar despotencializadora e vice-versa.

Tendo isso em vista procuramos relacionar o tipo de atividade comunitária que os alunos participavam em seus bairros com o tipo de estima de lugar que eles construía a respeito do mesmo.

Considerando a hipótese levantada por Bomfim (2003) de que uma estima de lugar potencializadora da ação é indicadora da participação efetiva do indivíduo em associações, verificamos como isto ocorre na relação do adolescente com seu bairro. Assim, seguindo o principal objetivo desse estudo, procuramos investigar nos alunos a relação entre suas estimas de lugar com relação a seus bairros de moradia e suas participações em atividades comunitárias no mesmo.

A relação da estima de lugar com o bairro de moradia encontra-se implícitas nas respostas dos mapas afetivos, uma vez que todas as questões dirigiam-se enfaticamente para a participação e a estima relacionadas somente ao bairro de moradia do adolescente. Antes de mostrar a relação entre estima de lugar e participação, apresentamos o gráfico de frequência da estima de lugar.

A relação dessa estima com a participação em atividades comunitárias está aqui respaldada no teste estatístico do Qui-quadrado 2×2 ⁴⁸, o qual assevera, respectivamente, a presença da dependência entre a estima de lugar e a participação em atividades comunitárias por adolescentes. Significa dizer que, a participação de adolescentes em atividades comunitárias no seu bairro de moradia parece influenciar a construção de sua estima de lugar com relação ao mesmo e vive-versa.

Tabela 7: Resultado para o teste do qui-quadrado entre as variáveis estima de lugar e participação em atividades comunitárias.⁴⁹

	Estima a partir de análise qualitativa	Participa de atividades comunitárias no bairro
Chi-Square	25,786 ^a	4,571 ^a
df	1	1
Asymp. Sig.	,000	,033

O número em negrito é o coeficiente de significância. Um valor inferior a 0,05 indica que há uma correlação entre as variáveis, de modo que elas variam uma em função da outra.

Para um melhor entendimento dessa relação, mostramos no quadro a seguir a análise associativa dessas variáveis.

⁴⁸ Segundo Dancey & Reidy (2006, p.268), o teste do Qui-quadrado 2×2 pode ser utilizado para se verificar a correlação entre duas variáveis categóricas, cada uma delas apresentado dois níveis. Nesse caso têm-se as variáveis Estima de lugar com seus dois níveis “potencializadora/despotencializadora” e Participação em atividades comunitárias com os níveis “sim/não”.

⁴⁹ Esse mesmo teste foi verificado como positivo quando se neutraliza a imagem de Contraste, isto é, quando não se atribui valor nem positivo (potencializador) nem negativo (despotencializador) para a mesma. O gráfico deste teste está na relação dos anexos.

Tabela 8: Associação entre a Estima de lugar obtida por análise qualitativa e a Participação em atividades comunitárias no bairro em que o adolescente mora.

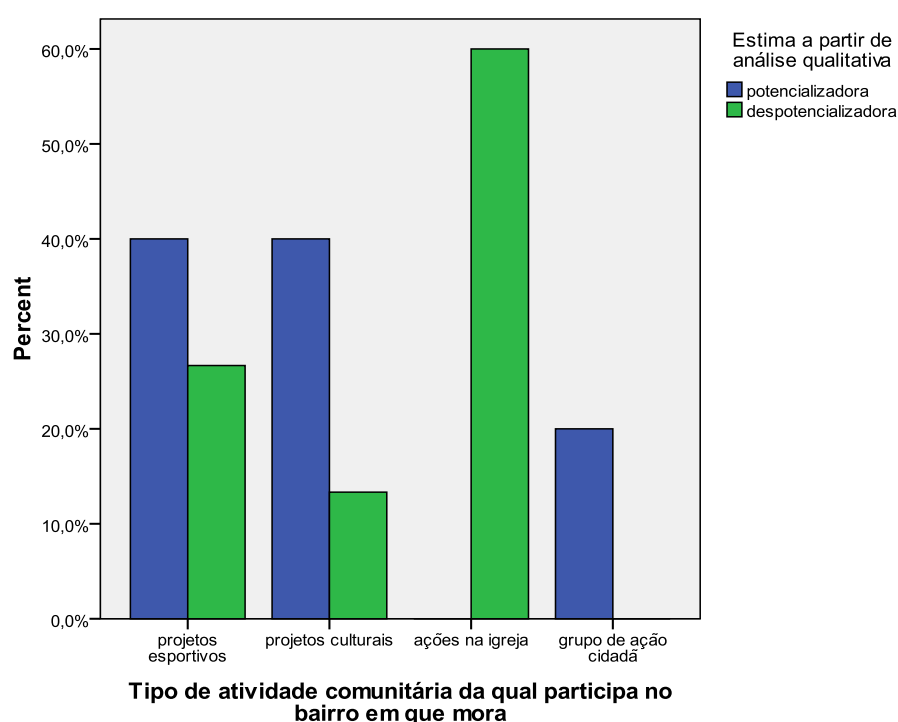
			Participa de atividades comunitárias no bairro		Total
			sim	não	
Estima de lugar a partir de análise qualitativa dos mapas afetivos	Potencializadora	Frequencia % na Estima a partir de análise qualitativa	5 55,6%	4 44,4%	9 100,0%
	Despotencializadora	Frequência % na Estima a partir de análise qualitativa	15 31,9%	32 68,1%	47 100,0%
Total		Frequencia	20	36	56
		% na Estima a partir de análise qualitativa	35,7%	64,3%	100,0%

Por esse teste podemos visualizar como ocorreu a relação de dependência verificada pelo teste do qui-quadrado, isto é, vemos que os alunos que tenderam, pela análise de seus mapas afetivos, a apresentar a estima de lugar potencializadora com relação a seus bairros de moradia, tenderam também a participar de atividades comunitárias no mesmo, ao passo que a relação inversa também se contatou.

5.4.1 Relações entre estima, participação e tipo de atividade comunitária.

Mesmo verificando estatisticamente essa correlação entre a estima de lugar dos adolescentes e suas participações em atividades comunitárias, nos interessamos por verificar mais profundamente como elas ocorriam. Por isso analisamos a relação entre a estima de lugar pelo bairro de moradia e o tipo de atividade comunitária no mesmo. Para uma melhor explanação desse resultado, o apresentamos no gráfico a seguir:

Gráfico 7: relação entre a estima de lugar com relação aos bairros de moradia e os tipos de atividades comunitárias nos mesmos por seus jovens moradores

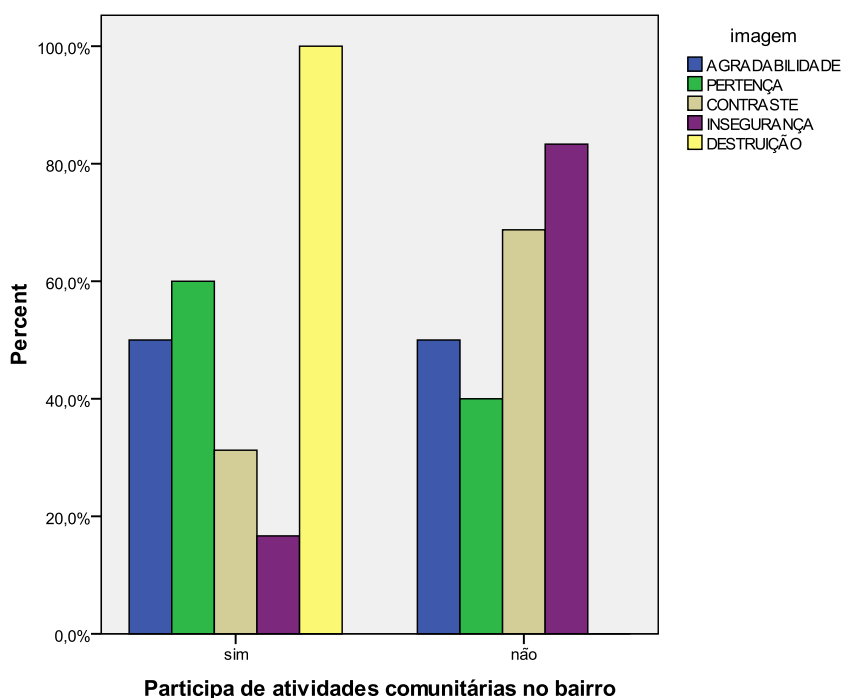


Podemos observar que os alunos vinculados aos projetos sociais esportivos, culturais e de ação cidadã tendem a construir uma estima de lugar potencializadora de suas ações no bairro. Por outro lado, algo nos chamou bastante atenção neste gráfico: todos os adolescentes que afirmaram participar de atividades na igreja, as quais como já vimos correspondem por 45% de todas as participações catalogadas, apresentaram estima de lugar despotencializadora com relação a seus bairros de moradia. Analisando mais profundamente e qualitativamente os conteúdos apresentados nos mapas afetivos, nos grupos focais e no questionário complementar, podemos perceber que os jovens ligados às igrejas apresentam uma estima de lugar bem positiva com relação a ela, lugar onde “se sentem seguros”, “fazem amigos

verdadeiros”, participam de seus grupos musicais e outras atividades de grupo, “se aproximam de Deus” etc. Essa análise mais complexa nos leva a pensar que a Igreja se apresenta para o adolescente ascético como um lugar de refúgio da realidade do bairro, a qual evita afetivamente, repercutindo na não implicação destes com os outros ambientes do bairro.

Esmiuçamos também a relação da participação com a estima, através das imagens afetivas reveladas, isto porque durante a análise dos mapas afetivos, verificamos a forte influência ambiental das “paisagens do medo” na construção da estima, já que a violência, a criminalidade e drogadição desses ambientes são o que mais ganham relevo na afetividade desses jovens com relação ao lugar. As paisagens do medo repercutiram, como já mencionamos tanto na formação da imagem da Insegurança como na de Contraste, as quais foram as grandes indicadoras da incidência massiva das estimas de lugar despotencializadoras.

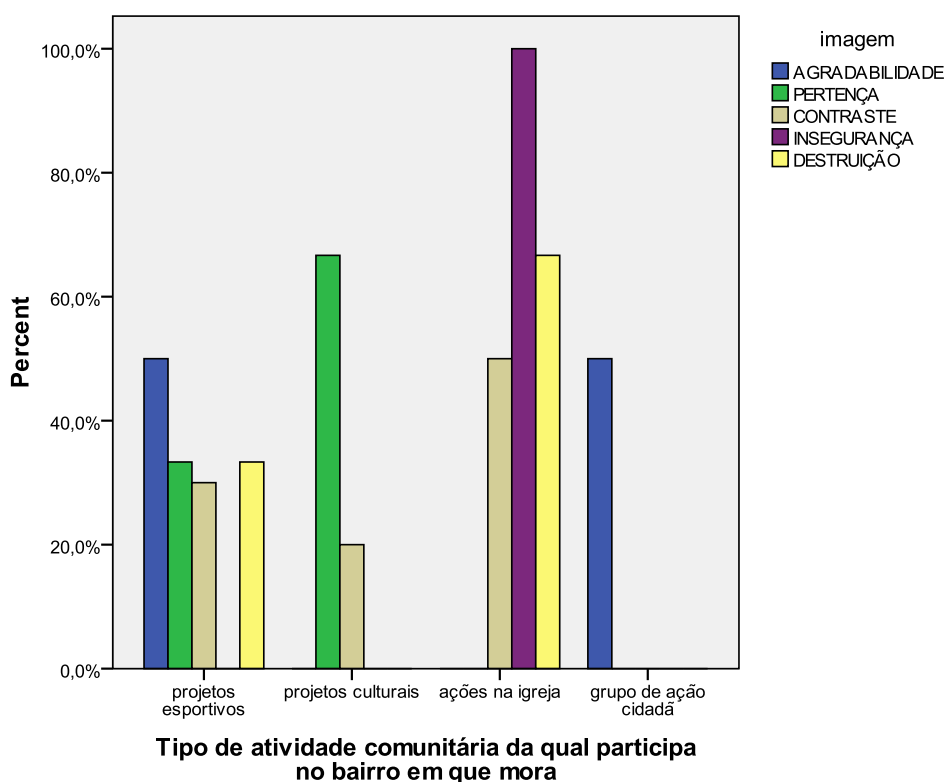
Gráfico 8: relação entre as imagens afetivas que os adolescentes têm do bairro em que moram e suas participações em atividade comunitária no mesmo



Neste gráfico, duas coisas nos chamam a atenção: primeiramente, tal como já supúnhamos, a verificação de que 80% dos adolescentes que apresentaram a imagem da Insegurança com relação a seus bairros de moradia não participam de suas atividades comunitárias no mesmo. Segundo, para nossa surpresa, todos os que apresentaram imagens da Destruição afirmaram participar de atividades comunitárias no bairro. Isso nos leva a pensar que, embora a imagem de Destruição seja indicadora de uma estima despotencializadora,

tendendo a diminuir o *conatus* dos adolescentes - gerando, como podemos averiguar nos conteúdos dos mapas afetivo, sentimentos de “tristeza”, “desprezo”, “vergonha”, “nojo”, “revolta”; e qualificações como “sujo”, “poluído”, “destruído”, “desmatado”, “sem espaços de lazer” – as *paisagens do medo* (TUAN, 2005) são as que parecem paralisar as ações de encontro com os espaços do bairro. Isso nos leva a melhor compreender nos resultados do outro gráfico abaixo, porque 100% das imagens de Insegurança, relativas aos jovens que participam de atividades comunitárias no bairro de moradia, concentram-se naqueles que participam de atividades na igreja.

Gráfico 9: relação entre as imagens afetivas que os adolescentes têm do bairro em que moram e o tipo de atividade comunitária que nele participam.



Já as imagens positivas, com o gráfico mostra, são verificadas naqueles adolescentes que participam das demais atividades. De modo que 100% da Agradabilidade estão relacionadas aos projetos esportivos e de ação social e 100% da Pertença aos esportivos e culturais. A imagem da Destruição apresentou-se tanto nos adolescentes participantes de atividade na igreja, quanto naqueles participantes de projetos esportivos.

5.5 Os grupos focais: Análise dos dados obtidos

Ainda nos valendo da abordagem multi-métodos proposta por Günter (ano), desenvolvemos os grupos focais como uma metodologia complementar à metodologia dos mapas afetivos. Objetivamos com eles aprofundar questões inerentes aos objetivos definidos no projeto da pesquisa, bem como questões surgidas durante o desenvolvimento dela.

Segundo Gatti (2005, p.43), “ao iniciar os procedimentos de análise, a primeira atitude é retomar os objetivos do estudo e do uso dos grupos focais para realizá-lo.” Essa autora explica que os objetivos são guias tanto para a escolha do processo de análise dos dados coletados, como para as interpretações desses. Por isso nosso grupo focal foi orientado, de modo a podermos discutir mais profundamente sobre a relação entre a afetividade (estima de lugar) e a participação social (atividade comunitária) desses adolescentes com relação a seus bairros de moradia. Assim alguns dos temas levantados contemplavam os objetivos da pesquisa, outros surgiram para atenderem a dúvidas surgidas durante a pesquisa.

Num primeiro momento colocamos em pauta a importância das atividades comunitárias e suas vidas. Posteriormente, a fim de compreender o que estava por traz do alto índice das imagens de contraste reveladas na análise dos mapas afetivos, levantamos mais duas pautas: coisas que no bairro causam alegria e tristeza e a relação de apego ao bairro. Com as questões dessa última pauta pretendemos verificar se o que de fato representava a ambivalência presente nas imagens de Contraste.

As falas incitadas pelas questões por nós levantadas nos levaram a interpretá-las mediante às seguintes categorias analíticas: 1. A importância da amizade na participação social. 2. A influência da Insegurança na imagem de Contraste. 3. Alegria e tristeza nos bairros: ênfases nos esportes e amizades e insegurança e poluição, respectivamente. 4. A importância da amizade no sentimento de “bairrofilia” (afeição e apego pelo bairro). 5. Familiaridade, amizade e pertencimento como motivos de apego ao lugar e antídoto contra a insegurança.

A falta de adolescentes representantes do bairro João XXIII deveu-se ao fato de não conseguirmos registrar bem o grupo focal que continha os seus moradores. Também, como já havíamos mencionado, algumas questões não puderam ser aprofundadas no grupo de moradores do Henrique Jorge em função das dificuldades apresentadas pela escola que continha esses moradores.

Quadro 17: análise categorial dos dados dos grupos focais

As perguntas de partida para os adolescentes.	Respostas dos adolescentes moradores dos bairros Bonsucesso e Henrique Jorge	
	Bonsucesso	Henrique Jorge
<p>Nós caminhamos pelos lugares públicos do bairro, os quais foram escolhidos por vocês como sendo os mais significativos para a comunidade do bairro: praças, canal, igreja, escola, clube do forró da terceira idade, quadra esportiva etc. Então eu pergunto a vocês: Nesses lugares, há alguma atividade que vocês participam? Se sim, quais são e qual a importância dela nas suas vidas e na vida das pessoas da comunidade deste bairro?</p>	<p>“A gente fica mais próximo de Deus, né? Mais próximo de cada um.” (10A)</p> <p>“É super-legal, conheci pessoas divertidas...conheci pessoas novas, também estive perto de pessoas que fizeram bem pra mim” (2A)</p> <p>“A pessoa fica mais participativa das coisas, conhece pessoas novas.” (8A)</p>	<p><i>Questão não desenvolvida com alunos desse bairro</i></p>
<p>Naqueles questionários nos quais vocês responderam sobre suas formas de ver representar e sentir o bairro de vocês, pude perceber que, de uma forma geral, vocês fazem uma avaliação negativa dele, porque, segundo vocês, há neste bairro muita insegurança, violência, crimes, lixo espalhado pelas ruas, um canal sujo, trânsito de carros perigoso, etc. Entretanto, alguns de vocês também responderam que, mesmo com as coisas ruins que nele existem, ele é um bom bairro. Então eu gostaria de saber a opinião de vocês sobre isso. Isso é verdade? Por quê?</p>	<p>“Eu acho que o bairro é bom, apesar da violência,” (5A)</p> <p>“Apesar da violência, ele é tranquilo, não é sempre que acontecem essas violências.” (8A)</p> <p>“Um bairro bom pra se viver, apesar de, como ela falou também, da violência.” (2A)</p> <p>“Ele tem muitos problemas, assim o SUS, os assaltos, mas é que é assim: lá onde eu moro é tudo limpo, sem assalto e sem carro.” (18A)</p> <p>“É um bairro bom. Também acontecem coisas ruins como os assaltos e essas coisas que acontecem muito na comunidade, mas o que é bom é a união.” (20A)</p> <p>“Assim, eu acho o Bonsucesso, aqui, um bairro muito bom, só muito violento” (5A)</p>	<p><i>Questão não desenvolvida com alunos desse bairro</i></p>

<p>O que no seu bairro te causa alegria e o que te causa tristeza?</p>	<p>“A alegria é que no meu bairro tem praças, tem festas, como ali no forró que tem muito movimento, o pessoal que vende as coisas. O que me causa tristeza é que o pessoal joga coisas no rio, aqui.” (10A)</p> <p>“O que me causa mais alegria é a escola, porque eu convivo a maior parte do tempo do dia é na escola. O que me causa mais tristeza é a poluição do rio, porque uma vez por mês, a prefeitura vem e manda limpar, mas em dois dias, já tá do mesmo jeito.” (2A)</p> <p>“O que causa tristeza “É a violência, a poluição [...] O que me causa alegria é as pessoas. São unidas. Um bairro, assim, “de família”, como o meu pai chamava. Alegre. Uns ajudam os outros.” (8A)</p>	<p>“Alegria é só em casa mesmo [...] e no futebol, no outro bairro, que é onde tenho os amigos. E a tristeza é com a situação do bairro” (20B)</p> <p>“Alegria só no futebol do JoãoXXIII mesmo.” (26B)</p> <p>“O que me causa alegria é o futsal que participo e o que me causa tristeza é a poluição e a violência do bairro.” (22B)</p> <p>“O que me causa alegria é minha família e o futsal; e tristeza a violência do bairro: a gente vive com medo, não pode andar com nada de valor...” (3B)</p> <p>“Alegria, nada. Tristeza, quase tudo.” (SC)</p>
<p>Na opinião de vocês, o que faz com que a gente goste do lugar onde moramos? Responda pensando nos seus sentimentos.</p>	<p>“A união” (10 A)</p> <p>“A amizade, né? A união entre as pessoas. Porque ele não é um lugar muito violento. Tem uma parte calma.”(8 A)</p> <p>“Como ela falou, as relações de amizade, união, fraternidade... Porque tudo isso é muito importante.” (2A)</p> <p>“A amizade e também saber que tem muitas pessoas boas nesse bairro.” (5A)</p> <p>“A relação de amizade, como ela disse, as pessoas. É um bairro violento, mas é calmo também.” (18A)</p> <p>“A estrutura, o amor,</p>	<p><i>Questão não desenvolvida com alunos desse bairro</i></p>

	também, do bairro. A amizade também. E a ajuda que o bairro oferece.” (20A)	
Vocês gostariam de se mudarem deste bairro? Se sim, diga por quê. Se não, diga o que os fazem querer continuar morando nele.	<p>“Não, porque eu passei a maior parte da minha vida aqui e conheci muitas pessoas, muitos amigos e, por isso, eu me apeguei (8 A)”</p> <p>“No meu caso, eu nem pensaria em sair do bairro, porque ali, na comunidade onde eu moro, a gente já somos conhecidos e ninguém mexe com a gente. Se a gente fosse pra outro bairro ia parecer melhor, mas ia ser pior, porque não iam nos conhecer, e iam mexer nas coisas da gente, e lá onde eu moro, não. É tudo conhecido já, conhece a gente, e não deixam mexer em nada. (21 A)”</p> <p>“Por um lado, eu sairia, por causa da violência, mas por causa dos meus amigos, eu não sairia, não, porque faz tempo que eu moro lá onde eu moro e, por eles, eu não sairia, não, mas se fosse pela violência, eu saía do bairro. (9 A)”</p> <p>“Eu gosto do meu bairro porque o pessoal lá respeita a gente e é um ajudando o outro. Quando alguém precisa de alguma coisa, o pessoal ajuda. (21 A)”</p>	<p>“Não. O que me faz ficar é a família e os amigos” (20 B)</p> <p>“Não. Eu ficaria, porque aqui eu tenho amizades.” (26 B)</p> <p>“De jeito nenhum! Porque é nele que eu tenho minhas amizades, minha família...” (22B)</p> <p>“Não. Porque eu nasci aqui e sou apegada ao bairro.” (3B)</p>

Para aprofundar o sentido da participação na vida dos adolescentes, perguntamos sobre a importância para eles de participarem de atividades comunitárias em seus bairros. Observamos que a maior parte dos adolescentes destacou a função de fazer amizades nessas

atividades, mostrando que elas prefiguram como atividades autotélicas para esses adolescentes.

Também nesta entrevista coletiva procuramos compreender o que estava por traz da predominância da imagem de Contraste revelada nos mapas afetivos dos três bairros investigados. Perguntamos, nesse caso somente aos moradores do Bonsucesso (considerado como o pior dos bairros dessa região), o que significava haver tantas respostas que avaliavam ao mesmo tempo esse bairro de forma positiva e negativa. Pensávamos que os adolescentes avaliavam de uma forma geral o seu bairro como ruim, mas que teriam elementos positivos que os colocariam em dúvidas. Entretanto observamos que de uma forma geral os adolescentes gostam do bairro em que moram e o avaliam positivamente, exceto pela predominância nesse bairro da violência, a qual se vincula ao sentimento de insegurança vivido pelos adolescentes em seus bairros.

A fim de compreender os elementos potencializadores ou despotencializadores do encontro dos adolescentes com lugares e atividades comunitárias do bairro, colocamos em pauta para grupo a questão sobre o que lhes causava no bairro tristezas e alegrias. Quanto ao que causava tristeza verificamos a remissão às questões da violência e da poluição ambiental, sendo que a primeira incide mais nas falas do moradores do Henrique Jorge e a segunda nas dos Bonsucesso.

O que nos chamou a atenção nos grupos focais foi a observação de que, embora a violência seja mais intensa no Bonsucesso do que no Henrique Jorge, seus moradores sentem-se mais seguros dos que os moradores deste último, talvez por conhecerem mais as pessoas e os lugares de seu bairro. Isso fica visível na análise das duas últimas categorias: “A importância da amizade na “bairrofilia”; “Familiaridade, amizade e pertencimento como motivos de apego ao lugar e antídoto contra a insegurança.”

Com relação à última categoria, pensávamos em dar uma cartada final para a compreensão dos sentimentos ambíguos com relação ao bairro, perguntando se havia um desejo por parte dos adolescentes em se desligarem de seus bairros, mudando-se para outro, caso isso lhes fosse oportunado. Percebemos com essa questão que os vínculos de apego ao lugar já se encontravam bem fortalecidos na relação destes adolescentes com seus bairros de moradia, de modo que em grande maioria, estes adolescentes afirmaram suas indisposições em desligar-se desses bairros a procura de outro melhor. Observamos ainda que o apego ao lugar desses adolescentes se deve não às boas qualidades urbanas de seus bairros, uma vez que estas são deficitárias; mas aos seus vínculos sociais estabelecidos, bem como aos seus sentimentos de pertencimento no bairro.

Como podemos verificar no quadro de análise, embora os moradores dos dois bairros destaquem as amizades e a família como os principais objetos do apego, os do Bonsucesso apresentam esse vínculo como possibilidade de segurança para eles. Nós pudemos sentir isso durante as trilhas urbanas, onde percebemos que os moradores do Bonsucesso sentiam-se tranquilos em transitar conosco por todos os lugares do bairro. Já na trilha do Henrique Jorge havia receio e insegurança por parte dos alunos, os quais nos alertavam repetidamente para guardarmos a máquina fotográfica, os aparelhos celulares e para não nos arriscarmos indo em determinados lugares daquele bairro.

Também nas conversas informais e grupos focais percebemos que havia na percepção dos adolescentes de ambos os bairros, uma diferença entre saber que seu bairro é tranquilo e sentir que ele o é. Os moradores do Bonsucesso sabiam que seu bairro era inseguro, mas não o sentiam assim, ao passo que ocorria o inverso com a percepção dos moradores do Henrique Jorge com relação a esse bairro. O gráfico 2 da relação de anexos, o qual apresenta os principais problemas do bairro de moradia pelo olhar dos adolescentes investigados, mostra como o problema do medo e insegurança é inexpressível no Bonsucesso.

Consideramos que isso ocorre pelo fato de o Bonsucesso ser menos urbanizado do que o Henrique Jorge, permitindo maior formação de vínculos sociais e comunidades vicinais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste manuscrito procuramos compreender a ação socioparticipativa dos adolescentes investigados considerando-a em suas dimensões afetivas e instrumentais; autotélicas e teleológicas, uma vez que a participação social tem função construtiva tanto para o desenvolvimento do sujeito quanto da sociedade. Pudemos compreender a partir de nossos estudos teóricos que há um choque entre o comportamento político da juventude revolucionária dos anos 60/70 no Brasil e a da atual juventude. Se aquela enfatizou ao extremo a dimensão instrumental da participação social política, chegando ao sacrifício pessoal de seus militantes em benefício de uma sociedade ideal; esta última parece negar enfaticamente tal comportamento, passando a fruir sobremaneira mais da dimensão afetiva da participação social. Diversas são as análises sociológicas para tal fato: a mudança de contexto político, a reificação das incertezas contemporâneas, a influência massiva de uma mídia alienadora etc. As problemáticas metropolitanas, isto é, anonimato, aglomeração, urbanização destrutiva das comunidades orgânicas, violência etc. parecem também ter influência sobre o arrefecimento da participação política da juventude atual.

A mudança do regime político brasileiro, isto é, a redemocratização política e a promulgação da constituição de 1988 têm papel decisivo na mudança do comportamento político da juventude. Isto porque se antes esse comportamento era de protesto contra as políticas ditatoriais e de reivindicação de um estado democrático e de direitos sociais, agora o que se exige do jovem é seu papel de cidadão para desenvolvimento da democracia vigente e para a assegução do cumprimento dos seus direitos sociais conquistados nesta Carta Magna. Assim, a participação social juvenil ganhou novos contornos por valer-se de benefícios governamentais do Estado, o qual deixa de ser seu inimigo e passa a ser seu “parceiro”. Essa “parceria”, sendo de cunho paternalista, se por um lado garante ao jovem pobre o suprimento de suas necessidades de educação, cultura e lazer, por outro lado lhe deprime a autonomia, impedindo que este se forme como um ser político pressionador do governo. Isto justifica porque nas políticas governamentais para a juventude há deficiência na abertura de canais de participação política efetiva na esfera pública. As políticas governamentais para a juventude tendem a dirigir-se mais para o seu controle social do que para a promoção de sua cidadania. O grande foco das ações governamentais para juventude pobre é a

retirada desta das condições sociais que lhes empurram para a violência e a criminalidade urbanas. As problemáticas urbanas passam a ser, então, palcos das ações governamentais para a juventude.

O que precisamos compreender neste contexto é que se o palco foi armado e os atores sociais convocados (juventude) compareceram, o enredo pode ser atualizado pela iniciativa social, valendo-se dessa grande contradição do Estado democrático para o desenvolvimento do protagonismo juvenil nas cenas das políticas urbanas. O protagonismo juvenil como ação pedagógica de cidadania é o que pode condicionar o salto de uma juventude de participação social tutelada para uma juventude que conquista sua participação política. Isso reverte a lógica e a juventude passa a exercer o *Controle Democrático* sobre o Estado, tal como nos diz Demo (2002). Consideramos que o jovem protagonista assim o é tanto por ser proativo e o sujeito de suas ações, quanto por ser o ator nelas, isto é, atuante no seu próprio vivido. O protagonismo juvenil pode ser um tipo de participação social que concilia suas dimensões instrumentais e afetivas.

Buscando essa conciliação esta pesquisa objetivou investigar a relação existente entre a estima de lugar de 59 adolescentes de ambos os sexos moradores dos bairros Bonsucesso, Henrique Jorge e João XXIII e suas participações sociais nessas localidades. Buscamos esse público em duas escolas públicas municipais instaladas em dois desses bairros. Para melhor alcançar as variáveis envolvidas nessa relação pessoa-ambiente utilizamos um multimétodo composto pelo instrumento gerador dos mapas afetivos, grupo focal, trilhas urbanas e um questionário complementar sobre a participação social dos adolescentes em seus bairros.

O levantamento da estima de lugar foi feito através do instrumento gerador dos mapas afetivos (BOMFIM, 2003), cuja metodologia permitiu o levantamento das estimas de lugar a partir da apreensão das seguintes imagens afetivas: Destruição, Insegurança, Contraste, consideradas imagens negativas; e Agradabilidade e Pertença, consideradas positivas. Esta análise mostrou-nos uma predominância da imagem de Contraste, a qual correspondeu a 57% de todos os mapas afetivos investigados. Por essa imagem ter sido considerada como despoticizadora da ação, decorreu que o resultado geral da análise dos dados mostrou-nos um quadro onde 84% dos adolescentes apresentavam com relação a seus bairros de moradia uma estima de lugar despoticizadora de suas ações no mesmo. Entretanto, investigando mais profundamente os mapas afetivos e o grupo focal observamos o caráter dúbio e

ambivalente desta imagem, já que por ela os adolescentes apresentam com relação a seus bairros aspectos afetivos (sentimentos, qualificações, representações) tanto potencializadores quanto despotencializadores de suas ações no mesmo. Esse aprofundamento investigativo em cima das imagens afetivas nos levou a observação de que as predisposições afetivas que mais influenciaram na despotencialização da estima e não participação dos adolescentes em atividades comunitárias foram àquelas ligadas à violência urbana, presentes nas imagens afetivas da Insegurança e predominantemente nas de Contraste. Assim, embora essa última imagem apresentasse também os sentimentos de pertença e “bairrofilia”, contrabalanceando seu aspecto negativo, concluímos que a paisagem do medo pintada pelo alto índice de violência, criminalidade e drogadição dos bairros investigados repercute eminentemente na despotencialização de seus moradores para as ações de encontro com o bairro.

Quanto à participação social dos adolescentes no bairro verificamos uma quase ausência de engajamento desses em movimentos sociais, estando ela majoritariamente ligada a atividades comunitárias esportivas, culturais e religiosas. Ainda assim, verificamos que apenas 35,7% dos adolescentes encontravam-se engajados nelas. Desses 35,7%, participavam de atividades de ação cidadã, culturais, esportivas e religiosas respectivamente 5%, 20%, 30% e 45%.

Encontramos também, respaldados pelo teste estatístico do qui-quadrado, uma correlação entre a estima de lugar e a participação social desses adolescentes, de modo que estes tendiam a participar ou não em função de apresentarem uma estima potencializadora ou despotencializadora respectivamente. Esta correlação se manteve positiva nesse estudo mesmo quando a imagem de Contraste é neutralizada, isto é, quando esta não é considerada nem como potencializadora, nem como despotencializadora da ação.

Uma análise complementar nos mostrou que o tipo de atividade comunitária a qual o adolescente se ligava repercutia na construção de suas estimas de lugar com relação a seus bairros de moradia. Por fim compreendemos com essa investigação que a participação social juvenil é atravessada por uma multiplicidade de fatores externos e uma complexidade subjetiva que precisam ser considerados. Sua dimensão afetiva é libertadora para o indivíduo uma vez que lhe aumenta o *conatus*. Sua dimensão instrumental política baseia-se na aquisição do comportamento político, o qual deve ser pedagogicamente transmitido na formação do jovem. O homem político nasce para auxiliar na gestão democrática das cidades, por ser quem se beneficia ou se prejudica

com essa. Por isso as problemáticas urbanas precisam ser compreendidas dentro do cotidiano dos espaços urbanos e o caminho de suas superações precisa ser sensível às subjetividades urbanas, pois qualquer forma de participação social só é emancipadora para o indivíduo se também for sentida por este como felicidade e amizade, isto é, se for promotora dos bons encontros com o outro indivíduo ou com o outro lugar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo In: ABRAMO, H. W. & BRANCO, P. P. M. (Org.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

ALVES, Rubem. **Aprendiz de mim: um bairro que virou escola**. Campinas: Papirus, 2004.

BARREIRA, I. A. F. A cidade e o medo. In: Universidade Aberta do Nordeste (Org.). **Segurança, violência e direitos** (pp.34-47). Fortaleza: Jornal O Povo, 2007.

BAUMAN, Z. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

BERTINI, F. M. A. **Centro de Fortaleza, lugar de transformações: o idoso e os afetos implicados**. 2006. 181 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Ceará (UFC), Ceará, 2006.

BOMFIM, Z. Á. C; ALENCAR, H. F; PINTO, W. A. **A cidade e a escola**. In: Anais do XXVI Encontro Universitário de Iniciação Científica à Pesquisa – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: 2006.

_____. **Cidade e afetividade: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo**. 2003. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), São Paulo, 2003.

_____. A mediação emocional no desvelar da identidade em psicologia comunitária. In BRANDÃO I. R. & BOMFIM, Z.A.C. (Org.). **Os jardins da psicologia comunitária: escritos sobre a trajetória de um modelo teórico-vivencial**. Fortaleza: ABRAPSO-Ceará/UFC, 1999. p. 99-110.

BORDENAVE, J. E. **O que é participação**. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRANDÃO, I.R. **Afetividade e participação na metrópole: Uma reflexão sobre dirigentes de ONGs da cidade de Fortaleza**.. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Universidade Católica de São Paulo (PUC), São Paulo, 2008.

_____. As bases epistemológicas da psicologia comunitária. In: BRANDÃO I. R. & BOMFIM, Z.A.C. (Org.). **Os jardins da psicologia comunitária**: escritos sobre a trajetória de um modelo teórico-vivencial. Fortaleza: ABRAPSO-Ceará/UFC, 1999. p. 31-48.

CAMPOS, A. O. **Sintagma**. Disponível em:
<<http://dosintagmaeoutrasconsideracoes.blogspot.com/2009/11/da-identidade.html>>. Acesso em: 20/03/2010.

CARONE, Iray. O papel de Sívila Lane na mudança da Psicologia Social do Brasil. **Psicologia & sociedade**, Porto Alegre, n.19, 2007. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822007000500020&script=sci_arttext> . Acesso em 31/01/2010.

CARRANO, P. C, R. **Juventude e participação no Brasil**: interdições e possibilidades. *Democracia viva*, n. 30, 2006. Disponível em:
<http://www.ibase.br/pubibase/media/ibasenet_dv30_artigo1.pdf>. Acesso em 15/11/2009.

CAVAZZA, N. **Psicologia das atitudes e das opiniões**. Tradução: Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

CHAUÍ, M. **Espinosa**: Uma Filosofia da Liberdade. São Paulo: Ed. Moderna, 1995.

_____. Sobre o medo. In CARDOSO, S.[et al.]. **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

COSTA, A. C. G. **O protagonismo juvenil passo a passo**: um guia para o educador. Lagoa Santa: Modus Faciendi Publicações e Serviços Ltda, 2001. (Cartilha).

COTRIN, G. **História e consciência do mundo**. 4 ed. Barra Funda: Saraiva, 1996.

COVRE, M. L. **O que é cidadania**. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção primeiros passos; 250).

DALLARI, D. Direito de participação. In: SORRENTINO, M. (Coord.) **Ambientalismo e participação na contemporaneidade**. São Paulo: EDUCA/FAPESP, 2002.

DANCEY, C., P. ; REIDY, J.. **Estatística sem matemática para psicologia: usando o spss** para o Windows. Tradução: Lorí Viali. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DAYRELL, J.; CARRANO, P. C. R. **Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo.** 2003. Disponível em: <<http://www.fae.ufmg.br/objuventude/textos/JOVENS%20BRASIL%20MEXICO.pdf>>. Acesso em: 15/11/2009.

DELEUZE, G. **Cursos sobre Spinoza (Vincennes 1978-1981).** Tradução: Emanuel Ângelo da Rocha Fragoso et al. Fortaleza: EdUECE, 2009.

DEMO, P. **Participação é conquista: noções de política social participativa.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. Participação e avaliação: projetos de intervenção e ação. In: SORRENTINO, M. (Coord.) **Ambientalismo e participação na contemporaneidade.** São Paulo: EDUC/FAPESP, 2002. P. (163-185)

ESTEVE, G. A. **Teoria de la ciudad: ideas fundamentales para un urbanismo humanista.** Madrid: Instituto de estudios de administracion local: 1980

FERRARI, C. **Dicionário de urbanismo.** São Paulo: Disal, 2004. p.451.

FERREIRA, K. P. M. **Ficar ou partir? Afetividade e migração de jovens do sertão semi-árido cearense.** 2006. 175 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Ceará (UFC), Ceará, 2006.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Tradução: Raquel Ramallete. 30 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

FURLANI, D. D. **Juventude e afetividade: tecendo projeto de vida pela construção dos mapas afetivos.** 2007. 136 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Ceará (UFC), Ceará, 2007.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas.** Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora da Unesp, 1990.

GIL, C. Z. . **Jovens e participação**: a experiência da ONG trilha cidadã. 2009. 248 f. Tese (doutorado em educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em:<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/15850/000692855.pdf?sequence=1>> Acesso em: 15/11/2009.

GIULIANI, M.. V. O Lugar do Apego Nas Relações Pessoas-ambiente. In: (Orgs) TASSARA, RABINOVICH, GUEDES. **Psicologia e Ambiente**, 2004

GLEISER, M. A. **Espinosa e a afetividade humana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GÓIS, C.W.L. **Saúde comunitária**: Pensar e Fazer. São Paulo: Aderaldo e Rothschild editores, 2008.

_____. **Psicologia comunitária**: atividade e consciência. Fortaleza: Publicações Instituto Paulo Freire de Estudos Psicossociais, 2005.

_____. **Biodança**: Identidade e vivência. 2 ed. Fortaleza: Publicações Instituto Paulo Freire de Estudos Psicossociais, 2002.

_____. **Vivência**: caminho à identidade. Fortaleza: Editora Viver, 1995.

GÜNTHER, H.t; ELALI, G. A.; PINHEIRO, J. Q. A abordagem multimétodos em estudos pessoa-ambiente: características, definições e implicações. In: PINHEIRO, J. Q.; GÜNTHER, H. (Orgs.) **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho & Lenadro Konder. 8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

HIGUCHI, M.I. G; KUHNEN, A.. Contribuições teórico-metodológicas da Psicologia aos estudos de educação ambiental In: **Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico, 10.**, Aracruz, 2004. Anais ANPEPP, Espírito Santo: Edson Maltez Heringer editor, 2004. p.128.

HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. In: _____. **Míni Aurélio**. 6. ed. rev. Atual. Curitiba: Positivo, 2005. p. 895.

KRAMER, S. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1992.

IBGE. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 15/03/2010

LAGRANGE, H. **Demandes de sécurité**. Seuil, 2003

LANE, S. T. M. A mediação emocional na constituição do psiquismo humano. In: LANE, Silvia T. M; SAWAIA, Bader B.(Org). **Novas veredas da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense; Educ, 2006.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Tradução de Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

_____. **De lo rural a lo urbano**. Barcelona: Ediciones Península, 1978.

LYNCH, Kevin. **A boa forma da cidade**. Tradução: José Manuel Pinho. Lisboa: Edições 70, 2007.

_____. **A imagem da cidade**. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MARÇAL, J. **O jovem Marx e Republicanismo: a questão da liberdade e da emancipação humana**. 2005. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal do Paraná (UFP), Paraná, 2005. Disponível em: < <http://revista.unibrasil.com.br/index.php/retdu/article/view/69>>. Acesso em: 27/03/2010

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E. M.. **Fundamentos de metodologia científica**. 6 ed. 7 reimpressão. São Paulo: Atlas, 2009.

MARIOTI, H. **O conhecimento do conhecimento: a filosofia de Espinosa e o pensamento complexo**. Disponível em: <http://www.humbertomariotti.com/espinosa.htm>. Acesso em 12/05/2010.

MONTORO, A. F.. Construir uma sociedade mais justa. In: CHALITA, G.(Org.) **Vida para sempre jovem**. São Paulo: Siciliano, 1992.

MORE, T. **Utopia**. Tradução de Heloísa da Graça Burati. São Paulo: Rideel, 2005.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução: Eloá Jacobina. 16 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009

OLIVEIRA, M.. K. O problema da afetividade em Vygotsky. In: LA TAILLE, Y.; OLIVEIRA, M. K. & DANTAS, H.. (Org.) **Piaget, Vigotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992. p. 75-85.

PEDRO, A.; CÁRCERES, F. **História geral**. São Paulo: Ed. Moderna, 1982.

PINHEIRO, A. **Criança e adolescente no Brasil: porque o abismo entre a lei e a realidade..** Fortaleza: Editora UFC, 2006.

PINHEIRO, G. R. **Afetividade e ambiente hospitalar: construção de significados pelo paciente oncológico com dor**. 2009. 157 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Ceará (UFC), Ceará, 2009.

POL, E.. La apropiación del espacio. In: INIGUES, L. & POL, E. **Cognición, representación y apropiación del espacio**. Barcelona: Universidad de Barcelona publicaciones, 1996.

PONTE, A. Q.; BOMFIM, Z. A. C. & PASCUAL, J. G. **Considerações teóricas sobre a identidade de lugar à luz da abordagem histórico-cultural**. *Psicol. Argum.*, Curitiba, v. 27, n. 59, p. 345-354, out./dez. 2009

RAMOS, A.W. **Fragmentação do espaço da/na cidade de São Paulo: espacialidades diversas do bairro da Água Branca em questão**. 2001. 196 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – FFLCH, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2001.
Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-06052003-160403/>>. Acesso em: 27/03/ 2010.

RIBEIRO, J. M. L. **Laços afetivos que (des) ligam famílias, adolescentes e abrigo**. 2008. 170 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Ceará (UFC), Ceará, 2008.

RIBEIRO, J. U.. **Política: quem manda, por que manda, como manda**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

SAWAIA, B.B. Teoria laneana: a univocidade radical aliada à dialética-materialista na criação da psicologia social histórico-humana. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre n. 19, 2007. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v19nspe2/a2319ns2.pdf> >. Acesso em: 31/01/2009.

_____. O sofrimento ético- político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: SAWAIA, B. B. (Org.) **As artimanhas da exclusão**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 97-119.

_____. Participação social e subjetividade. In: SORRETINO, M.. (Coord.) **Ambientalismo e participação na contemporaneidade**. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2002. p.115-135.

_____. A legitimidade subjetiva no processo de participação social na era da globalização. In: CAMINO, L.; LHULLIER, L.; SANDOVAL, S.. (Orgs.) **Estudos sobre comportamento político: teoria e pesquisa**. São Paulo: Letras Contemporâneas, 1997. p. 149-161.

SEABRA, O. C. L. Urbanização: bairro e vida de bairro. **Travessia: revista do migrante**, São Paulo, n.38, p. 11-17, set.- dez. 2000.

SILVA, J. A.. A dinâmica da felicidade. **Revista Ciência & Vida (Psique)**, São Paulo, n.22, p.52-59, Nov. 2007.

SILVA, M. R.; MORAES, R. L. (Org.). **Protagonismo juvenil: desafios e perspectivas**. João Pessoa: editora universitária, UFPB, 2007.

SOUZA, J. M. L. O bairro contemporâneo: ensaio de abordagem política. **Revista Brasileira de geografia**, Rio de Janeiro, n 51 (2), p. 139-172, abr-jun. 1989. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/RBG/RBG%201989%20v51_n2.pdf . Acesso em: 18/05/2010

SOUZA, R. M. **O discurso do protagonismo juvenil**. São paulo: Paulus, 2008

SOUZA SANTOS, B.. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.

SPINOSA, B. **Ética**. Tradução: Tomaz Tadeu. 2 ed. Belo Horizonte: Autência Editora, 2008.

SPOSITO, M. E. B. **Capitalismo e urbanização**. 15 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

STAMATO, M.I.C. **Protagonismo juvenil**: uma práxis sócio-histórica de ressignificação da juventude. 2008. 212 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=7813>. Acesso em: 15/11/2009.

TUAM, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: UNESP, 2005. 374 p.

_____. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

_____. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

VALERA, S.; POL, E. **El concepto de Identidad Social urbana**: Una aproximación entre la Psicología Social y la Psicología Ambiental. Anuario de Psicología, 62(3), 5-24. Disponível em: http://www.ub.es/dppss/psicamb/1_Anuario.pdf. Acesso em: 05/01/2010

Anexos



Universidade Federal do Ceará
Comitê de Ética em Pesquisa

Of. Nº 297/09

Fortaleza, 09 de outubro de 2009

Protocolo COMEPE nº 288/ 09

Pesquisador responsável: Helenira Fônsaca de Alencar

Deptº./Serviço: Departamento de Psicologia/ UFC

Título do Projeto: "Os caminhos da participação social pelos mapas afetivos: um estudo com jovens estudantes moradores de bairros da Regional III da cidade de Fortaleza"

Levamos ao conhecimento de V.S^a. que o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará – COMEPE, dentro das normas que regulamentam a pesquisa em seres humanos, do Conselho Nacional de Saúde – Ministério da Saúde, Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 e complementares, aprovou o projeto supracitado na reunião do dia 08 de outubro de 2009.

Outrossim, informamos, que o pesquisador deverá se comprometer a enviar o relatório final do referido projeto.

Atenciosamente,

Dr. Fernando A. Frota Bezerra
Coordenador do Comitê
de Ética em Pesquisa
COMEPE/UFC

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)⁵⁰

Caro pai/mãe ou responsável pelo estudante,

Gostaria de obter a sua autorização para que seu filho ou filha participe desta pesquisa que objetiva conhecer os sentimentos e emoções de adolescentes e jovens com relação aos lugares do seu bairro e sua participação social no mesmo. A pesquisa intitula-se “Os caminhos da participação social pelos mapas afetivos: um estudo com jovens estudantes moradores de bairros da Regional III da cidade de Fortaleza”. Seu objetivo principal é investigar a relação entre a estima de lugar e a ação comunitária participativa com jovens moradores de bairros da Regional III da cidade de Fortaleza. Esse estudo não causará nenhum perigo à saúde física ou mental das pessoas pesquisadas e poderá ser útil aos estudos da psicologia ambiental e social comunitária, contribuindo para a compreensão dos processos psico-ambientais da participação social de jovens da cidade, pelo fato de focar seu aspecto afetivo. Além disso, pode fornecer dados para a elaboração de políticas públicas voltadas para a formação cidadã da juventude de Fortaleza.

A coleta de dados acontecerá em dois espaços: 1. Numa sala da escola de seu filho; 2. Num passeio pelas ruas do bairro da escola, juntamente com a turma da nona série de seu(a) filho(a). Na sala da escola, será realizada a aplicação de um questionário e também uma reunião com um grupo de alunos. Havendo autorização do grupo de alunos pesquisados, as discussões serão gravadas e as visitas pelo bairro fotografadas por eles mesmos, como forma de registro das informações. As respostas dos questionários e as informações dos grupos de discussão serão utilizadas somente para a pesquisa, sendo garantido o sigilo quanto à identidade do entrevistado. Assim, todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. As gravações e os relatos de pesquisa serão identificados com um código, e não com o nome do participante. As fotografias serão tratadas de modo a preservar a identidade do participante, caso este nela apareça. Apenas a equipe de pesquisadores terá conhecimento dos dados.

O aluno voluntário da pesquisa terá a liberdade de se recusar a participar e pode, ainda, se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para ambos. Sempre que quiser, o voluntário ou seu responsável pode pedir informações sobre a pesquisa para a pesquisadora Helenira Fonseca de Alencar, através do telefone 88474433 (a ligação pode ser a cobrar).

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais e nem um tipo de desconforto para os participantes. Não envolve também nenhum tipo de pagamento. Para maiores informações sobre essas questões, o(a) senhor(a) pode entrar em contato com o COMEPE (Comitê de Ética em Pesquisa) através do telefone 3366-8338.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para que seu filho ou filha possa participar desta pesquisa. Portanto preencha os itens que seguem nas duas cópias deste documento. Uma das cópias ficará com o senhor(a) e outra ficará comigo.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista o que foi apresentado acima, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto minha autorização para que o estudante que se encontra sob minha responsabilidade possa participar da pesquisa.

Nome e assinatura do responsável pelo participante voluntário da pesquisa

Fortaleza, ____/____/____.

Digital do responsável que não assinar
--

Assinatura do estudante voluntário

Assinatura da pesquisadora
(Mestranda em Psicologia pela UFC)

Profª. Dra. Zulmira Áurea Cruz Bomfim (Orientador)

⁵⁰ Este documento foi entregue com fonte de tamanho 12.

Escola: _____

Bairro em que mora: _____

1. Primeiramente, obrigada pela sua colaboração. Abaixo você deverá fazer um desenho que represente sua forma de ver, sua forma de representar ou sua forma de sentir o bairro em que você mora.

2. As seguintes perguntas fazem referência ao desenho feito por você. Não existem respostas certas ou erradas, boas ou ruins, mas sim, suas opiniões e impressões.

2.1 Explique brevemente que significado o desenho tem para você:

2.2 Descreva que sentimentos o desenho lhe desperta:

2.3 Escreva seis palavras que resumam seus sentimentos em relação ao que você desenhou:

1 _____

3 _____

2 _____

4 _____

5 _____

6 _____

Abaixo você encontrará algumas perguntas sobre o seu bairro. Lembre-se que não existem respostas certas ou erradas, mas sim a sua opinião.

3. Caso alguém lhe perguntasse o que pensa sobre seu bairro, o que você diria?

4. Se você tivesse que fazer uma comparação do seu bairro com algo, com o que você o compararia?

Nos itens a seguir da próxima página solicitamos que você responda algumas perguntas sobre sua forma de compreender ou participar das ações comunitárias de seu bairro.

5. Quais são as coisas que você faz para melhorar a comunidade do seu bairro?

--

6. Você participa de algum projeto social, associação, grupo ou outra atividade comunitária no seu bairro? 6.1 () Sim 6.2 () Não.

Se a resposta foi sim, diga de qual.

--

7. A seguir você encontrará algumas afirmações sobre seu bairro com as quais poderá ou não concordar. Independente do que possam pensar as pessoas que estão ao seu redor, gostaríamos que indicasse o quanto concorda ou discorda com cada uma dessas afirmações. Faça isso circulando um número na escala de resposta ao lado de cada uma.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente

01. É um bairro tranquilo e bom para se viver.	1 2 3 4 5
02. É um bairro que tem um lado bom e outro ruim, causando orgulho e vergonha para os moradores.	1 2 3 4 5
03. É um bairro feio e sujo.	1 2 3 4 5
04. É um bairro violento que causa medo nos seus moradores.	1 2 3 4 5
05. É um bairro bom, que comparo com minha própria casa.	1 2 3 4 5
06. É um bairro bom, que tem lugares bonitos e agradáveis.	1 2 3 4 5
07. É um bairro ótimo, apesar da sujeira e da violência.	1 2 3 4 5
08. É um bairro horrível, onde há muitas coisas destruídas e pelo qual sinto vergonha e desprezo.	1 2 3 4 5
09. É um bairro muito inseguro.	1 2 3 4 5
10. É um bairro que é fundamental para mim, pois tudo que faço nele tiro do coração.	1 2 3 4 5

8. Na próxima página, descreva o(s) caminho(s) que você percorre com frequência (utilize nomes de lugares de origem e destino e detalhes que chamem a sua atenção

durante o trajeto). Indique também para que finalidade que você percorre este(s) caminho(s).

Caminho 1 -

Caminho 2 -

9. Indique o lugar que, para você, represente o seu bairro.

10. O que você gosta no seu bairro?

11. O que poderia melhorar no seu bairro?

12. Dados pessoais e sócio-econômicos:

12.1 Sexo: () feminino () masculino

12.2 Idade: _____

12.3 você trabalha? Sim() Não().

Se sim, com que? _____

12.4 Qual a renda mensal de sua família?

() Menos de 1 salário mínimo. () Entre 1 e 2 salários mínimos.
() Entre 2 e 5 salários mínimos. () Mais de 5 salários mínimos.

12.5 Em que cidade você nasceu? _____

12.6 Há quanto tempo você mora no seu bairro atual? _____

Questionário Complementar sobre a participação social juvenil

1. Em sua opinião, qual é o melhor lugar do bairro para:

Fazer amizades verdadeiras _____

Formar um grupo de amigos permanente _____

Se divertir _____

Participar de atividades culturais _____

Participar de festas populares _____

Participar de ações políticas _____

2. Você acha que os jovens da sua faixa etária, que moram no seu bairro, se preocupam em ajudar a resolver os problemas da sua comunidade? Sim () Não ()

2.1 Você acha que eles deveriam se preocupar com isso? Sim () Não ()

Por quê?

2.2 Em sua opinião, é fácil para esses mesmos jovens saber **como** eles poderiam ajudar a sua comunidade? Sim () Não ()

Justifique

2.3 E com relação aos problemas pessoais desses jovens: É fácil para eles saber como resolvê-los? Sim () Não ()

Justifique

3. As seguintes instituições abaixo são importantes na sua vida? Justifique.

Família _____

Escola _____

Religião _____

Comunidade _____

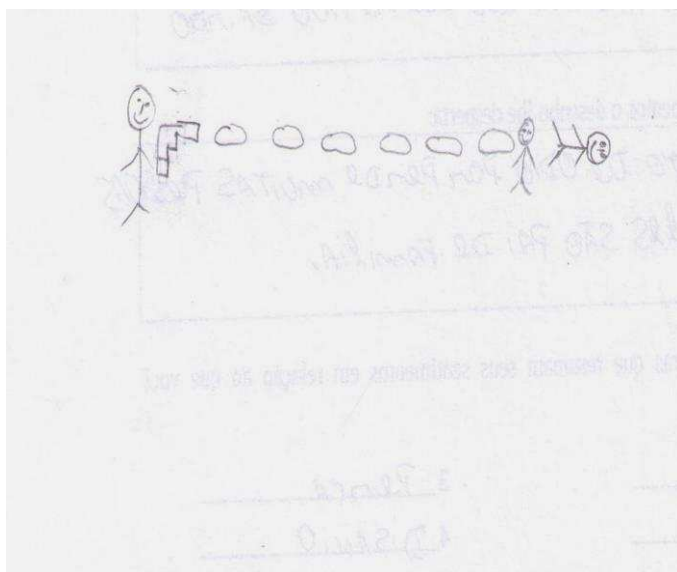
Imagens da Insegurança no bairro Bonsucesso



O bairro “Favela” é aquele representado pela violência, lixo e insegurança. Este é marcado pela imagem da Insegurança, gerando nesta jovem moradora sentimentos designados por ela, como sendo de medo, desprezo, insegurança, revolta, descuido e sujeira. Esta imagem indica uma estíma de lugar despotencializadora da ação. A não participação desta jovem em atividades comunitárias no bairro é compatível com sua potência de ação arrefecida com relação ao mesmo.

Mapa Afetivo do bairro Bonsucesso por aluna da Escola Municipal LRC.

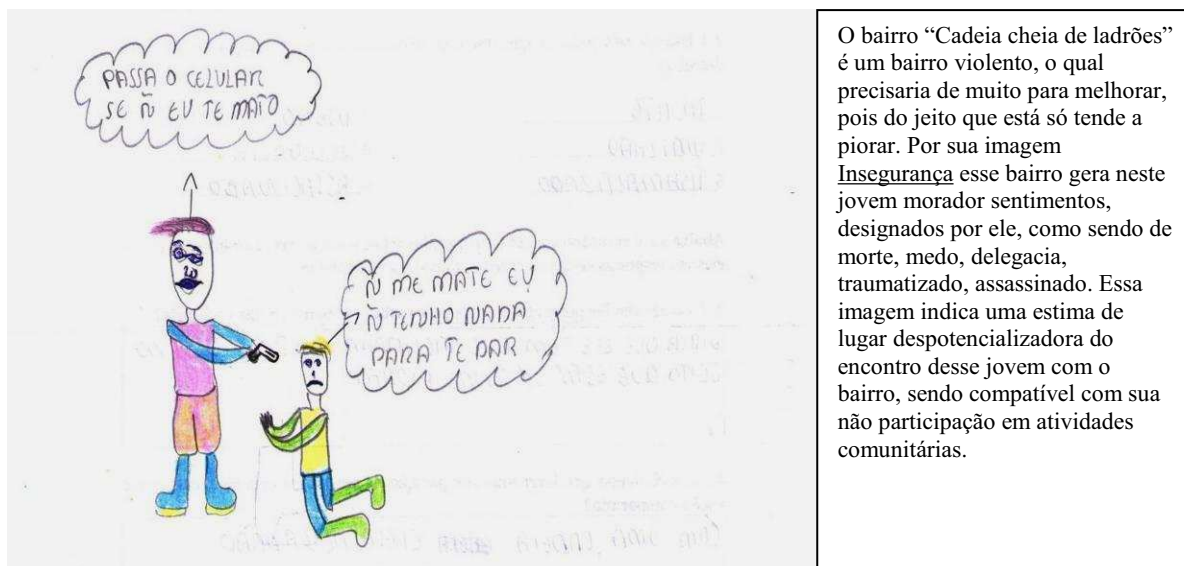
Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 6A Sexo: F Idade: 16 Trabalha? : Não. Renda familiar: Menos de um salário mínimo. Onde mora: Bonsucesso Tempo de moradia: 16 anos</p>	Metafórica	O desenho significa “lixo e violência”.	Um bairro que é muito inseguro.	Insegurança medo, sujeira, desprezo, insegurança, revolta, descuido.	Eu compararia meu bairro com uma favela, onde só têm violência, como aquelas de filmes.	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: Limpando, melhorando a segurança.</p> <p>Participa de atividades comunitárias no seu bairro? Não.</p> <p>De quê? Além da escola, só faço um curso aos sábados na faculdade FGF, que é em outro bairro.</p>



O bairro “Escola” é aquele que precisa mudar muito para melhorar. Marcado pela imagem da Insegurança, gera neste jovem morador sentimentos de ódio, mágoa, desespero, perda, desânimo e destruição. Essa imagem indica uma estíma de lugar despotencializadora da ação do morador no bairro, sendo compatível com a não participação deste no mesmo.

Mapa Afetivo do bairro Bonsucesso por aluno da Escola Municipal LRC.

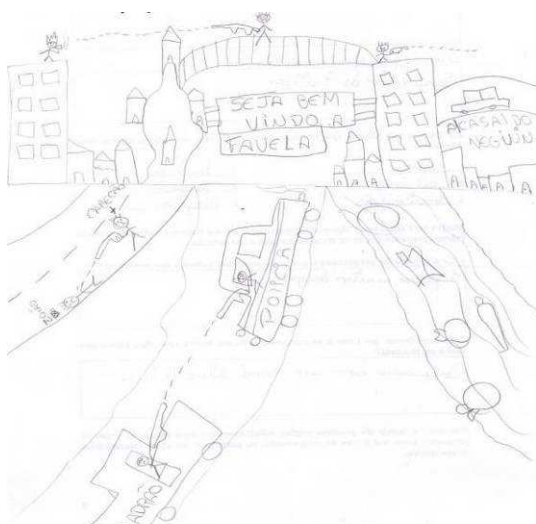
Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 7A</p> <p>Sexo: M</p> <p>Idade: 14</p> <p>Trabalha? : Não.</p> <p>Renda familiar: Entre um e dois salários mínimos.</p> <p>Onde mora: Bonsucesso</p> <p>Tempo de morada: 10 anos</p>	Metafórica	O desenho significa as mortes que ocorrem no bairro.	Um bairro que deveria mudar muito, acabando com toda a desgraça que há nele.	Ódio, mágoa, desespero, perda, desânimo, destruição.	Eu compararia meu bairro com a escola.	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: “Procuraria primeiro não sujar o meio ambiente”.</p> <p>Participa de atividades comunitárias no seu bairro? Não.</p> <p>De quê? -</p>



O bairro “Cadeia cheia de ladrões” é um bairro violento, o qual precisaria de muito para melhorar, pois do jeito que está só tende a piorar. Por sua imagem Insegurança esse bairro gera neste jovem morador sentimentos, designados por ele, como sendo de morte, medo, delegacia, traumatizado, assassinado. Essa imagem indica uma estíma de lugar despotencializadora do encontro desse jovem com o bairro, sendo compatível com sua não participação em atividades comunitárias.

Mapa Afetivo do bairro Bonsucesso (por aluno da Escola Municipal LRC)

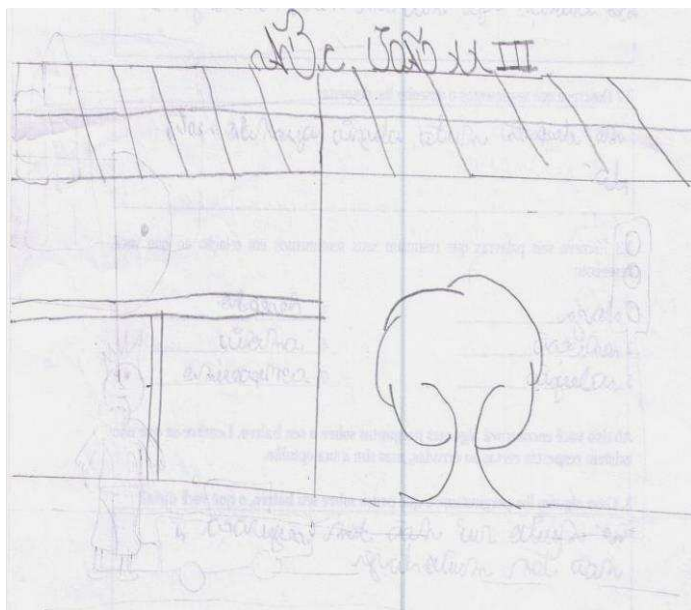
Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
N° 9A Sexo: M Idade: 15 Trabalha: Sim, sou autônomo. Renda familiar: Entre dois e cinco salários mínimos Onde mora: Bonsucesso Tempo de moradia: 07 anos	Metafórica	O desenho significa que o bairro é violento e que precisaria de muito para melhorar.	O bairro tem que melhorar muito e do jeito que ele está só tende a piorar.	Morte, medo, delegacia, traumatizado assassinado.	Eu compararia meu bairro com uma cadeia cheia de ladrões.	Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: Não participo de nada. Participa de atividades comunitárias no seu bairro? Não De quê? -



O bairro “Canal cheio de lixo” é representado por um grande desastre, trazendo muitos desgostos para seus moradores. Em sua imagem de Insegurança gera neste jovem morador sentimentos designados por ele como sendo de morte, poluição, desgosto e desgraça. Essa imagem indica uma estima de lugar despotencializadora da ação do indivíduo no lugar, sendo discrepante com a participação deste morador em atividades na igreja.

Mapa Afetivo do bairro Bonsucesso por aluno da Escola Municipal LRC.

Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
Nº 21A Sexo: M Idade: 14 Trabalha? : Sim, com limpeza de piscinas. Renda: Entre um e dois salários mínimos Onde mora: Bonsucesso Tempo de moradia: 14 anos	Metafórica	O desenho significa um grande desastre.	Muitos desgostos	O desenho me desperta tristeza. Outros sentimentos associados ao desenho do bairro são: Morte, poluição, desabrigado, tráfico, desgosto, desgraça.	Eu compararia meu bairro com um canal cheio de lixo.	Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: Não jogo sujeira no meio da rua. Participo de atividades comunitárias no seu bairro? Sim. De quê? Nas atividades da igreja.

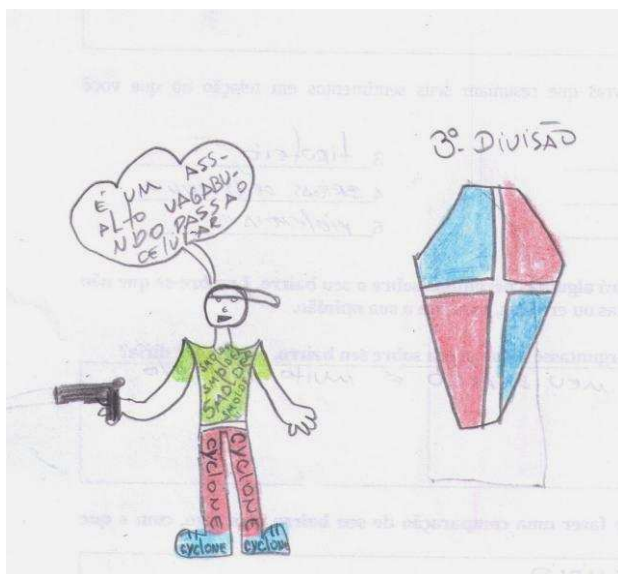


O bairro “lugar muito ruim de morar” é aquele sem segurança e sem lazer. Em sua Insegurança e escassez subentende-se que gera sentimentos de insegurança e insatisfação. Essa imagem do bairro indica uma estímuladora de ação deste jovem no bairro, sendo compatível com sua não participação em atividades comunitárias no mesmo

* O desenho e os sentimentos explícitos no mapa desse morador são relativos a um espaço de outro bairro (ABC do bairro João XVIII).

Mapa Afetivo do bairro Bonsucesso (por aluno da Escola Municipal Santa Maria)

Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 8B</p> <p>Sexo: M</p> <p>Idade: 15</p> <p>Trabalha? : Não.</p> <p>Renda familiar: Entre um e dois salários mínimos.</p> <p>Onde mora: Bonsucesso</p> <p>Tempo de moradia: 5 anos</p>	Cognitiva	O desenho significa um projeto que abre espaço para todas as crianças que não tem nada para fazer.	O bairro é muito ruim, não tem segurança e não tem muito lazer.	Lazer, emoção, alegria, companheirismo, amores, desempenho	Eu compararia meu bairro com um lugar muito ruim de morar.	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: Nada, porque não vai resolver.</p> <p>Participa de atividades comunitárias no seu bairro? No meu bairro não. Só no João XXIII</p> <p>De quê? Do projeto “2º tempo no ABC do João XXIII”</p>



O bairro “O presídio” é aquele bairro que é muito violento e cheio de ladrões. Marcado pela imagem de Insegurança gera, no respondente, sentimentos por ele denominados como sendo de: ladrão, assalto, brigas de vizinhos, medo, violência, brigas, tiroteio. Essa imagem do bairro indica uma estíma de lugar despotencializadora da ação deste jovem no bairro, sendo compatível com sua não participação em atividades comunitárias no mesmo.

Mapa afetivo do bairro Bonsucesso (por aluno da Escola Municipal Santa Maria)

Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 18B Sexo: M Idade: 15 Trabalha? : Não. Renda familiar: Entre um e dois salários mínimos. Onde mora: Bonsucesso Tempo de morada: 10 anos</p>	Metafórica	O desenho significa que no bairro do respondente é cheio de ladrão.	O bairro é muito violento.	Ladrão, assalto, brigas, tiroteio, brigas de vizinhos, violência.	Eu compararia meu bairro com o presídio.	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: Não brigo, não me envolvo com drogas. Participa de atividades comunitárias no seu bairro? não. De quê? Projeto “Segundo Tempo”. Faço futsal no ABC do João XXIII</p>

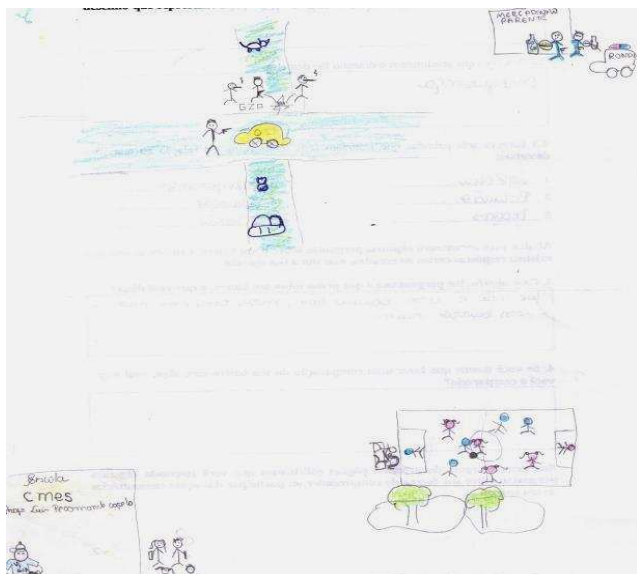


O bairro “Lixo” é um bairro sujo, muito perigoso. Sua imagem de Insegurança gera nesta jovem moradora sentimentos raiva, horror, insegurança, vergonha, desprezo e nojo. Essa imagem indica uma estíma de lugar despotencializadora da ação participativa. Essa imagem do bairro indica uma estíma de lugar despotencializadora da ação deste jovem no bairro, sendo compatível com sua não participação em atividades comunitárias no mesmo.

Mapa Afetivo do bairro Bonsucesso por aluna da Escola Municipal Santa Maria

Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 41B Sexo: F Idade: 13 Trabalha? : Não. Renda familiar: Menos de um salário mínimo. Onde mora: Bonsucesso Tempo de moradia: 1 ano.</p>	Metafórica	O desenho significa “vergonha e nojo”.	“É um bairro muito ruim, tem muitos tiroteios e é muito perigoso.”	Raiva, horror, insegurança, vergonha, desprezo, nojo.	“um lixo”.	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: eu daria mais segurança, aumentando o policiamento.</p> <p>Participa de atividades comunitárias no seu bairro? Não</p> <p>De quê? Só na escola com a monitoria.</p>

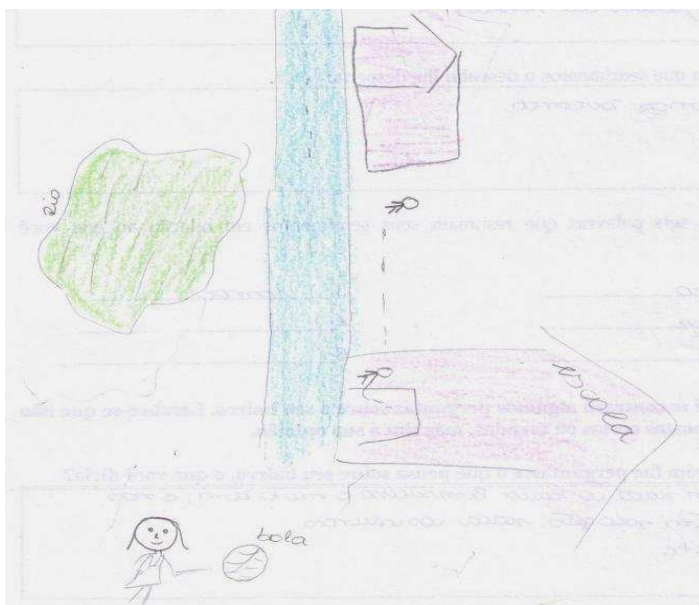
Imagens do Contraste no bairro Bonsucesso



O bairro _____ não é bom nem ruim. É violento e poluído, mas apesar disso, apresenta locais de educação e lazer que podem mudá-lo. Em sua imagem de Contraste gera nesta jovem moradora, sentimentos por ela designados de violência, poluição, drogas, insegurança, educação e diversão. Essa imagem indica uma estima de lugar despotencializadora da ação de encontro desse morador com o bairro, sendo discrepantes de sua participação nas atividades da igreja.

Mapa Afetivo do bairro Bonsucesso (por aluna da Escola Municipal LRC)

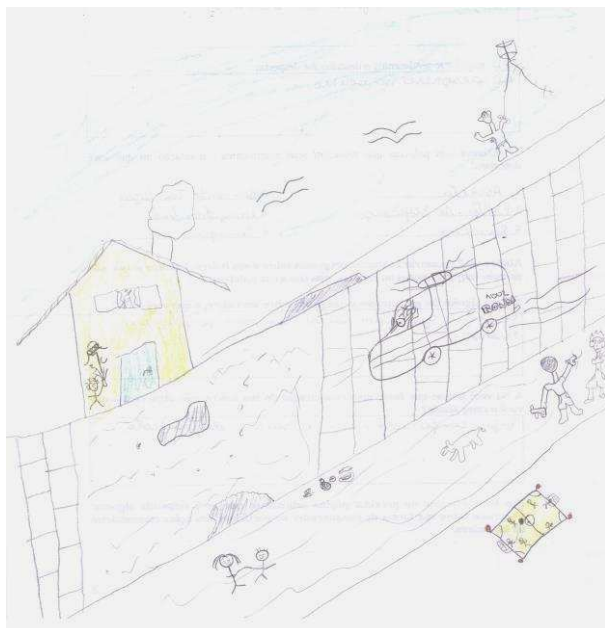
Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 8A Sexo: F Idade: 14 Trabalha? : Não. Renda familiar: Entre um e dois salários mínimos. Onde mora: Bonsucesso Tempo de moradia: 07 anos</p>	Cognitiva	O desenho significa que existe no bairro, muita violência, mas apesar disso, existem locais de educação e lazer que podem mudar o bairro.	Não é um bairro bom, mas também não é um bairro ruim.	Violência, poluição, drogas, insegurança, educação, diversão.	-	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: Não poluo os rios (pois já estão sujos), não uso drogas (apesar de existirem muitas pessoas que as usam).</p> <p>Participa de atividades comunitárias no seu bairro? Sim.</p> <p>De quê? Grupo de Crisma.</p>



O bairro “São Paulo” é um bairro que possui uma parte boa, onde há escolas que oferecem projetos e cursos para os alunos e outra parte ruim representada pelo rio polido de lixo que leva doenças para as pessoas, casas escolas. Por sua imagem de Contraste gera nesta jovem moradora sentimentos designados por ela como sendo de: lixo, criança, paz e amor. Esta imagem indica uma estímuladora ação dessa jovem no bairro, o que é compatível com sua não participação em atividades comunitárias no mesmo.

Mapa Afetivo do bairro Bonsucesso (por aluna da Escola Municipal LRC)

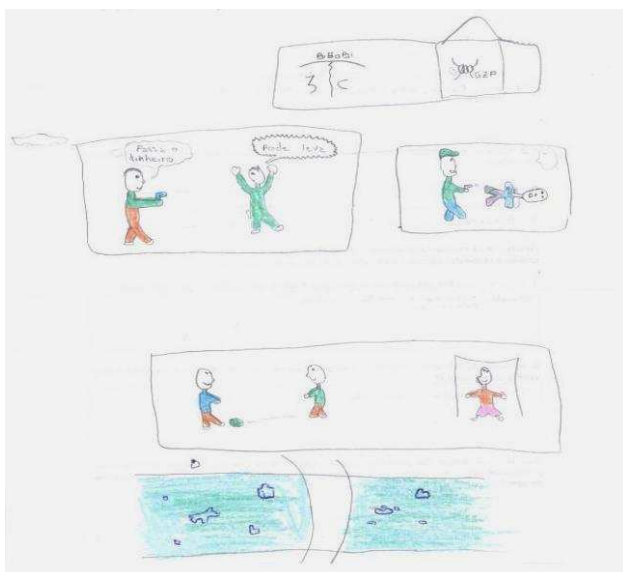
Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 10A Sexo: F Idade: 15 Trabalha? : Não. Renda familiar: - Onde mora: Bonsucesso Tempo de moradia: 15 anos</p>	Cognitiva	O desenho significa um caminho e do lado um canal onde a população joga lixo, e como há casas e uma escola por perto, isso causa doenças nas pessoas.	Uma parte, o Baixo Bonsucesso, é muito boa e nas escolas tem projetos para os alunos, cursos e etc.	Lixo, criança, paz, amor.	Eu compararia meu bairro com São Paulo.	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: “Uma pracinha perto do bairro, mais policiais, mais segurança para a comunidade”</p> <p>Participa de atividades comunitárias no seu bairro? Não</p> <p>De quê? -</p>



O bairro “Aldeota” é um bairro bom, mas que poderia ser melhor, pois apresenta muitos problemas de assaltos, buracos nas ruas e falta de segurança. Por sua imagem de Contraste esse bairro gera neste jovem morador sentimentos designados por ele como sendo de desprezo, assalto, falta de segurança e de espaços de lazer, irregularidades e corrupção. Essa imagem do bairro indica uma estíma de lugar despotencializadora da ação deste jovem no bairro, sendo compatível com sua não participação em atividades comunitárias no mesmo.

Mapa Afetivo do bairro Bonsucesso (por aluno da escola municipal LRC)

Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 18A Sexo: M Idade: 14 Trabalha?: Não Renda familiar: Entre dois e cinco salários mínimos Onde mora: Bonsucesso Tempo de moradia: 07 anos</p>	metafórica	O desenho significa que o bairro tem muitos problemas, assaltos, buracos na rua, falta de segurança.	Um bairro bom, mas que poderia ser melhor.	Desprezo pelo bairro, assalto, falta de segurança, buracos, sem onde ter lazer, irregularidade, corrupção.	Eu compararia meu bairro com o bairro da Aldeota.	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: Eu faria doações, ajudava pessoas carentes, tirava crianças do meio da rua. Participa de atividades comunitárias no seu bairro? não De quê? faço malhação e curso de informática em outro bairro</p>



O bairro “Projetos sociais” é um bairro que tem muita brincadeira (alegria), mas também mortes, assaltos. Marcado pela imagem de Contraste, gera neste jovem morador sentimentos, designados por este, como sendo de drogas, assaltos, alegrias, brincadeiras, raiva e angústia. Essa imagem do bairro indica uma estima de lugar despotencializadora da ação deste jovem no bairro, sendo compatível com sua não participação em atividades comunitárias no mesmo.

Mapa Afetivo do bairro Bonsucesso (por aluno da Escola Municipal LRC)

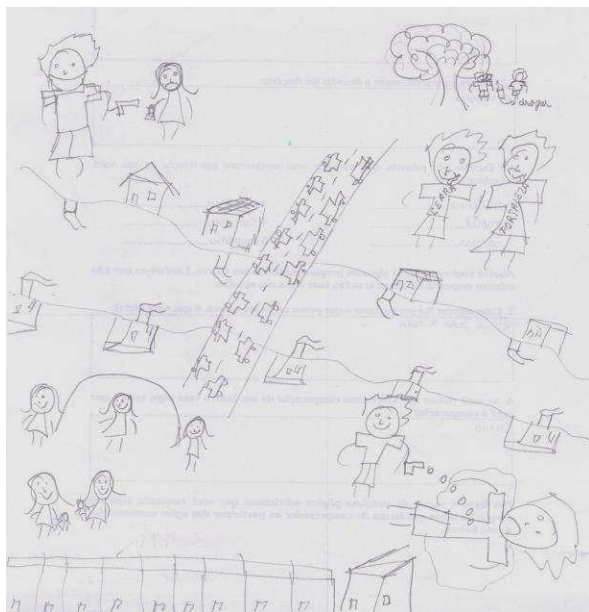
Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 20A Sexo: M Idade: 14 Trabalha? : Não. Renda familiar: Entre um e dois salários mínimos. Onde mora: Bonsucesso Tempo de moradia: 12 anos</p>	Metafórica	O desenho significa “pessoas roubando outras pessoas, lixo no canal, pichações nas casas e pessoas matando outras por causa das dívidas de drogas e também projetos sociais”.	O bairro tem muita brincadeira (alegria), morte, assaltos.	Drogas, assaltos, alegrias, brincadeiras, raiva, angústia.	Os projetos sociais.	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: Ajudo meu bairro em não jogar lixo.</p> <p>Participo de atividades comunitárias no seu bairro? Não.</p> <p>De quê?</p>



O bairro “Planeta Terra” é aquele bastante poluído, mas com chances de melhoras. Em seu contraste, é considerado um bairro bom, porém muito inseguro e sem lazer, gerando nesta jovem moradora sentimentos de insegurança, amor, paciência, amizade, responsabilidade e fraternidade. Essa imagem do bairro indica uma estima de lugar despotencializadora da ação deste jovem no bairro, sendo compatível com sua não participação em atividades comunitárias no mesmo.

Mapa afetivo do bairro Bonsucesso (por aluna da Escola Municipal LRC)

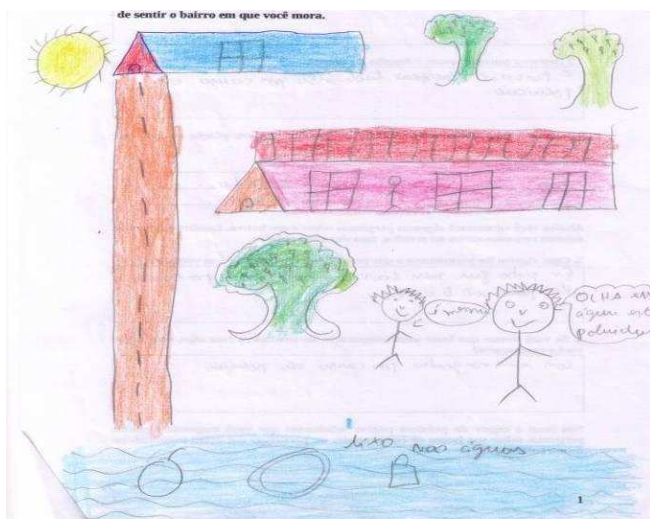
Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
Nº 22A Sexo: F Idade: 14 Trabalha? : Não. Renda familiar: Menos de um salário mínimo. Bairro: Bonsucesso Tempo de moradia: 02 anos	Metafórica	O desenho significa um assaltante e uma vítima.	Um bairro bom, porém muito inseguro e sem lazer.	O desenho me desperta sentimento de “insegurança no nosso bairro”. Sentimentos: Insegurança, responsabilidade, amor, paciência, amizade, fraternidade.	Eu compararia meu bairro com o planeta Terra: bastante poluído, mas com chances de melhora.	Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: - Participo de ações comunitárias ? Não De quê? -



O bairro “Lixão” é aquele onde há violência, uso de drogas e mortes, mas também alegria, sendo considerado ao mesmo tempo bom e ruim pelo respondente. Em seu Contraste gera nesse, sentimentos por ele denominados como sendo de: violência, morte, drogas, alegria, criança e sujeira. Essa imagem indica uma estíma de lugar despotencializadora da ação do indivíduo. Esta imagem indica uma estíma de lugar despotencializadora ação dessa jovem no bairro, o que é compatível com sua não participação em atividades comunitárias no mesmo.

Mapa Afetivo do bairro Bonsucesso (por aluna da Escola Municipal Santa Maria)

Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 11B</p> <p>Sexo: F</p> <p>Idade: 14</p> <p>Trabalha? : Sim, em casa de família.</p> <p>Renda: Menos de um salário mínimo.</p> <p>Onde mora: Bonsucesso</p> <p>Tempo de moradia: 9 anos</p>	Metafórica	O desenho significa a violência, morte, alegria, drogas e etc.	O bairro é bom e é ruim.	Violência, morte, drogas, alegria, criança, sujeira.	Eu compararia meu bairro com o lixão.	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: Não brigo, não sujo a rua e etc.</p> <p>Participa de atividades comunitárias no seu bairro? Não</p> <p>De quê? participei uma vez do grupo de cântico, mas logo saí.</p>



O bairro “Vergonha” é aquele bairro muito poluído por lixos jogados nas ruas e rios. Em sua Contraste gera neste jovem morador sentimentos por ele designados como sendo de Poluição, raiva, insegurança, paz, vergonha. Essa imagem do bairro indica uma estima de lugar despotencializadora da ação deste jovem no bairro, sendo compatível com sua não participação em atividades comunitárias no mesmo.

Mapa Afetivo do bairro Henrique Jorge (por aluno da Escola Municipal LRC)

Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 33B Sexo: M Idade: 14 Trabalha? : Não. Renda familiar: Menos de um salário mínimo. Onde mora: Bonsucesso Tempo de moradia: 10 anos</p>	Metafórica	“Significa a paz, o desenho é a paz”.	“Um bairro bom, mas que a poluição o acabou”.	Poluição, raiva, Insegurança, paz, vergonha, desespero.	“Compararia meu bairro com a própria Vergonha, por causa da poluição.”	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço:diz que se as pessoas parem de sujar rios e ruas a comunidade melhoraria.</p> <p>Participa de atividades comunitárias no seu bairro? Não.</p> <p>De quê? -</p>



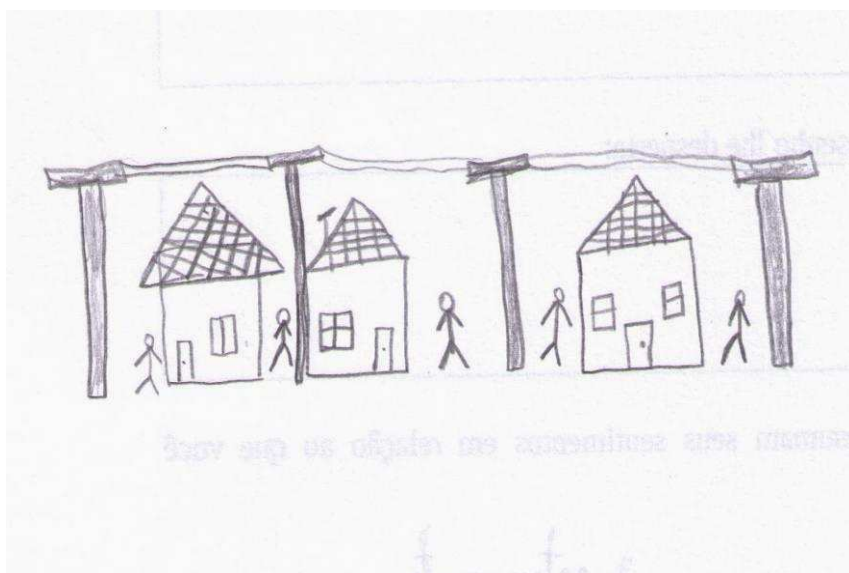
O bairro “Rio de Janeiro” é aquele muito violento e sujo. Sua imagem de Contraste gera nesta jovem moradora sentimentos de tristeza, alegria, saúde, felicidade, indicando uma estima de lugar despotencializadora da ação participativa. Essa imagem do bairro indica uma estima de lugar despotencializadora da ação deste jovem no bairro, sendo compatível com sua não participação em atividades comunitárias no mesmo.

Mapa Afetivo do bairro Bonsucesso (por aluna da Escola Municipal Santa Maria)

Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 40B</p> <p>Sexo: M</p> <p>Idade: 14</p> <p>Trabalha? : Sim, costurando</p> <p>Renda familiar: Menos de um salário mínimo.</p> <p>Onde mora: Bonsucesso</p> <p>Tempo de moradia: 10 anos</p>	metafórica	“O desenho significa a poluição.”	É um bairro feio e violento	Tristeza, alegria, saúde, felicidade e dor	Rio de Janeiro	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: Praticamente nada!</p> <p>Participa de atividades comunitárias no seu bairro? sim.</p> <p>De quê? capoeira</p>

Imagens do bairro Henrique Jorge

A imagem da Pertença no Henrique Jorge

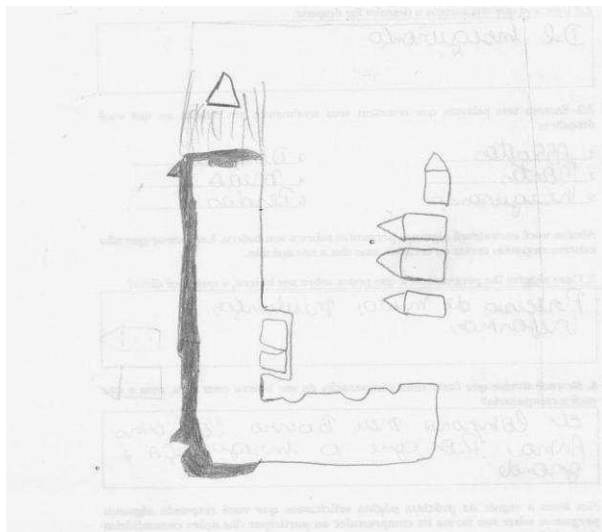


O bairro “Mar” é um bairro bom, tranquilo e unido. Em sua imagem de Pertença gera sentimentos de união, fraternidade, confraternização, entrosamento, tranquilidade e segurança neste jovem morador. Essa imagem indica uma estima de lugar potencializadora da ação do indivíduo no bairro. Entretanto ele revela não participar de atividades comunitárias no mesmo.

Mapa Afetivo

Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 28B</p> <p>Sexo: M</p> <p>Idade: 14</p> <p>Trabalha?: Não.</p> <p>Renda familiar: Mais de cinco salários mínimos.</p> <p>Onde mora: Henrique Jorge</p> <p>Tempo de morada: 05 anos</p>	Metafórica	O desenho significa pessoas unidas, entrosamento da vizinhança.	Um bairro bom, tranquilo, unido. Um bairro bom.	União, fraternidade, confraternização, entrosamento tranquilidade segurança.	Eu comparo meu bairro com o mar, porque pessoas se divertem.	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: Não joga lixo nas ruas, não destruo nada do bairro e etc.</p> <p>Participa de atividades comunitárias no seu bairro? Não.</p> <p>De quê? -</p>

Imagens da insegurança no Henrique Jorge



O bairro “Arma” é muito violento e inseguro, precisando de muitas mudanças e reformas. Por sua imagem da

Insegurança, gera neste jovem morador sentimentos por ele designados como sendo de assaltos, mortes, insegurança, desespero, medo e perdas. Essa imagem do bairro indica uma estíma de lugar despotencializadora da ação deste jovem no bairro, sendo compatível com sua não participação em atividades comunitárias no mesmo.

Mapa Afetivo do bairro Henrique Jorge (por aluno da Escola Municipal Santa Maria)

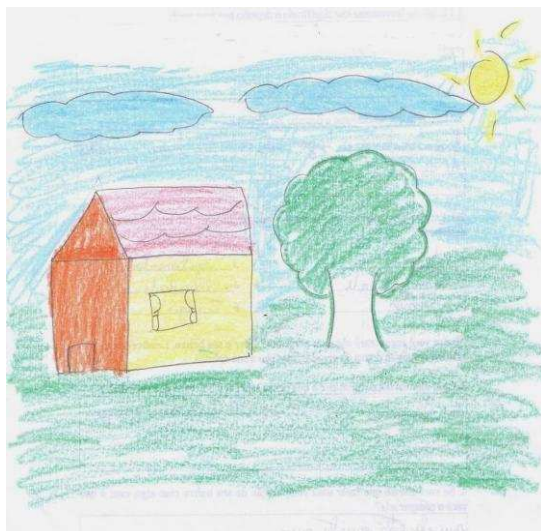
Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimentos	Metáfora	Participação
<p>Nº 20B Sexo: M Idade: 16 Trabalha: Sim, com produção de doces. Renda: Entre um e dois salários mínimos. Onde mora: Henrique Jorge Tempo de morada: 13 anos</p>	Metafórica	O desenho significa que no bairro tem muitos assaltos.	O bairro precisa de muitas mudanças e reformas.	O desenho desperta sentimento de Insegurança. O que foi desenhado relaciona-se ainda com sentimentos de Assaltos, mortes, insegurança, desespero, medo e perdas.	Eu comparo meu bairro com uma arma, porque a insegurança é grande.	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: Faço muitas amizades e não jogo lixo no chão.</p> <p>Participa de atividades comunitárias no seu bairro? Não.</p> <p>De quê? -</p>



Esse mapa afetivo representa um bairro violento e sujo. Em sua Insegurança gera sentimentos de mágoa, tristeza, rancor, medo e desprezo. Essa imagem do bairro indica uma estíma de lugar despotencializadora da ação deste jovem no bairro, sendo compatível com sua não participação em atividades comunitárias no mesmo.

Mapa Afetivo do bairro Henrique Jorge (por aluno da Escola Municipal Santa Maria)

Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 26B Sexo: M Idade: 14 Trabalha?: Não. Renda familiar: Entre um e dois salários mínimos. Onde mora: Henrique Jorge Tempo de morada: 03 anos</p>	Metafórica	O desenho significa violência.	Um bairro que é violento e sujo.	Mágoa, tristeza, sofrimento, rancor, medo e desprezo.	Eu comparo meu bairro com nenhum, porque são todos iguais	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: Não ajudo no crime.</p> <p>Participa de atividades comunitárias em seu bairro? não.</p> <p>De quê? Participo do Projeto "ABC" João XXIII</p>



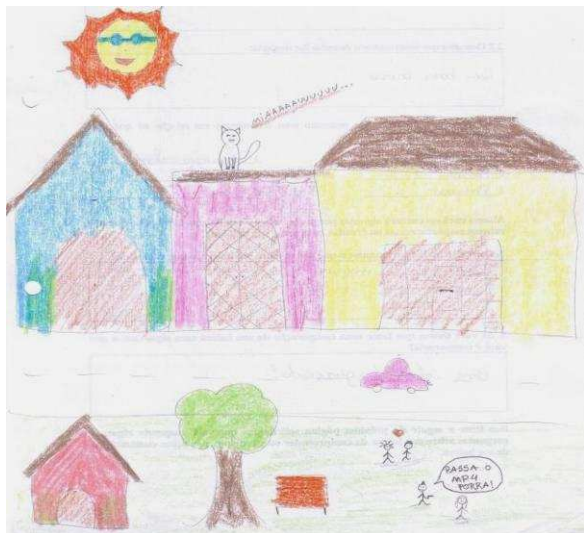
O bairro “muito ruim” é um bairro que está muito violento e perigoso. Sua imagem de Insegurança indica uma estima de lugar despotencializadora da ação do indivíduo no bairro. Esta imagem indica uma estima de lugar despotencializadora ação dessa jovem no bairro, o que é compatível com sua não participação em atividades comunitárias no mesmo.

Mapa Afetivo do bairro Henrique Jorge (por aluna da Escola Municipal Santa Maria)

Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
N° 16B Sexo: F Idade: 15 Trabalha?: Não. Renda familiar: Menos de um salário mínimo. Onde mora: Henrique Jorge Tempo de moradia: 15 anos	Metafórico	O desenho significa a paz e tranquilidade do espaço.	É um bairro que está muito violento e perigoso.	Paz, tranquilidade amor, sentimentos, liberdade, sossego.	Que ele está muito ruim.	Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: Não jogo lixo nas ruas. Participa de atividades comunitárias em seu bairro? Não De quê?

O desenho e os sentimentos relacionados a ele de paz, tranquilidade, amor, sentimentos, liberdade, sossego parece se referirem a um lugar ideal e não ao bairro real dessa moradora.

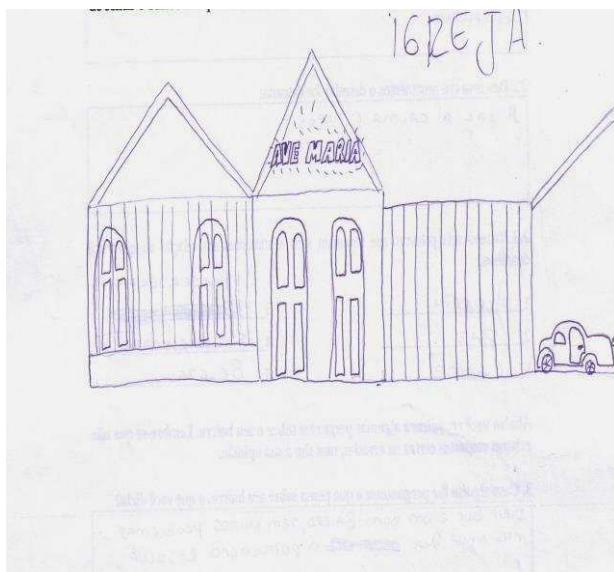
Imagens do Contraste no bairro Henrique Jorge



O bairro “Algo bagunçado” é um bairro relativamente tranquilo e bom de morar, mas também perigoso e inseguro. Por sua imagem de Contraste gera nesta jovem moradora sentimentos por ela designados com sendo de arrumado, bonito, romântico, perigoso, às vezes calmo. Esta imagem indica uma estima de lugar despotencializadora ação dessa jovem no bairro, o que é compatível com sua não participação em atividades comunitárias no mesmo.

Mapa Afetivo do bairro Henrique Jorge (por aluna da escola Municipal Santa Maria)

Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 24B</p> <p>Sexo: F</p> <p>Idade: 14</p> <p>Trabalha?: Não.</p> <p>Renda familiar: Entre dois e cinco salários mínimos.</p> <p>Onde mora: Henrique Jorge</p> <p>Tempo de morada: 12 anos</p>	Metafórica.	O desenho significa uma rua com bons vizinhos, uma praça e um assalto de vez em quando.	Um bairro bom para se morar. Um bairro relativamente tranquilo.	Arrumado, bonito, perigoso, às vezes calmo, romântico, grande.	Eu comparo meu bairro com algo bagunçado!	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: Não jogo lixo nas ruas e tento ter um bom relacionamento com os vizinhos.</p> <p>Participa de atividades comunitárias? Não.</p> <p>De quê?</p>

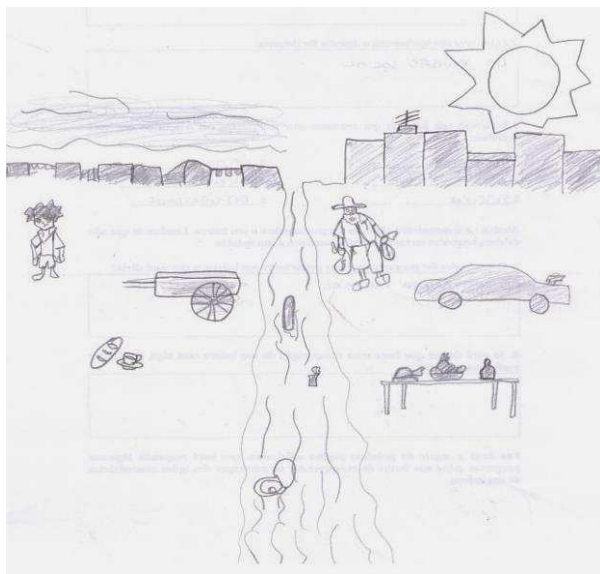


O bairro “Não comparado com nada para não ofender o lugar da comparação” é um bairro com muitos problemas, os quais não podem ser resolvidos pela população. Esse bairro é marcado pela imagem de Contraste. Essa imagem indica uma estima de lugar despotencializadora da ação do indivíduo no bairro, o que é compatível com sua não participação em atividades comunitárias no mesmo.

Mapa Afetivo do bairro Henrique Jorge (por aluna da Escola Municipal Santa Maria)

Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 2B Sexo: F Idade: 14 Trabalha?: Não. Renda familiar: Entre um e dois salários mínimos Onde mora: Henrique Jorge Tempo de moradia: 04 anos</p>	Cognitivo	O desenho significa a paz porque quando vou à missa, me sinto mais leve e com mais paz no coração.	É um bom bairro. Tem muitos problemas, mas nada que a população resolva.	Alegria, paz, calma, perseverança, solidariedade, beleza.	Eu não compararia meu bairro com nada porque poderia estar ofendendo o lugar da comparação.	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: Não jogo lixo na rua! Quando como algum bombom, guardo o papel no bolso para não poluir o ambiente mais do que ele já está poluído. Faço várias coisas.</p> <p>Participa de atividades comunitárias no seu bairro? Não. De quê? -</p>

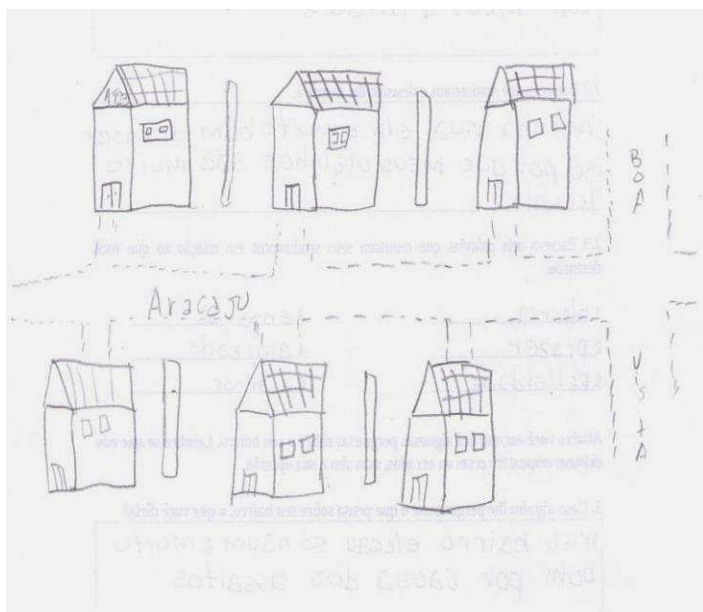
O desenho e os sentimentos deste mapa referem-se somente à igreja. Quanto ao bairro, este tem problemas que a população não pode resolver.



O mapa afetivo desse morador representa um bairro que, marcado pela imagem de Contraste, apresenta uma parte pobre e uma parte rica, gerando nele sentimentos por designados como sendo de pobreza, ricos, sujeira, violência, discriminação e desigualdade. Essa imagem indica uma estima de lugar despotencializadora da ação do indivíduo no bairro, o que é compatível com sua não participação em atividades comunitárias no mesmo

Mapa Afetivo do bairro Henrique Jorge (por aluno da Escola Municipal Santa Maria)

Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 15B Sexo: M Idade: 14 Trabalha?: Não. Renda familiar: de um a dois salários mínimos Onde mora: Henrique Jorge Tempo de moradia: 14 anos</p>	Metafórica	O desenho significa que no bairro existe uma parte pobre e uma parte rica.	É um bairro normal.	Pobreza, ricos, sujeira, violência, discriminação, desigualdade.	-	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: Nada</p> <p>Participa de atividades comunitárias no seu bairro? Não.</p> <p>De quê? -</p>

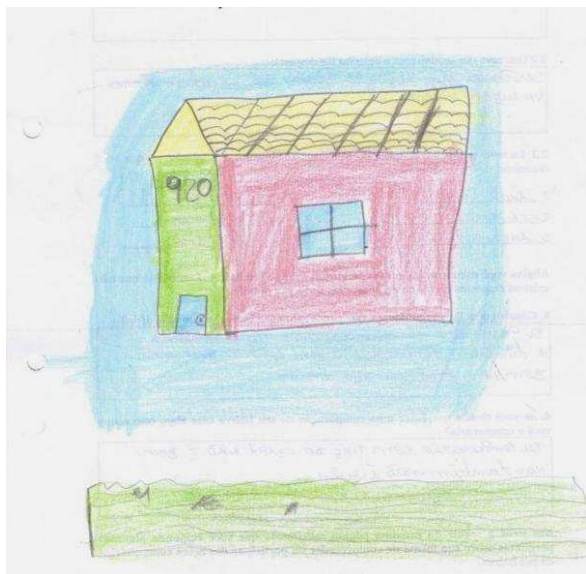


O bairro “Computador” é aquele que podemos formatar. Ele é um bairro bom, mas ruim devido aos assaltos. A imagem de Contraste desse bairro indica uma estima de lugar despotencializadora da ação do indivíduo no mesmo, compatível com a não participação em atividades comunitárias no mesmo.

Mapa Afetivo do bairro Henrique Jorge por aluno da Escola Municipal Santa Maria

Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 17B Sexo: M Idade: 15 Trabalha?: Não. Renda familiar: Entre um e dois salários mínimos. Onde mora: Henrique Jorge Tempo de moradia: 15 anos</p>	Cognitivo	O desenho significa uma esquina que é tudo para mim, pois é nela que me reúno com meus amigos.	O bairro é legal, só não é muito bom por causa dos assaltos.	“Minha rua é muito boa de morar porque meus vizinhos são muito legais”. O desenho desperta alegria, prazer, felicidade, emoção, amizade, amor.	Eu comparo meu bairro com um computador, porque podemos formatá-lo.	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: Eu tentaria acabar com os assaltos e as coletas de lixo.</p> <p>Participa de atividades comunitárias no seu bairro? não</p> <p>De quê?</p>

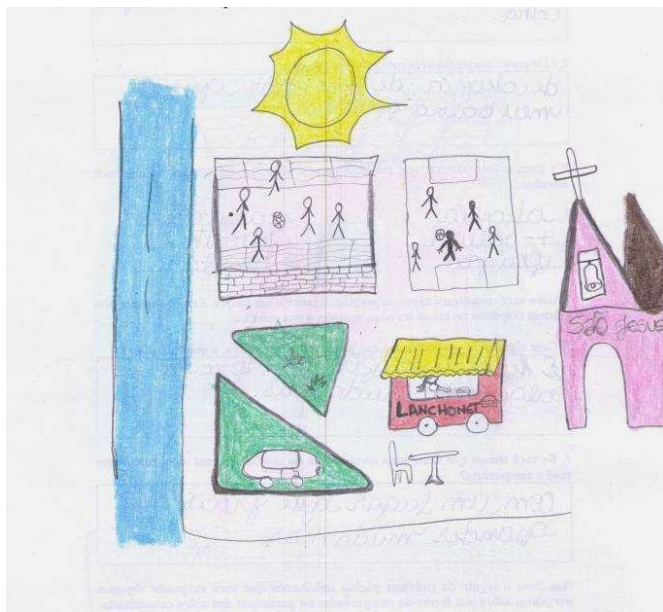
O desenho refere-se a uma esquina que, por ser lugar de reunião com amigos, “é tudo” para esse jovem. A imagem de pertença dessa esquina gera nele sentimentos de alegria, prazer, felicidade, emoção, amizade e amor. O contraste entre a esquina e o bairro gera a contradição de qualidade: o bairro é legal, mas não é bom!



O bairro “Time do Ceará” é aquele que vai melhorar brevemente, pois ainda não é bom e nem ruim. Por sua imagem de Contraste gera sentimentos de amor, segurança, amizade, orgulho, perseverança e criatividade neste jovem morador. Essa imagem indica uma estima de lugar despotencializadora da ação do indivíduo no bairro, o que é compatível com sua não participação em atividades comunitárias no mesmo.

Mapa Afetivo do bairro Henrique Jorge por aluno da Escola Municipal Santa Maria

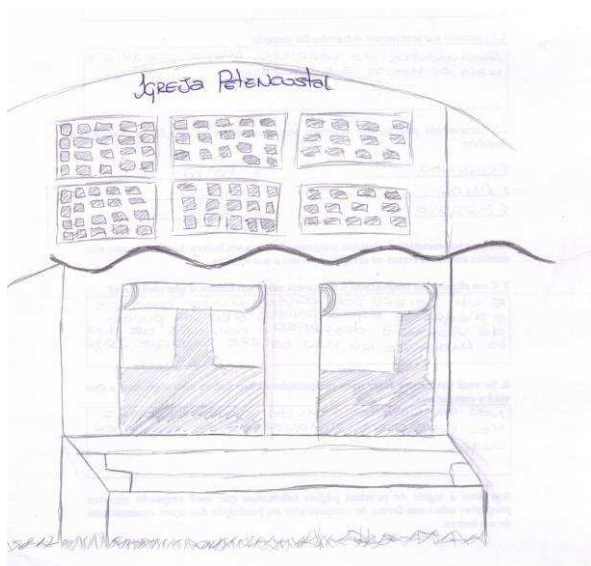
Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 21B</p> <p>Sexo: M</p> <p>Idade: 15</p> <p>Trabalha? Não.</p> <p>Renda familiar: Entre dois e cinco salários mínimos.</p> <p>Onde mora: Henrique Jorge</p> <p>Tempo de moradia: 15 anos</p>	Cognitivo	O desenho significa que o bairro vai melhorar brevemente.	É um bairro que vai mudar para melhor. Não é um bairro bom, mas, também, não é ruim.	Amor, segurança, amizade, orgulho, perseverança criatividade.	Eu comparo meu bairro com o time do Ceará, não é bom, mas também não é ruim.	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: Eu não jogo lixo no chão, não faço coisa errada, não me misturo com pessoas de mal caminho.</p> <p>Participa de atividades comunitárias? Não.</p> <p>De quê? -</p>



O bairro “Lugar que precisa de grandes cuidados” é um bairro “legal, mas perigoso”, precisando, por isso, de algumas mudanças. Em seu Contraste gera nesta jovem moradora sentimentos designados por ela com sendo de alegria, arrumado, bonito, legal e só um pouco perigoso

Mapa Afetivo do bairro Henrique Jorge (por aluna da Escola Municipal Santa Maria)

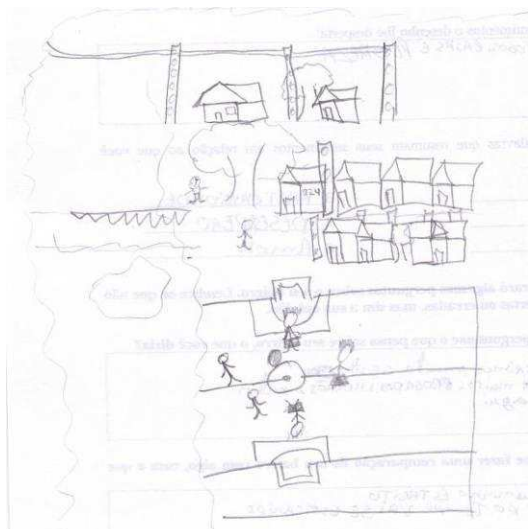
Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 22B Sexo: F Idade: 15 Trabalha: Não. Renda familiar: Menos de um salário mínimo. Tempo de moradia: 15 anos</p>	Cognitivo	O desenho significa a beleza que o bairro pode ter, dependendo da visão de quem olha.	O bairro é legal, mas perigoso. Precisa de algumas mudanças.	O desenho desperta o sentimento de “Alegria do bem-estar que meu bairro pode ter”. sentimentos: Alegria, mais ou menos raiva, perigoso, arrumado, bonito, legal.	Eu comparo meu bairro com um lugar que precisa de grandes mudanças.	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: Não jogo lixo nas ruas, não poluo os rios.</p> <p>Participa de atividades comunitárias? Sim.</p> <p>De quê? Jogo de futebol na praça e na escola.</p>



Esse mapa revela um bairro onde prevalecem os pontos negativos. Em seu Pertença gera neste jovem morador sentimentos de carinho, amor, alegria, paixão e afeto, todos referentes ao desenho da igreja do bairro. Essa imagem indica uma estima de lugar despotencializadora da ação do indivíduo no bairro, o que é discrepante com a atuação do mesmo em atividades comunitárias no mesmo.

Mapa Afetivo do bairro Henrique Jorge (por aluna da Escola Municipal Santa Maria)

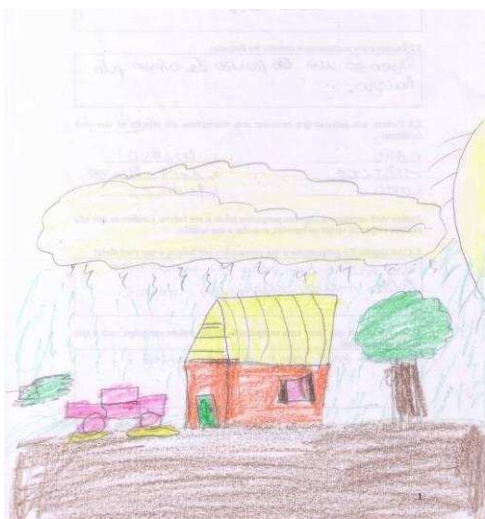
Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 29B Sexo: M Idade: 17 Trabalha? Sim. Renda: Menos de um salário mínimo.</p> <p>Onde mora: Henrique Jorge Tempo de morada: 15 anos</p>	Cognitivo	O desenho significa a minha religião.	O bairro tem pontos mais bonitos, mas também temos que falar que tem outros com violência e poluição.	Carinho, amor, alegria, paixão e afeto.	não sei com que comparar meu bairro.	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: Não jogo lixo nas ruas e tento preservar o ambiente limpo e agradável.</p> <p>Participa de atividades comunitárias? Sim.</p> <p>De quê? Projeto segundo tempo na escola. (esportes)</p>



O bairro “Caminho estreito que ao longo do tempo vai se esticando” é um bairro populoso, sendo permeado de ladrões e pessoas drogadas. Em seu Contraste, é querido pelo respondente, gerando neste sentimentos de alegria, amor, desespero, fraternidade, medo e ansiedade. Essa imagem indica uma estima de lugar despoticizadora da ação do indivíduo no bairro, o que é compatível com sua não participação em atividades comunitárias no mesmo.

Mapa Afetivo do Henrique Jorge

Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 31B Sexo: M Idade: 15 Trabalha?: Não. Renda familiar: Entre um e dois salários mínimos. Onde mora: Henrique Jorge Tempo de moradia: 05 anos</p>	metafórico	O desenho significa que, além de áreas de risco, podem-se haver projetos que ajudam.	“Tem muitos crimes, muita gente e apesar de ter muitos drogados, ladrões e outros, gosto muito daqui.”	Alegria, ansiedade, medo, fraternidade, desespero, amor.	Eu comparo meu bairro com um caminho estreito, mas ao longo do tempo vai se esticando.	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: Não deixo lixo caído no chão. Participa de atividades comunitárias no seu bairro? Não. De quê?-</p>



O bairro “Jardim União” é aquele abandonado pelas autoridades, embora seja considerado bom de morar. Sua imagem de Contraste gera nesta jovem moradora sentimentos conflituosos de amor, tristeza, descaso, amor ao próximo, ódio e paixão. Essa imagem indica uma estima de lugar despoticizadora da ação do indivíduo no bairro, o que é compatível com sua não participação em atividades comunitárias no mesmo.

Mapa Afetivo do bairro Henrique Jorge (por aluno da Escola Municipal Santa Maria)

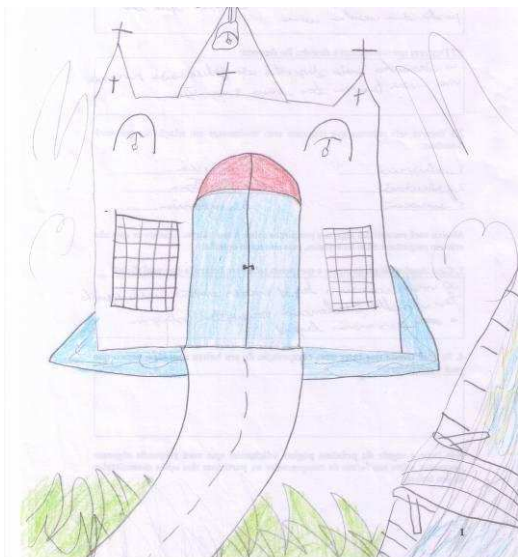
Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 34B Sexo: M Idade: 18 Trabalha? : Não. Renda familiar: entre um e dois salários</p> <p>Onde mora: Henrique Jorge Tempo de moradia: 16 anos</p>	Metafórica	O desenho significa “um ambiente totalmente abandonado pelas autoridades” .	“Um bairro bom para morar, mas falta segurança e postos de saúde”	Amor, tristeza, descaso, amor ao próximo, ódio, paixão.	“Com o bairros Jardim União”.	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: não jogo lixo nas ruas e reivindico os meus direitos.</p> <p>Participa de atividades comunitárias no seu bairro? Não.</p> <p>De quê? -</p>



O bairro “Rio de Janeiro” é um bairro bom de morar, mesmo sendo muito violento e sujo. Sua imagem de Contraste gera nesta jovem moradora sentimentos conflituosos de alegria, calma, nojo, felicidade, vergonha e harmonia. Essa imagem indica uma estima de lugar despotencializadora da ação participativa. Essa imagem indica uma estima de lugar despotencializadora da ação do indivíduo no bairro, o que é compatível com sua não participação em atividades comunitárias no mesmo

Mapa Afetivo do bairro Henrique Jorge (por aluna da Escola Municipal Santa Maria)

Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 35B Sexo: F Idade: 13 (M) Trabalha? : Não. Renda familiar: entre um e dois salário mínimo. Onde mora: Henrique Jorge Tempo de moradia: 13 anos</p>	Cognitivo.	“Esse desenho significa para mim alegria, mas também desgosto e nojo pelo lixo que há no meu bairro”.	Um bairro bom para morar, mas, muito violento.	Alegria, calma, nojo, felicidade, vergonha, harmonia.	Rio de Janeiro	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: “não faço, mas faria se pudesse. Melhoraria os postos de saúde e as ruas com lixo.”</p> <p>Participa de atividades comunitárias no seu bairro? não</p> <p>De quê? só do projeto mais educação (reforço escolar)</p>



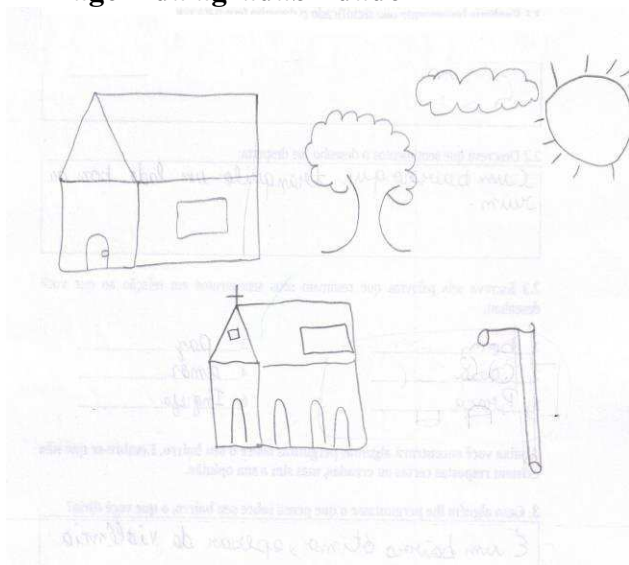
Este mapa revela um bairro permeado por violência e alegrias. Sua imagem de Contraste gera nesta jovem moradora sentimentos conflituosos de alegria, felicidade, raiva, tristeza, emoção e agonia. Essa imagem indica uma estima de lugar despotencializadora da ação do indivíduo no bairro, o que é discrepante com sua participação em projetos da escola

Mapa Afetivo do bairro Henrique Jorge (por aluno da Escola Municipal Santa Maria)

Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 36B Sexo: M Idade: 16 Trabalha? : Sim, num comércio. Renda familiar: Entre um e dois salários mínimos. Onde mora: Henrique Jorge Tempo de moradia: 16 anos</p>	Metafórica	“Fiz o desenho inspirado na igreja que tem perto da minha casa”.	“meu bairro é legal, mas não é tranquilo, pois tem muito assalto e violência. Mas também tem alegria e pessoas legais”	“alegria, felicidade, raiva, tristeza, emoção e agonia.”	_____	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: “eu preciso fazer o melhor, para que, assim, todos façam iguais”.</p> <p>Participa de atividades comunitárias no seu bairro? Sim.</p> <p>De quê? Projeto Segundo tempo na própria escola.</p>

O bairro João XXIII

A imagem da agradabilidade



O bairro Aldeota é aquele que é ótimo, apesar da violência. Em seu Agradabilidade gera nesta jovem moradora sentimentos por ela designados como sendo de Bom, casa, praça, paz e igreja. Essa imagem é potencializadora do encontro com o bairro, discrepando da não participação desta em atividades comunitárias no mesmo.

Mapa Afetivo do bairro João XXIII por aluna da Escola Municipal Santa Maria.

Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 4B Sexo: F Idade: 17 Trabalha?: Não. Renda familiar: Menos de um salário mínimo. Onde mora: João XXIII Tempo de morada: 16 anos.</p>	Metafórica	O desenho significa um bairro bom.	É um bairro ótimo, apesar da violência.	Bom, casa, praça, paz, amor, igreja.	Eu compararia meu bairro com o Aldeota.	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: Não colocar lixo na rua.</p> <p>Participa de atividades comunitárias em seu bairro? Não. De quê? -</p>

Imagem da destruição no João XXIII

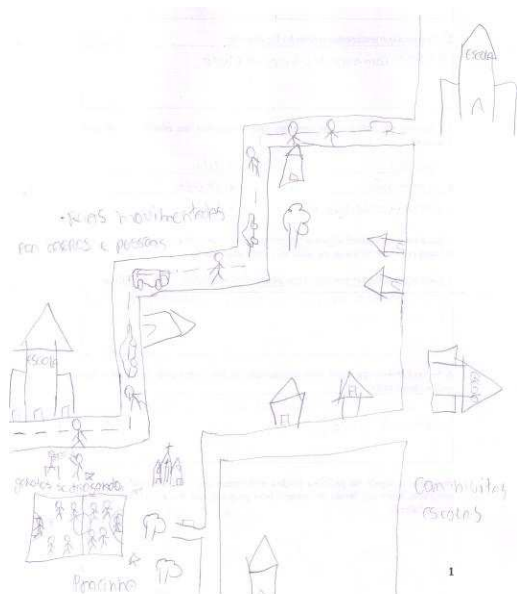


O bairro “aquele que não se compara a outro” é marcado pelo descuido com o meio ambiente, sendo ainda muito violento e sem espaços de lazer. Em sua Detruição, gera neste jovem morador sentimentos causados relacionados à sua reação frente aos prejuízos ambientais e sociais de seus bairro. Essa imagem indica uma estíma de lugar despotencializadora da ação participativa, o que é discrepante com sua participação em atividades comunitárias na escola.

Mapa Afetivo do bairro João XXIII por aluno da Escola Municipal Santa Maria.

Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 37B Sexo: M Idade: 16 Trabalha? : Não. Renda familiar: _____ Onde mora: João XXIII Tempo de moradia: 16 anos</p>	Metafórica	“O desenho significa poluição, derrubamento de árvores, incêndios e canais abertos”.	“É m bairro sem área de lazer e muito perigoso, tendo muitos assaltos e mortes.”	“Prejudica a natureza, os seres vivos e o ambiente; atrai doenças; lama, poluição.	“É um bairro que não tem comparação com nem um outro.”	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: não poluo o bairro e não me junto com pessoas ruins.</p> <p>Participa de atividades comunitárias no seu bairro? Sim</p> <p>De quê? Projeto segundo tempo. Na escola.</p>

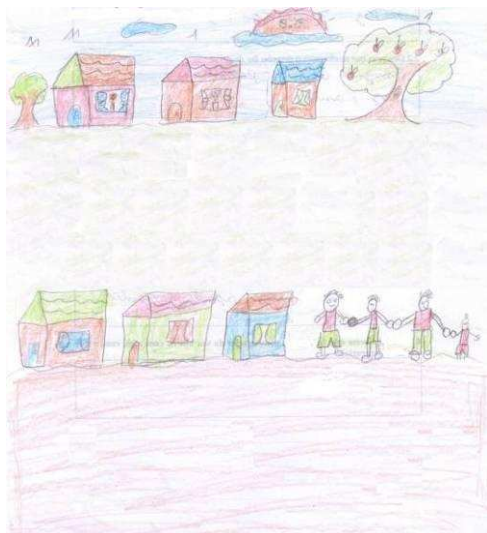
Imagens do Contraste no João XXIII



O bairro “jogo de futebol, no qual às vezes você ganha e às vezes, você perde” é tranquilo, mas também violento. Em sua imagem de Contraste gera neste jovem morador sentimentos de carinho, compaixão, prazer de viver no bairro, ódio, desgosto, alegria e raiva. Essa imagem indica uma estima de lugar despotencializadora da ação do indivíduo no bairro, o que é compatível com sua não participação em atividades comunitárias no mesmo

Mapa Afetivo do bairro João XXIII (por aluno da Escola Municipal LRC)

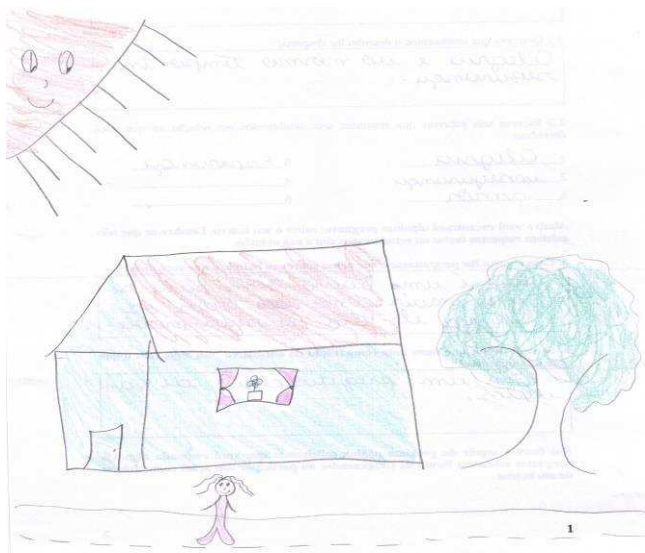
Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
Nº 1A Sexo: M Idade: 14 Trabalha?: não Renda familiar: Entre 1e 2 salários mínimos Onde mora: João XXIII Tempo de morada: 8 anos	Cognitivo	Significa um bairro movimentado, com muitas casas, escolas e uma igreja, mas quem também tem aqueles meninos se drogando. Nele eu sinto desgosto e ao mesmo tempo alegria.	É um bairro tranquilo, mas não deixa de ser violento como os outros.	Carinho, compaixão, prazer de viver no bairro, ódio, desgosto, raiva	Com um jogo de futebol, que às vezes você ganha, às vezes você perde	Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: tirar as crinças das ruas e trazê-las para os projetos da escola. Participa de atividades comunitárias no seu bairro? Não De quê?



O bairro Igreja é aquele que é bom e ruim, trazendo às vezes paz e outras não. Em seu Contraste, gera nesta jovem moradora sentimentos de Paz, amor, união, fraternidade, amizade. Essa imagem indica uma estímuladora de lugar despotencializadora da ação participativa, o que é discrepante com sua participação em atividades comunitárias na Igreja.

Mapa Afetivo do bairro João XXIII (por aluno da Escola Municipal LRC)

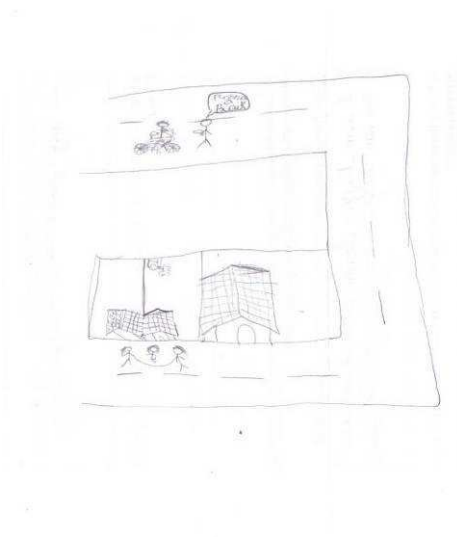
Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
Nº 3A Sexo: F Idade: 16 Trabalha?: sim, fazendo artesanato com minha mãe. Renda familiar: Entre 1e 2 salários mínimos Onde mora: João XXIII Tempo de morada: - anos	Metafórica.	Significa um bairro que às vezes tem paz e outras vezes não.	Às vezes é bom, mas outras vezes é ruim por causa dos assaltos, roubos e brigas.	Paz, amor, união, fraternidade, amizade	Igreja	Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: procuro ter união e paz com as pessoas. Participa de atividades comunitárias no seu bairro? sim De quê? “No bairro não. Só na igreja com dança, teatro e canto”.



O bairro “Presídio cheio de vândalos” é aquele que embora lindo, mas mal cuidado. Em seu Contraste, gera nesta jovem moradora sentimentos alegria, insegurança, amor e esperança. . Essa imagem indica uma estima de lugar despotencializadora da ação do indivíduo no bairro, o que é compatível com sua não participação em atividades comunitárias no mesmo.

Mapa Afetivo do bairro João XXIII (Por aluna da Escola Municipal LRC)

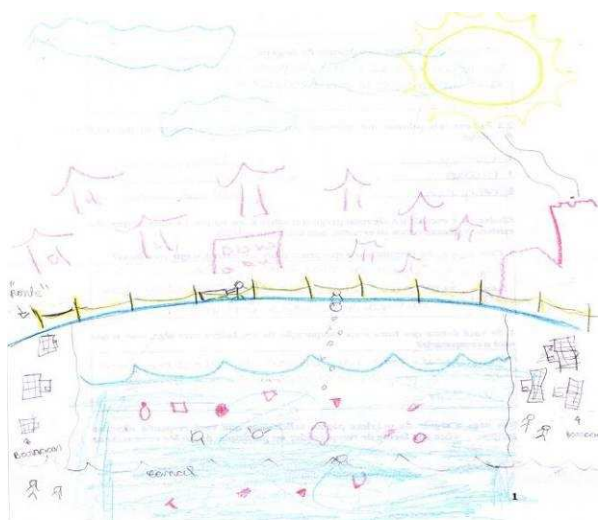
Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 12A Sexo: F Idade: 14 Trabalha?: Não. Renda familiar: Entre dois e cinco salários mínimos. Onde mora: João XXIII Tempo de moradia: 14 anos</p>	Metafórica	O desenho significa um lugar lindo, mas com maus cuidados.	É um bairro bom para se viver, mas como todos os bairros, ele tem seus problemas.	Alegria, insegurança, amor, esperança.	Eu compararia meu bairro com um presídio cheio de vândalos.	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: Procuo o máximo, não gerar violência com os vizinhos e amigos, para que nós possamos viver em paz e harmonia.</p> <p>Participa de atividades comunitárias em seu bairro? Não.</p> <p>De quê? -</p>



O bairro “festa” é aquele que tem alguns lugares alegres e outros não, por isso, em seu Contraste gera neste jovem moradora sentimentos “às vezes felicidade, às vezes tristeza”. Essa imagem indica uma estima de lugar despotencializadora da ação do indivíduo no bairro. . Essa imagem indica uma estima de lugar despotencializadora da ação do indivíduo no bairro,o que é compatível com sua não participação em atividades comunitárias no mesmo.

Mapa Afetivo do bairro João XXIII (por aluno da Escola Municipal LRC)

Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
N° 14A Sexo: M Idade: 16 Trabalha?: Não. Renda familiar: Entre um e dois salários mínimos Onde mora: João XXIII Tempo de morada: 16 anos	Cognitiva	O desenho significa que enquanto uma rua tem crianças brincando, a outra tem pessoas roubando.	O bairro é um lugar bom para se morar, mas somente em alguns lugares, que são calmos.	Às vezes felicidade, às vezes tristeza.	Eu compararia meu bairro com uma festa, porque é um bairro muito alegre, embora, só em algumas ruas.	Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: faria ter esportes, como, por exemplo, kung fu e futebol. Participa de atividades comunitárias em seu bairro? Não De quê?



O bairro “O contrário a um bairro de alto luxo” é aquele que tem um lado bom e outro ruim. Marcado pela imagem de Contraste, gera nesta jovem moradora sentimentos de tristeza, roubo, desgraça, fome, lixo e má aparência. Essa imagem indica uma estíma de lugar despotencializadora da ação do indivíduo no bairro. . Essa imagem indica uma estíma de lugar despotencializadora da ação do indivíduo no bairro,o que é compatível com sua não participação em atividades comunitárias no mesmo.

Mapa Afetivo do bairro João XXIII (por aluno da Escola Municipal LRC)

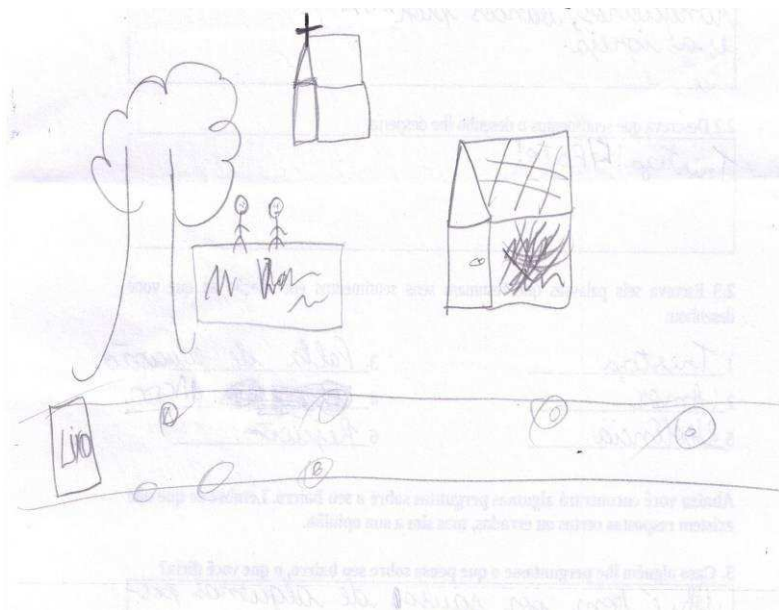
Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 15A Sexo: F Idade: 14 Trabalha?: Não. Renda familiar: Entre um e dois salários mínimos. Onde mora: João XXIII Tempo de morada: 10 anos</p>	Metafórica	O desenho significa um pouco da realidade do bairro.	Penso do meu bairro coisas ruins e boas, pois ele tem um lado bom e outro ruim, por isso gosto mais ou menos dele. Gosto das festas e de alguns lugares.	Tristeza, roubo, desgraça, fome, lixo, má aparência.	Eu compararia com um bairro contrário a um bairro de alto luxo, para ver se a prefeita se envergonha e toma providências.	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: Colaboração em: passeatas, propagandas... Gosto muito de contribuir para a melhora do meu bairro.</p> <p>Participo de atividades comunitárias? sim</p> <p>De quê? Na biblioteca no projeto poesias</p>



O bairro “Escola” é aquele ao mesmo tempo bom e ruim. Marcado pela imagem de Contraste, gera neste jovem morador sentimentos por ele designados como sendo de violência, morte, medo, paz, amor e esperança. Essa imagem indica uma estíma de lugar despotencializadora da ação do indivíduo no bairro. Entretanto o respondente afirma participar de atividades comunitárias na igreja do mesmo.

Mapa Afetivo do bairro João XXIII (por aluno da Escola Municipal LRC)

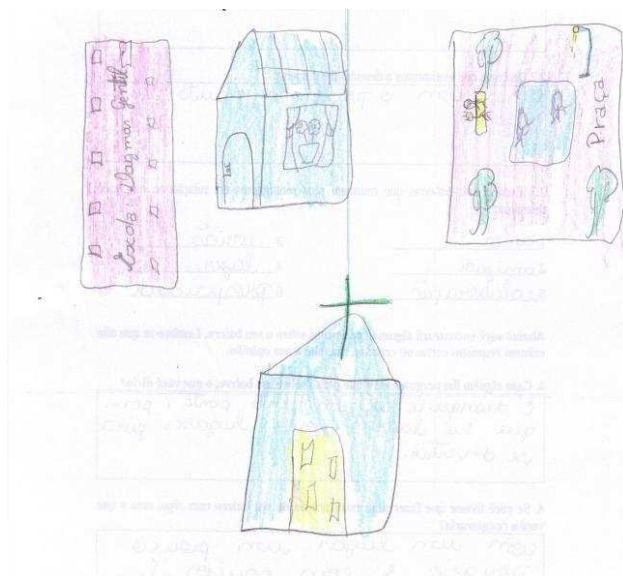
Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 19A Sexo: M Idade: 15 Trabalha: não Renda: Entre um e dois salários mínimos Onde mora: João XXIII Tempo de moradia: 13</p>	Metafórica	O desenho significa que o bairro é um bom lugar para se viver, mas tem um lado bom e um lado ruim.	É um bairro bom e, ao mesmo tempo, ruim.	Violência, morte, medo, paz, amor, felicidade.	Eu compararia meu bairro com minha escola.	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: Tiro água de dentro das garrafas e dos pneus, para não criar mosquitos da dengue.</p> <p>Participo de ações comunitárias? Sim.</p> <p>De quê? Atividades na igreja.</p>



O bairro “Lata de lixo” é que é bom por causa de algumas pessoas, mas tem o lado ruim: muita violência e muitas pessoas fofas. Marcado pela imagem de **Contraste** gera nesta jovem moradora sentimentos por ela designados como sendo de tristeza, amor, violência, falta de educação, medo, rejeição. Essa imagem indica uma estíma de lugar despotencializadora da ação do indivíduo no bairro, o que sugere sua não participação em atividades comunitárias no mesmo.

Mapa Afetivo do bairro João XXIII (por aluna da Escola Municipal Santa Maria).

Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 13 B Sexo: F Idade: 14 Trabalha: Sim, dando reforço escolar. Renda: Entre um e dois salários mínimos</p> <p>Onde mora: João XXIII Tempo de moradia: 3 anos</p>	Metafórica	O desenho significa a pracinha com vários pirangueiros, bancos pichados, lixo nas ruas e a igreja.	“Ah, é bom, por causa de algumas pessoas, mas tem o lado ruim, muita violência e muitas pessoas fofas”	Tristeza, amor, violência, falta de educação, medo, rejeição.	Eu compararia meu bairro com uma lata de lixo.	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: Não sou uma pirangueira, sou amiga de todos (pessoas confiáveis), não sujo as ruas.</p> <p>Participo de atividades comunitárias em seu bairro? não</p> <p>De quê? Vou para escola, apenas!</p>



O bairro “Um lugar um pouco perigoso com poucos lugares para se divertir” é aquele tranqüilo, mas perigoso. Marcado pela imagem de Contraste gera nesta jovem moradora sentimentos por ela designados como sendo de amor, amizade, colaboração, união, lazer e prosperidade. Essa imagem indica uma estima de lugar despotencializadora da ação do indivíduo no bairro. Entretanto este afirma participar de atividades comunitárias no mesmo.

Mapa Afetivo bairro João XXIII (por aluna da escola Municipal Santa Maria).

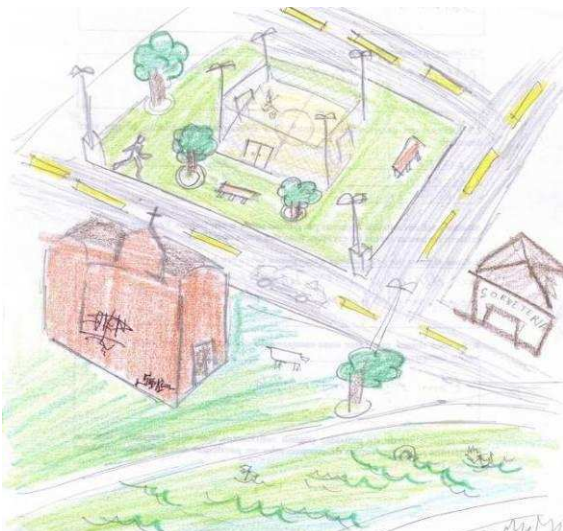
Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 6B Sexo: F Idade: 14 Trabalha: Não. Renda familiar: Entre um e dois salários mínimos.</p> <p>Onde mora: João XXIII Tempo de moradia: 10 anos</p>	Cognitivo	O desenho significa que tem poucas formas de lazer no bairro. Há escolas, casas, pessoas e etc.	O bairro é tranqüilo até um certo ponto, porque há ladrões e poucos lugares para se divertir.	Amor, amizade, colaboração, união, lazer, prosperidade .	Eu compararia meu bairro com um lugar um pouco perigoso e com poucos lugares para se divertir.	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: Colaboro com o que posso, ajudo as pessoas, não jogo lixo na rua e tenho grupos de amigos.</p> <p>Participa de atividades comunitárias em seu bairro? Sim.</p> <p>De quê? Igreja.</p>



O bairro “Lugar que gosto muito” é aquele bem estruturado, mas violento. Em seu Contraste gera neste jovem morador sentimentos por ele designados como sendo de amor, insegurança, família e amigos. Essa imagem indica uma estima de lugar despotencializadora da ação do indivíduo no bairro, a qual é compatível com a não participação desta moradora em atividades no seu bairro.

Mapa Afetivo do bairro João XXIII (por aluno da Escola Municipal Santa Maria)

Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 30B</p> <p>Sexo: F</p> <p>Idade: 14</p> <p>Trabalha?: Não.</p> <p>Renda familiar: Menos de um salário mínimo.</p> <p>Onde mora: João XXIII</p> <p>Tempo de moradia: 14 anos</p>	Cognitivo	“O significado do desenho para mim é muito grande, pois é onde moro e onde sempre vivi”.	O bairro tem uma boa estrutura, só falta acabar com a marginalidade e a falta de segurança.	Amor, insegurança, família e amigos.	Eu compararia meu bairro com um lugar que gosto muito.	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: estudo e convivo em paz</p> <p>Participa de atividades comunitárias em seu bairro? não.</p> <p>De quê?</p>



O bairro “algo bagunçado” é aquele bairro comum que não é nem ruim nem bom. Em seu **Contraste** gera neste jovem morador sentimentos por ele designados como sendo de amor, alegria, tristeza, quieto, raiva e calma. . Essa imagem indica uma estíma de lugar despotencializadora da ação do indivíduo no bairro, o que é compatível com sua não participação em atividades comunitárias no mesmo

Mapa Afetivo do bairro João XXIII (por aluno da Escola Municipal Santa Maria)

Sujeito	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Participação
<p>Nº 32B Sexo: M Idade: 14 Trabalha?: Não. Renda familiar: Entre um e dois salários mínimos. Onde mora: João XXIII Tempo de moradia: 14 anos</p>	Cognitiva	O desenho significa um modo de se demonstrar o bairro do respondente.	O bairro não é ruim nem bom, é um bairro comum.	Amor, alegria, tristeza, quieto, raiva, calma.	Eu compararia meu bairro com algo bagunçado.	<p>Para melhorar a comunidade de meu bairro eu faço: Acho que nada. Participa de atividades comunitárias em seu bairro? não</p> <p>De quê? Só às vezes joga bola com os vizinhos.</p>

A escala Likert

INSTRUÇÕES. A seguir você encontrará algumas afirmações sobre seu bairro com as quais poderá ou não concordar. Independente do que possam pensar as pessoas que estão ao seu redor, gostaríamos que indicasse o quanto concorda ou discorda com cada uma dessas afirmações. Faça isso circulando um número na escala de resposta ao lado de cada uma.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente

01. É um bairro tranqüilo e bom para se viver.	1	2	3	4	5
02. É um bairro que tem um lado bom e outro ruim, causando orgulho e vergonha para os moradores.	1	2	3	4	5
03. É um bairro feio e sujo.	1	2	3	4	5
04. É um bairro violento que causa medo nos seus moradores.	1	2	3	4	5
05. É um bairro bom, que comparo com minha própria casa.	1	2	3	4	5
06. É um bairro bom, que tem lugares bonitos e agradáveis.	1	2	3	4	5
07. É um bairro ótimo, apesar da sujeira e da violência.	1	2	3	4	5
08. É um bairro horrível, onde há muitas coisas destruídas e pelo qual sinto vergonha e desprezo.	1	2	3	4	5
09. É um bairro muito inseguro.	1	2	3	4	5
10. É um bairro que é fundamental para mim, pois tudo que faço nele tiro do coração.	1	2	3	4	5

Explicação das categorias: Agradabilidade: (01) e (06); Contraste: (02) e (07); Destruição: (03) e (08); Insegurança: (04) e (09); Pertença: (05) e (10).

Roteiro para grupo focal

- 1) Nós caminhamos pelos lugares públicos do bairro, os quais foram escolhidos por vocês como sendo os mais significativos para a comunidade do bairro: praças, canal, igreja, escola, clube do forró da terceira idade, quadra esportiva etc. Então eu pergunto a vocês: Nesses lugares, há alguma atividade que vocês participam? Se sim, quais são e qual a importância dela nas suas vidas e na vida das pessoas da comunidade deste bairro?
- 2) O que no seu bairro te causa alegria e o que te causa tristeza?
- 3) Naqueles questionários nos quais vocês responderam sobre suas formas de ver representar e sentir o bairro de vocês, pude perceber que, de uma forma geral, vocês fazem uma avaliação negativa dele, porque, segundo vocês, há neste bairro muita insegurança, violência, crimes, lixo espalhado pelas ruas, um canal sujo, trânsito de carros perigoso, etc. Entretanto, alguns de vocês também responderam que, mesmo com as coisas ruins que nele existem, ele é um bom bairro. Então eu gostaria de saber a opinião de vocês sobre isso. Isso é verdade? Por quê?
- 4) Na opinião de vocês, o que faz com que a gente goste do lugar onde moramos? Responda pensando nos seus sentimentos.
- 5) Vocês gostariam de se mudarem deste bairro? Se sim, diga por quê. Se não, diga o que os fazem querer continuar morando nele.
- 6) Esse é o bairro que mais apresentou imagens de destruição e insegurança nos questionários, mas, ainda assim, vocês dizem que não querem se mudar daqui. Isso nos leva a última pergunta: vocês acreditam que o bairro de vocês vá melhorar? Se sim, diga como vocês acham que isso pode acontecer e qual o papel de vocês nisso, agora e no futuro.

Grupo focal I com moradores do Bonsucesso na EMEIF Prof.Luis Recamonde Capelo

Nós caminhamos pelos lugares públicos do bairro, os quais foram escolhidos por vocês como sendo os mais significativos para a comunidade do bairro: praças, canal, igreja, escola, clube do forró da terceira idade, quadra esportiva etc. Então eu pergunto a vocês: Nesses lugares, há alguma atividade que vocês participam? Se sim, quais são e qual a importância dela nas suas vidas e na vida das pessoas da comunidade deste bairro?

10 A: Participo de um grupo de crisma.

P: Qual a importância desse grupo na sua vida?

10 A: A gente fica mais próximo de Deus, né? Mais próximo de cada um.

P: E você acha que o fato de você estar nesse grupo possibilita que você faça amizades?

10 A: Sim.

P: E você acha importante que as pessoas da sua comunidade participem disso?

10 A: Acho.

8 A: Também participo do grupo de crisma e acho importante porque ele aproxima a gente que não somos conhecidos, lá. A gente conhece outras pessoas, a gente sai, passeia e tal. Reúne mais as pessoas.

P: Então, no grupo de crisma vocês têm passeios também?

8 A: Tem.

P: E outras atividades que fazem com que vocês se aproximem, façam amizades? O grupo de crisma possibilita isso?

8 A: Possibilita. Teve até uma orquestra aí que a gente um dia organizou. Um bingo de um DVD, e aí até uma amiga nossa ganhou...

P: Então, o grupo de crisma possibilita que vocês conheçam pessoas que vocês não conheciam antes?

8 A: É.

2 A: Eu não participo. Cheguei a participar, mas acho que foi por uma semana, no máximo, mas é super-legal, conheci pessoas divertidas.

P: Mas você não participa do quê?

2 A: Do grupo de crisma que tem na igreja.

P: E você participa de alguma atividade dentro do bairro, em algum desses lugares em que todos nós caminhamos agora? Na igreja, na praça, na escola... Tem alguma atividade que você já participou ou participa?

2 A: Já participei também da crisma. Do grupo de crisma.

P: E foi importante para você?

2 A: Foi.

P: E você sabe dizer por quê?

2 A: Conheci pessoas novas, também estive perto de pessoas que fizeram bem pra mim e tal.

P: Além disso, você participa também da dança?

2 A: Isso.

P: Aqui, no colégio?

2 A: Aqui no colégio e em outro colégio também.

P: É uma atividade oferecida pela escola ou pela prefeitura?

2 A: Pela prefeitura.

P: E nela tem os mesmos professores da escola?

2 A: Não, são outros professores.

P: São professores que vêm de fora e aí fazem grupo de dança aqui?

2 A: Ahã.

P: E você participou também desse grupo e o deixou.

2 A: Deixei.

P: Então você participa de outras atividades que tem aqui na escola? Como de esportes...?

2 A: Projeto do “Segundo Tempo”. Eu participo do coral.

P: Então você acha importante participar dessas atividades na escola que trabalham com a brincadeira, com o esporte, com a dança, como o coral e o projeto “Escola aberta”?

2 A: É importante, né? Que tem gente que vem de fora também, comunidade, né? No dia do sábado letivo, vem gente jogar aqui.

P: Você acha importante que além das coisas que você aprende na escola, ela também ofereça momentos de diversão?

2 A: É, também, né? Que é bom a participação das pessoas...

P: Então, para você foi bom participar dessas atividades?

2 A: Foi bom.

P: Você acha que fez amizades?

2 A: Ahã.

P: 18 A, você também participa de alguma atividade dentro do bairro?

18 A: Não, eu não participo, mas eu faço curso de computação em outro bairro.

P: Então, você não participa de nenhum projeto da escola, nem à tarde nem à noite?

18 A: Não.

P: E, mesmo sem participar, você tem vontade de participar? Você acha que esse tipo de atividade é importante?

18 A: É importante.

P: E por que você acha importante?

18 A: Porque é o ensino da vida, né? A pessoa fica mais participativa das coisas, conhece pessoas novas.

20 A: Eu fazia o projeto “Escola Aberta”, só que acabou.

P: O que é o projeto “Escola Aberta”?

20 A: É vários tipos de arte, tem esporte, tem informática, dança... Eu fazia o dos esportes que era o futsal.

P: E você fazia em que dia?

20 A: Era dia de sábado, só que acabou.

P: Acabou? Não tem mais?

20 A: É, o dia de futsal acabou.

P: Então, vocês estão com poucas atividades disponíveis? Quais ainda estão tendo?

20 A: O projeto da escola é o coral, só que no coral já acabaram as inscrições. E tem também um projeto de poesias na biblioteca da escola. Esses projetos ajudam na comunidade, porque aproximam as pessoas também.

P: 5 A, você participa de alguma atividade?

5 A: Não participo atualmente, mas já participei do projeto “Escola Aberta”.

P: No mesmo curso que o 20 A?

5 A: Não, participei na informática.

P: Então além da dança, do futebol e outras coisas, também há um curso de informática.

5 A: É.

P: E você acha importante participar dessas atividades?

5 A: É importante.

P: Por quê?

5 A: Para o desenvolvimento, para criar novas oportunidades.

P: E você avalia que esses projetos trazem mesmo novas oportunidades?

5 A: Avalio, um pouco.

O que no seu bairro te causa alegria e o que te causa tristeza?

10 A: A alegria é que no meu bairro tem praças, tem festas, como ali no forró que tem muito movimento, o pessoal que vende as coisas. O que me causa tristeza é que o pessoal joga coisas no rio, aqui.

8 A: O que me causa mais alegria é a escola, porque eu convivo a maior parte do tempo do dia é na escola. O que me causa mais tristeza é a poluição do rio, porque uma vez por mês, a prefeitura vem e manda limpar, mas em dois dias, já tá do mesmo jeito.

P: E o quê, na escola, te causa alegria?

8 A: É a oficina que eu faço com a professora Isabela de leitura.

2 A: A alegria, eu acho que é o bairro que é muito movimentado, tem muitas pessoas e tal.

P: O fato de ter muitas pessoas te causa alegria?

2 A: Isso. Vem pessoas de fora, quando acontecem festas, o que é muito difícil.

P: Você gosta de um bairro movimentado, pois existem muitas pessoas circulando nele, porque existem muitas pessoas para se divertirem em atividades, juntas, ou as duas coisas?

2 A: As duas coisas. E o que me causa tristeza, é ver a violência, né? Que de vez em quando, aparece assalto e deixa a gente preocupado, né? Apesar de ser um bairro bom, mas também tem muita violência ainda, que não acabou.

18 A: O que me causa alegria é as pessoas. São unidas. Um bairro, assim, “de família”, como o meu pai chamava. Alegre. Uns ajudam os outros.

P: O que te causa tristeza?

18 A: É a violência, a poluição.

P: Então o que você acha importante é o sentimento de comunidade que deixa as pessoas unidas?

18 A: É importante. As pessoas são muito unidas, vão pra casa dos outros e tal.

20 A: O que me causa mais alegria é a união das famílias também, porque, senão, ia ter muita intriga também. O que me causa tristeza é o envolvimento das pessoas com drogas e mortes e também quando, de vez em quando, morrem pessoas também.

P: Pessoas que você conhece?

20 A: É.

5 A: Alegria é as oportunidades que tem no bairro, que são melhor para o desenvolvimento do aluno.

P: Essas oportunidades estão ligadas ao quê?

5 A: Esportes, dança... E o que me causa tristeza é a violência, a poluição, principalmente, morte por droga.

P: Você conhece alguém que morreu por isso?

5 A: Já ouvi falar. Conheço várias pessoas que recentemente morreram. Quarta-feira morreu uma estudante.

Naqueles questionários nos quais vocês responderam sobre suas formas de ver representar e sentir o bairro de vocês, pude perceber que, de uma forma geral, vocês fazem uma avaliação negativa dele, porque, segundo vocês, há neste bairro muita insegurança, violência, crimes, lixo espalhado pelas ruas, um canal sujo, trânsito de carros perigoso, etc. Entretanto, alguns de vocês também responderam que, mesmo com as coisas ruins que nele existem, ele é um bom bairro. Então eu gostaria de saber a opinião de vocês sobre isso. Isso é verdade? Por quê?

10 A: Assim, eu acho o Bonsucesso, aqui, um bairro muito bom, só muito violento. Às vezes, assim como a 5 A falou, o pessoal morre muito por dívidas com drogas, aqui.

P: E você considera que ele é bom?

10 A: Sim, considero.

P: Por quê?

10 A: Assim, porque tem o colégio que tem várias atividades. E assim, apesar de ser muito violento, é calmo. Tem alguns cantos que são muito calmos.

8 A: Apesar da violência, ele é tranquilo, não é sempre que acontecem essas violências. Às vezes, como a 5 A falou, morre muitas pessoas por dívidas de drogas, atropeladas.,.

P: Acontecem muitos atropelamentos por aqui?

8 A: Sim, na Perimetral. Aqui perto da escola deveria ter um sinal porque a escola é perto da Perimetral.

2 A: É um bairro bom pra se viver, apesar de, como ela falou também, da violência. No caso, como ela falou também, morrem muitas pessoas por drogas e uma colega minha morreu através disso, drogas, por dívidas, mas ele é um bairro bom assim mesmo.

18 A: Ele tem muitos problemas, assim o SUS, os assaltos, mas é que é assim: lá onde eu moro é tudo limpo, sem assalto e sem carro.

P: E você gosta do lugar onde você mora?

18 A: Gosto.

20 A: É um bairro bom. Também acontecem coisas ruins como os assaltos e essas coisas que acontecem muito na comunidade, mas o que é bom é a união.

P: Então você acha que o que prevalece é que ele é bom?

20 A: É.

5 A: Eu acho que o bairro é bom, apesar da violência, precisa mudar na saúde porque demora demais o atendimento. Precisa melhorar o saneamento básico também.

Na opinião de vocês, o que faz com que a gente goste do lugar onde moramos? Responda pensando nos seus sentimentos.

10 A: A união.

8 A: A amizade, né? A união entre as pessoas. Porque ele não é um lugar muito violento. Tem uma parte calma.

2 A: Como ela falou, as relações de amizade, união, fraternidade...Porque tudo isso é muito importante.

P: E com relação a estrutura do bairro – árvores, praças- isso ajuda a gostar do ambiente? Ou o fundamental mesmo são as amizades?

2 A: Não: isso faz a gente gostar do bairro também; mas como ela falou, a sujeira não deixa o bairro permanecer limpo.

18 A: A relação de amizade, como ela disse, as pessoas. É um bairro violento, mas é calmo também.

20 A: A estrutura, o amor, também, do bairro. A amizade também. E a ajuda que o bairro oferece.

P: Qual a ajuda que o bairro oferece que faz vocês quererem morar nele?

20 A: Os projetos “Escola Aberta” e vários outros também.

5 A: A amizade e também saber que tem muitas pessoas boas nesse bairro. Também é calmo esse bairro, não é muito violento.

P: Então, você sabe que o bairro é violento, mas o que você sente que ele é calmo.

5 A: É.

Vocês gostariam de se mudarem deste bairro? Se sim, diga por quê. Se não, diga o que os fazem querer continuar morando nele.

10 A: Eu não me mudaria porque aqui é um bairro calmo. Assim, é muito violento, mas é muito calmo.

P: Então você sabe que ele é violento, mas sente que ele é calmo, é isso?

10 A: Sim, e eu não me mudaria daqui.

8 A: Não, porque eu passei a maior parte da minha vida aqui e conheci muitas pessoas, muitos amigos e, por isso, eu me apeguei.

2 A: Não, porque já faz tempo que eu moro nele. Eu não me mudaria porque tem pessoas que eu já conheço, né? E eu não me mudaria por nada nesse mundo. Eu tenho apego a ele.

18 A: Não, eu não me mudaria porque é um bairro, eu já conheço muitas pessoas aqui e aí já cria uma relação de amizade.

20 A: Não. Faz muito tempo que eu moro nele. Faz uns doze anos.

P: Você nasceu aqui, nesse bairro?

20 A: Nasci aqui, nesse bairro. E ele fez uma relação entre mim e o bairro.

P: Ele quem?

20 A: O bairro e eu.

P: E você, 5 A? Mora no bairro, desde que nasceu?

5 A: Não, acho que não.

P: Mas faz tempo que você mora no bairro?

5 A: Faz. Faz muito tempo.

P: E você gostaria de se mudar?

5 A: Não. Eu gostaria muito de ficar, porque aqui a gente conhece muitos lugar, faz tempo que a gente conhece muitas pessoas. E também porque esse bairro aqui não é tão violento quanto os outros.

P: Então, tem violência em todo lugar?

5 A: É, também tem violência nos outros bairros, mas o que queria mesmo é ficar morando aqui, quero morrer aqui. Eu me mudaria caso houvesse alguma coisa, uma exceção, um perigo, mas se não fosse isso, eu tô morando aqui, quero morrer aqui.

Esse é o bairro que mais apresentou imagens de destruição e insegurança nos questionários, mas, ainda assim, vocês dizem que não querem se mudar daqui. Isso nos leva a última pergunta: vocês acreditam que o bairro de vocês vá melhorar? Se sim, diga como vocês acham que isso pode acontecer e qual o papel de vocês nisso, agora e no futuro.

10 A: Sim, eu acho que se a gente não jogar o lixo no meio da rua, acho que vai melhorar mais. E eu acho que o bairro deveria ter mais segurança.

P: E como seria possível, esse bairro ser mais seguro?

10 A: Eu acho assim: tendo mais policiais.

P: Você acha que a polícia faz com que o lugar tenha paz?

10 A: Acho que sim.

8 A: Acredito porque se a gente incentivar as crianças a não jogar o lixo nas ruas, elas passam a incentivar os coleguinhas a não fazerem isso e, principalmente, os adultos.

P: E você, não faz alguma coisa?

8 A: Só incentivar as crianças.

2 A: Vai melhorar, porque eu acredito que vai diminuir mais os assaltos.

P: Como você acha que vai diminuir? Por quê?

2 A: Eu acredito no bairro Bonsucesso, porque ele não tem essa violência, mas aparece. Aparece, mas eu acredito que vá diminuir, contratando mais policiais. Agora também tem o “Ronda do Quarteirão” que também ajudou muito, mas ainda não está fazendo o suficiente.

P: E você, o que pode fazer para ajudar o bairro, agora e no futuro?

2 A: Não jogando lixo na rua, incentivando também comunidade, acho que só.

18 A: Sim, é que agora tá melhorando, né? Porque a prefeitura tá fazendo saneamento, botando policiais na rua.

P: Então, você já está vendo a melhora?

18 A: É.

P: E o que você acha que você pode fazer agora?

18 A: Não jogando lixo nos rios, nas ruas.

20 A: Sim, com o policiamento, com o saneamento. E o que eu faço para melhorar o bairro é não poluir a cidade, também. E incentivar as pessoas a não jogarem (lixo).

5 A: Eu acho que vai melhorar sim, tem condições de melhorar. Com um saneamento básico melhor, paisagens bonitas para os adultos, para as crianças, para os idosos e policiamento também.

P: E qual o seu papel na melhoria do bairro?

5 A: O que era bom... Não só o que eu poderia fazer, mas o que todos do bairro poderiam fazer: fazer uma associação, juntar todos os moradores do bairro, pra saber o que fazer de bom e o que tem de ruim para melhorar.

Grupo Focal II com alunos da EMEIF Luis Recamonde Capelo moradores do Bonsucesso

21 A: Eu não participo de nada não.

P: Você não joga bola? Isso já é alguma atividade.

21 A: É, é, eu só jogo bola.

P: Qual é seu nome?

21 A: Meu nome é 21 A. Só jogo bola, na frente da minha casa. Futebol.

P: E em que quadra você joga? Naquela do chafariz?

21 A: Não, não tem quadra, não. É na rua mesmo.

P: E as pessoas não reclamam?

21 A: O pessoal reclama quando a gente vai pro outro lado, porque tem um campozinho lá, onde tem um vizinho meio nojento que não deixa a gente brincar, não.

P: E os seus amigos que brincam de bola... Eles têm muitas atividades na escola? Ou eles fazem outras coisas na rua...?

21 A: Eles fazem outras coisas na rua.

P: Como o quê?

21 A: Outras coisas. Na escola, eles não participam de nada, não, eles nem estudam. (risos)

SC: Meu nome é SC e eu participo de jogos. Às vezes, a gente monta um grupo de meninas e vai jogar lá perto da praça do P. A gente sempre joga lá e não tem nenhum problema não. Quando os meninos chegam, nós sai e não tem problema não.

P: Até que hora vocês ficam lá? Vocês jogam o quê?

SC: A gente brinca de bola, né? A gente fica uma hora brincando de bola, e quando os meninos chegam, a gente pega o beco.

P: Por que quando os meninos chegam vocês pegam o beco?

SC: Porque quando eles chegam, eles querem brincar e a gente, pra não causar confusão, vai embora.

P: E isso lhe deixa triste?

SC: Não. A gente já tem jogado bastante...

7 A: Meu nome é 7 A, eu jogo lá na quadra do chafariz. Jogo muito... Às vezes.

P: E os meninos que vão jogar com você? Normalmente, são da escola?

7 A: Não, lá da rua.

P: E é melhor pra vida deles jogarem com você? No sentido, de evitar que eles façam besteira na rua?

7 A: (?) – fragmento incompreensível

P: E você acha que é saudável brincar?

7 A: É. A gente também fica nas calçadas, conversando. Às vezes, a gente pega peixe e bota pra brigar. E fica lá.

P: E vocês ficam até que horas na rua?

7 A: Na rua!?! Até quase meia-noite!

P: Vocês não acham perigoso?

7 A: Não, mas nesses dias aí, está ficando perigoso, porque está chegando uns caras de outras áreas, aí ficam em um negócio de trocar tiros com os outros. Outro dia, eu estava jogando bola, dez horas da noite, aí chegou um cara e tacou a mão na cara do outro. E quando eu olhei, o cara tava matando o outro. Dez tiros. Por isso, meu pai não me deixa mais brincar no meio da rua. E a relação de drogas é direto! É o pessoal, pra lá, pra cá, vendendo drogas.

P: E os seus amigos? Muitos deles estão nessa...?

7 A: Muitos, muitos, mesmo. Mesmo as crianças brincando, às vezes, vão crescendo e se envolvendo nesse negócio de drogas. Inclusive, teve até um colega meu, que sempre brinca com a gente, que até fica fazendo até mandado pelos traficantes. Buscar drogas... Aí eu “Macho, sai daí, macho, que os ‘homens’ vão te pegar e tu vai apanhar.”.

Inclusive, quando ele tinha uns oito anos, ele até cometeu um roubo de um vídeo-game.

Aí os ‘homens’ pegou ele, aí ele passou uns tempo, mas já tá se envolvendo, de novo...

P: E a sua família não quer mais que você vá pra lá, por causa disso.

7 A: É, por causa disso. Ali, aculá, eu dou uma escapulidinha, aí eu converso com ele, brinco, dou conselho pra ele, digo pra ele parar de buscar drogas pros outros.

P: E você não acha perigoso, não? Continuar mantendo essas relações...

7 A: Acho que não. Que é perigoso assim é, porque quando ele vai buscar drogas, tá perto de mim, e os ‘homens’ chega, aí pensa que eu também estou participando das coisas erradas. Aí ele é meu amigo e eu também não vou desprezar ele. Eu dou é muito conselho a ele, pra ele sair dessa.

9 A: Meu nome é 9 A e eu não participo de muita coisa, não. Jogar, às vezes eu jogo aqui no colégio, mas eu estudo de manhã e de tarde, e de noite, eu vou trabalhar.

P: E você trabalha aonde?

9 A: Trabalho com o meu pai, vendendo salgado.

P: Aonde?

9 A: No João XXIII, em frente ao “Center Box”.

P: Você estuda aqui, de manhã e de tarde?

9 A: Não, de manhã, eu estudo aqui, e de tarde vou pro “pró-med”.

P: Um curso de preparação?

9 A: É, para o CEFET. Aí de noite, eu fico trabalhando.

P: E no seu bairro, o Bom Sucesso, o que lhe causa alegria, o que lhe causa tristeza...?

9 A: O que me causa tristeza é mais a violência, né? Que é grande. Aí a alegria são mais poucas coisas... O colégio, onde tenho que estudar, né? Mas as alegrias são poucas...

P: Sua tristeza pela violência e principalmente, pelo quê? Perder entes queridos? Ou por que você se sente mais nervoso, ficando preso dentro de casa...?

9 A: Preso, eu não fico não, né? Mas tenho uns amigos que se envolvem numas coisas... Aí a gente fica triste, né?

P: E em relação à escola? O que lhe causa tristeza e o que lhe causa alegria?

9 A: Não sei, não.

7 A: É por causa, que tem muita briga na escola... Muita bagunça.

P: É mais na hora do intervalo, não é?

7 A: Ahan.

P: Mas que tipo de briga? Briga do nada?

7 A: Ahan. Tem um monte de gente que fuma maconha, fica batendo um no outro...

9 A: Ano retrasado, teve um menino que ficou suspenso por uma semana. Porque ele tava brigando.

P: Sim, mas o que lhe causa alegria, aqui, na escola?

21 A: Os projetos que tem aqui.

9 A: O “Projeto – segundo tempo” que tem aqui, pra gente jogar, aprender esporte, né?

7 A: A oportunidade que a gente tem aqui no colégio, para aprender um monte de coisa.

SC: No meu caso, é diferente, os professores são legais, mas eu não gosto muito de estudar, não, mas eu participo dos projetos daqui.

P: E em relação ao Bom Sucesso? Qual a sua alegria e a sua tristeza em relação ao bairro? É onde você anda com suas amigas...?

SC: Assim, eu não ando muito com as amigas, não, porque elas querem mais sair de noite, e minha mãe não deixa, por causa da violência.

P: Então, o que lhe causa alegria?

SC: No colégio?

P: No colégio, no bairro...

SC: No bairro... Eu passo a metade do meu tempo do no colégio, porque de manhã eu venho estudar e a tarde, eu vou pra biblioteca, por causa do projeto “Segundo Tempo”...e de noite, eu fico só dentro de casa mesmo.

P: E o que é esse projeto “Segundo Tempo”?

SC: É jogo de futsal, vôlei...

7 A: É os esportes, que tem.

21 A: O que me causa tristeza no meu bairro é também a violência e o desmatamento que o pessoal faz. A sujeira. O pessoal que joga lixo na rua...

P: Hoje, a gente presenciou, né?

21 A: É, inclusive, hoje a gente presenciou aquele senhor jogando lixo no canal...

P: E como essa sujeira influencia na sua vida?

21 A: Fica mais sujo. Aí tem até criança por aí que não tem abrigo, aí que a doença se alastra mais ligeiro. E também, no meu bairro, o que me causa tristeza mesmo é que o pessoal judia dos animais, maltrata, de vez em quando, até mata...

P: E o que lhe deixa feliz? Aqui na escola, no bairro...

21 A: O que me deixa feliz é a educação que a escola dá para a gente. Os professores...

P: Por que essa educação lhe deixa feliz?

21 A: Porque os professores são legais com a gente, assim mesmo. E a tristeza aqui da escola é que tem uns que querem ter mais do que os outros, aí quase todo dia tem briga.

P: E você acha que essas brigas têm alguma conexão com o que há fora da escola, ou é algo somente da escola, mesmo?

21 A: É coisa da escola mesmo. O pessoal briga, briga... Teve uma vez que teve três brigas no mesmo dia. O motivo é que um disse que ia pegar o outro, aí disseram pro outro...

P: Terceira pergunta, meninos. Naquele questionário que vocês responderam, sobre as formas de ver, representar e sentir o bairro, eu e minhas amigas pudemos perceber que de modo geral, vocês fazem uma avaliação negativa do bairro. Vocês disseram que a muita violência, lixo espalhado pelas ruas... Ainda assim, alguns de vocês responderam que mesmo com as coisas ruins que existiam, é um bairro bom de se morar. Então, eu gostaria de saber a opinião de vocês sobre isso. Se é verdade ou se não é, e até que ponto vocês concordam com isso.

7 A: É ruim por causa que tem uns pessoal muito violento e tá tendo muita morte, muito tiro na rua. Tão acabando com a vida, muito cedo. Até na semana retrasada, mataram um menino lá na rua, ele era muito novo, tinha vinte anos, só.

P: Então, você realmente acha que é um bairro muito violento? Não tem coisas boas para se vivenciar?

7 A: Tem...Se a gente tirar todo o mal que tem, toda a violência, todas as drogas, vai ser um bairro melhor ainda.

P: Mas você se mudaria desse bairro? Iria para qual bairro?

7 A: Qualquer outro bairro melhor.

21 A: No meu caso, eu nem pensaria em sair do bairro, porque ali, na comunidade onde eu moro, a gente já somos conhecidos e ninguém mexe com a gente. Se a gente fosse pra outro bairro ia parecer melhor, mas ia ser pior, porque não iam nos conhecer, e iam mexer nas coisas da gente, e lá onde eu moro, não. É tudo conhecido já, conhece a gente, e não deixam mexer em nada.

P: E dessa escola? Você sentiria falta dessa escola?

21 A: Sentiria. Principalmente, por causa dos professores. Tem uns professores muito legais. E até dos ensinamentos da escola.

SC: O bairro não tem só coisa negativa, tem coisa positiva também, mas eu não sairia dele, não. Primeiro, porque tem a escola, faz tempo que eu estudo aqui, e outro, porque eu já conheço boa parte das pessoas que moram perto daqui. Eu não tenho coragem de me mudar do bairro, não.

P: O que seria essa visão negativa do bairro? Você concorda com ela?

SC: É só a violência mesmo. Não concordo não.

P: Você acha que essa visão negativa é muito pejorativa? É mais forte do que está sendo mostrado? Ou você concorda que é muito forte?

SC: É muito forte. Não há policiamento e os policiais só aparecem quando tem caso de morte.

9 A: Por um lado, eu sairia, por causa da violência, mas por causa dos meus amigos, eu não sairia, não, porque faz tempo que eu moro lá onde eu moro e, por eles, eu não sairia, não, mas se fosse pela violência, eu saía do bairro.

P: Só pela violência? Você considera o bairro limpo, sujo...?

9 A: Limpo, limpo, ele não é não. E eu moro perto do riacho, então é um pouco fedido lá, causa muita doença, muitas crianças brincam lá e morrem...

P: Mas você não acha o bairro bom?

9 A: É bom, é bom.

7 A: Eu também não sairia desse bairro, por causa dos amigos que eu conheço. E de outras coisas também, né?

P: Que outras coisas?

7 A: Eu participo de umas coisas. Meus amigos me chamam. Eu participo..

P: Há muitas atividades para se participar, não é? Eu soube que há um curso de informática...

7 A: É, tem uma vizinha lá em casa que ela é de uma igreja lá, e tem muita gincana, e ela chama a gente pra participar da gincana. Lá no bairro é assim, um ajuda o outro, mas por causa da violência, tá muito ruim pra brincar.

P: O que você acha que faz uma pessoa gostar do bairro em que vive? Que sentimentos estão ligados a isso? Você se sente acolhido?

7 A: Lá no bairro é bom, porque todo mundo tem amigo, todo mundo brinca um com o outro, a brincadeira lá é muito boa. Na parte da insegurança é muito bom, só que tem gente que dorme de portas abertas, tranquilo, nem se preocupa com o tempo.

SC: Meu bairro é legal por causa dos amigos e, lá em casa, ninguém dorme de porta aberta, mas também ninguém entra. Meu pai conhece várias pessoas, conhece também umas pessoas erradas, mas não teve nenhum caso de insegurança lá em casa, não.

P: E nos outros bairros? O que você acha bom neles, e gostaria que tivesse no seu?

SC: Nada.

P: Festa...?

SC: Não, porque aqui no bairro tem algumas festas, mas eu não gosto muito não.

P: E as igrejas, essas coisas... Você acha que elas não ajudam você a gostar do bairro?

As associações, os cursos, a própria escola...

SC: É, os cursos, né? A escola...

P: Qualquer escola?

SC: Qualquer uma, não.

P: Como seria a escola?

SC: A escola é legal... Se não tivesse tanta briga, se o ensino fosse melhor, que tem algumas escolas em que o ensino não é bom.

P: Por quê?

SC:...

21 A: Eu gosto do meu bairro porque o pessoal lá respeita a gente e é um ajudando o outro. Quando alguém precisa de alguma coisa, o pessoal ajuda.

P: E se o bairro fosse mais limpo?

21 A: Se o bairro fosse mais limpo, seria até melhor, né? Porque tem umas crianças que adoecem, e tem um canal que fica lá próximo, aí tem muita sujeira... Lá no nosso bairro tem meninos desse tamanho aqui que entram lá dentro do canal, fica lá, atrás de peixe...

P: E você acha que a pobreza é um problema?

21 A: É, se não tivesse a pobreza seria até melhor, né? Porque as crianças teriam um abrigo para dormir, morar, né? Não iam ficar debaixo do viaduto ou coisa assim.

P: O que você gostaria que mudasse no seu bairro e o que você gostaria que permanecesse?

9 A: O que eu queria que viesse era mais policiamento, mais segurança, que a segurança é pouca. Que melhorasse, que botasse mais praça, que as praças que tem não são boas.

P: Não são boas?

9 A: Não são tão boas, né?

P: Por quê?

9 A: Porque a praça aqui tem um riacho perto. As duas praças que tem no Bom Sucesso têm um riacho por perto.

P: Riacho, que você diz, é o canal?

9 A: É, os canal, aí. Aí fica ruim, a pessoa ficar na praça, com um cheiro ruim do riacho.

P: E o posto de saúde do bairro? Precisa de melhoras? E as associações, as escolas...?

9 A: Todos precisariam melhorar. É bom ter um posto no bairro, né? Mas se melhorasse ia ser bom.

P: Você sente falta de uma escola para o ensino médio, no seu bairro?

9 A: É, tem que ir lá pro Henrique Jorge, que ensino médio, no Bom Sucesso, não tem, não. Tem que ir no Henrique Jorge e no João XXIII, que são os mais próximos.

P: E o que você acha disso?

9 A: Acho que tinha que ter, né? No Bom Sucesso. Pra gente não tem que andar muito, que é perigoso, né? Andar de manhã é perigoso. O perigo de ser assaltado.

?: Até, inclusive também, é bom ter uma escola do ensino médio por perto, porque a minha irmã estuda à tarde, aí ela chega seis horas, seis e meia. Ela vai lá pro Henrique Jorge, também. Aí é perigoso, ela ir de lá pra cá, sozinha. E também o que eu queria que mudasse no meu bairro era mais a violência.

P: E a relação entre as pessoas? É boa?

?: É boa, é. Tem todo um respeito um com outro. E também as praças melhorasse, porque quase todo domingo tem briga, tem morte, tem é tudo, por lá!

P: Por que você acha que tem brigas e mortes?

?: Porque o pessoal que vai pras praças, não vão se divertir. Vão atrás de matar os outros, vão atrás de confusão. Por conta disso, a gente não pode nem ir pras praças, porque acontece isso e fica até com receio de acontecer com a gente mesmo.

P: O problema maior é a violência, não as drogas?

?: É mais violência, mas tem as drogas também. As drogas estão acabando com os adolescentes. Eu também queria que mudasse é em relação às drogas também, que elas ficam acabando com os jovens. Eles ficam morrendo, roubam as coisas da própria mãe, matando pra pegar dinheiro...

P: E como você acha que isso melhoraria?

?: Tá faltando melhor a segurança. Só isso.

?: Aqui no bairro, também, quando chove, a boca-de-lobo é cheio de lixo, aí quando chove, enche as casas “tudinho”, fica as coisas tudo encharcada...Enche d’água, aí joga a maioria dos móveis no mato, aí tem um prejuízo muito alto.

?: Também, inclusive, quando chove e enche, aí as crianças ficam descalças, aí vêm aqueles ratos mortos que transmitem muitas doenças. E também as pessoas que têm pouca coisa em casa, aí perde tudo, fica sem nada. Perde alimento.

?: Lá na rua, tem pessoas que quando chove, aí faz é pular dentro do canal, quando ele tá cheio. Aí isso transmite muita doença, né? Que é lixo, é rato morto, é tudo...

9 A: Eu vou falar das drogas, que o 21 A estava falando. Um tempo desses, faz uns dois meses, só, um homem tinha acabado de chegar lá na rua, aí ele não trabalhava, só saía de noite, aí todo mundo começou a desconfiar dele, não é? Aí quando foi há uns dois meses atrás, ele saiu, aí um homem ligou pra ele e ele saiu, foi ao bar mais a mulher, aí ele desceu do carro e foi receber o pagamento do cara, vendia droga, era traficante, aí o cara matou ele, três tiros. Aí a mulher dele chegou no carro e só não morreu porque ficou no carro. Aí a mulher dele continuou. Tem uma casona, já trocou de carro e não trabalha.

P: Meninos, a última pergunta é a seguinte, vocês acreditam que sejam possíveis essas mudanças no bairro de vocês? E se sim, digam como vocês acham que podem acontecer. Como poderia melhorar?

7 A: Botando mais _____ nas ruas, vinte e quatro horas, pra melhorar o modo de se ver o bairro. Pra todo mundo saber que é um bairro bom, um bairro limpo.

P: Como seria um bairro limpo?

7 A: Se ninguém rebolesse lixo.

P: E como alertar as pessoas sobre isso? O que dizer a elas?

7 A: Que elas têm que se ligar.

P: Você acha que a escola tem haver com isso?

7 A: Não.

21 A: A prefeitura manda aqueles veadinhos limparem o canal, uma vez ao ano! O canal enche de mato, aí a água mal consegue passar que cai tudo lixo. Se ela mandasse limpar o canal, ajeitar as praças também. E a escola tá boa, né? O problema é só a violência, mas toda escola também tem violência.

P: E o policiamento?

21 A: É, também falta policiamento.

P: Somente isso, melhoraria?

21 A: Melhoraria.

P: E para melhorar a educação?

21 A: Pra melhorar a educação, a escola não pode deixar faltar professor e, também, inclusive, a professora de religião entrou de licença, aí a gente fica sem aula de religião. Porque não tem professor, a prefeitura não manda.

9 A: É difícil um dia na semana em que a gente não tenha que voltar mais cedo pra casa, porque falta um professor.

?: Toda sexta a gente sai sempre cedo, porque os professores sempre faltam.

P: O que você acha que pode melhorar no bairro?

9 A: Pra melhorar tem que ter mais policiamento. Postos policiais nas praças, né? Porque muito vagabundo vai pras praças pra assaltar, roubar. É mais isso.

P: E não tem nenhum posto por aqui?

9 A: No Bom Sucesso, não tem um posto policial. Aumentar as viaturas do “Ronda”. Só tem uma viatura do “Ronda” que é pouco, né?

P: E quanto à limpeza do canal?

9 A: Do canal? É difícil que a (*) venha. Só vem uma vez por ano.

P: E como fazer para conscientizar a população a não jogar lixo nos canais?

9 A: Fazendo campanha, né? Indo de casa em casa para orientar as pessoas, mas ninguém se responsabiliza por isso.

P: E os postos de saúde? O que vocês acham deles?

7 A: Mais ou menos, né? Melhoraria se tivesse mais médicos nos postos de saúde.

9 A: Pra fazer uma consulta, demora tempo que só. Tem gente que prefere ir pra particular do quê ir pro público, que demora demais.

7 A: É, inclusive, também, minha mãe tá esperando um exame aí, do posto. Aí já faz um bom tempo que ela espera, e nada.

P: E vocês acreditam que tudo isso pode melhorar?

7 A: Pode. Inclusive, tem muita gente saindo dessa vida de drogas e indo pra igreja.

SC: Pode.

9 A: Tem muita gente se esforçando pra melhorar.

21 A: Pode.

P: Obrigada.

Grupo focal III na EMEIF Santa Maria com moradores do bairro Bonsucesso e Henrique Jorge.

Nós caminhamos pelos lugares públicos do bairro, os quais foram escolhidos por vocês como sendo os mais significativos para a comunidade do bairro: praças, canal, igreja, escola, clube do forró da terceira idade, quadra esportiva etc. Então eu pergunto a vocês: Nesses lugares, há alguma atividade que vocês participam? Se sim, quais são e qual a importância dela nas suas vidas e na vida das pessoas da comunidade deste bairro?

(8B) (morador do Bonsucesso): Eu faço atividades no ABC do João XXIII.

P: O que é o ABC?

8 B: É um projeto social.

P: e o que você faz lá?

8 B: faço futsal. É importante pra mim porque gosto de handball e futsal.

(18B) (morador do Bonsucesso): eu não faço nenhuma atividade comunitária.

P: Nada? Só vem e volta pra escola todos os dias?

Lucas: é sim

(20B) (morador do Henrique Jorge): Eu só jogo bola lá na quadra do João XXIII.

(26B) (morador Henrique Jorge): eu participo também só do ABC do João XXIII.

P: Então agora é a 22B (Henrique Jorge). Você participa de alguma atividade dentro ou fora da escola no seu bairro?

22B (moradora Henrique Jorge): Sim. De futsal na escola, mas é com uma pessoa de fora que vem e organiza um time.

P: Então não faz parte de um projeto oferecido pela escola?

22B: é na escola, mas quem faz é um treinador da comunidade que vem e traz agente pra cá.

P: Então, 3B, você participa de alguma atividade comunitária no seu bairro?

3B (moradora do Bonsucesso): Sim. De futsal também, junto com a 22B.

P: ok!

S C (moradora do Bonsucesso): Eu não participo de nada não

P: mas de nada mesmo? Você só vem e volta pra escola todos os dias e não participa, além da sala de aula de nenhum outro grupo no seu bairro?

S C: Isso!

P: e você 11 B...

11 B (moradora do Bonsucesso): Eu também não participo de nada não.

P: só de casa para escola também?

11B: só (risos!).

O que no seu bairro te causa alegria e o que te causa tristeza?

8 B(morador do Bonsucesso): Alegria nenhuma

P: nada no seu bairro te causa alegria?

8 B: Não. Lá não.

P: e onde isso ocorre?

8B: lá no João XXIII, porque é onde tenho os amigos.

P: Então você só consegue interagir com os amigos e sentir feliz por lá?

8B: É! e aqui na escola também.

P: então é no João XXIII e aqui no Henrique Jorge

P: e então 20 B?

20 B (morador do Bonsucesso): acho do mesmo jeito dele (do 8 B).

P: Você pensa mesmo que nada no seu bairro te dá alegria, ma só tristeza e que só outro bairro te causa alegria?

20 B: só no comércio ainda tem um pouco de alegria.

P: 20 B...

P: e no forró fundo de quintal que tem no seu bairro, você não vai por lá?

26 B: nã! (risos!!!). Lá é só pra terceira idade.

20 B (morador do Henrique Jorge): alegria é só em casa mesmo e a tristeza e com a situação do bairro.

P: Então você só sente alegria dentro de sua casa?

20 B: e no futebol, no outro bairro, que é onde tenho os amigos.

P: (26B) (morador Henrique Jorge):

26 B: Alegria só no futebol do João XXIII mesmo.

P: mas aqui no bairro nem o colégio te causa alegria?

P: e no colégio?

26 B: No colégio, só mais ou menos...

22 B: O que me causa alegria é o futsal que participo e o que me causa tristeza é a poluição e a violência do bairro.

3B: O que me causa alegria minha família e o futsal e tristeza a violência do bairro... A gente vive com medo, não pode andar com nada de valor...

P: Então, S C, o que te causa alegria e o que te causa tristeza no seu bairro?

S C: Alegria, nada. Tristeza, quase tudo. (risos!!!) P: nada mesmo no seu bairro te causa alegria ?

S C: nada!

11 B: o que me causa alegria lá no Bonsucesso é a igreja e as amizades, tristeza é a violência.

P: Se você pudesse se mudar, você se mudaria?

8 B: Mudaria não. Ficava aqui mesmo, porque aqui eu conheço todo mundo.

18 B. Não. O que me faz ficar são os amigos, mesmo.

20 B: Não. O que me faz ficar é a família e os amigos

26 B: Não. Eu ficaria, porque aqui eu tenho amizades.

22B: De jeito nenhum! Porque é nele que eu tenho minhas amizades, minha família...

P: Então, vocês são apegados ao bairro de vocês mesmo com os problemas dele?

22B: Ele poderia mudar muito. Poderiam colocar mais segurança, colocar alguns espaços para o jovem se divertir...porque está muito violento, o bairro.

3B: Não. Porque eu nasci aqui e sou apegada ao bairro.

S C: Eu me mudaria, mesmo com as amizades.

11 B: Sim, eu me mudaria, pois estou enjoada do bairro, mas por outro lado, as amizades me dão vontade de ficar... Acho que, na verdade, não me mudaria.

P: Vocês sabem que seu bairro é violento, mas vocês sentem isso?

8 B: Só às vezes, porque eu não conheço muita gente por lá.

20 B: Até as dez horas, é.

26 B: Mais ou menos. Eu penso assim porque nunca fui assaltado.

P:[...] houve intervenção para concluirmos o grupo...

Teste do Qui-quadrado para as variáveis estima de lugar e participação em atividades comunitárias, quando se neutraliza o valor da imagem de Contraste.

Test Statistics

	Estima a partir de análise qualitativa	Participa de atividades comunitárias no bairro
Chi-Square	1,500 ^a	4,571 ^b
df	1	1
Asymp. Sig.	,221	,033

Gráficos

Gráfico 1: formas de o adolescente perceber-se ajudando a comunidade de seu bairro pó bairro de moradia

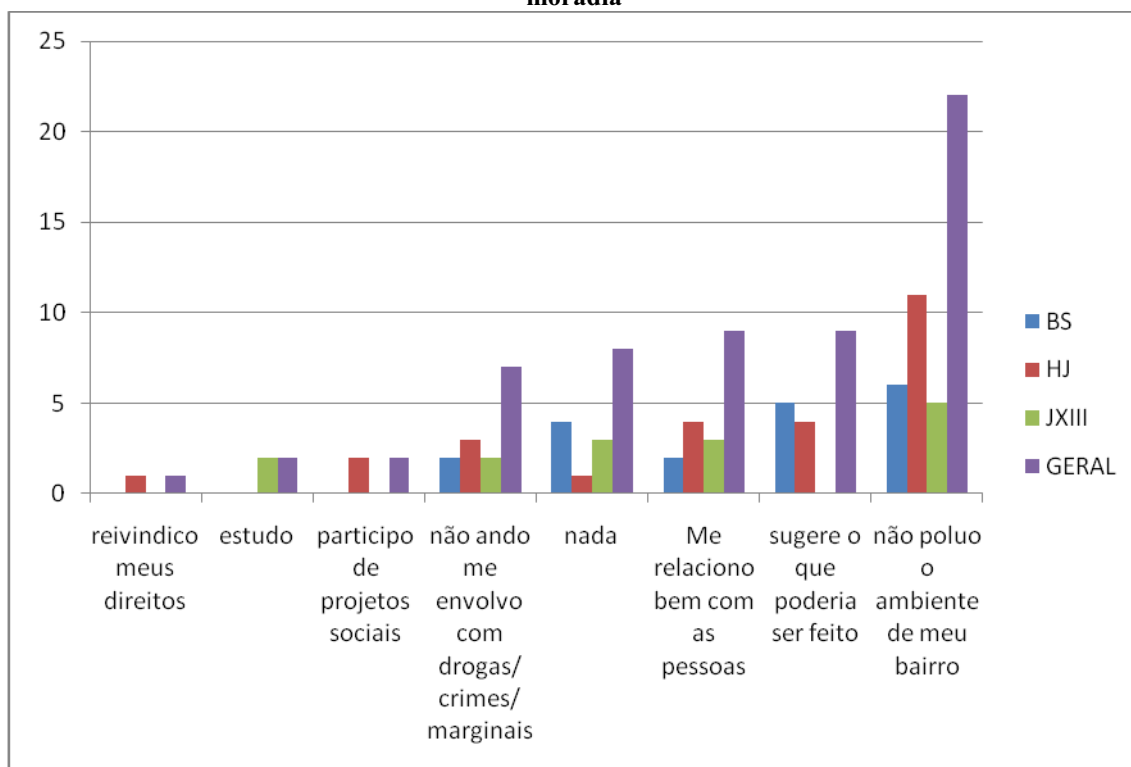


Gráfico 2: principais problemas enfrentados pela juventude do bairro do adolescente, segundo percepção do mesmo.

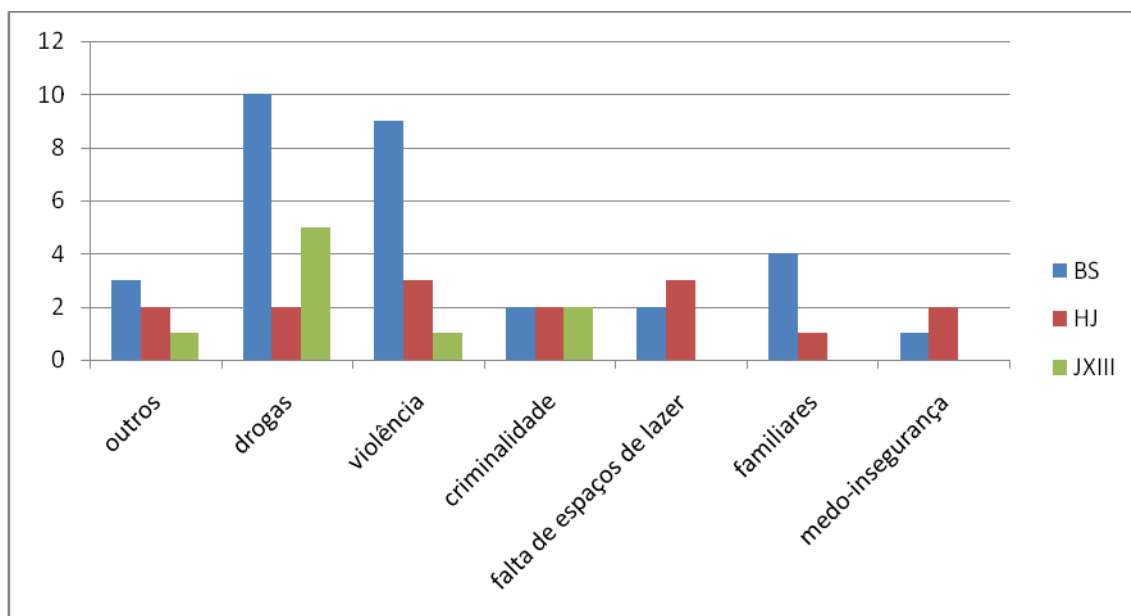


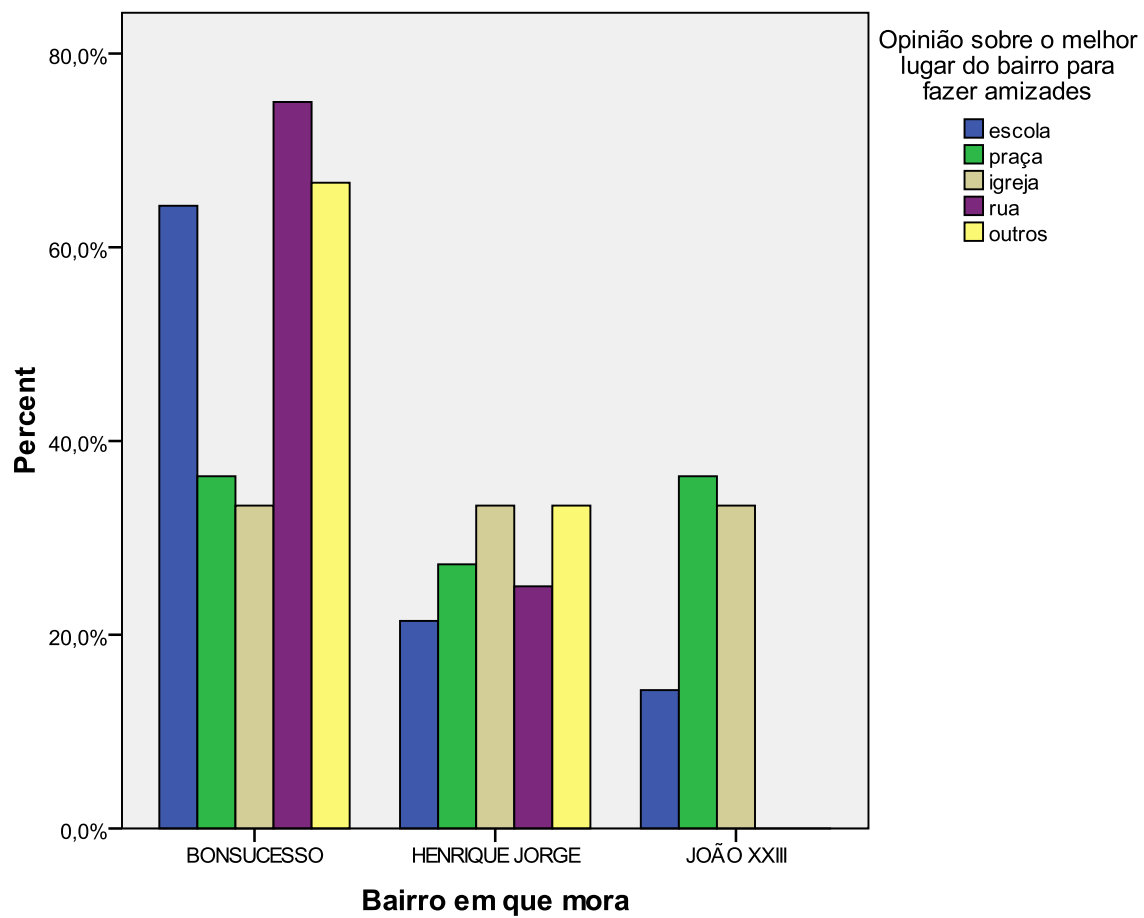
Gráfico 3: Opinião do adolescente sobre qual é o melhor lugar do bairro para fazer amizades

Gráfico 4: Opinião do adolescente sobre qual o é melhor lugar do bairro para formar um grupo permanente de amigos

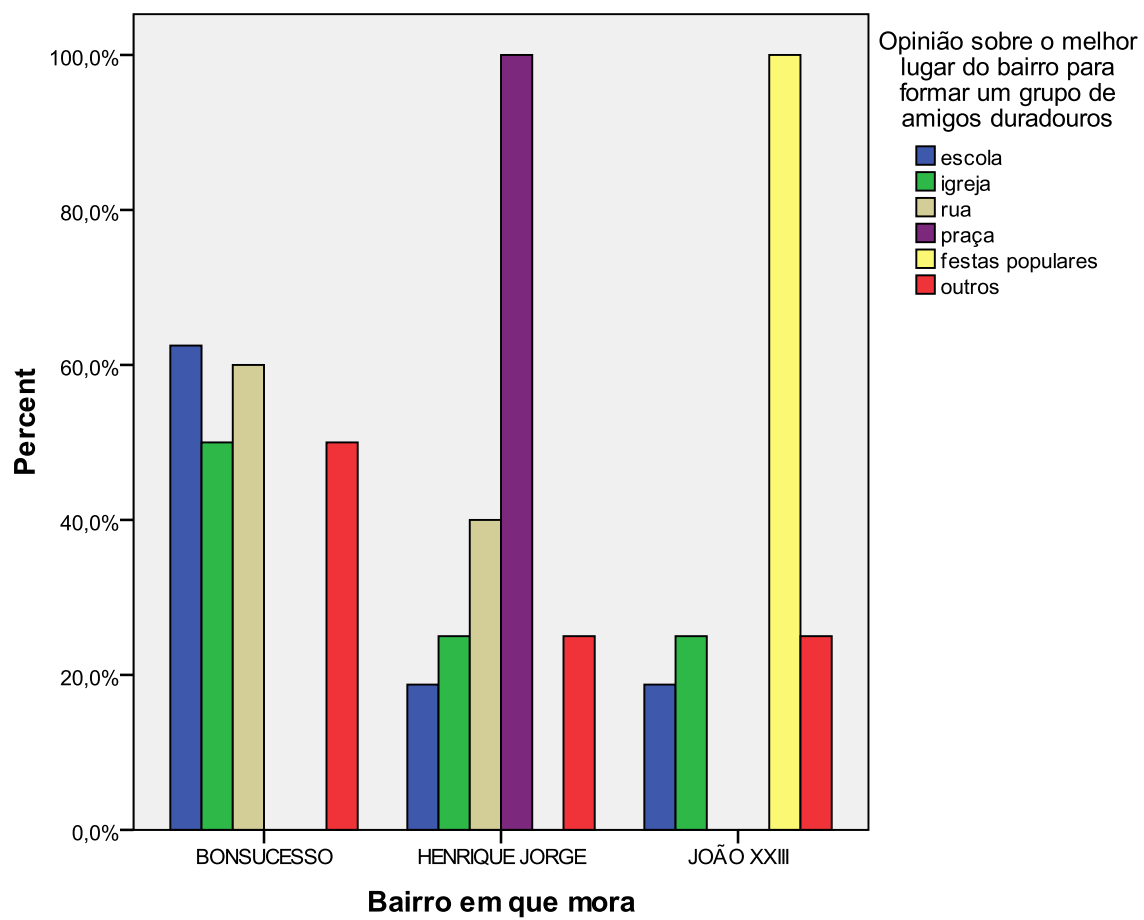


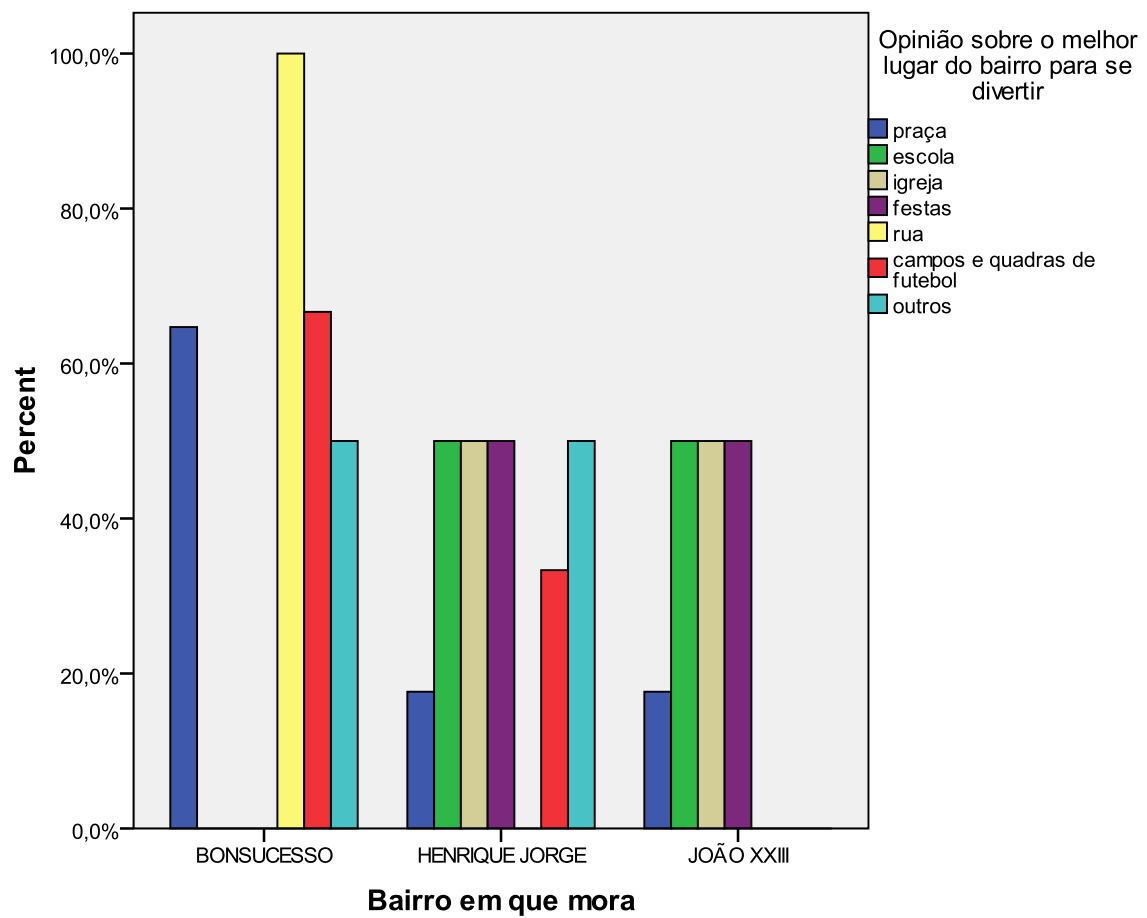
Gráfico 5: Opinião do adolescente sobre melhor lugar do bairro para divertir-se

Gráfico 6: Opinião do adolescente sobre qual é o melhor lugar do bairro para participar de atividades culturais

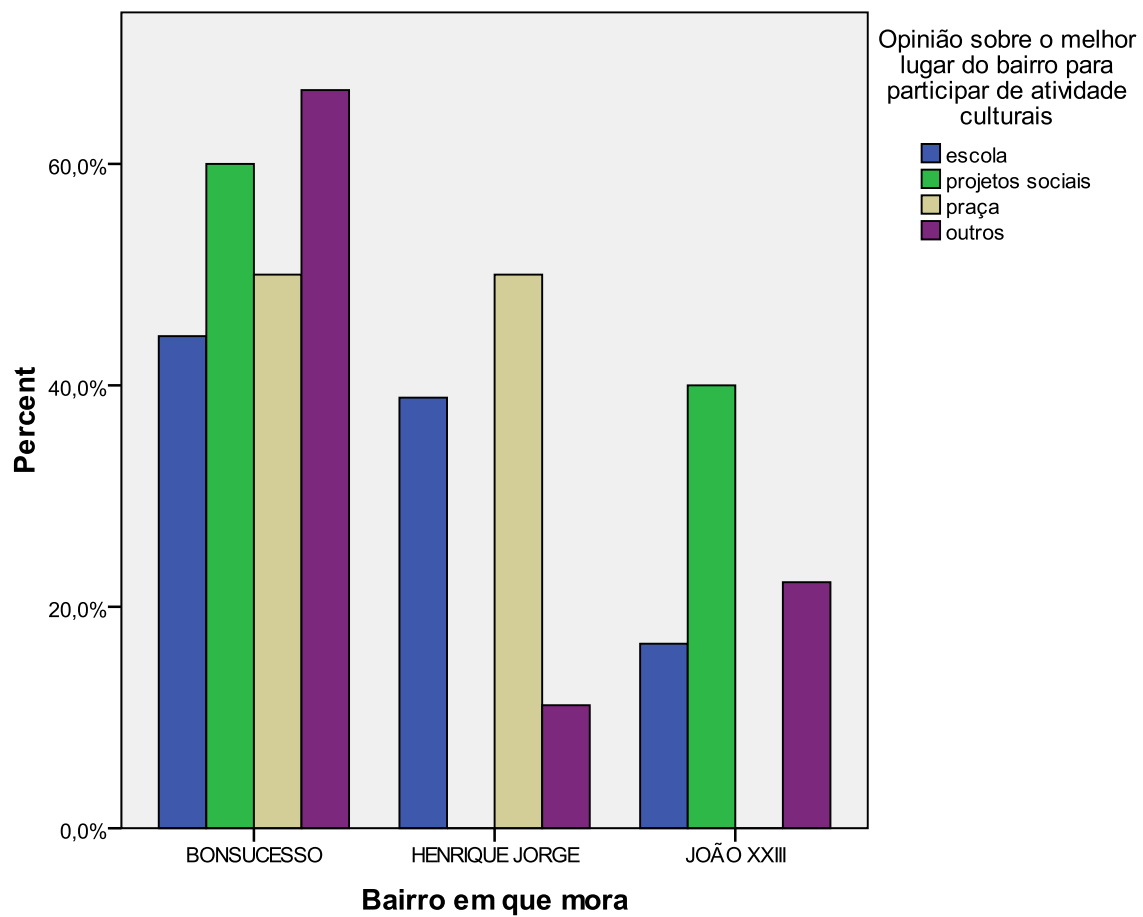
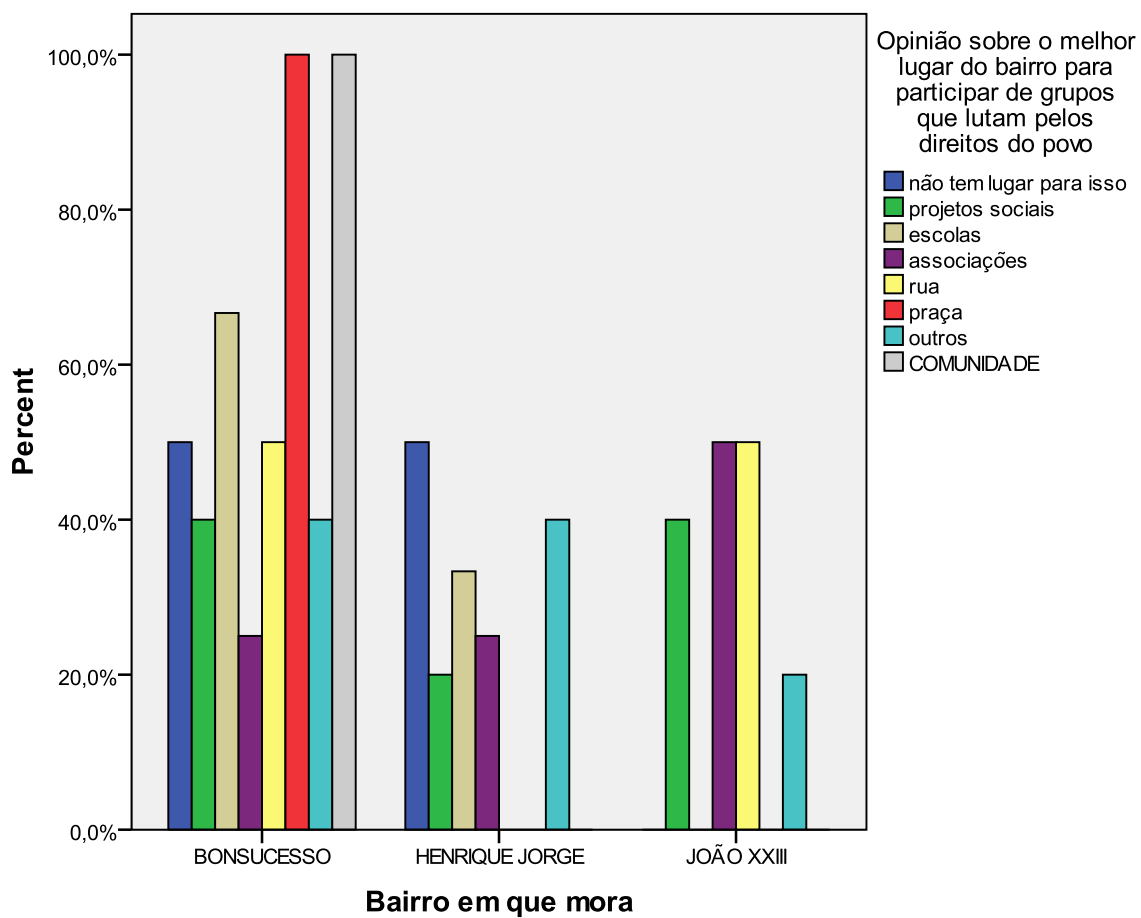


Gráfico 7: Opinião do adolescente sobre qual é o melhor lugar do bairro para participar de grupos que lutam pelos direitos do povo



**COORDENADORIA DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE ASSISTÊNCIA SOCIAL
CÉLULA DO SISTEMA DESCENTRALIZADO DA ASSISTÊNCIA SOCIAL
DISTRITO DE ASSISTENCIA SOCIAL - SER III**

MAPEAMENTO DA REDE SOCIOASSISTENCIAL DO MUNICÍPIO DE FORTALEZA

SER III	IDENTIFICAÇÃO	ENDEREÇO	PUBLICO ALVO	AÇÕES DESENVOLVIDAS	FONTES DE FINANCIAMENTO
	ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO BAIRRO PARQUE SÃO LUIS	Rua Audizio Pinheiro, 2103 – João XXIII	Crianças Idosos	Creche Grupo de convivência	SEMAS
	ASSOCIAÇÃO BENEFICIENTE DOS MORADORES DO BAIRRO JOÃO XXIII E ADJACENCIAS	Travessa Lineu Paulo Machado, 310. João XXIII	Crianças Adolescentes Gestantes	Atividades pedagógicas; Encaminhamentos para pré natal e o projeto SOMAR	STDS
	ASSOCIAÇÃO BENEFICIENTE DOS MORADORES DO BAIRRO JOÃO XXIII E ADJACENCIAS	Travessa Lineu Paulo Machado, 310. João XXIII	Crianças Adolescentes Gestantes	Atividades pedagógicas; Encaminhamentos para pré natal e o projeto SOMAR	STDS
	ASSOCIAÇÃO BENEFICIENTE COMUNITARIA ALEXANDRINA COELHO CRUZ	Rua: Diogo Correia, 684 – João XXII	Criança Idoso Grupo de convivência	Creche	
	CONSELHO DE ENTIDADES POPULARES DO BAIRRO JOAO XXIII	Rua: Júlio Braga, 1281. João XXIII	Entidades do bairro e adjacências Famílias	Congrega as entidades do Bairro Núcleo de Mediação em parceria com o Ministério Público Alfabetização de Adultos	
	ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO BAIRRO JOÃO XIII	TV. Lineu Machado, 350. João XXIII	Crianças Adolescentes	Esporte Dança Música Reforço	STDS
	ASSOCIAÇÃO DE ESTUDOS E PEQUISAS TÉCNICO CIENTÍFICA - APEC	Av.Porto Velho, 401. João XXIII	Crianças Adolescentes Jovens	Informática Cursos de Línguas Esporte	FGF Instituto Atlântico
	CONSELHO DE ENTIDADES DE MORADORES DO BAIRRO JOÃO XXIII	Rua: Visconde de Cauípe, 200. João XIII	Crianças Adolescentes Idoso Famílias	Creche Ensino fundamental Melhorias habitacionais Nutrição Acompanhamento familiar Grupo de Convivência	SEMAS FUNCÍ
	ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO BAIRRO JOÃO XXIII	TV: Lineu Machado, 350. João XXIII			
	UNIÃO DOS MORADORES DO BAIRRO JOÃO XXIII	Rua: Silveira Filho, 388. João XXIII		Creche	STDS

	ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA MARANATA	Rua: Aluizio de Azevedo, 551. João XXIII	Idosos	Grupo de Convivência	
	CONSELHO PRÓ-MELHORAMENTO PARQUE SANTA ROSA DO BAIRRO JOQUEI CLUBE	Rua: Porto Alegre, 381. Joquei Clube	Crianças Idosos	Creche Grupo de Convivência	SEMAS
	CENTRO DE CONVIVENCIA MÃO AMIGA	Rua Padre. Sá Leitão, 383- Jóquei Clube	Crianças e adls com necessidades especiais (síndrome de dawn, paralisia cerebral, altistas)	Escola Arte Esporte Cultura Fisioterapia Fonoaudiologia Terapia ocupacional	SEMAS SEDUC
	ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE CULTURAL E RECREATIVA	Rua: Cel. Matos Dourado, 379. H.	Crianças Adolescentes Idosos	Creche PETI	STDS SME SEMAS FUNCÍ
	UNIÃO COMUNITARIA BENEFICENTE DAS CASAS POPULARES DE FORTALEZA	Rua: Michely, 266. Henrique Jorge	Crianças Adolescentes Idosos	Atividades esportivas e religiosas Grupo de convivência	
	ESCOLA DE CORTE E COSTURA DA CASA POPULAR	Rua Vitória, 1028 – Henrique Jorge	Crianças Adolescentes Idosos	Encaminhamentos para serviços médicos e odontológicos Cursos profissionalizantes de corte e costura	
	ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DA FAVELA GOIANIA	Rua: Cardel Arco Verde, 1080. Henrique Jorge	Crianças	Creche Educação Infantil	STDS SEMAS
	ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO BAIRRO HENRIQUE JORGE	Rua: Professor Edgar, 1779. Henrique Jorge	Adolescentes Idosos	Esporte	
	CENTRO DE ATENÇÃO BÁSICA À FAMÍLIA	Rua: Cel. Matos Dourado, 397. Henrique Jorge	Adolescentes Famílias Idosos	Oficinas Grupo de convivência	
	SOCIEDADE BENEFICENTE E INSTRUTIVA LAR DE SÃO FRANCISCO	Rua Manaus, 1135 – Henrique Jorge	Crianças Adolescentes	Escolinha de futebol	
	ASSOCIAÇÃO BENEFICIENTE CULTURAL E RECREATIVA DE IPANEMA	Rua: Cel. Matos Dourado, 397. Henrique Jorge	Crianças e Adolescentes Jovens Família	Creche Ensino Fundamental Cursos profissionalizantes Melhorias habitacionais Jornada do PETI	FUNCÍ SEMAS
	CENTRO EDUCACIONAL LIRIOS DOS VALES	Rua Riso do Prado, 521 – Bonsucesso	Crianças	Creche Escola	SEMAS